

# COLEÇÃO GRAMÁTICAS DO BRASIL

**Marli Quadros Leite & Arnaud Pelfrêne**

Organizadores



**GRAMMATICA PORTUGUEZA**

**FRANCISCO SOTERO DOS REIS**

Estudo introdutório por Marli Quadros Leite



# GRAMMATICA PORTUGUEZA



DOI 10.11606/9788575063811

Coleção Gramáticas do Brasil – século XIX  
Série I – Gramática filosófica  
Volume 3

Marli Quadros Leite & Arnaud Pelfrêne  
Organizadores

GRAMMATICA PORTUGUEZA ACCOMMODADA AOS  
PRINCIPIOS GERAES DA PALAVRA  
SEGUIDOS DE IMMEDIATA APPLICAÇÃO PRATICA

Francisco Sotero dos Reis  
(2<sup>a</sup> edição – 1871)

Estudo introdutório de Marli Quadros Leite



FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2019

G745 Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes de palavra seguidos de immediata applicação pratica [recurso eletrônico] : Francisco Sotero dos Reis (2ª edição – 1871) / Organizadores: Marli Quadros Leite, Arnaud Pelfrêne. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2019. 2.594 Kb ; PDF. – (Coleção Gramáticas do Brasil – século XIX. Série 1, Gramática filosófica ; v. 3)

ISBN 978-85-7506-381-1

DOI 10.11606/9788575063811

Estudo introdutório de Marli Quadros Leite

1. Língua Portuguesa – Aspectos gramaticais. 2. Português do Brasil – Aspectos gramaticais. I. Título. II. Série. III. Reis, Francisco Sotero dos. IV. Leite, Marli Quadros. V. Pelfrêne, Arnaud.

CDD 469.5

---

"É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais"

Produção gráfica: Arnô

Capa: Marli Quadros Leite

Luca della Robbia, *Priscien, ou la Grammaire* (1437-1439). Panneau en marbre provenant de la façade nord, registre inférieur, du campanile de Florence. Data 1437 and 1439.

Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Priscianus\\_della\\_Robbia\\_OPA\\_Florence.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Priscianus_della_Robbia_OPA_Florence.jpg)

## Universidade de São Paulo



Reitor  
Vahan Agopyan

Vice-Reitor  
Antonio Carlos Hernandez

## Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas



Diretora  
Maria Armanda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor  
Paulo Martins

## Apoio



Corpus de Textes  
Linguistiques Fondamentaux



Grupo de Trabalho  
Gramática: História, Descrição, Discurso





# Sumário

Sumário	7
Apresentação	9
Teoria e método na <i>Grammatica portugueza</i> , de Francisco Sotero dos Reis	13
Considerações iniciais	13
1. Um perfil de Francisco Sotero dos Reis	14
2. Sotero gramático: um panorama da <i>Grammatica portugueza</i>	18
3. O conceito de gramática	20
4. Aspectos do tratamento das partes da oração	28
5. Aspectos do tratamento da sintaxe	32
Considerações finais	37
[ <i>Grammatica Portugueza...</i> ]	41
Ao público	43
Prolegomenos	45
Etymologia.	48
Nome substantivo	48
Pronome pessoal.	50
Nome adjectivo.	52
Verbo	66
Verbo attributivo.	80
Verbo transitivo	97
Verbo intransitivo	98
Verbo relativo.	98
Verbo reflexo pronominal.	99
Verbo attributivo composto.	99
Voz passiva do verbo transitivo.	106

Conjugação do verbo transitivo apassivado. _____	106
Voz media ou reflexa _____	116
Verbo regular. _____	119
Verbo irregular. _____	119
Verbo defectivo. _____	120
Verbo unipessoal. _____	121
Acessorios do verbo. _____	125
Conjuncção _____	128
Preposição. _____	131
Adverbio _____	132
Interjeição. _____	135
Syntaxe. _____	136
Noções preliminares _____	136
Syntaxe das palavras _____	138
Concordancia do verbo com o sujeito. _____	139
Concordancia do verbo com muitos sujeitos. _____	139
Concordancia do adjectivo e do nome. _____	140
Concordancia do adjectivo com muitos nomes. _____	141
Nome attributo. _____	142
Concordancia do adjectivo conjunctivo. _____	142
Concordancia do adjectivo interrogativo _____	143
Dependencia das palavras. Sua collocação na proposição. _____	143
Complemento. _____	145
Modelos de analyse. _____	157
Syntaxe das proposições. _____	162
Modelos de análise _____	184
Orthographia. _____	188
I. [Regras orthographicas] _____	189
II. [Regras de pontuação] _____	190
Prosodia. _____	194
I. [Regras de prosodia] _____	194
II. [Regra de accentuação] _____	196
Obras em português no CTLF _____	199

# Apresentação

Este e-book integra a coleção *Gramáticas do Brasil*, pela qual visamos a publicar gramáticas brasileiras do século XIX, com o intuito tanto de tornar tais obras acessíveis ao público interessado quanto de possibilitar a realização de pesquisas futuras que permitirão dar-se um passo a mais no sentido da reconstrução da história das ideias gramaticais brasileiras. Este projeto de publicação resulta de longo contato mantido entre pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, por intermédio de Marli Quadros Leite, docente do programa e coordenadora do grupo de pesquisa (GT) *Gramática : história, descrição e discurso*, e da Universidade Paris 7 – Denis Diderot, por intermédio dos pesquisadores do *Laboratoire d'histoire et des théories linguistiques* (CNRS, UMR7594), Bernard Colombat, Jacqueline Léon e Arnaud Pelfrêne.<sup>1</sup>

A colaboração com a equipe francesa tem-se dado pelo projeto *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux* (CTLF), cujos resultados estão disponíveis no endereço <http://ctlf.ens-lyon.fr/default.htm>. O CTLF é um portal que inclui cinco tipos de informações sobre textos metalinguísticos: fichas descritivas (mais de 700 até o momento), bibliografia com mais de 4000 mil referências, textos em pdf (que acompanham as fichas descritivas), e textos digitalizados que permitem pesquisa por palavra (mais de 300 obras) e inúmeros artigos científicos. O acesso ao site é livre e gratuito a todos os interessados em textos metalinguísticos, de diversos gêneros (gramáticas, ortografias, dicionários, observações sobre uso e norma etc.), e de várias línguas, tais como francês, inglês, português e outras, por meio de instrumentos linguísticos produzidos em diversos momentos da história.

Do lado brasileiro, a pesquisa conta também com a participação dos membros do GT *Gramática : história, descrição e discurso* que têm realizado pesquisas sobre história das ideias linguísticas e elaborado notícias descritivas de gramáticas. Esta é mais uma etapa desse trabalho e diz respeito à digitalização e disponibilização das

---

<sup>1</sup> Esta etapa do trabalho foi possível pela oportunidade que teve a pesquisadora brasileira, Marli Quadros Leite, para cumprir estágio de pesquisa em Paris, pelo período de um ano, com apoio da CAPES. A pesquisa com as gramáticas brasileiras começou a ser desenvolvida no Brasil, desde o ano de 2013 com apoio do CNPq e, também, desde 2015, com o suporte da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM - USP).

obras, em formato de textos pesquisáveis, assim como cópias em imagem (pdf) além, evidentemente, da produção de artigos sobre a conexão das ideias gramaticais desenvolvidas no Brasil, mas em conexão com a fonte francesa, o que é inescapável em toda a produção gramatical do século XIX.

As obras publicadas nesta coleção encontram-se também no endereço eletrônico acima referido, em edição pesquisável, adaptada às regras do site francês. Vale ressaltar que na edição do CTLF cada página digitalizada em modo texto é acompanhada da imagem de seu original, em formato pdf, para que o leitor possa, em caso de dúvida, consultar o original. As fichas descritivas das gramáticas encontram-se no site CTLF, na aba verde,<sup>2</sup> denominada em francês *Notices*,<sup>3</sup> e os textos completos e pesquisáveis encontram-se na aba amarela, denominada *Textes*. Vale lembrar que no mesmo site estão disponíveis outras gramáticas brasileiras e portuguesas.<sup>4</sup>

A publicação de uma edição das gramáticas em e-book tem o intuito de oferecer ao leitor a obra acompanhada de um estudo introdutório que orienta a leitura do texto gramatical e abre caminho para novas pesquisas. Além disso, o e-book constitui mais uma possibilidade de acesso às gramáticas, de modo fácil, permanente e também gratuito, já que o arquivo do livro pode ser carregado em qualquer dispositivo eletrônico e, assim, estar sempre disponível à consulta. Além dessa vantagem, ressalta-se que por esse meio abre-se novo canal de divulgação das obras que fizeram a história das ideias gramaticais no Brasil.

Para a preparação do texto aqui publicado, seguimos as seguintes orientações :

– Manteve-se a ortografia do autor, por isso os erros ortográficos ou tipográficos originais aparecem sublinhados, por exemplo, como em " com os caracteres que os represeatão";

– A disposição do texto na página foi alterada em relação àquela do texto original no que tange aos seguintes pontos :

- O layout da página aqui é diferente daquele da edição original, por dois motivos principais : a) Linhas, parágrafos e páginas não correspondem à posição do original; b) Os esquemas gráficos em geral estão apresentados horizontalmente, com elementos separados por barras verticais, como ilustra a imagem abaixo :

#### ADVERBIOS DE TEMPO

*Adverbios | Significações | Agora | nesta hora | Inda | nesta hora Ainda | até esta hora | Já | neste instante Amanhã | dia proximo futuro | Logo | neste tempo Antes | em tempo antecedente | Nunca | em nenhum tempo Asinha | depressa | Hoje | no dia presente Até agora | até esta hora | Hontem | dia anterior ao de hoje Avante | para o futuro | Quando | no tempo em que Cêdo | em pouco tempo | Sempre | em todo o tempo Depois | em tempo subsequente | Tarde | muito depois Então | naquelle tempo*

Pag. 44

<sup>2</sup> São cinco abas: Notices [verde], Bibliographie [azul], Images [vermelha], Textes [amarela], Articles [laranja].

<sup>3</sup> Endereço: [http://ctlf.ens-lyon.fr/n\\_fiche.asp?num=3373](http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=3373).

<sup>4</sup> Ver relação no fim deste volume.

c) O número de página que corresponde à do original está posto no canto direito da folha do texto desta edição, o que está ilustrado na figura a seguir apresentada :

Além das conjunções propriamente ditas, toda a palavra, adverbio, phrase adverbial, e outras locuções, que servem de nexos as proposições, podem-se chamar conjunções, v. g : como quer que, a não ser assim, tanto quanto, enquanto, onde quer que, mormente, certo que, si por acaso, isto é, para assim dizer, a saber, não obstante, toda a vez que.

→ Pag. 48

• Os quadros de conjugação verbal, apresentados horizontalmente, têm indicadas, no canto esquerdo, as palavras *Singular* e *Plural*, seguidas das formas conjugadas : no exemplo, na primeira linha da figura, depois de *Singular*, estão conjugadas as primeiras pessoas do singular do verbo *ser*, pelas dos verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; na segunda linha, a conjugação do *Plural*, disposta do mesmo modo que a precedende, como se vê a seguir :

#### *Presentes*

→ *Singular* | *Eu sou*, | *Estou*, | *Tenho*, | *Hei*, *Tu és*, | *Estás*, | *Tens*, | *Has*, *Elle é*, | *Tem*, | *Ha*,  
*Plural* | *Nós somos*, | *Estamos*, | *Temos*, | *Havemos*, *Vós sois*, | *Estaes*, | *Tendes*, *Haveis*, *Elles são*. | *Estão*. | *Tem*. | *Hão ou ha*.

Esta coleção trará três tipos de gramáticas brasileiras do século XIX : as filosóficas de caráter mais teórico do que prático; as filosóficas de caráter mais prático do que teórico; e as histórico-comparativas de caráter teórico e prático.

Assim, esperamos que o público brasileiro interessado em conhecer e estudar a história das ideias gramaticais brasileiras encontre nesta coleção apoio para o desenvolvimento de outras ideias e pesquisas.

São Paulo | Paris, 2019.

Os organizadores.

Marli Quadros Leite & Arnaud Pelfrêne



# Teoria e método na *Grammatica portugueza*, de Francisco Sotero dos Reis

Marli Quadros Leite  
USP | CNPq  
mqleite@usp.br

## *Considerações iniciais*

Os primeiros volumes desta coleção resgatam a obra de dois autores da região Nordeste, o primeiro, Antonio da Costa Duarte, da “província” (hoje estado) do Maranhão, o segundo, Frei Caneca, de Pernambuco.<sup>5</sup> Este, o terceiro de que nos ocupamos agora, traz mais um nordestino e, também, maranhense: trata-se de Francisco Sotero dos Reis (†22.04.1800 † 16.01.1871), natural da cidade de São Luís, uma figura importante do cenário cultural e educacional do Brasil.

Diferentemente de Antonio da Costa Duarte (Leite & Pelfrêne 2018), há sobre Francisco Sotero dos Reis, autor da *Grammatica portuguesa accomodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediada applicação pratica* (1866), certa quantidade de dados biográficos que permitem conhecer um pouco do autor e de sua obra. O texto biográfico de Leal (1873) traz informações precisas sobre o gramático de quem tratamos, pois de autoria de alguém que conhecia bem a história cultural do Maranhão e, ainda mais, era próximo do biografado.

Com base em princípios da *História das Ideias linguísticas*, com foco nos modos de historicização, examinamos a *Grammatica portugueza*, comentando e interpretando os fatos gramaticais que a constituem. Para tanto, consideramos tanto suas dimensões temporais, vale dizer que a interpretação leva em conta o espaço e o tempo em que a obra surtiu à luz, quanto as relações existentes entre essas dimensões. Assim, também, recorreremos ao *horizonte de retrospectão* do autor para identificar e analisar a *copresença* de conhecimentos sobre os quais a obra foi erigida

---

<sup>5</sup> Cf. Leite & Pelfrêne (2018 e 2019).

(Auroux 2006). Sem “hipertrofiar o sistema de parametrização externa”, delineamos algumas das *causas* das opções teóricas praticadas pelo gramático em pontos de sua descrição gramatical.

Antes de analisar características da gramática e pontos da descrição gramatical que lhe constituem, traçamos um esboço do perfil do autor. Desse modo, nossos comentários recaem sobre os seguintes temas:

- (i) o perfil intelectual e profissional do autor;
- (ii) o caráter didático da *Grammatica*;
- (iii) o conceito de gramática adotado e praticado na obra;
- (iv) o racionalismo, pela relação da linguagem / pensamento;
- (v) a gramática particular: os idiotismos do português;
- (vi) o tratamento de partes da oração e da sintaxe.

Nosso objetivo é apresentar ao leitor a *Grammatica portugueza*, destacando pontos teóricos que a relacionem à *teoria geral*, especialmente pela ligação do autor com a *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* (1660), de Antoine Arnauld (†1612-†1694) e Claude Lancelot (†1615-†1695) e pelos textos dos enciclopedistas, César Chesneau Du Marsais (†1676-†1756) e Nicolas Beauzée (†1716-†1789). Para realizar essa investigação, exploramos o *horizonte de retrospectão* (Auroux 2006) de Sotero dos Reis, pelo que é possível demonstrar a rede de conhecimentos a que o autor recorre para construir sua obra. Além disso, comentários acerca dos fatos gramaticais são fundamentados nos critérios de análise de conceitos, tal como Auroux (2014) os formulou.

Vale registrar que essa publicação é um esforço para mostrar mais um pouco do estado de arte e do conhecimento gramatical do Brasil, do século XIX, pelo estudo e reedição da *Grammatica portuguesa* (1871 [1866]), de que nos ocupamos neste e-book.

## 1. Um perfil de Francisco Sotero dos Reis

Leal (1873) relata que Francisco Sotero dos Reis foi autodidata. Esse gramático jamais frequentou a universidade para adquirir os conhecimentos superiores de que necessitaria para exercer as atividades em que se tornou *expert*. É verdade que frequentou escola de primeiras letras e, quando já adolescente, teve aulas de latim, retórica e filosofia no Convento Nossa Senhora do Carmo, com Odorico Mendes, outro maranhense ilustre. Por conta própria, mas com ajuda de conhecidos, aprendeu francês e aritmética. No ano de 1821, começou a lecionar como professor substituto da cadeira de latim em uma instituição de ensino público; depois, em 1823, foi aprovado em concurso para a mesma cadeira e assim iniciou uma carreira que durou mais de 40 anos (Leal 1873, p. 127-132). Como docente, atuou também no *Instituto de Humanidades*, fundado em 1864, por Pedro Nunes Leal.



Sob o ponto de vista cultural, a relevância do autor ancora-se no fato de ter ele participado da primeira geração romântica brasileira<sup>6</sup> e do movimento cultural denominado *grupo maranhense*, em que atuou como jornalista (político e literário) e escritor (poeta, gramático e historiador). O *grupo* teve como expoente o poeta Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) e outros literatos, como João Lisboa (1812-1863) e Odorico Mendes (1799-1864). Já do ponto de vista educacional, sua importância deve-se tanto a sua atuação como professor de línguas e de literatura quanto como autor de obras didáticas, dentre as quais duas gramáticas e um alentado curso de literatura, de 5 volumes, 4 deles publicados em vida do autor.

Veríssimo (s.l., p. 117) comenta o papel de Sotero dos Reis como primeiro jornalista literário no *grupo maranhense*. Diz ele:

Com a Revista [Trimensal do Instituto Histórico] aparecida em 1840, inicia Sotero dos Reis o jornalismo literário na sua Província. Era uma "folha política e literária" não só pela declaração do seu subtítulo, mas pela sua matéria e linguagem. 'Quando se lhe deparava ensejo, não deixava passar uma obra literária de cunho sem dar dela notícia, assinalando-lhe as belezas e reproduzindo trechos de originais brasileiros ou portugueses ou traduzindo-os que eram em língua estranha'. O jornalismo destes homens de letras, talvez nele deslocados, era doutrinal, de alto tom e boa língua.

O tom de Veríssimo é crítico a respeito da atuação de Sotero dos Reis e de outros de seus contemporâneos no campo da literatura, no qual, segundo sua opinião, a figura de mais valor e proeminência era a de Gonçalves Dias, quem, conforme assevera, é o único que sobreviveu ao escrutínio da história literária.<sup>7</sup> O valor de Sotero dos Reis, todavia, teima em aparecer nas entrelinhas da crítica a ele dirigida, a respeito de outras de suas atividades e atuações. Se não lhe aparece o brilho de poeta, outras qualidades lhe permitiram cunhar seu nome da história do Brasil.

A resenha de Veríssimo, apesar de severa com Sotero dos Reis, é muitíssimo importante porque traz dados que os historiados e resenhistas da história da cultura maranhense, da educação e, também, da literatura e da linguística não trouxeram. Nogueira e Bastos (2015, p. 50), por exemplo, dizem que "a falta de material referente à historiografia lingüística e à política lingüística no Maranhão, até a primeira metade do século XX, constitui uma lacuna significativa na área das Ciências Humanas". As autoras elaboram seu texto com base em poucos dados, retirados de obras que tratam da história da educação maranhense, embora também nessa não haja abundância de informações, assim, dizem:

No Maranhão, a partir do final da década de 60 até o advento da República, houve um menor interesse, até mesmo um descaso, da Administração local pelo desenvolvimento da instrução pública, explicadas a partir das próprias mudanças que se efetivaram na estrutura política e econômica maranhense. (Nogueira e Bastos 2015, p. 56-7)

É, portanto, na obra de Veríssimo, sobre a história da literatura no Brasil, que colhemos outras informações e descobrimos sobre Francisco Sotero dos Reis algum

---

<sup>6</sup> Cf. Veríssimo (s.l., p. 109).

<sup>7</sup> Uma notícia de outras críticas sobre o *Curso de literatura* de Francisco Sotero dos Reis pode ser lida em Neres (2013).

elogio que escapa da pena desse crítico apurado da literatura brasileira. Assim diz Veríssimo:

Francisco Sotero dos Reis, um ano mais moço que Odorico Mendes, mas seu condiscípulo de humanidades, sem ter tão completa cultura clássica deste, o sobrelevou pela maior amplitude e originalidade de sua obra. Principiou como Odorico Mendes e João Lisboa por jornalista político, conforme era necessário em época em que todo o brasileiro de alguma instrução e capacidade de expressão era solicitado, se não constrangido pelas circunstâncias, a dizer da cousa pública e a tomar parte na refrega política. Jornalista com letras e professor delas, foi-lhe fácil a transição para autor de livros, principalmente didáticos, *Postilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa pela análise dos clássicos* (1862), *Gramática portuguesa* (1866), tradução dos *Comentários de César* (1863), e finalmente o *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1868, 8.º gr., 4 vols.). Não obstante ainda didático e composto para uso dos seus discípulos do Instituto de Humanidades, onde lecionava a matéria, é por este livro que Sotero dos Reis pertence à literatura e particularmente à história da nossa. (Veríssimo, s.l., p. 119)

Disso se conclui que o talento literário de Sotero dos Reis não o consagrou, mas seu labor de historiador da literatura portuguesa e brasileira e de autor de livros didáticos, sim. Ainda assim, o *Curso de literatura portuguesa e brasileira*, embora importante e bem avaliado, não sai incólume da crítica verissimiana. Veríssimo lhe censura a falta de rigor estético e filosófico e, também, a "a falta de isenção de preconceitos escolásticos e patrióticos" (Ibidem).

Outro problema da obra histórica de Sotero dos Reis, diz o crítico, é ter sido laudatório na avaliação de autores brasileiros, especialmente sobre os que ele conhecia mais de perto, por ter estudado suas obras. Não obstante os problemas, ainda diz Veríssimo que o curso de Sotero, assim como a "História do Brasil, de Varnhagen, e o Jornal de Timon, de João Lisboa, [é] uma das obras capitais da fase romântica" (Ibidem). Outros autores, também, têm essa opinião. Melo (2013), por exemplo, entende que a obra em questão tem de sair da masmorra das bibliotecas, do silêncio do setor de obras raras, para ganhar edições críticas que poderão revelá-la.

A importância da obra de Sotero dos Reis e de sua atuação como agente educacional do domínio das letras é também percebida até por referências presentes na obra literária *Casa de Pensão* (1884), do escritor maranhense Aluísio de Azevedo (1854-1913).<sup>8</sup> Essa é uma hipótese que Melo (2013, p. 4-5) levanta a respeito de uma das personagens do romance, o professor Pires, figura importante para a formação moral e intelectual de Amâncio, o protagonista da história. Melo (2009, p. 173-175) supõe que essa personagem, o professor Pires, seja inspirada na figura de Sotero dos Reis, então docente de Latim e Retórica e, por algum tempo, diretor do Liceu Maranhense.

A seguir, trataremos da importância de Francisco Sotero dos Reis na sociedade maranhense, em que atuou tanto como homem político (deputado) quanto como profissional do campo da linguagem, o que inclui seu trabalho como jornalista e gramático.

---

<sup>8</sup> O escritor foi estudante do *Liceu Maranhense*, dos 17 aos 19 anos, quando partiu para o Rio de Janeiro.

## 1.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE SOTERO JORNALISTA E POLÍTICO

Antes de assumir o papel de gramático, Francisco Sotero dos Reis passou longos anos desempenhando-se como jornalista. Leal (1873, p. 142-143) resenha essa atividade de Reis, relatando que fundou o jornal *O Maranhense*,<sup>9</sup> o qual manteve por algum tempo às suas expensas; depois, em 1831, com a colaboração de seu amigo Manuel Odorico Mendes abriu o *Constitucional*, que esteve em vigência até 1836, quando passou a escrever para *O Investigador Maranhense* até o ano de 1839, jornal esse que foi fechado e cedeu lugar à *Revista*, publicada dessa data, 1839, até 1850, quando o nome do periódico foi trocado para *Constitucional*, no qual Reis publicava seus textos. Em 1854 passou a ser redator de outro jornal, o *Observador*, em que atuou até 1857, quando passou a ser colaborador de *O Publicador Maranhense* até o ano de 1861, quando encerrou sua carreira jornalística.

Enquanto trabalhava como jornalista, nas redações dos periódicos referidos, Francisco Sotero dos Reis foi deputado da "província" do Maranhão e esteve envolvido em muitas controvérsias políticas. Entre os anos 1838 a 1841 houve a revolta denominada *Balaçada*,<sup>10</sup> e, como o jornalista era conservador, suas posições contrárias aos movimentos populares o levaram a muitas polêmicas.

Outro foco de embate foi a desavença com o presidente da província da época, o major Francisco Primo de Souza Aguiar (1855-1868), a respeito do projeto de reforma da instrução pública, proposto em 1862, ao qual o deputado se opunha. O presidente, sabendo da oposição do deputado, convidou-o a comparecer a uma reunião para explicar-lhe o projeto, que era de sua autoria, visando, assim, a conseguir sua anuência. A reunião, todavia, não logrou êxito. O professor e deputado Sotero dos Reis ouviu, de mau grado, a argumentação do presidente da província, e não mudou de opinião. A reunião terminou com uma ameaça do presidente da província, que declarou: "Fique o sr. F. Sotero na certeza de que [o projeto] será convertido em lei, e o advirto mais que não venha a arrepender-se da discussão e voto em contrário!" (Leal 1873, p. 157). Essa contenda custou muito ao deputado que, talvez por isso, tenha perdido o posto de diretor do Liceu. Não perdeu, no entanto, seu cargo de professor na instituição pública, porque o havia conquistado por concurso.<sup>11</sup>

Tal fato é importante por marcar a passagem exclusiva e definitiva de Sotero dos Reis para o campo da educação. Desde 1861, quando o Instituto de Humanidades foi criado, seu fundador e diretor, dr. Pedro Nunes Leal, havia pedido ao professor que se empenhasse na produção de materiais didáticos para as aulas de latim e português. Sotero dos Reis acatou o pedido e passou a fornecer ao diretor os

---

<sup>9</sup> Leal não fornece a data de surgimento desse periódico e nós não pudemos localizá-la em nenhuma biblioteca, até o momento.

<sup>10</sup> Esse nome deve-se ao fato de seus participantes serem chamados *balaíos* (escravos, índios, vaqueiros, artesãos etc.), pessoas que lutavam contra os homens ricos, grandes proprietários de terra, para conquistar seus direitos de cidadãos, o que lhes era devido desde a proclamação da independência do Brasil, mas que lhes era negado.

<sup>11</sup> Leal (1873) narra pormenores dessa história.

manuscritos que produzia para a ministração de suas aulas. Daí nasceu o gramático Francisco Sotero dos Reis.

## 2. Sotero gramático: um panorama da *Grammatica portugueza*

Francisco Sotero dos Reis, então, publicou o *Curso de literatura portuguesa* (5 vols. 1866-1873),<sup>12</sup> obra que teve grande repercussão acadêmica, e, também, de duas obras gramaticais. A primeira delas é *Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos, ou guia para a construcção portugueza*, publicada em 1862,<sup>13</sup> que teve mais duas edições, uma em 1868 e outra em 1870, todas em vida do autor. A segunda, a *Grammatica portugueza, accomodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica* veio à luz em 1866 e teve mais duas edições depois da morte do gramático, a segunda em 1871 e a terceira em 1878.

O intuito do autor com a publicação de ambas as obras foi o de oferecer aos estudantes do *Instituto de Humanidades* do Maranhão, o material que, supostamente, faltava para o ensino da língua portuguesa. Das três edições da *Grammatica*, apenas a primeira foi publicada em vida do autor, pela Typ. de B. de Mattos, em 1866 (274 páginas). A segunda edição, de 1871, foi publicada no mesmo ano do falecimento do gramático, por seus filhos, Francisco Sotero dos Reis Junior e Américo Vespucio dos Reis, na Typ. R. de Almeida. A terceira, saiu em 1878, publicada pela Livraria Magalhães & C., apenas por Americo Vespucio, pois seu irmão era, já, falecido.

A primeira edição é hoje difícil de ser encontrada, considerada rara. O volume a que tivemos acesso, disponível na biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, está bem conservado, apesar de algumas páginas conterem marcas escuras deixadas pelo tempo. Quanto à integridade, o volume de capa dura está bem composto, mas incompleto, pois lhe faltam os *Prolegomenos*, que, contudo, estão presentes nas duas outras edições,<sup>14</sup> essas disponíveis facilmente em bibliotecas e, também, na internet, em cópias eletrônicas.

Os *Prolegômenos* constituem parte importante da gramática, pois é ali que Sotero dos Reis (1871, p. VIII) expõe a fundamentação teórica de sua obra. Esse texto traz um trecho transcrito da introdução de suas *Postillas*, em que, a respeito da definição de gramática, cita Du Marsais, sobre os conceitos de “gramática geral” e de “gramática particular”, e é nesse espaço que se refere, também, à definição de

---

<sup>12</sup> Os quatro volumes editados em vida do autor foram escritos de 1866 a 1868, o quinto, publicado pelos filhos depois da morte do pai, ocorrida em 1870, saiu em 1873.

<sup>13</sup> Há certa confusão quanto à data de publicação das *Postillas*, pois Leal (1873, p. 160) afirma que a primeira edição foi publicada em 1862, e é essa a data que consta na literatura crítica, em geral. Contudo, a primeira edição completa a tivemos acesso traz, na folha de rosto, a data de 1863.

<sup>14</sup> Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro há, também, um volume disponível da 1ª edição (Localização: Obras Gerais - I-338,6,14).

gramática existente na “Grammatica de Port Royal”,<sup>15</sup> que constitui a pista explícita do *horizonte de retrospectão* do autor, como veremos adiante.

## 2.1 UMA GRAMÁTICA DIDÁTICA

Pelo discurso de Leal (1873), sabe-se que a ambas as obras gramaticais de Sotero dos Reis são *didáticas*, pois expressamente “encomendadas” pelo diretor do Instituto de Humanidades, o dr. Pedro Nunes Leal, para este fim: produzir material didático que servisse ao ensino de língua portuguesa dos estudantes do Instituto de Humanidades. A pergunta, no entanto, é saber de que modo esse didatismo é conformado na obra.

O primeiro ponto a ressaltar é a clareza do autor quanto a seu objetivo de produzir uma obra didática, o que está marcado no subtítulo, pela menção até pleonástica desse caráter: “immediata aplicação pratica”. O segundo é o da exposição clara desse objetivo nos *Prolegomenos* (Reis 1871, p. V-XI). No texto, Sotero dos Reis faz várias referências aos “alumnos” e ao “professor”, ora guiando o professor acerca de como conduzir o assunto, ora dirigindo o estudo do aluno. Vemos o primeiro caso, por exemplo, quando trata dos superlativos que têm duas formas, uma latina e outra portuguesa. Essa orientação feita diretamente ao professor, ou ao aluno, dá-se por meio de notas, pela abreviação de “note bem”, grafada com as letras “N.B.”, como se vê a seguir na observação dirigida ao mestre:

**N.B.** O professor terá cuidado de dar ao alumno um quadro completo destes diversos superlativos. (Reis 1871, p. 18)

No segundo caso, a nota é diretamente endereçada ao aluno como, por exemplo, em:

**N.B.** Que cousa, e quantas sejam as pessôas grammaticaes, já ficou convenientemente explicado, quando tractei do pronome pessoal; por isso para ahi remetto o alumno. (Reis 1871, p. 42)

Embora a gramática seja didática, o autor não propõe exercícios de repetição, o que deixa ao encargo do mestre. Diz ele claramente também por meio de uma nota:

**N.B.** O professor aumentará o numero de exemplos aqui produzidos, quando fôr conveniente para bem gravar na mente do escolar as diversas propriedades do nome substantivo, porque só me limito a noções grammicaes deduzidas dos principios geraes de grammatica. (Reis 1871, p. 5)

A *Grammatica*, como se lê na nota, não é simplesmente a aplicação de preceitos conhecidos da *teoria tradicional*, pois é construída, também, por meio de mais uma teoria, a *teoria geral*, já indicada no título. A observação sobre “o limite” a que se submete indica que o exposto é apenas o que, para a descrição, é considerado geral

---

<sup>15</sup> Parece um mistério a ausência dos *Prolegomenos* nessa primeira edição da *Grammatica*, pois, também nas *Postillas* falta a “Introdução” em todas as edições disponíveis em bibliotecas brasileiras e, também, em cópias eletrônicas. Depois de muito procurar uma primeira edição das *Postillas* em que constassem os *Prolegômenos*, localizamos um exemplar completo na British Library (Londres). Essa também editada na Typ. B. de Mattos, em 1863.

para todas as línguas. O autor se refere a “idiotismos” do português, os quais comentaremos em espaço próprio.

A inclusão da *teoria geral*, em adição à tradicional, é, sem dúvida, um elemento complicador para a compreensão da descrição linguística, por parte dos aprendizes, fato de que o gramático tem consciência e se propõe a resolver, facilitando a exposição. No texto dos *Prolegomenos* essa sua preocupação fica evidente:

A Grammatica que dou á luz publica, não é senão o desenvolvimento da doutrina que dimana desta definição [princípios gerais]. Procurei simplificar-a o mais possível na theoria, subordinando os usos especiaes da lingua só aos principios geraes de eterna verdade, porque o methodo e a clareza não teem maior inimigo do que a multiplicidade das regras, que só serve de embaraçar o alumno sem explicar-lhe cousa alguma. Acompanhei a theoria da pratica, dando logo immediata applicação aos principios invocados com exemplos que os comprovassem, porque assim se arraigão elles melhor no espirito, que não pode duvidar de sua solidez. Trabalhei por ser claro para poder ser comprehendido, porque sem clareza, qualidade essencial em tratados deste genero, nunca conseguiria fazer com que o meu trabalho aproveitasse á mocidade estudiosa, que é o fim que levo em vista. (Reis 1871, p. VII) (Grifamos)

A clareza a que o autor se refere diz respeito a alguns fatores, tais como: a ausência de discussão teórica e de referências aos princípios da gramática geral; a linguagem simples na exposição da matéria, despida de tecnicismos; a objetividade de tratamento de cada tema, pela apresentação sintética do assunto; o uso de exemplos forjados, adequados a cada situação. Por essa estratégia, Sotero dos Reis constrói uma gramática que não problematiza nenhum dos temas, o que revela uma obra didática, voltada para um público iniciante nos estudos linguísticos. Essas características serão evidenciadas nos comentários sobre os demais assuntos.

### 3. O conceito de gramática

No texto, transcrito das *Postillas* o autor expõe sua compreensão acerca do que vem a ser “gramática”, momento em que registra sua opção pelo trabalho com base em uma segunda teoria gramatical<sup>16</sup> para o estudo da linguagem, a *teoria geral*, oriunda da *Grammaire générale et raisonnée de Port Royal* (1660) e, também, na extensão que lhe fizeram os enciclopedistas no século XVIII, tendo sido, no caso, César Chesneau Du Marsais, filósofo e gramático francês a quem Sotero dos Reis recorreu, explicitamente, para situar teoricamente a gramática que escreveu, e Nicolas Beauzée, de quem também é possível recuperar a influência na descrição linguística feita pelo brasileiro. A presença desses saberes configura o *horizonte de retrospectão* do gramático e de sua obra.

---

<sup>16</sup> Apenas para esclarecer, parte-se do princípio de que a primeira teoria gramatical é a da tradição greco-latina, iniciada pela discussão dos filósofos gregos, desenvolvida pelos filólogos alexandrinos e aperfeiçoada continuamente ao longo dos séculos.

A primeira amostra do *horizonte de retrospectão* de Sotero dos Reis aparece nos *Prolegomenos*. A parte do trecho da introdução das *Postillas* que foi transcrita na *Grammatica*, como antes explicamos, inicia-se com a seguinte citação de Du Marsais:

« A Grammatica particular é a arte de applicar aos principios immutaveis e geraes da palavra as instituições arbitrarías e usuaes de qualquer lingua. »

Tal é a bella e succinta definição que nos dá da Grammatica com a distincção sobredita o profundo grammatico Du Marsais, que a fundamenta com as seguintes razões, que para aqui transcrevo da introducção ás minhas Postillas Grammaticaes, onde as inseri:

—  
« A Grammatica Geral é uma sciencia, porque tem por objecto a especulação razoada dos principios immutaveis e geraes da palavra ; a Grammatica Particular é uma arte, porque respeita á applicação pratica das instituições arbitrarías e usuaes de qualquer lingua aos principios geraes da palavra. (...) » (Sotero, p. V) (Grifamos)

A definição de gramática de Du Marsais foi a base para Reis justificar o objetivo de fazer uma gramática particular do português, fundamentada em uma outra teoria, que não a naturalmente usada nas descrições gramaticais, a *teoria geral*. Depois disso, para afirmar a cientificidade da gramática, cuja construção, segundo o francês citado, baseia-se no raciocínio lógico, e, também, “na especulação razoada dos principios immutaveis e geraes da palavra”, condição necessária e suficiente da linguagem. Esses princípios imutáveis e gerais, que, segundo a teoria, são prévios ao uso das línguas, representam a cientificidade a partir da qual a realidade linguística é observada e descrita. Combinam-se, desse modo, a ciência, as regras gerais e abstratas e a prática com a materialidade da língua em uso.

O que se vê no primeiro conceito é que a gramática portuguesa resulta da aplicação da técnica pela qual se fazem as regras gerais válidas “da palavra”, isto é, do que resulta da operação lógico cognitiva por meio do que o homem constrói sua representação das coisas e das ideias. Isso implica “perceber ou conceber” algo da realidade, ou do espírito, em seguida, “avaliar” o que foi concebido e, enfim, julgar o percebido e avaliado. A “palavra” acumula esse processo, em tal contexto teórico, pois é ela que se refere ao conteúdo abstrato do pensamento, o que é geral em todas as línguas.

Ocorre, contudo, que a correspondência entre a lógica e o uso da língua não é linear e não é a mesma para todas as línguas. Daí, a necessidade de separar-se, conforme proposta dos teóricos e filósofos do domínio do racionalismo, a teoria - que, em tese, é válida para todas as línguas - da prática, ou seja, o uso da língua, que é particular. A gramática particular se caracteriza tanto pela aplicação das regras gerais da linguagem a uma língua específica, o que resulta na configuração de uma gramática particular, quanto pela descrição de regras específicas de uma dada língua, de usos considerados idiotismos, ou próprios, específicos de um idioma.

O segundo conceito, que abrange a definição da *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* (GGR), aparece também como índice da relação da obra de Reis com a teoria geral. Em uma nota do tipo **N.B.**, Reis (1871, p. VIII) refere-se explicitamente à GGR, segundo a qual a gramática é, apenas, conceituada como “arte de falar”, dando a conhecer sua interpretação do conceito: “A Grammatica de Port-Royal, generalizando, define a Grammatica. Esta é a definição da Grammatica mais concisa

que conhecemos, **porque, Fallar, abrange tudo o mais.**" (Ibidem. Grifamos). O comentário de Sotero dos Reis é ambíguo porque não nos permite saber se ele se refere, pelo "tudo o mais", ao procedimento lógico envolvido na "arte de falar", ou apenas às habilidades de falar, ler e escrever. Antes, o conceito dos autores da GGR diz respeito à generalidade da fala, pela qual o homem expressa seu pensamento, o que é geral para todos os homens.

A *Grammatica* de Sotero dos Reis é, pois, uma *gramática particular* cujo fundamento é alicerçado na especulação do pensamento, do racional, por isso é "accommodada aos princípios geraes da palavra", como diz o subtítulo. É particular porque aplica os princípios gerais a uma língua particular, para, com base em princípios teóricos aplicáveis a qualquer língua, descrever o português. Um desses princípios é o uso da razão para transformar em palavras, os pensamentos. A relação pensamento e linguagem articulada é, pois, uma característica saliente das gramáticas filosóficas.

Arnaud e Lancelot (1660) dividem a GGR em duas partes: na primeira, tratam dos sons e das letras, de como são pronunciados e representados por escrito (sem fazerem uma ortografia do francês); na segunda, tratam "dos princípios e das razões sobre os quais se apoiam as diversas formas da significação das palavras". Assim, inauguram um modelo de gramática em que, de um lado, há o estudo da parte física e mecânica da(s) língua(s) e, de outro, a parte intelectual, em que se estudam as palavras, já formadas pelos sons desprovidos, em si, de significado, que veiculam o que se passa "no espírito" do homem, no pensamento que é enunciado pelas palavras. Sobre a divisão da gramática, contudo, Sotero dos Reis faz uma opção um pouco diferente daquela da natureza da gramática filosófica, pois não dá muita ênfase ao estudo dos sons, nem da prosódia, nem à ortografia. Divide a gramática em Etymologia, Syntaxe, Orthographia, Prosodia, nessa ordem, sendo as duas primeiras partes, realmente, as mais significativas.

No item seguinte, exploraremos um pouco algumas referências quanto à relação pensamento e linguagem na obra que vimos analisando.

### 3.1 A RELAÇÃO PENSAMENTO E LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES

Não é difícil entender a relação do pensamento com a linguagem, exposta na introdução da segunda parte da *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*. Vejamos este excerto:

Até aqui, consideramos a fala no que ela tem de material, e que é comum, ao menos pelo som, aos homens e aos papagaios.

Resta-nos examinar o que ela tem de espiritual, que é uma das maiores vantagens do homem acima de todos os animais, e que é uma das maiores provas da razão: é o uso que dela fazemos para significar nossos pensamentos, e essa invenção maravilhosa de compor com vinte e cinco ou trinta sons essa infinita variedade de palavras, que, não tendo nada, em si, de parecido com o que se passa em nosso espírito, mostre aos outros todo esse segredo, e permita que, quem não tenha acesso a ele possa entender tudo o que concebemos, assim como todos os diversos movimentos de nossa alma.



Assim podemos definir as palavras, sons distintos e articulados, com os quais os homens fazem os signos para significar seus pensamentos. Por isso não podemos entender completamente os vários tipos de significação contidos em palavras, se não compreendermos antes o que acontece em nossos pensamentos, uma vez que as palavras foram inventadas apenas para torná-los conhecidos. (GGR 1810, 267-268)<sup>17</sup>

É segundo esses princípios que se pode compreender a lógica da gramática racional, filosófica. A interpretação gramatical encontra justificativas na relação daquilo que vai no pensamento do falante com o que ele diz. A teorização gramatical é formulada com base na premissa de que o pensamento antecede a formulação da linguagem e, por isso, a busca pela lógica da construção do texto é mais relevante do que a análise da construção do enunciado em si mesmo, isto é, o interesse pela análise gramatical do texto recai mais sobre o que “se quer dizer”, do que sobre o que “é dito”.

De acordo com a *teoria geral*, racional, então, o enunciado pode estar sintaticamente incompleto, embora o pensamento, não. Isso é sintetizado claramente por meio das seguintes *máximas*, que presidem à interpretação gramatical e representam uma síntese da teoria dos Senhores de Port-Royal, formuladas por Petitot (1810, p. 186-187) em ensaio introdutório ao texto da *Grammaire générale*. São as seguintes as *máximas gerais* a serem observadas:

- 1ª) Não há nunca um nominativo que não tenha relação com algum verbo expresso ou subentendido.
- 2ª) Não há nunca um verbo que não tenha relação com algum nominativo expresso ou subentendido.
- 3ª) Não pode haver um adjetivo que não tenha relação com um substantivo.
- 4ª) Não existe nenhum genitivo no discurso que não seja governado por um outro nome.
- 5ª) O regime dos verbos é muitas vezes tomado de muitas espécies de relações encerradas nos casos de acordo com o capricho do uso, o que não muda a relação específica para cada caso, mas mostra que o uso pôde escolher tal ou qual a seu bel prazer. (Petitot 1810, p. 186-187)<sup>18</sup>

Para que essas máximas sejam respeitadas, o gramático tem de recorrer ao expediente da *elipse*, pela qual restitui na frase um termo faltante no enunciado, mas que existe no pensamento (espírito) do falante. Por isso, por exemplo, para Sotero dos Reis o idiotismo do verbo impessoal do português, a ser examinado adiante, é denominado “unipessoal”, o que atende ao que descreve a 2ª máxima.

Apesar de Sotero dos Reis ter, mais ou menos fielmente, feito sua gramática com base nesses princípios racionalistas, eles não estão teoricamente explicados em sua gramática. Em algumas passagens, leem-se definições pelas quais é flagrante a relação da palavra com o pensamento, o que está de acordo com o que é dito no excerto citado da GGR. Um exemplo de tal relação é perceptível na discussão sobre as partes de oração, embora, na definição de cada uma delas, não haja explicitamente declaração sobre isso, a não ser no conceito de verbo.

---

<sup>17</sup> Tradução nossa.

<sup>18</sup> Traduzimos.

Sobre o verbo, por exemplo, a classificação em *verbo substantivo* e *verbo adjetivo* é explicada pela relação pensamento/linguagem, já que, segundo a teoria geral, o verbo substantivo é o que “afirma a existência da qualidade na substância” de algo, leia-se substância como sujeito e qualidade como atributo, e o verbo adjetivo é uma síntese do pensamento que se faz pela afirmação<sup>19</sup> de algo, formulada pelo *verbo ser + particípio presente* do verbo adjetivo em questão. A explicação, bem simplificada, de Sotero dos Reis é a seguinte:

Sobre verbo substantivo :

Verbo, é a palavra que serve para *afirmar a existencia da qualidade na substancia*, pessoa ou cousa, e por conseguinte, o nexu ou copula, que *une o attributo ao sujeito da proposição*, phrase, sentença, ou enunciado de juizo. (Sotero dos Reis 1871, p. 38) (Grifamos)

Sobre verbo adjetivo :

A necessidade de abreviar o discurso, *para de algum modo acompanhar o pensamento na rapidez*, levou o homem a unir o verbo ao attributo assim, em vez de dizer com duas palavras, Ser creante, Ser vivente, disse com uma só, Crear, Viver, o que é muito mais conciso. (Sotero dos Reis 1871, p. 66) (Grifamos)

Sotero dos Reis emprega os critérios *funcional lógico* e *semântico ontológico* (Auroux 2014, p. 107) na formulação de sua definição de verbo. Primeiro, pela adoção da ideia de “afirmação”, de acordo com o conceito exposto na GGR, e, depois, pelo reconhecimento de que o verbo é um elemento de conexão, cópula, que “une” sujeito e atributo para enunciar o pensamento. O pensamento, é, segundo a teoria geral, o resultado de um processo que envolve o pensamento lógico e ocorre em três etapas: a primeira, pela qual o indivíduo *concebe* a realidade; a segunda, quando julga o que concebeu; e a *terceira*, quando formula um *raciocínio*, um *juízo*, sobre o que concebeu e julgou, o que, então, é enunciado pela linguagem (verbal e gestual).

O lado semântico da definição deve-se à justificativa de que, ontologicamente, o verbo substantivo afirma que a *qualidade* existe na *substância*, ou seja, que o atributo é inerente ao sujeito. Já o verbo adjetivo é a síntese desse processo que é operado no pensamento do falante, por exemplo, quando diz “eu amo”, a lógica da proposição é “eu sou amante”, frase em que há, já enunciados (falados), e não apenas pensados, *sujeito + cópula + atributo*. Assim, a tese é a de que o verbo tem o papel semântico de “afirmar” o atributo do/no sujeito, e o papel sintático de “unir” o sujeito ao atributo.

Outra referência à relação pensamento/linguagem, aparece por meio da palavra “espírito” como sinônimo de pensamento. Veja-se a definição que o autor dá para o artigo:

---

<sup>19</sup> A definição de verbo como “afirmação” do pensamento corresponde à de Arnauld e Lancelot (1810, p. 326) : "E é propriamente o que é o verbo, uma palavra cujo uso principal é significar a afirmação, isto é, marcar que o discurso no qual essa palavra é empregada, é o discurso de um homem que não apenas concebe as coisas, mas as julga e afirma." (Traduzimos)

O artigo põe-se antes do substantivo appellativo para determiná-lo: o homem, a mulher, os homens, as mulheres; um homem, uma mulher, uns homens, umas mulheres.

No primeiro caso **o artigo apresenta o homem á consideração de nosso espírito determinadamente**, porque individualisa a idea geral de homem de modo determinado, ou porque, *o homem*, torna-se o equivalente de toda a humanidade que nelle se resume no segundo porém só vagamente, porque individualisa a mesma idea de modo vago, ou porque *um homem*, que vale o mesmo que um dos homens, é apenas o equivalente de um certo individuo da especie humana. (Reis 1871, p. 20). (O negrito é nosso.)

Nesse caso, é pelo critério *lógico semântico* (Auroux 2014, p. 107) que o artigo é conceituado. O conceito está prolixamente redigido, mas é claro que o termo “determinado” está semanticamente, e não sintaticamente, empregado, na indicação do *sentido geral* (homem como representante de humanidade), ou *no sentido particular* (um certo homem). O ponto de partida para a formulação da definição, como é evidente, é a relação da linguagem com o pensamento, nessa ordem, como se lê no trecho em negrito, na citação anterior.

Não é demais lembrar que o sentido de “determinação” aqui comentado foi emprestado por Sotero dos Reis de Du Marsais (1754), autor que também compõe seu *horizonte de retrospectão*. No verbete *Détermination* da Encyclopédie, podemos ler não somente o significado do termo mas também a explicação de sua origem, pois assim diz o gramático francês:

DETERMINAÇÃO, s. f. termo abstrato; diz-se, em gramática, do efeito que a palavra seguinte a uma outra a que se refere, produz sobre essa palavra. O amor *de Deus, de Deus* tem uma tal relação de determinação com amor, que já não entendemos mais por amor essa paixão profana que destruiu Tróia; pelo contrário, entendemos esse fogo sagrado que santifica todas as virtudes. Já no ano de 1729, eu publiquei um prefácio ou discurso, no qual expliquei a maneira que me parece a mais simples e a mais razoável para ensinar latim e gramática aos jovens. Eu digo nesse discurso que toda sintaxe é baseada na *relação de identidade* e na *relação de determinação*; o que eu explico nas páginas 14 e 45. Também falo dessas duas relações com a palavra *Concordância* e com a palavra *Construção*. Fico feliz em ver que essa reflexão não está perdida e que hábeis gramáticos a fazem valer. (F) (Du Marsais 1754, p. 901b)<sup>20</sup>

Pela afirmação do enciclopedista, deve-se entender que “o efeito que uma palavra exerce sobre a outra” diz respeito ao *sentido* de uma que se impõe sobre o de outra. O exemplo mostra claramente que o autor não se refere simplesmente à determinação sintática mas à repercussão dessa sobre o sentido, em que se vê, então, uma relação *funcional lógica* (Auroux 2014, p. 107-108): a determinação de sentido que o genitivo exerce sobre o nome, como ocorre na “qualificação da substância”, pela relação da expressão adjetiva com o nome. O excerto também comprova que o termo *determinação*, em gramática, foi cunhado pelo autor, Du Marsais, em 1729, e foi produtivo.

No exemplo discutido a seguir, o conceito de “adjectivo restritivo”, de Sotero dos Reis, e também a explicação do fato gramatical, nesse caso os pronomes

---

<sup>20</sup> Traduzimos.

demonstrativos, dêiticos, que envolvem as pessoas do discurso – o falante e o ouvinte –, sustenta-se, igualmente, na consideração do raciocínio, ou do pensamento (espírito), de quem participa da enunciação. Observa-se que é pela tripla relação, *pensamento ↔ língua ↔ realidade* que o autor explica a diferença existente entre os itens gramaticais:

Nos exemplos produzidos, *este livro*, é o que está próximo a mim; *aquella tinteiro*, é o que está mais distante de mim, ou em lugar, onde lhe não posso chegar; *essa cadeira*, é a que está em lugar intermedio, mas indeterminado para mim, porque está em relação com outro individuo.

Adjectivo demonstrativo é o que indica o objecto significado pelo nome substantivo, demonstrando-o **debaixo de alguma relação, como de lugar, de identidade, de distribuição**. Dahi a sua divisão em demonstrativo puro, partitivo, distributivo.

**Ésta relação de lugar pode existir unicamente na consideração do espirito de quem falla, e de quem ouve**, como, *este homem* de que vos fallei, *aquella mulher* que tão pouco se assemelha ás outras, *esse capitão* que encheo o mundo com a fama de suas victorias. (Reis 1871, p. 21). O negrito é nosso.

O gramático apresenta o adjectivo demonstrativo pelos critérios *metalinguístico didático* (Auroux 2014, p. 109), o que se comprova pela afirmação “indica o objeto significado pelo nome substantivo”, e *semântico pragmático*, já que seu significado é, segundo definição do autor, relativo ao contexto situacional, pela indicação: (i) do lugar *onde*, ou “perto de quem” (do falante ou do ouvinte) a coisa indicada está; (ii) ou de *o que é* a coisa indicada; (iii) ou de *como* a(s) coisa(s) a que se refere o pronome se divide(m) ou reparte(m) no enunciado. São essas as relações de *lugar, identidade e distribuição*, respectivamente, que constam na definição. Para fechar a (complexa) definição do *adjectivo demonstrativo*, o gramático recorre ao “espírito de quem fala”, expressão que, nesse contexto, deve ser entendida como a *razão*, pois é preciso *avaliar e julgar* o jogo de elementos linguísticos e extralinguísticos que concorrem para a formação do sentido do texto.

A seguir examinaremos como Sotero dos Reis centra sua análise em fatos que considera particulares à língua portuguesa, o que, segundo pensa, acentua o caráter particular de sua gramática.

### 3.2 A GRAMÁTICA PARTICULAR DO PORTUGUÊS: OS IDIOTISMOS

Há na *Grammatica* apenas duas referências explícitas à palavra “idiotismo”, embora em alusão a três usos. A regra que puxa essa denominação é a do uso do verbo *haver* impessoal, cuja denominação para Reis, não é *impessoal*, mas *unipessoal*, já que na esfera da gramática filosófica não se admite uma proposição sem sujeito. Esse assunto será discutido adiante.

Com esse fundamento, completado pela recorrência à explicação pormenorizada de Du Marsais, sobre os conceitos dos dois tipos de gramática, Sotero dos Reis (1871, p. VII) afirma que seu trabalho será edificado pelas regras gerais, comuns a todas as línguas, para descrever os “idiotismos da lingua portugueza”. Não deixa ele de esclarecer que não apresenta ao público uma obra teórica, mas

prática, prevenindo o leitor de que não se deterá em explicações teóricas. O que efetivamente ocorre, como antes mostramos.

Dentre as características próprias da língua portuguesa, os *idiotismos*, a que Sotero dos Reis se refere estão o *verbo haver impessoal*, que ele chama “unipessoal”, o *uso do gerúndio* e a *voz passiva com verbo transitivo* com o pronome *se*.

Sobre o verbo *haver* impessoal, diz o gramático:

Ha na lingua portugueza um, verbo unipessoal, que se emprega quasi sempre com sujeito occulto, o verbo, Haver, com a significação de, existir. (Reis 1871, p. 139)

Essa interpretação é justificada pelo princípio da *teoria geral*, referido nas máximas antes citadas, pois a regra é a de que não há proposição a que falte uma das duas partes. A ausência de alguma palavra no enunciado é apenas uma ocorrência material porque no espírito, no pensamento, existe a forma que, simplesmente, está elíptica. Por isso a interpretação do verbo, nesse caso, como unipessoal, com sujeito oculto.

O autor apõe ao texto antes citado uma nota para esclarecer o leitor sobre o caráter de seu uso no contexto da língua portuguesa, oportunidade em que se refere a outros idiotismos, o *infinitivo impessoal* e o *verbo composto com gerúndio*, como se vê a seguir:

**N.B.** O emprego d’este verbo com sujeito occulto é um dos idiotismos da lingua, assim como o é também o do infinito pessoal, e o do verbo composto com o gerundio. (Reis 1871, p. 139)

Sobre essa questão, a justificativa para tal classificação é, também, o que está previsto nas máximas 1 e 2, e, portanto, o sujeito é considerado como oculto, não sendo o ração considerada “sem sujeito”. No exemplo do autor, a frase enunciada “Ha homens extraordinarios” corresponde à frase compreendida “[há] **especie** de homens extraordinarios”, em que o gramático entende que há elisão da palavra “especie”, o que caracteriza o “sujeito oculto”. Outros verbos considerados unipessoais são os intransitivos conjugados apenas na voz ativa, na terceira pessoa do singular. Esses verbos intransitivos podem ser “apassivados”, como *vive-se*, *canta-se* etc., o que o autor considera “verbo pessoal convertido em unipessoal”.<sup>21</sup>

Outros exemplos de idiotismos têm diferentes justificativas. No caso da formação de locuções verbais compostas com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir* + *gerúndio de outros verbos*, a que Sotero dos Reis denomina “verbo attributivo composto”, em oposição à classificação tradicional, em que esses são tidos como auxiliares. Sua posição é apoiada no argumento de essa estrutura, *verbo + gerúndio*, ser muito produtiva na língua e não se limitar à estrutura dos citados *verbos + gerúndio*. Para comprovar sua tese, apresenta vários exemplos, tais como: « Corre passeiando ». « Passeia correndo ». « Dorme roncando ». « Ronca dormindo ». (Sotero dos Reis, p. 100). Vejamos como o gramático se refere ao verbo composto com gerúndio acima citado. Diz ele assim:

---

<sup>21</sup> Vê-se em Sotero dos Reis (1871, p. 137-139) a explicação para outros casos do que entende como “verbos unipessoais”.

Ha na lingua portugueza uma especie de, verbo *attributivo composto*, formado ordinariamente com os verbos, *estar, ficar, andar, ir, vir*, e o gerundio dos outros verbos, como, *estar orando, ficar esperando andar viajando, ir subindo, vir descendo*, ou ainda com o gerundio proprio, quando o verbo que com elle se combina exprime movimento, como os tres ultimos, *andar andando, ir indo, vir vindo*.

(...)

**N.B.** Ésta fórma de verbo [por exemplo, “andou dizendo”] é, como a do infinito pessoal, uma riqueza especial á lingua portugueza, que leva por uma e outra grande vantagem ás linguas suas analogas e a muitas outras. (Reis 1871, p. 101). Grifamos.

Além disso, como se vê na **N.B.**, o gramático considera essa característica particular à língua portuguesa uma vantagem gramatical sobre outras línguas. Essa forma apologética pela qual avalia as regras da língua portuguesa aparece, também, a respeito de outros fatos, tais como o uso passivo de *verbos transitivos, na 3ª pessoa + se*, “quando o sujeito da proposição é cousa, e não pessoa propriamente dita, como se vê em, « A obra fez-se », « Celebrou-se a festa » (Sotero 1971, p. 121). Leia-se a expressão do gramático sobre esse fato:

**N.B.** A lingua portugueza, que é de todas as modernas a mais rica em fórmulas verbaes, tem tambem outra maneira de apassivar o verbo attributivo unicamente na terceira pessoa do singular (...). (Reis 1871, p. 128).

E repete esse elogio em outra passagem, ao tratar dos verbos defectivos, vejamos:

**N.B.** Na lingua portugueza, a mais rica em fórmulas verbaes das que fallão hoje os povos cultos, é rarissimo o verbo, defectivo, pois além do caso acima [feder] não nos occorre outro; ao passo que no Latim, e até no Francez, é frequentissimo este verbo. (Reis 1871, p. 290)

Sotero dos Reis não tece outras considerações sobre os verbos defectivos. Diferentemente de Sotero dos Reis, contudo, Barbosa (1822, p. 275; 281) apresenta três verbos como defectivos, *feder, prazer e arder*, e comenta que outros verbos eram considerados defectivos, mas que, em seu tempo, não o eram mais, como, por exemplo, *jazer e morrer*. Esse comentário do gramático português revela seu reconhecimento sobre o fato de os verbos poderem ser defectivos em uma época, e em outra, não. Essa condição do verbo depende do uso que dele se faz, fato ignorado, ou não aceito, por Sotero dos Reis. O gramático brasileiro, porém, desconheceu a característica dinâmica da língua e interpretou esse fato, a defectividade verbal, gramatical como estático, o que prejudicou sua análise sincrônica.

Esses exemplos ilustram como o autor explorou as regras particulares do português. A seguir, focalizaremos como Sotero dos Reis trata o lado *geral* da gramática.

#### 4. Aspectos do tratamento das partes da oração

Para revelar como Sotero dos Reis trata as partes do discurso, passaremos a discutir os conceitos de algumas daquelas, as variáveis. Inicialmente, vejamos com a

*Grammatica* se apresenta: a obra está organizada em quatro partes: “Etymologia, Syntaxe, Orthographia, Prosodia”, com ênfase para as duas primeiras. O que se vê na primeira parte, denominada Etymologia, é a exposição tradicional das “partes da oração”, que contam oito, divididas em dois grupos, divididos com fundamento no critério morfológico: “(i) **partes variáveis**: nome, pronome [pessoal], adjectivo e verbo; (ii) **partes invariáveis**: conjunção, preposição adverbio e interjeição” (Sotero dos Reis, p. IX). Essa divisão consta dos *Prolegomenos*, em que vemos o termo “nome” e “adjectivo” usados isoladamente. No texto principal, todavia, o autor apresenta as duas partes de modo um pouco diferente, pois, em lugar de “nome”, usa “nome substantivo” e, em vez de “adjectivo”, “nome adjectivo”.

O texto de apresentação das partes da oração é sucinto e os conceitos são elaborados por meio de uma combinação de critérios. Vejamos exemplos referentes a aspectos das definições das partes variáveis da oração, tomando como ponto de partida os três critérios básicos de análise linguística, mas indicando, em nota, outros de acordo com a proposta de Auroux (2014):

Parte	Conceito	Critérios		
		Sem.	Func.	Morf.
Nome substantivo	Nome <i>substantivo</i> é o que designa a substancia que se nomeia, pessoa ou cousa, como <i>Deus, natureza</i> : é o sujeito por excellencia. Diz-se que subsiste por si só, porque não suppõe a existencia de outra palavra para figurar no discurso. (Sotero dos Reis 1871, p.	X <sup>22</sup>	X	-
Pronome	Pronome pessoal é, como o está dizendo a fôrça do termo, o que se põe em logar do nome, ou do sujeito, indicando ao mesmo tempo a pessoa <i>grammatical</i> deste, ou o papel que elle representa no discurso.	X <sup>23</sup>	X <sup>24</sup>	-
Nome adjectivo	Nome adjectivo é, como sôa a palavra, um nome que se ajunta ao substantivo, ou para qualificar, ou para determinar a pessoa ou cousa por elle designada : é uma especie de accessorio do substantivo, com o qual concorda em genero e numero, e sem o qual não figura no discurso, porque não tem objecto.	X <sup>25</sup>	X <sup>26</sup>	X
Verbo	Verbo, é a palavra que serve para afirmar a existencia da qualidade na substancia, pessoa ou cousa, e por conseguinte, o nexu ou copula, que une o attributo ao sujeito da proposição, phrase, sentença, ou enunciado de juizo. Diz-se tambem que é a palavra por excellencia, porque dá vida ao discurso, que sem ella não pode existir. (Idem, p. 38)	X <sup>27</sup>	X <sup>28</sup>	-

Os pormenores sobre a morfologia de cada parte da oração (os acidentes) vêm depois dessas definições, mas não há como tratar delas aqui. O texto não traz divisões específicas para tratar a variação morfológica das partes de oração, mas o autor vai falando disso no mesmo item aberto para introduzir a definição de cada parte da oração. A descrição da morfologia, por exemplo, pelos metatermos *flexão*, ou

<sup>22</sup> Critério *semântico semiológico*, segundo classificação de Auroux (2014, p. 107).

<sup>23</sup> Além desses dois critérios, também o *metalinguístico etimológico* (Auroux 2014, p. 109).

<sup>24</sup> Critério *funcional paradigmático* (Auroux 2014, p. 108).

<sup>25</sup> Além dos dois critérios, também o *metalinguístico etimológico* (Auroux 2014, p. 109).

<sup>26</sup> Critério *funcional sintagmático*, (Auroux 2014, p. 108).

<sup>27</sup> Critério *semântico ontológico* (Auroux 2014, p. 109).

<sup>28</sup> Critério *funcional lógico*, (Auroux 2014, p. 109).

*gênero e número*, é feita em um texto único, em que o gramático vai apresentando as variações formais das palavras, por exemplo, quando diz “O nome substantivo divide-se também em masculino e feminino” e, para explicar esse conceito, acrescenta “o substantivo varia na terminação, segundo significa macho ou fêmea” (Sotero dos Reis 1871, p. 2). Para o substantivo, por exemplo, o esquema da morfologia tal como consta na *Grammatica* pode ser assim representado:

Substantivo: **divisão**: (i) próprio, ou particular; (ii) apelativo, ou comum = **variação**: masculino, feminino; **graus**: aumentativo; diminutivo.

Os pronomes, para Sotero dos Reis, são apenas os *personais*, os quais ele apresenta divididos pelos casos reto e oblíquo. As demais palavras, tradicionalmente consideradas como pronomes, caso dos demonstrativos, dos indefinidos, dos relativos, dos interrogativos, são classificados como adjetivos. Na *Grammatica*, o título do capítulo desse assunto é “pronome pessoal” e assim é a definição que lhe dá o autor:

Pronome pessoal é, como o está dizendo a força dos termos, o que se põe em lugar do nome, ou do sujeito, indicando ao mesmo tempo a pessoa grammatical deste, ou o papel que elle representa no discurso. (Sotero dos Reis 1871, p. 6)

Essa classificação dos pronomes parece ter como fonte as ideias de Beauzée (1765, vol. XIII, p. 453), embora essa definição seja completamente diferente da que lhe dá o enciclopedista.<sup>29</sup> A definição que Sotero dos Reis dá ao pronome pessoal é a tradicional, a qual Beauzée contesta vivamente, refutando a ideia de que o pronome é um elemento vicário, cuja função é apenas “substituir o nome”. Ele os define como elementos que *relacionam as pessoas aos atos de fala*, razão por que reconhece como pronomes apenas os pessoais. Esta é a sua explicação:

Se os verdadeiros pronomes são apenas as palavras que apresentam *ao espírito os seres determinados pela ideia precisa de uma relação pessoal com o ato de fala*, não devemos mais reconhecer outros pronomes senão aqueles que comumente chamamos pessoais. (Beauzée 1765, vol. XIII, p. 451) (Grifamos e traduzimos)

Sotero dos Reis não faz referência a *ato de fala*, como o faz Beauzée, a respeito dos pronomes pessoais, embora os classifique pelas três pessoas com base na perspectiva do discurso (da fala): quem fala, para quem fala e de quem se fala. As demais palavras classificadas tradicionalmente como pronomes, Sotero as posiciona na classe dos adjetivos. O enciclopedista, por sua vez, encontra mais possibilidades de as localizar, pois as deixa também entre os nomes, os adjetivos e os advérbios, como lemos no excerto seguinte:

---

<sup>29</sup> Para lembrar também do conceito da GGR, observo que ele vai em outra direção, pois considera os nomes adjetivos, pela função que exercem diante do substantivo, como acidentes dos nomes substantivos. Conceito formulado pelo critério *funcional lógico*, segundo classificação de Auroux (2014, 106). Dizem os autores: “Isto é o que fez a principal diferença entre as palavras que significam os objetos do pensamento: porque aqueles que significam as substâncias foram chamados nomes substantivos; e aqueles que significam os acidentes, marcando o sujeito ao qual esses acidentes convêm, nomes adjetivos.” (Arnauld ; Lancelot 1803, p. 273).



Se somos forçados a reconhecer como pronomes apenas aqueles que são chamados pessoais, e que determinam os seres pela ideia de uma relação pessoal com o ato de fala, a que classe de palavras devemos enviar aqueles que, até agora, estavam nas tantas classes dos chamados pronomes? *Eu identifico neles três classes, a saber, nomes, adjetivos e advérbios*: eu os destacarei aqui, para fixar o verdadeiro lugar de cada um no sistema das partes da oração. (Beauzée 1765, vol. XIII, p. 453) (Grifamos e traduzimos)

Não foi essa, no entanto, a opção de Sotero dos Reis, pois ele as deixa, quase todos como *adjetivos*. Tal classe, para Sotero é a mais robusta dentre todas as demais. Ficam, então, nessa rubrica os artigos, parte dos pronomes e os numerais. A definição do adjetivo é feita, principalmente pelos critérios semântico e sintático, já que se distribuem em duas grandes classes: os qualificativos e os determinativos, como se vê a seguir:

Adjetivo: (i) **qualificativo**: 1) explicativo; 2) restritivo. *Flexão*: singular e plural; *Grau*: *superlativo*: a) absoluto; b) relativo; *comparativo*: a) igualdade; b) inferioridade; c) superioridade. (ii) **determinativo**: 1) articular: a) artigos: definidos e indefinidos; b) demonstrativos: puros, partitivos, distributivos; 2) conjuntivo; 3) interrogativo; 4) numeral; 5) quantitativo; 6) possessivo; 7) pronominal.<sup>30</sup>

A título de exemplo, examinemos a situação dos pronomes oblíquos de terceira pessoa, *o* e *a*, como lhes denominamos hoje. Sotero dos Reis os classifica como “adjectivos pronominais”, recorrendo à função anafórica ou dêitica que exercem, o que faz pelo critério *funcional sintático*, segundo os critérios defendidos por Auroux (2014, p. 1068). Vejamos a definição que lhe dá o gramático brasileiro:

Adjectivo pronominal, ou adjectivo pronome, como lhe chamão os Francezes,<sup>31</sup> ha só um que é, *o m., a f., o n.*, que vem de, *is, ea, id*, latino. Chama-se pronominal este adjectivo, porque *tem a virtude de representar o nome que indica*, ou porque está sempre só na oração como qualquer verdadeiro pronome. Exemplos: «Copiaste a carta ? Copiei-a». «O, que escreve, deve pensar antes». (Sotero dos Reis 1871, p.37)

Conforme mostra Leite (2018, p. 19-20), antes de Sotero dos Reis, Antônio da Costa Duarte, no *Compendio da grammatica da lingua portugueza* (1859), classificou esses pronomes como adjetivos demonstrativos, incluindo-os, contudo, na subcategoria de *demonstrativos pessoais derivados*. O *horizonte de retrospectão* desses dois autores é, mais proximamente, Barbosa (1822), que, de certo modo, se refere à função anafórica do pronome, ao dizer “serve-lhe [ao verbo ser] sempre de Atributo, trazendo á memoria o nome da oração antecedente” conforme Leite (Id.) mostra ao analisar o referido *Compendio* de Costa Duarte. Assim descreve Duarte:

---

<sup>30</sup> O adjetivo pronominal é o que, hoje, é “o, a, os, as” denominados pronomes pessoais do caso oblíquos de 3ª pessoa. Assim explica Sotero: “Adjectivo pronominal, ou adjectivo pronome, como lhe chamão os Francezes, ha só um que é, *o m., a f., o n.*, que vem de, *is, ea, id*, latino. Chama-se pronominal este adjectivo, porque *tem a virtude de representar o nome que indica*, ou porque está sempre só na oração como qualquer verdadeiro pronome. Exemplos: « Copiaste a carta ? Copiei-a ». « O, que escreve, deve pensar antes.” (Sotero dos Reis 1871, p. 37).

<sup>31</sup> Isso se refere especialmente a Beauzée (1765). Vejam-se os artigos *Pronom* (*Gram.*, vol. XIII, p. 449b–456a) e *Mot* (*Log. Gramm.*, vol. X p. 752b–763bp. 752b–763b).

(7) Parece que **o a, os as**, na relação de complemento objectivo, e também quando representa o sujeito ou o attributo de uma proposição antecedente, é um demonstrativo relativo; *porque sempre está só na proposição em lugar de um nome antecedente, cujas vezes faz*, representando-o, para evitar repetições, com que o discurso ficaria desagradável, como: Filho, sê temente a Deus, e ama-o de todo o coração: o mesmo ex.: Filho, sê temente a Deus, e lembra-te sempre de o amar, ou de amal-o de todo coração. Em ambos estes exemplos, **o** está em lugar do nome Deus, e é complemento objectivo. (Duarte 1859, p. 18) (O negrito é nosso)

Eu, tem os casos, me, mim, migo; Nós, nos, nosco; Tu, te, ti, tigo; Vós, vos, vosco: Ell e, tem no singular lhe, e no plural **lhes** para complemento terminativo; e **o a** no singular, **os as** no plural para complemento objectivo. (Duarte 1859, p. 31) (O negrito é nosso)

Cabe observar que todas as reflexões sobre tal fato, as de Barbosa, Duarte e de Sotero dos Reis, são diferentes, o que, de um lado revela que os gramáticos não se limitavam à cópia uns dos outros e, de outro, que havia uma flutuação teórica sobre o tema, o que mostra, também, que os gramáticos buscavam elaborar uma interpretação condizente para explicar esse fato gramatical.

A seguir, tratemos de alguns pontos da parte sintática da *Grammatica*.

## 5. Aspectos do tratamento da sintaxe

Sotero dos Reis (1871, p. VIII) apresenta assim seu conceito estrito de sintaxe: "Syntaxe é a parte da grammatica que ensina a coordenar as palavras e as proposições.". Essa definição aparece no texto dos *Prolegomenos* e não é repetido na parte principal da *Grammatica*. A definição é formulada pela etimologia da palavra sintaxe, razão por que o autor usou o verbo "coordenar" para defini-la, e não, "construir", ou "arranjar", como Barbosa (1882) e Duarte (1877), respectivamente. A definição fundada na etimologia grega da palavra aparece no verbete "sintaxe" de Beauzée (1765, p. 762a),<sup>32</sup> embora o conceito ali presente seja mais amplo, pois passa do aspecto concreto "concurso de palavras reunidas" e se estende ao racional, "para exprimir um pensamento". O conceito do gramático francês é, assim, formulado pelos critérios *funcional sintagmático* e *semântico psicológico* (Auroux 2014, p. 105). O conceito mais amplo de Sotero dos Reis, que consta do capítulo específico de sintaxe, porém, é coincidente com o de Beauzée, pois também é elaborado pelo critério psicológico, e, ao referir-se à proposição, fala de "enunciado do juízo, ou acto do entendimento," como se pode verificar no quadro adiante apresentado.

Os gramáticos filosóficos brasileiros operam com a teoria geral oriunda da GGR e com as teorias sintáticas de Du Marsais e de Beauzée. Nota-se, contudo, que, em alguns aspectos, esses autores formulam explicações e entendimentos diferentes dos textos fundamentais que compõem seus *horizontes de retrospectão*. Veja-se, por

---

<sup>32</sup> SYNTAXE, s. f. (Gram Sintaxe, s. f. (Gram.)) Palavra composta de duas palavras gregas; οὐν, cùm, & τὰσσω, ordino: a partir daí οὐνταξις, coordinatio. Eu disse, (ver Gramática, da Ortologia, § II.) que o ofício da sintaxe é explicar tudo o que concerne à concorrência de palavras para expressar um pensamento. Beauzée (1765, p. 762a). (Traduzimos)

exemplo, a comparação do que dizem Jeronymo Soares Barbosa e Antônio da Costa Duarte sobre o conceito de sintaxe, em confronto com o conceito de Sotero dos Reis:

Barbosa (1822)	Duarte (1877 [1859])	Sotero dos Reis (1866)
<p><i>Syntaxe</i> quer dizer <b>Coordenação</b>; e chama-se assim esta parte da Grammatica, que das palavras separadas ensina a formar e compor huma oração, ordenando-as segundo as relações ou de conveniencia, ou de determinação, em que suas ideas estão humas para as outras.</p> <p>Os Grammaticos, traduzindo com mais liberdade a palavra Grega <i>Syntaxis</i>, lhe dão o nome de <i>Construcção</i>. Mas esta palavra tem mais extensão que a de <i>syntaxe</i>. A <i>syntaxe</i> he huma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das couzas que ellas significão; e a <i>construcção</i> huma ordem local, auctorizada pela uso das Linguas.</p>	<p><i>Syntaxe</i>, isto é, <b>Composição</b>, é a parte da Grammatica, que ensina a compor uma oração, segundo as relações que as palavras tem umas com as outras. Estas relações são ou de conveniencia, isto é, de Concordancia; ou de determinação e dependencia, isto é, de Regencia. (p. 102)</p> <p>A <i>Construcção</i>, isto é, a Collocação, ensina a pôr cada palavra e cada oração no logar, que lhe é destinado pelo uso da Lingua.</p>	<p>As regras a que dão origem esta ligação e esta subordinação, constituem o que se chama, <i>Syntaxe</i>, palavra que vem do Grego, e quer dizer, <b>arranjo</b>. E como tal ligação e tal subordinação são duplas, porque são ao mesmo tempo de palavras e proposições, d'ahi tambem duas especies de <i>Syntaxe</i>, <i>syntaxe de palavras</i>, <i>syntaxe de proposições</i>. (p. 172)</p> <p>O discurso consta de proposições: a proposição, de palavras. <i>Proposição</i>, que tambem se chama, <i>oração</i>, <i>phrase</i>, <i>sentença</i>, é o enunciado do juizo, ou acto do entendimento, pelo qual affirmamos uma cousa de outra. Toda a reunião de palavras, a qual fórma sentido, é uma <i>proposição</i>, em que se contem tres termos, denominados, <i>sujeito</i>, <i>verbo</i>, <i>attributo</i>. (p. 167)</p>

Em primeiro lugar, é saliente a escolha de palavras diferentes, para enunciar o conceito de *syntaxe*, *coordenação*, *composição* e *arranjo*, de acordo com o que se lê nos textos de Barbosa, Duarte e Sotero dos Reis, respectivamente. A definição de Barbosa, assim como a primeira da de Sotero dos Reis, parte da etimologia da palavra grega, mas, enquanto aquele logo adota o conceito de *construção*, este não se refere a tal termo, nem assume o conceito que o acompanha. Não obstante isso, o termo empregado por Sotero dos Reis pode ter sido emprestado da definição de *construção* de Du Marsais (1754, p. 73), que parte do conceito metafórico dessa palavra para falar do "arranjo das palavras no discurso". Esse enciclopedista tem conceitos diferentes para, de um lado, *syntaxe* e, de outro, *construção*, pois a *syntaxe* para ele é "a parte da gramática que ensina os signos estabelecidos em uma língua para incitar um sentido no espírito". (Ib., p. 74)

Nos trechos de definições antes citados, observa-se que tanto Barbosa quanto Duarte seguem os conceitos de *syntaxe* e de *construção* de Du Marsais, apesar de os explicarem de maneiras diferentes. Sotero dos Reis, todavia, não adota, em tal sentido, nem o termo nem o conceito de *construção*.<sup>33</sup> As duas espécies de *syntaxe* para ele são a de *proposições* e a de *palavras*, sendo que essa última diz respeito à ligação de palavras no sintagma por meio de conjunção ou de preposição.

<sup>33</sup> Apenas por três vezes o autor utiliza o termo *construcção* (Reis 1871, p. 220, 226 e 254) em referência à "syntaxe das proposições", quer dizer, ao arranjo das orações no período.

*Proposição* é outro termo importante na composição do conceito de sintaxe, no contexto da gramática filosófica. O termo *proposição* passa à gramática no contexto da GGR (1660), aí ainda pouco desenvolvido, mas que ganha substância na segunda parte de *La Logique ou L'Art de penser*, especialmente, segundo Léon (2003, p. 6), na quinta edição (1683). No século XVIII, o termo ganhou contorno gramatical, quando usado por Du Marsais (1754, V, p. 73a-92b) que, então, introduziu um terceiro termo, dessa vez *construção*, distinguindo-o de *sintaxe*. Esse foi um termo empregado distintamente de *frase*, também, não sinalizava o lado lógico implicado no termo *proposição*.

Isso é o que deduzimos da explicação do enciclopedista a respeito da diferença existente entre os conceitos de *frase* e *proposição*. A *proposição*, diz ele, expressa um *juízo*, e a *frase* não tem tal alcance. Diz o enciclopedista: "A proposição é um conjunto de palavras que, pelo concurso das diferentes relações que têm entre si, enuncia um juízo ou alguma consideração particular do espírito, que concebe um objeto como tal." (Id., p. 81)<sup>34</sup>

Dos gramáticos filosóficos citados, Barbosa e Sotero dos Reis não distinguem os conceitos de *proposição*, *frase* e *oração*, e Duarte não se refere ao termo *frase*, mas considera *proposição* e *oração* como termos sinônimos. Contudo, Du Marsais, embora empregue inúmeras vezes o termo *frase*, no verbete *construção*, deixa claro que não se pode tomar um termo pelo outro, já que *frase* pode ser referente a enunciados de estrutura diversa e sentido incompleto. Assim o francês explica o conceito de *frase*:

Não será inútil observar que as proposições e os enunciados são algumas vezes chamados *frase*: mas *frase* é uma palavra genérica que é usada para qualquer conjunto de palavras relacionadas entre si, tanto se elas fazem um sentido acabado quanto se apenas incompleto. (Du Marsais 1754, p. 81)<sup>35</sup> (Grifamos)

Já a *proposição*, além de representar "um juízo", tem estrutura binária estável. Para Du Marsais (Ib.),<sup>36</sup> compõe-se a proposição de *sujeito* e *atributo*, estando o verbo incluído no atributo. Beauzée (1757, p. 864), reinterpreta o conceito de Du Marsais, destaca o verbo do atributo e (re)apresenta a *proposição* com uma estrutura ternária, composta de *sujeito*, *verbo* e *atributo*: "1º A matéria da proposição é a totalidade das partes que entram em sua composição; e essas partes são de duas espécies, lógicas e gramaticais."

Sotero dos Reis, talvez seguindo a lição de Barbosa<sup>37</sup> que, por sua vez, segue Beauzée no que diz respeito à estrutura ternária da proposição, identifica *proposição*, *oração* e *frase* e, ainda, acrescenta mais um termo, *sentença*. É o que vemos no excerto seguinte:

---

<sup>34</sup> Traduzimos.

<sup>35</sup> Traduzimos.

<sup>36</sup> "Das partes da proposição & da enunciação. A proposição tem duas partes essenciais: 1º. a sujeito; 2º. o atributo. O mesmo é para a enunciação." (Du Marsais 1754, p. 81).

<sup>37</sup> "Oração, ou Proposição, ou Frase (pois tudo quer dizer o mesmo) he qualquer juizo do entendimento, expressado com palavras." (Barbosa 1822, p. 363) e diz também Barbosa: "Toda oração tem necessariamente tres termos, hum que exprime a pessoa ou couza, da qual se diz e enuncia alguma couza; outro que exprime a couza, que se enuncia; e o terceiro que exprime a identidade e coexistencia de huma couza com outra." (Ib.)

O discurso consta de *proposições* : a *proposição*, de palavras.

Proposição, que também se chama, *oração, phrase, sentença*, é o enunciado do juízo, ou acto do entendimento, pelo qual afirmamos uma coisa de outra.

Toda a reunião de palavras, a qual forma sentido, é uma *proposição*, em que se contem tres termos, denominados, *sujeito, verbo, attributo*. (Sotero dos Reis 1871, p. 169)

A ligação direta de Sotero dos Reis com Beauzée é, contudo, possível, e essa tese pode ser comprovada pelo fato de o brasileiro se valer de aspectos da teoria do enciclopedista que não constam na gramática do português. Embora Barbosa e Sotero se beneficiem do conceito de verbo defendido por Beauzée, um aspecto dessa teoria verbal é aproveitado por Sotero dos Reis e não por Barbosa, como mostraremos adiante.

A ligação dos dois autores de língua portuguesa com Beauzée é notável no que tange ao conceito de verbo. Barbosa define verbo da seguinte maneira:

O Verbo he huma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito de baixo de todas suas relações pessoas e numeraes, *enunciando por diferentes modos a coexistencia e identidade de um com outro por ordem aos diferentes tempos, e maneiras de existir*. (Barbosa 1822, p. 191) (Grifamos)

E Sotero dos Reis, por sua vez diz:

Verbo, é a palavra que serve para *afirmar a existencia da qualidade na substancia*, pessoa ou coisa, e por conseguinte, o nexu ou copula, que une o attributo ao sujeito da proposição, *phrase, sentença*, ou enunciado de juízo. (Sotero dos Reis 1871, p. 38-39) (Grifamos)

Conceitualmente, então, ambos os autores recorrem à tese do enciclopedista, com a diferença que Barbosa deixa de lado a palavra-chave da definição de verbo para a GGR, *afirmação*, mas fala de "coexistencia", em parte recuperando o conceito de Beauzée, enquanto Sotero dos Reis faz uma colagem do conceito, da GGR e de Beauzée, quando diz "afirmar a existencia". Outra diferença entre os dois conceitos é relativa ao referente do verbo *existir* presente em ambos os casos. Para Barbosa (1822, p. 191) o verbo *existir* é empregado pelo *critério funcional sintagmático* (Auroux 2014, p. 108) e se refere à correlação dos verbos com os sujeitos e atributos, o que se confirma pela complementação do conceito, quando o português afirma que a "essencia [do verbo] consiste propriamente na enunciação da coexistencia de huma idea com outra; e não na expressão destas ideas". Já para Sotero dos Reis, o conceito é essencialmente baseado no *critério semântico ontológico* (Auroux 2014, p. 108) e, nesse caso, mais próximo do que diz Beauzée, quando se refere ao verbo como a palavra que designa a "existência intelectual" de um ser em relação com outro, sinalizando uma modificação. Disse Beauzée "verbo se refere apenas à ideia geral de existência em relação a uma modificação" (Beauzée 1765, p. 49a).

Sobre a ligação direta de Sotero dos Reis com Beauzée vemos outro exemplo bem claro, relativo ao uso dos termos (mas não à aplicação dos conceitos) *anterioridade, simultaneidade e posterioridade*, em relação à sintaxe verbal. Como explicou Leite (2019, p. 5), Beauzée vislumbrou marcos temporais, ou eixos, de *anterioridade, simultaneidade e posterioridade* pelos quais definiu o tempo verbal francês e, também, criou o método para explicar o tempo referido pela forma verbal reveladora do acontecimento de um evento, por projeção sobre um, ou alguns desses

eixos, sempre tendo como referência o momento do ato de fala. Dessa teoria, elaborada com base em critério *semântico pragmático*, Beauzée desliza para o critério *funcional sintagmático*, pelo estudo da correlação de modos e tempos na composição dos períodos.

Beauzée (1765, p. 96a), partindo do princípio de um conceito da astronomia física, segundo a qual o tempo é uma "sucessão relacionada à criatura", entende que o tempo "se torna a medida da existência sucessiva" e que essa mobilidade do tempo pode ser medida por "pontos fixos", que ele denomina "épocas". As formas verbais, simples ou compostas, exprimem as diversas relações de tempo com as diversas épocas que podem ser consideradas na duração do tempo. Assim, ele propõe uma divisão do tempo segundo três relações com a época de comparação: simultaneidade, anterioridade e posterioridade, como fica dito no seguinte trecho:

§. I. Primeira divisão geral dos tempos. A existência pode, em geral, ter três tipos de relações com a época de comparação: uma relação de simultaneidade, quando a existência é coincidente com a época; relação de anterioridade, quando a existência precede a época; e relação de posterioridade, quando a existência sucede a época. Disso, três espécies gerais de tempo, os presentes, os pretéritos e os futuros. (Beauzée 1765, p. 97)<sup>38</sup>

Sotero dos Reis não alcança a profundidade dessa teoria, mas chega a aplicar os esses três termos, *simultaneidade*, *anterioridade* e *posterioridade*, para analisar a correlação entre verbos de períodos compostos. Assim, explica que as orações que denomina "absolutas aproximadas", hoje chamadas coordenadas, têm verbos em "relação de simultaneidade". Então, o gramático explica:

Quando o periodo grammatical, ou phrase, consta unicamente de proposições absolutas aproximadas, os verbos d'estas, excepto em alguns casos especiaes que apontarei, estão sempre em *relação de simultaneidade*, e *põem-se todos no mesmo tempo*. (Sotero dos Reis 1871, p. 259)

Ao mesmo procedimento o gramático recorre para tratar das relações de anterioridade e posterioridade:

*Si o facto enunciado pelo verbo da proposição subordinada é anterior ao enunciado pelo verbo da principal*, põe-se o verbo da subordinada no preterito perfeito, ou no mais que perfeito do indicativo si o mesmo facto é positivo, do conjunctivo si condicional e hypothetico. (Sotero dos Reis 1871, p.262)

*Quando o facto enunciado pelo verbo da propoposição subordinada é um facto posterior ao enunciado pelo verbo da principal*, o verbo da subordinada põe-se, ou no futuro proprio do conjunctivo e modificações do futuro do presente e preterito do mesmo modo, si o facto é incerto e hypothetico ; ou no futuro imperfeito absoluto, e perfeito do indicativo, si é positivo ; ou no futuro do condicional, si é puramente condicional. (Sotero dos Reis 1871, p.265)

Cada relação vem analisada, no texto de Sotero dos Reis, em subitens intitulados com o nome da relação estabelecida entre os verbos das orações dos períodos: relação de simultaneidade, relação de anterioridade e relação de posterioridade.

---

<sup>38</sup> Traduzimos.

## Considerações finais

Outros tantos assuntos poderiam ser explorados para conhecimento da *Grammatica*, porém, o que se ofereceu neste artigo talvez tenha desenhado um panorama pelo qual o leitor possa se familiarizar com a obra para tirar o melhor proveito possível da leitura.

A análise, realizada "com os olhos do tempo", respeitadas suas dimensões temporal e espacial, visou a revelar aspectos teóricos pelos quais a *Grammatica portugueza* foi elaborada. Desse modo, mostrou como e por que o título faz referência a "princípios gerais da palavra", explorando, em certa medida, aspectos teóricos que a conectam com a *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* e com a teoria dos gramáticos enciclopedistas Du Marsais e Beauzée, além e, em certos pontos, se aproximar das ideias de Jeronymo Soares Barbosa.

Desse modo, buscou-se revelar como conhecimentos anteriores estão copresentes no texto de Sotero dos Reis e, igualmente, como esse gramático se valeu de seus conhecimentos antecedentes, que compõem seu *horizonte de retrospectão*, para realizar a descrição da língua portuguesa.

A análise de definições e classificações de partes da oração mostra, por meio dos critérios de análise propostos por Auroux (2014), o engajamento do gramático com a premissa racionalista. O verbo, por exemplo, é definido pelo critério *funcional lógico* e o artigo pelo *critério lógico semântico*. A relação da linguagem com o pensamento foi referida muitas vezes, como se vê claramente, por exemplo, na análise do verbo haver impessoal, em que se supõe um sujeito oculto, o que atende às máximas gerais da GGR, segundo as quais não há um sujeito sem verbo, nem um verbo sem sujeito.

Apesar de todas essas evidências, é preciso dizer que a *Grammatica* não representa inteiramente a teoria geral. A aplicação dos conceitos é bem superficial, o que fica evidente, por exemplo, na aplicação dos termos que indicam as relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade que, na teoria os tempos verbais mantêm com o momento do ato de fala. Sotero dos Reis, no entanto, usa os termos em sentido parcial, sintático, nas análises da correlação de verbos em períodos constituídos de orações coordenadas e subordinadas.

O caráter didático que o autor imprimiu à obra o levou a eliminar considerações teóricas, o que, sem dúvida, a respeito de muitos pontos, a descrição se torna difícil e quase incompreensível para quem não conhece a teoria geral. Muitos outros pontos exigem análise, por exemplo, os casos de "exceção à regra", devidos à incompatibilidade da teoria com o uso da língua, o que não foi possível explorar desta vez. Isso, então, deixa aberto um filão para novos estudos e pesquisas.

## Referências bibliográficas

### Fonte primária

REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica portuguesa accomodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediada appllicação pratica*. Maranhão: Typ. B. de Mattos, 1866.

REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica portugueza, accomodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediada appllicação pratica*. 2 ed. Maranhão: Typ. De R. de Almeida, 1871. Disponível em [http://ctlf.ens-lyon.fr/html5/t\\_texte.asp?t=829](http://ctlf.ens-lyon.fr/html5/t_texte.asp?t=829)

REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica portugueza, accomodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediada appllicação pratica*. 3ed. Maranhão: Magalhães & Cia., 1878. Acessível em [http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/20161215090336.pdf](http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20161215090336.pdf)

### Fontes secundárias

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*, avec un Essai sur l'origine et les progrès de la langue françoise, par M. Petitot, et suivie du commentaire de M. Duclos. Paris: Perlet, 1803. Acessível em [gallica.bnf.fr](http://gallica.bnf.fr)

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*, avec un Essai sur l'origine et les progrès de la langue françoise, par M. Petitot, et suivie du commentaire de M. Duclos. Paris: Bossange et Masson, 1810. Acessível em [gallica.bnf.fr](http://gallica.bnf.fr)

BARBOSA, Jeronymo Soares *Grammatica philosophica da lingua portugueza*. Lisbonne: Typographia de Academia das Sciencias, 1822. Edição semi-diplomática de Carlos Assunção & Gonçalo Fernandes, 2017, [http://ctlf.ens-lyon.fr/t\\_resul.asp?num=3317](http://ctlf.ens-lyon.fr/t_resul.asp?num=3317).

BEAUZÉE. Nicolas. *Syntaxe, (Gram.)*. In : Diderot, D. et D'Alembert, J. *L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. vol. XV (1765), p. 762<sup>a</sup>.

BEAUZÉE. Nicolas. *Pronom, (Gram.)*. In : Diderot, D. et D'Alembert, J. *L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. vol. XIII (1765), p. 449b-456a

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio de grammatica portugueza, para uso das Escolas de Primeiras Letras*. Maranhão: Tipografia Nacional, 1829.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*. 4<sup>a</sup> ed. Maranhão: Tipografia do Frias, 1859.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*. 6<sup>a</sup> ed. Maranhão: Na Livraria do Editor Antonio Pereira Ramos D'Almeida, 1877, in: [http://ctlf.ens-lyon.fr/t\\_resul.asp?num=3373](http://ctlf.ens-lyon.fr/t_resul.asp?num=3373).

DU MARSAIS, César Chesneau. *Détermination, en Grammaire*. In : Diderot, D. et D'Alembert, J. *L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. 1751-1772, vol. IV (1754).



DU MARSAIS, César Chesneau. Construction, terme de Grammaire. In : Diderot, D. et D'Alembert, J. *L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers.* , vol. IV (1754), p. 73a-92b.

PETITOT, M. Essai sur l'origine et le progrès de la langue Française. In : ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* 2ed. Paris : Bossange et Masson , 1810

REIS, Francisco Sotero dos. Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos, ou guia para a construcção portugueza. [Maranhão | São Luiz]: Typ B. De Mattos, 1863.

REIS, Francisco Sotero dos. Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos, ou guia para a construcção portugueza. [Maranhão | São Luiz]: s/l, 1868. Acessível em [http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/20161215090336.pdf](http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20161215090336.pdf)

REIS, Francisco Sotero dos. Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos, ou guia para a construcção portugueza. 3ed. s.l, 1871. Acessível em: [Versão incompleta, faltam as páginas 30, 31, 64, 65, 72, 73, 76, 77, 84, 85, 192, 193, 198.] [http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/20170102115449.pdf](http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20170102115449.pdf)

## Estudos

AUROUX, Sylvain. (2006) Les Méthodes d'Historicisation. *Histoire, Epistémologie, Langage*, t. XXVIII, f. 1.

AUROUX, Sylvain. (2014). *A revolução tecnológica da gramatização*. 3ed. Trad. do francês por Eni Orlandi. Campinas, SP: UNICAMP.

LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873, vol1., p. 121-183.

LEITE, Marli. Quadros.; PELFRENE, Arnaud (orgs.). *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Padre Antonio da Costa Duarte (6ª edição - 1877). São Paulo: FFLCH, 2018. ISBN 978-85-7506-317-0 <https://doi.org/10.11606/9788575063170>

LEITE, Marli. Quadros. *Anotações sobre o Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, de Padre Antonio da Costa Duarte*. In: LEITE, Marli. Quadros.; PELFRENE, Arnaud (orgs.). *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Padre Antonio da Costa Duarte. (6ª edição - 1877). São Paulo: FFLCH, 2018, p. 14-35 ISBN 978-85-7506-317. <https://doi.org/10.11606/9788575063170>

LEITE, Marli. Quadros.; PELFRENE, Arnaud (orgs.). *Breve Compendio de Grammatica Portugueza: organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alumnos*, de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1ª edição - 1876). São Paulo: FFLCH, 2018. ISBN 9788575063378 | DOI <https://doi.org/10.11606/9788575063378>

LEITE, Marli Quadros; CAMPOS, Maria. Inês (orgs.) Um convite à história das ciências da linguagem, *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1-22, jan.-abril 2019

NERES, José. O estudo da literatura no Maranhão no século XIX pelos livros didáticos. *Atas do III Simpósio da História do Maranhão Oitocentista*. Impressos no Brasil do século XIX. Maranhão: UEMA, 2013. ISSN 2236-9228.

NOGUEIRA, Sônia; BASTOS, Neusa. Língua Portuguesa no Maranhão: Um percurso historiográfico do século XIX. *Linha D'Água*, (17), (2005). 49-64.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i17p49-64>

MELO, Carlos Augusto de. *A formação das histórias literárias no Brasil: as contribuições de Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876), de Ferdinand Wolf (1796-1866) e Sotero dos Reis (1800-1871)*. Campinas: Unicamp, 2009. (Tese de doutorado)

MELO, Carlos Augusto de. A revisão da história e da historiografia literária brasileira oitocentista: o resgate crítico do Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira, de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871). *Nonada: Letras em Revista*, vol. 2, núm. 21, outubro, 2013. Disponível em:  
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671005>

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional: s.l. Acessível em  
<http://redememoria.bn.br/wp-content/uploads/2011/12/historia-da-literatura-brasileira.pdf>

[Grammatica Portugueza...]

GRAMMATICA  
**PORTUGUEZA**

ACCOMMODADA AOS PRINCIPIOS GERAES DA PALAVRA SEGUIDOS  
DE IMMEDIATA APPLICAÇÃO PRATICA,

COMPOSTA

POR

**FRANCISCO SOTERO DOS REIS,**

PROFESSOR JUBILADO DE LINGUA LATINA,

E

PROFESSOR DA MESMA LINGUA E DE LITTERATURA

NO

INSTITUTO DE HUMANIDADES

DA

PROVINCIA DO MARANHÃO,

DEDICADA PELO AUCTOR

AO DIRECTOR DO MESMO INSTITUTO

**O DR. PEDRO NUNES LEAL.**

SEGUNDA EDIÇÃO,

Revista, corrigida e annotada

POR

**Francisco Sotero dos Reis Junior**

E

**Americo Despuccio dos Reis.**

MARANHÃO.

Typ. de R. d'Almeida & C., Editores e proprietarios  
desta edição—Rua da Palma n. 3.

1871



## Ao público

A « Grammatica Portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação prática », composta por Francisco Sotero dos Reis, a qual desde o seu apparecimento foi logo saudada por todos como um dos melhores compendios grammaticaes da Lingua Portugueza, não teve ainda hoje outra que se lhe avantajasse, e nem ao menos se lhe pudesse equiparar, não só na concisão, clareza e perfeição do estylo, mas

**Pag. I**

também na perspicuidade e precisão das definições e regras doutrinaes ; por isso, acha-se ella com justiça adoptada nas aulas públicas das principaes provindas do Imperio. Com tal acolhimento tem sido tão grande a procura dos exemplares de sua primeira edição, que ficou ésta completamente esgotada, a ponto de não restar nas livrarias d'esta provincia mais um só exemplar á venda.

Em semelhante conjunctura, nós, filhos e herdeiros do Auctor, os unicos a quem como taes cabe presentemente o direito de reimprimir as suas producções, julgámos conveniente dar a toda a pressa uma segunda edição de tão util quão excellente obra, e resolutos mettêmos hombros á empreza, com a mira menos no interesse que d'ahi nos poderia provir, do

**Pag. II**

que na satisfação d'alma, que nos causaria o cumprimento de tão grato dever.

Contractámos, pois, com os Senrs. Antonio Pereira Ramos de Almeida & C.<sup>a</sup> a impressão e publicação da segunda edição da « Grammatica Portugueza accommodada aos principios geraes da palavra », ficando elles como editores e proprietarios da mesma edição, e nós como os revisores e annotadores da obra.

Em trabalho de tal ordem e de tanto momento, sem dúvida superior ás nossas fôrças, fômos guiados e aconselhados pelo Senr. Luiz Carlos Pereira de Castro, distincto professor de grammatica da Lingua Portugueza no Lycêo d'esta Cidade, e, a nosso vêr, um dos mais abalisados mestres da disciplina hoj'em dia ; o qual, como nosso amigo particular, e como

**Pag. III**

amigo e discipulo que foi do Auctor, prestou-se de bom grado a auxiliar-nos com suas luzes em tarefa tão espinhosa, e que demanda por certo conhecimentos profundos e especiaes da materia.

Como o diz o Auctor no final dos « Prolegomenos », e nós o confirmamos, foi ésta grammatica feita por partes, indo os originaes para o prelo á medida que iam sendo compostos, e isto mesmo com grandes e repetidas interrupções, porque a esse tempo achava-se elle com outros trabalhos litterarios entre mãos. Assim, não é de admirar que a primeira edição sahisse com alguns pequenos defeitos, os quaes entretanto foram na sua mór parte resalvados na errata.

N'esta segunda edição que damos a lume,

**Pag. IV**

foi nosso principal intento expurgar a obra dos senões apontados, já corrigindo os erros typographicos da primeira, já tornando mais completos e perfeitos alguns tópicos, já finalmente esclarecendo por meio de notas alguns outros.

Quanto á orthographia e á pontuação, conservámos as do Auctor, procurando tão somente uniformisal-as.

Sob a poderosa égide do Senr. Luiz Carlos, com cuja auctoridade supprimos a nossa deficiencia, chegámos emfim ao cabo da empreza. Tanto n'uma, como n'outra daquellas partes, presumimos haver conseguido alguma cousa, melhorando a grammatica de que tractamos ; si bem estejamos convencidos de que, no que respeita á orthographia e á pontuação,

**Pag. V**

apesar dos nossos esforços, muito ha ainda que retocar, pois a urgencia e celeridade da impressão não deram logar a uma revisão das provas mais demorada e reflectida, como era mister.

Maranhão 13 de Novembro de 1871.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS JUNIOR.

AMERICO VESPUCIO DOS REIS

**Pag. VI**

# Prolegomenos

A *Grammatica* divide-se em *Grammatica Geral* e *Grammatica Particular*.

« A *Grammatica Geral* é a sciencia dos principios immutaveis e geraes da palavra pronunciada ou escripta em todas as linguas. »

« A *Grammatica particular* é a arte de applicar aos principios immutaveis e geraes da palavra as instituições arbitrarías e usuaes de qualquer lingua. »

Tal é a bella e succinta definição que nos dá da *Grammatica* com a distincção sobredita o profundo grammatico Du Marsais, que a fundamenta com as

**Pag. V**

seguintes razões, que para aqui transcrevo da introducção ás minhas *Postillas Grammaticaes*, onde as inseri : —

« A *Grammatica Geral* é uma sciencia, porque tem por objecto a especulação razoada dos principios immutaveis e geraes da palavra ; a *Grammatica Particular* é uma arte, porque respeita á applicação pratica das instituições arbitrarías e usuaes de qualquer lingua aos principios geraes da palavra. A sciencia grammatical é anterior a todas as linguas, porque seus principios são de eterna verdade, e suppõem a possibilidade das linguas : a arte grammatical pelo contrario é posterior ás linguas, porque os usos destas devem preceder á sua applicação artificial aos principios geraes. Não obstante esta distincção da sciencia e da arte grammatical, não pretendemos insinuar que se deva ou possa separar o estudo de uma do de outra. A arte nenhuma certeza poderá dar á pratica, si não fôr esclarecida e dirigida pelas luzes da especulação ; a sciencia nenhuma consistencia poderá dar á theoria, si não observar os usos combinados e as differentes praticas, para leval-a por grãos á generalisação de principios. Mas nem por isso é menos razoavel distinguir uma da outra ; assignar a cada uma seu objecto proprio ; prescrever-lhes

**Pag. VI**

os respectivos limites, e determinar-lhes a differença. »

*Grammatica Portugueza*, pois, é a arte de applicar aos principios immutaveis e geraes da palavra os usos e idiotismos da lingua portugueza.

A *Grammatica* que dou á luz publica, não é senão o desenvolvimento da doutrina que dimana desta definição. Procurei simplifical-a o mais possivel na theoria, subordinando os usos especiaes da lingua só aos principios geraes de eterna verdade, porque o methodo e a clareza não teem maior inimigo do que a multiplicidade das regras, que só serve de embarçar o alumno sem explicar-lhe cousa alguma. Acompanhei a theoria da pratica, dando logo immediata applicação aos principios invocados com exemplos que os comprovassem, porque assim se arraigão elles melhor no espirito, que não pode duvidar de sua solidez. Trabalhei por ser claro para poder ser comprehendido, porque sem clareza, qualidade essencial em

tratados deste genero, nunca conseguiria fazer com que o meu trabalho aproveitasse á mocidade estudiosa, que é o fim que levo em vista.

*Grammatica portugueza* tambem se pode definir a arte de fallar e escrever correctamente a lingua portugueza.

## Pag. VII

N.B. A Grammatica de Port Royal, generalizando, define a Grammatica. « Arte de fallar. » Esta é a definição da Grammatica mais concisa que conhecemos, porque, *Fallar*, abrange tudo o mais.

Divide-se a Grammatica em quatro partes, que são : Etymologia, Syntaxe, Orthographia, Prosodia.

*Etymologia* é a parte da grammatica que ensina a conhecer a natureza e origem das palavras.

*Syntaxe* é a parte da grammatica que ensina a coordenar as palavras e as proposições.

*Orthographia* é a parte da grammatica que ensina a escrever as palavras correctamente.

*Prosodia* é a parte da Grammatica que ensina a pronunciar as palavras correctamente.

Na composição desta Grammatica dei muito mais desenvolvimento á *Etymologia* e á *Syntaxe*, do que á *Orthographia* e á *Prosodia*, porque as duas primeiras partes, que constituem a base de toda a sciencia grammatical, devem ser essencialmente especulativas e praticas ; e porque as duas ultimas, em que impera muito mais o uso modificável, do que a especulação dos principios, devem por sua natureza ser eminentemente praticas. O consenso unanime de quasi todos os grammaticos antigos e modernos vem em apoio desta opinião, que é tão velha como a Grammatica.

## Pag. VIII

*As palavras* são signaes com que, quando destacados, representamos as simples noções das cousas, e, quando combinados em enunciados ou proposições, as mais operações do espirito ; o que pode ser tambem representado, posto que muito mais imperfeitamente, pelos gestos, e ainda por outras combinações intellectuaes.

D'ahi a divisão da linguagem em linguagem de sons articulados, a que consta de palavras, e linguagem de acção, a que consta de gestos. Escusado é dizer que a linguagem dos sons articulados é a unica que nos occupa neste tratado.

Uma lingua pois, quando se toma esta palavra em sentido figurado, ou no de idioma de um povo, não é mais do que um systema de signaes, o qual pode ser mais ou menos completo, segundo a lingua se acha mais ou menos aperfeiçoada.

As palavras são de duas especies, palavras variaveis, e palavras invariaveis.

São palavras variaveis : — o nome, o pronome, o adjectivo, o verbo.

São palavras invariaveis : — a conjuncção, a preposição, o adverbio, a interjeição.

As partes da oração, pois, nome que tambem se dá ás palavras, devem ser tantas, quantas são as palavras variaveis e invariaveis ; isto é, oito.



N.B. É de notar, porem, que nem todos os grammaticos estão de accordo sobre este ponto que parecia não dever soffrer contestação, porque alguns, encarando a questão de diversa maneira, ou as elevão a mais, ou, as reduzem a menos. Quintiliano, por exemplo, entre os antigos, reduz as partes da oração a tres : — *Nome, verbo e conjuncção*. Esta mesma opinião foi seguida pelo moderno grammatico Tracy.

As relações entre as palavras de que se compõe a proposição, assim como as relações entre as proposições de que se compõe o discurso, ou são de nexos, ou de concordancia, ou de dependencia e subordinação.

As relações de nexos são determinadas, ou pela conjuncção de aproximação ligando palavras e proposições, ou pela preposição ligando um termo subsequente a outro antecedente, ou pelo verbo ligando os outros dois termos da proposição.

As relações de concordancia são determinadas, ou pela fórma especial que ordinariamente toma o adjectivo para concordar com o nome, ou pela fórma especial que sempre toma o verbo para concordar com o sujeito, ou pela simultaneidade dos tempos dos verbos das proposições que formão o periodo grammatical, quando não se dá entre elles

a relação de anterioridade ou posterioridade, porque então a concordancia é mais complicada.

As relações de subordinação são determinadas, ou pelo complemento que indica a subordinação de uma palavra á outra, ou pela conjuncção de subordinação que indica a subordinação de uma proposição á outra, ou pelos adjectivos conjunctivo e interrogativo e adverbios postos por elles, ou pelo verbo no participio, ou pelo verbo no infinito, os quaes todos indicão a subordinação de uma proposição á outra.

Tudo mais encontrará o alumno definido e explicado no corpo desta grammatica, a qual, si sahio com algumas imperfeições, merece desculpa, porque os originaes erão mandados para a imprensa á medida que ião sendo compostos, e isto com frequentes interrupções.

# Etymologia.

## *Nome substantivo*

### I. [NOME SUBSTANTIVO : DEFINIÇÃO]

Nome *substantivo* é o que designa a substancia que se nomeia, pessoa ou cousa, como *Deus, natureza* : é o sujeito por excellencia. Diz-se que subsiste por si só, porque não suppõe a existencia de outra palavra para figurar no discurso.

Divide-se o nome substantivo em proprio ou particular, e appellativo ou commum.

Nome *proprio* ou *particular* é o que designa a pessôa, ou a cousa individualmente, como *Colombo, America*. Diz-se que pertence a uma só pessoa ou cousa, porque exprime uma ideia individual : assim *Colombo* é um homem certo e determinado ; *America*, uma grande divisão da terra, ou um continente certo e determinado.

Nome *appellativo* ou *commum* é o que designa a pessôa, ou a cousa genericamente, como *homem, arvore*

**Pag. 1**

Diz-se que compete a muitas pessôas ou cousas, porque exprime uma ideia geral, ou de classe : assim *homem* é qualquer homem ; *arvore*, qualquer arvore.

### II. [NOME SUBSTANTIVO : CLASSIFICAÇÃO]

O nome substantivo divide-se tambem em masculino e feminino.

Nome *masculino* é o que designa individuo do reino animal de sexo masculino, racional ou irracional, como *Antonio, leão* ; nome *feminino*, o que designa individuo de sexo feminino, como *Amelia, pomba*.

O substantivo varia na terminação, segundo significa macho ou femea, como se vê nestes exemplos : *Antonio m., Antonia f. ; leão m., leôa f.*

Esta propriedade, que tem o substantivo de designar o individuo com a sua differença especifica, chama-se genero do nome.

Quando o substantivo significa cousa inanimada accommoda-se pela terminação ao genero masculino ou feminino : assim *ceo, livro*, são do genero masculino, porque teem terminação semelhante aos nomes de animaes machos ; *terra, agua* do genero feminino, porque a teem semelhante aos nomes de animaes femeas.

**Pag. 2**

N.B. Ha com tudo alguns nomes de animaes, como, *aguia, cobra*, que não teem terminação generica em caso tal diz-se, para exprimir o genero, a *aguia macho*, a *aguia femea*, ou o *macho da cobra*, a *femea da cobra*.

### III. [NOME APPELLATIVO]

O nome appellativo ou commum tem singular e plural, ou subdivide-se em nome do singular e nome do plural.

É nome do singular quando significa uma só pessoa ou cousa, como *mãe, livro* ; nome do plural, quando significa muitas pessoas ou cousas, como *mães, livros*.

O appellativo varia no plural que se fórma do singular, acrescentando-se-lhe um – *s*, quando o singular termina por vogal, como de *livro, livros* ; ou um – *es*, quando termina por consoante, como de *amor, amores* ; ou um – *eis*, convertendo-se a consoante em vogal, quando é – *l*, como de *capitel, capiteis* ; ou com leve alteração um – *ns*, quando a consoante por que termina é, *m*, como de *ordem, ordens* ; ou um simples – *s*, quando a consoante é, *n*, como de *regimen, regimens*, ou mudando o *n* em, *s*, *regimes*.

**Pag. 3**

Esta propriedade, que tem o appellativo de designar um só individuo ou cousa, e muitos individuos ou cousas, chama-se numero do nome.

O appellativo tambem envolve no singular a idea de plural, quando significa reunião de individuos, e collecção de cousas, como *povo, livraria*, e chama-se então appellativo colectivo. Mas ao mesmo nome colectivo se dá igualmente plural numerico, como á *povo, póvos* : á *livraria, livrarias* ; isto, porque a collecção pode ser uma, como *povo romano*, ou muitas, como *diversos póvos*.

O appellativo colectivo divide-se em geral e partitivo.

*Collectivo geral* é o que exprime a idea geral de um todo completo, como *exercito, assembléa*.

*Collectivo partitivo* é o que exprime a idea de parte de um todo completo, como *trosso de exercito, maioria ou minoria de assembléa*.

N.B. O nome proprio só tem singular, porque exprime uma idea individual : assim quando se diz *os Camões, os Vieiras*, estes nomes ficão como appellativados pelo artigo, pois dizer, *os Camões*, é o mesmo que dizer os poetas como *Camões* ; *os Vieiras*, os oradores como *Vieira*.

**Pag. 4**

#### IV. [GRÁOS DO NOME]

O nome substantivo admite dois grãos de significação, que modificão a sua significação positiva, um augmentativo, outro diminutivo.

*Grão augmentativo* é o que exagera a significação positiva do nome, formando por exemplo de *homem*, *homenzarrão* ; de *sala*, *salão*.

*Grão diminutivo* é o que attenúa a significação positiva do nome, formando por exemplo de *homem*, *homenzinho*, *homúnculo*, *homemzito* ; de *sala*, *salinha*, *saleta*, *salita*.

O nome proprio admite os mesmos grãos de significação, que o appellativo, pois de *Gonçalo* se fórma *Gonçalão*, de *Anna*, *Anninha* ou *Anninhas*, *Anicota*, *Anniquinha*, *Anniquita*. Ha porem ésta differença, que nelle é frequentissimo o grão diminutivo, que se emprega a cada passo, com especialidade nos nomes de individuos da especie humana, e rarissimo o augmentativo, que poucas vezes se usa.

N.B. O professor augmentará o numero de exemplos aqui produzidos, quando fôr conveniente para bem gravar na mente do escolar as diversas propriedades do nome substantivo, porque só me limito a noções grammaticaes deduzidas dos principios geraes de grammatica.

Pag. 5

### *Pronome pessoal.*

#### I. [PRONOME PESSOAL : DEFINIÇÃO E VARIAÇÃO]

*Pronome pessoal* é, como o está dizendo a fôrça dos termos, o que se põe em logar do nome, ou do sujeito, indicando ao mesmo tempo a pessoa grammatical deste, ou o papel que elle representa no discurso.

As pessoas grammaticaes comprehendem não só os individuos de nossa especie, que são as pessoas por excellencia, mas ainda, por extensão, os irracionaes, e as mesmas cousas inanimadas

São taes pessoas unicamente tres : a *primeira*, ou aquella que falla ; a *segunda*, ou aquella a quem se falla ; a *terceira*, ou aquella de quem se falla.

Tres são tambem os pronomes que as indicão, *eu*, *tu*, *elle*, ou *ella*, os quaes estão, alem disso, representando sempre *alguem* ou *alguma cousa*.

Ha ainda um quarto pronome, *se*, que é como reflexo dos tres primeiros, porque, quando entra no discurso, refere-se sempre a esse *alguem*, ou a *essa alguma cousa*, que elles representão. D'ahi lhe vem o nome de reflexivo, por que é mais geralmente conhecido.

Exemplo da primeira pessoa grammatical : « *Eu*

Pag. 6

escrevo fabulas » ; isto é, « *eu*, *João La Fontaine*, escrevo fabulas. »

Exemplo da segunda : « *Tu* me turvas a agua » ; isto é, « *tu, ó cordeiro, me turvas a agua.* »

Exemplo da terceira : « *A virtude* é adoravel : *ella* brilha em qualquer estado da vida » ; isto é, « *ella a virtude, brilha em qualquer estado da vida.* »

## II. [PRONOME PESSOAL : GENERO E DECLINAÇÃO]

O pronome pessoal é sempre do genero do sujeito que representa : por isso ora toma o masculino, ora o feminino, sem variar de terminação na primeira e na segunda pessoa : varia, porem, na terceira.

Exemplos do primeiro e segundo caso : *eu* Antonio, *eu* Joanna ; *Tu* Francisco, *tu* Josefa.

Exemplo do terceiro caso : *Elle* José ; *Ella* Maria.

Tem este pronome numero singular e plural como o nome e alem disso casos com que exprime as suas relações de dependencia com as outras palavras, e declina-se pela seguinte maneira.

### Primeira pessoa.

*N. S.* | *Eu, me, mim, migo.*

*N. P.* | *Nós, nos, nôsco.*

Pag. 7

### Segunda pessoa.

*N. S.* | *Tu, te, ti, tigo.*

*N. P.* | *Vos, vos, vôsco.*

### Terceira pessoa.

*N. S.* | *Elle, ella, lhe.*

*N. P.* | *Elles, ellas, lhes.*

O reflexivo, *se*, serve para ambos os numeros :

*N. S. e P.* | *Se, si, sigo.*

Esta differente terminação do pronome pessoal em cada numero é o que se chama, *caso*. Divide-se este em recto e obliquo. Nos pronomes da 1a, 2a e 3a pessoa o caso recto é o primeiro de cada numero, e representa o sujeito : todos os mais são obliquos, e servem de complementos.

O reflexivo *se*, não tem caso recto, por isso não representa o sujeito, e só a elle se refere.

## Nome adjectivo.

### I. [NOME ADJECTIVO]

*Nome adjectivo* é, como sôa a palavra, um nome

Pag. 8

que se ajunta ao substantivo, ou para *qualificar*, ou para *determinar* a pessoa ou cousa por elle designada : é uma especie de accessorio do substantivo, com o qual concorda em genero e numero, e sem o qual não figura no discurso, porque não tem objecto.

A concordancia do adjectivo com o substantivo verifica-se, variando o adjectivo ordinariamente na terminação accommodada ao genero e numero do substantivo, como se vê nestes exemplos : *homem robusto, mulher robusta ; homens robustos, mulheres robustas ; este homem, esta mulher, estes homens, estas mulheres*. Quando porem o adjectivo tem uma só terminação para o masculino e feminino, varia unicamente no numero, como se vê n'est'outro exemplo : *homem célebre, mulher célebre, homens célebres, mulheres célebres*

O plural do adjectivo forma-se da mesma maneira, que o do substantivo, acrescentando-se um *-s*, quando o singular termina por vogal, e um *-es*, quando o singular termina por consoante. Quando, porem, o adjectivo termina em *-el*, no singular, muda o *-l* em *-is* ; quando termina em *-il*, breve, muda essa terminação em *-eis* ; quando termina em *-il* longo, muda apenas o *-l* em *-s* ; e quando termina em *-um*, o que é rarissimo no substantivo, só admite um *-s* no plural, como se vê

Pag. 9

em *commum, communs*, convertendo o *m* em *n*.

O adjectivo *qualifica* quando exprime alguma qualidade da pessoa ou cousa designada pelo substantivo, como se vê nestes exemplos : *homem prudente, rocha dura* : aqui o adjectivo, *prudente*, exprime uma qualidade accidental ao homem, que pode ser ou deixar de ser prudente : o adjectivo, *dura*, exprime uma qualidade inherente á rocha, que por sua natureza é dura.

O adjectivo *determina* quando indica de uma maneira positiva a pessoa ou cousa designada pelo substantivo, como se observa nos seguintes exemplos. *este homem, aquella casa* : aqui o adjectivo, *este*, determina a posição de um certo homem em relação a quem falla, ou a outros homens : o adjectivo, *aquella*, determina igualmente a de uma certa casa em relação a quem aponta, ou a outras casas.

D'ahi a divisão do adjectivo em qualificativo e determinativo. Assim :

### II. [ADJECTIVO QUALIFICATIVO : CLASSIFICAÇÃO E FLEXÃO]

*Adjectivo qualificativo* é o que exprime a qualidade do objecto significado pelo substantivo a que se junta : é o attributo por excellencia. D'ahi lhe vem tambem o nome de *attributivo*.

Divide-se o adjectivo qualificativo em explicativo e restrictivo : é *explicativo*, quando a qualidade que exprime, é inherente ao objecto, como , *homem mortal* ; *restrictivo*, quando a qualidade que exprime, é somente accidental ao objecto, como *homem prudente*.

Conhece-se si a qualidade expressa pelo adjectivo é *inherente*, ou meramente *accidental* ao objecto, supprimindo-se o adjectivo ; porque no primeiro caso não ha offensa de sentido, no segundo ha.

Exemplo do primeiro caso :

« O homem *mortal* vive sobre a terra vida transitoria. » Supprima-se aqui o adjectivo *mortal*, e não ha a menor offensa de sentido, porque a proposição fica sempre verdadeira, sendo que todo o homem vive neste mundo vida transitoria ou passageira, e só no outro gozará da perduravel ou eterna.

Exemplo do segundo caso :

« O homem *prudente* sabe regular bem a sua vida. » Supprima-se aqui o adjectivo *prudente*, e fica viciado o sentido, porque a proposição torna-se falsa, sendo que nem todo homem sabe regular bem a sua vida, mas só o que é prudente.

Tem o *qualificativo* ou duas terminações genericas no singular e no plural, como *bello m, bella f*,

*bellos m, bellas f*, ou uma só em cada numero, como *sagaz m e f, sagazes m e f*.

Facil é conhecer quando este adjectivo tem duas terminações genericas, ou uma só, juntando-o em qualquer dos numeros á um substantivo masculino, e a outro feminino, e com especialidade a estes dois, *homem, mulher*, como aqui : Livro *novo*, casa *nova* ; trages *usuaes*, conversações *usuaes* ; homens *bons*, mulheres *bôas* ; homem *perspicaz*, mulher *perspicaz*.

Admitte o qualificativo dois grãos de significação encarecida, que lhe alterão a significação positiva para mais, ou para menos : d'ahi a sua divisão em positivo, comparativo, superlativo.

Exemplo do qualificativo com os grãos da significação encarecida para mais :

*Sabio pos., mais sabio comp., muito sabio, ou o mais sabio, ou sapientissimo superl.*

Exemplo do qualificativo com os grãos da significação encarecida para menos :

*Forte pos., menos forte comp., pouco forte ou o menos forte superl.*

O positivo exprime a qualidade simplesmente : o comparativo, comparando-a vantajosa ou desvantajosamente com outra : o superlativo, levando-a ao último grão de encarecimento para mais ou para menos.

O *comparativo* é sempre o primeiro termo de uma comparação, cujo segundo termo pode estar claro ou occulto no discurso, porque o primeiro suppõe em todo caso o segundo.

Exemplo do comparativo com o segundo termo da comparação claro :

« Será *mais afamada*, que *ditosa*. »

Exemplo do comparativo com o segundo termo da comparação occulto :

« *Foi menos feliz da segunda vez.* »

No segundo exemplo deve subtender-se : « *Que foi feliz da primeira vez* », ou simplesmente, « *que o foi da primeira, ou que da primeira.* »

N.B. A ligação do segundo com o primeiro termo faz-se pela conjuncção *que*, ou a locução *do que*.

O *superlativo* pode ser absoluto ou relativo : é *absoluto*, quando exprime encarecimento absoluto, como *muito bravo, bravissimo* : *relativo*, quando exprime encarecimento relativo, como *o mais bravo de todos*, ou *só, o mais bravo*.

Melhor se conhecerá isto nos seguintes exemplos :

« *Este soldado é mui bravo, ou bravissimo.* »

« *Este capitão é o mais bravo de todos os do exercito.* »

**Pag. 13**

No primeiro exemplo, que é o mesmo que, *este soldado é soldado mui bravo, ou bravissimo*, a bravura do soldado é levada ao superlativo, mas considerada só nelle isoladamente, e sem relação á bravura de outros soldados, ou individuos da mesma classe.

No segundo, que é o mesmo que, *este capitão é o capitão mais bravo de todos os capitães do exercito*, a bravura do capitão é levada ao superlativo, como no primeiro caso, mas considerada nelle com relação á bravura dos outros capitães do exercito, ou como uma bravura superior á dos outros capitães do exercito, ou individuos da mesma classe.

Distingue-se pois o superlativo relativo do absoluto, porque pede um termo de relação, o qual tambem pode estar occulto, porque o artigo que se junta ao comparativo para formar este superlativo, desperta em nós a idéa de individuo, e ésta a da classe, em que o grupamos.

Exemplos :

« *Este estudante é o menos applicado.* »

« *Esta flôr é a mais bella.* »

No primeiro exemplo deve subentender-se : « *Entre os outros estudantes, ou simplesmente, entre outros da classe* » ; no segundo : « *De todas as flores, ou simplesmente ; de todas.* »

**Pag. 14**

O mesmo superlativo absoluto torna-se relativo, juntando-lhe o artigo, como se observa me, *o miserrimo dos homens, a formosissima entre as mulheres*.

N.B. A preposição que liga o termo de relação ao superlativo relativo é sempre, *de*, ou *entre*.

Forma-se o comparativo juntando-se ao positivo os adverbios, *mais*, e *menos*, como nos dois primeiros exemplos produzidos, excepto quando o adjectivo tem comparativo proprio, o que é rarissimo na nossa lingua.



Eis os poucos adjectivos que teem comparativos proprios : *grande* pos., *maior* ou *mór* comp. ; *pequeno* pos., *menor* comp. ; *bom* pos., *melhor* comp. ; *máo* pos., *peior* comp. ; *muito* pos., *mais* comp. ; *pouco* pos., *menos* comp.

Quando porem o comparativo é o primeiro termo de uma comparação, não de superioridade ou inferioridade, mas de igualdade, forma-se juntando-se ao positivo o adverbio, *tão*, como se vê no seguinte exemplo :

« Era *tão formosa* como *discreta*. »

N.B. Neste caso a ligação do segundo com o primeiro termo faz-se pela conjucção, *como*, ou *quanto*.

O superlativo forma-se juntando-se ao positivo

**Pag. 15**

os adverbios, *muito*, e *pouco*, ou o artigo ao comparativo, como nos dois primeiros exemplos produzidos ; isto não obstante ter o positivo superlativo proprio, pois todo o qualificativo o tem, ou pode ter.

N.B. Os adverbios, *muito*, e *pouco*, tambem podem ser superlativos, quando se juntão ao positivo, como se vê em, *muitissimo feio*, *pouquissimo liberal* ; mas isto só é frequente em linguagem familiar.

O superlativo proprio forma-se, juntando-se, *issimo*, ao positivo, a que se faz alguma leve alteração na terminação, ou não. Assim se fórma por exemplo : de *alto*, *altissimo* ; de *suave*, *suavissimo* ; de *branco*, *branquissimo* ; de *gago*, *gaguissimo* ; de *tenaz*, *tenacissimo* ; de *admiravel*, *admirabilissimo* (a antiga terminação d'este adjectivo, assim como a de todos em *vel*, era em *bil*, e d'ahi o superlativo) ; de *commum*, *communissimo* ; de *habil*, *habillissimo* ; de *singular*, *singularissimo* ; de *crú*, *cruissimo*.

Ha duas excepções a esta regra :

1.<sup>a</sup> Quando o adjectivo portuguez vem de adjectivo latino, cuja terminação masculina do singular é em, *er*, como, *miser*, (de miser), *integro* (de integer), *salubre* (de saluber), ou de adjectivo latino, cuja terminação masculina e feminina do singular é em, *bris*, como, *célebre* (de celebris), aportugueza-se

**Pag. 16**

unicamente o superlativo em, *rimus*, do adjectivo latino.

Assim se fórma por exemplo : de *miser*, *miserrimo* ; de *integro*, *integerrimo* ; de *salubre*, *saluberrimo* ; de *célebre*, *celeberrimo*.

2.<sup>a</sup> Quando o adjectivo portuguez vem de adjectivo latino, cuja terminação masculina e feminina do singular é em, *ilis*, como, *facil* (de facilis), *humilde* (de humilis), *semelhante* (de similis), aportugueza-se igualmente o superlativo em, *imus*, do adjectivo latino.

Assim se fórma por exemplo : de *facil*, *facilimo* ; de *humilde*, *humilimo* ; de *semelhante*, *similimo*.

N.B. Isto quanto á formação apparente e material ; porque em ultima análise o que se junta ao positivo com o acrescimo do *s*, ou *r* dobrado, é o superlativo contracto, *imo*, *ima*, derivado do superlativo latino tambem contracto, *imus*, *ima*, *imum*, como se vê mui claramente em, *facilimo*, a que nada se acrescenta.

Ha porem adjectivos que teem dois superlativos, um portuguez, outro latino aportuguezado, e taes são entre outros :

*Grande, que faz, grandissimo, ou maximo.*

*Pequeno, ... pequenissimo, ou minimo,*

*Bom, ... bonissimo, ou optimo.*

**Pag. 17**

*Máo, ... malissimo, ou pessimo.*

*Aspero, ... asperissimo, ou asperrimo.*

*Pobre, ... pobrissimo ou pauperrimo.*

*Humilde, ... humilissimo, om humilimo.*

*Semelhante, ... semelbantissimo, ou similimo.*

N.B. O professor terá cuidado de dar ao alumno um quadro completo destes diversos superlativos.

O *qualificativo* divide-se ainda em verbal, participio, e patrio ou gentilico.

*Adjectivo verbal* é o que vem de verbo, como *amante, temente, vindouro, perecedouro.*

N.B. O adjectivo verbal da primeira fôrma apontada é, como mostraremos em logar competente, o attributo grammatical, que com o verbo, *ser*, fôrma o verbo attributivo, e tão encravado se acha muitas vezes no verbo, que na terceira conjugação quasi nunca se destaca delle.

*Adjectivo participio* é o que participa dos tempos do verbo e faz as funcções de nome adjectivo, como, *amado, cedido, unido.*

*Adjectivo patrio* ou *gentilico* é o que exprime nacionalidade, como *brazileiro, portuguez, francez.*

### III. [ADJETIVO : ARTIGO ; ADJETIVO DEMONSTRATIVO, CONJUNTIVO, PARTITIVO, NUMERAL, QUANTITATIVO, POSSESSIVO, PRONOMINAL]

*Adjectivo determinativo* é o que indica de um

**Pag. 18**

modo positivo o objecto significado pelo substantivo a que se junta : é um simples mostrador do attributo occulto, quando está por elle, visto que não exprime qualidade.

Divide-se este adjectivo em articular, conjunctivo, interrogativo, numeral, quantitativo, possessivo, e pronominal.

*Adjectivo articular* é o que determina indicando o genero, a especie, o logar, a identidade, a distribuição. Comprehende ésta divisão o artigo propriamente dito e o adjectivo demonstrativo que ou mais ou menos faz as suas vezes.

O artigo divide-se em definido e indefinido.

*Artigo definido* é o que, posto antes do nome, indica o objecto por este significado, individualizando-o de modo certo, como, « *o mestre* », que vale o mesmo que, *um individuo determinado da classe dos mestres : indefinido*, o que, posto antes do nome, indica o objecto por este significado, individualizando-o só de modo vago, como, « *um mestre* », que vale o mesmo que, *um individuo indeterminado da classe dos mestres*.

Isto melhor se conhecerá nos seguintes exemplos :

« *O mestre* explica assim. »

« *Um mestre* aprende ensinando. »

**Pag. 19**

No primeiro exemplo, *o mestre* (suppondo-se que é algum dos seus alumnos quem emitta a proposição), é o nosso mestre : no segundo, *um mestre* (emitta quem emittir a proposição) é qualquer mestre.

Fórma S. e P. do artigo definido : *O, m, a, f, os, m, as f.*

Fórma S. P. do artigo indefinido : *Um, m, uma, f, uns, m, umas, f.*

N.B. Muitos grammaticos rejeitam o artigo indefinido ; mas a nossa lingua o admite, e distingue do numeral cardeal, *um, uma*, dando-lhe plural.

O artigo põe-se antes do substantivo appellativo para determiná-lo : *o homem, a mulher, os homens, as mulheres ; um homem, uma mulher, uns homens, umas mulheres*.

No primeiro caso o artigo apresenta o *homem* á consideração de nosso espirito determinadamente, porque individualisa a idea geral de homem de modo determinado, ou porque, *o homem*, torna-se o equivalente de toda a humanidade que nelle se resume : no segundo porém só vagamente, porque individualisa a mesma idea de modo vago, ou porque *um homem*, que vale o mesmo que um dos homens, é apenas o equivalente de um certo individuo da especie humana.

**Pag. 20**

« Deus criou *o homem* á sua imagem e semelhança ».

« Vejo *um homem* ».

No primeiro exemplo, *o homem*, está em sentido determinado, no segundo, *um homem*, em sentido vago.

« Veio *o medico* » ?

« Veio aqui *um medico* » ?

No primeiro exemplo, *o medico*, está em sentido determinado ; é medico, por que se espera : no segundo, *um medico*, em sentido vago, e tanto que a pessoa a quem se dirige a pergunta, o não conhece.

Põe-se o artigo antes do nome adjectivo para substantivá-lo : *o bello, um sabio*.

« *O bello*, é ponto essencial em bellas artes ».

« *Um sabio* não sustenta o que não pode provar ».

No primeiro exemplo, *o bello*, é o mesmo que *a belleza* : no segundo, *um sabio*, o mesmo que *um homem sabio* : um e outro ficão rigorosos substantivos por virtude do artigo que se lhes junta.

Põe-se também antes de qualquer outra parte da oração, ou de orações inteiras, para substantival-as, como se vê nos seguintes exemplos :

« *Os porquês só tu os sabes* ».

**Pag. 21**

« *Um viver assim é insupportavel* ».

« *O dizeres que não farás, não é razão para que deixes de fazê-lo* ».

Nestes exemplos, *os porquês*, a mesma cousa que *os motivos*, é uma conjuncção reduzida a nome, e nome do plural ; *o viver assim*, *o dizeres*, são duas proposições infinitivas, uma do modo impessoal, outra do pessoal, que ficão igualmente reduzidas a simples nomes por virtude do artigo que se lhes junta.

N.B. Quando o artigo se antepõe a qualquer parte de oração invariavel, ou a orações inteiras, pode-se dizer que está na fôrma neutra que tomou de, *hic, haec, hoc*, latino, donde vem ; pois muitos dos auctores antigos escreverão, *ho* homem, *ha* mulher, *ho*, cantar.

Em certos casos a supressão do artigo adjectiva o nome appellativo, como se vê nos attributos das seguintes proposições :

« O homem é homem de bem ».

« O trigo é trigo sem joio ».

O artigo nunca se põe antes de nome proprio, porque não teria objecto, sendo que o nome proprio está por sua natureza determinado. Assim, quando o uso o faz juntar a algum nome destes, está sempre determinando um appellativo occulto analogo

**Pag. 22**

á significação do nome : por exemplo, *o Manoel, a Maria*, é o mesmo que, *o homem Manoel, a mulher Maria* ; *o Brazil, a Bahia, o Amazonas, os Andes*, o mesmo que, *o imperio Brazil, a provincia Bahia, o rio Amazonas, os montes Andes* ; *o imperio do Brazil, a provincia da Bahia, o rio das Amazonas*, o mesmo que, *o imperio do territorio Brazil, a provincia da divisão territorial Bahia, o rio das mulheres Amazonas* (pois dellas lhe veio o nome).

N.B. Quando se junta o artigo aos nomes proprios formando d'elles nomes do plural, esses nomes convertem-se em appellativos, como fiz vêr tractando do substantivo.

*Adjectivo demonstrativo* é o que indica o objecto significado pelo nome substantivo, demonstrando-o debaixo de alguma relação, como de lugar, de identidade, de distribuição. Dahi a sua divisão em demonstrativo puro, partitivo, distributivo.

Eis os demonstrativos puros :

Este, ésta, isto (esto, antiquado).

Aquelle, aquella, aquillo (aquello, antiquado).

Esse, essa, isso (esso, antiquado).

Mesmo, mesma.

O mesmo, a mesma (com o artigo).

*Este, aquella, esse*, demonstrão distancia de logar, ou posição do objecto em relação ás pessoas grammaticaes.

Pag. 23

« Toma *este livro* ».

« Dá-me *aquelle tinteiro* ».

« Chega-me dahi *essa cadeira* ».

Nos exemplos produzidos, *este livro*, é o que está proximo a mim ; *aquelle tinteiro*, é o que está mais distante de mim, ou em logar, onde lhe não posso chegar ; *essa cadeira*, é a que está em logar intermedio, mas indeterminado para mim, porque está em relação com outro individuo.

Ésta relação de logar pode existir unicamente na consideração do espirito de quem falla, e de quem ouve, como, *este homem* de que vos fallei, *aquella mulher* que tão pouco se assemelha ás outras, *esse capitão* que encheo o mundo com a fama de suas victorias.

*Este*, está sempre em opposição, *áquelle* : *esse*, sempre em logar indeterminado para quem falla.

*Mesmo, o mesmo*, demonstrão a identidade, com a differença porem que, *o mesmo* determina também o individuo, porque leva o artigo que conserva toda a sua fôrça. Exemplo disto :

« É este o homem ? É elle *mesmo* ; é o mesmo ».

« É este José ? É José *mesmo* ; é o mesmo ».

Na dupla resposta a cada uma das duas perguntas se conhece esta differença. Em, « É elle *mesmo* », que vale tanto como o homem mesmo, e em, « É

Pag. 24

*José mesmo* », tanto como o homem mesmo José, o demonstrativo expressa a identidade de pessoa simplesmente : em, « É o *mesmo* », que no primeiro caso vale tanto como, « É o *mesmo homem* », e no segundo como, « É o mesmo homem ou individuo José », o demonstrativo expressa a mesma identidade, com determinação do individuo, de que se tracta.

*Mesmo* pospõe-se, *o mesmo* antepõe-se ao nome :

Cicero *mesmo*, *o mesmo* Cicero ; a coisa *mesma*, a *mesma* coisa.

Exemplos desenvolvidos :

« Cicero *mesmo* não foi poupado pelos triumviros ».

« O *mesmo* Cicero não fallaria tão eloquentemente ».

« A coisa *mesma* é boa ».

« A *mesma* coisa o está indicando ».

No primeiro exemplo, Cicero *mesmo*, é Cicero em pessoa, ou a pessoa de Cicero ; no segundo, *o mesmo* Cicero, é o *mesmo* orador Cicero ; no terceiro, a coisa *mesma*, é a coisa em si ; no quarto, a *mesma* coisa, é a coisa de que se tracta.

N.B. Quando se falla com emphase, junta-se, *mesmo*, aos pronomes pessoases, como, *eu mesmo* fiz, *tu mesmo* disseste, *elle mesmo* escreveu.

O demonstrativo pode ser composto, como, *est'outro*

*aquell'outro, ess'outro, est'outro mesmo* &, e então serve para fazer distinguir um objecto de outro da mesma natureza, acrescentando o último a idea de identidade. Exemplos :

« Queres este livro, ou *est'outro* » ?

« Quero *ess'outro*, ou *est'outro mesmo* ».

Todos estes demonstrativos, excepto, *mesmo*, podem, postos sós na oração, servir de sujeitos, como, *este* afirmou, *aquelle* negou, *esse* nada disse. Dahi a denominação de pronomes que lhes davam os antigos grammaticos, illudidos pela apparencia. Mas não são pronomes, porque não se põem pelo nome, como, *eu, tu, elle*, que representam nomes de que se não tem tractado anteriormente no discurso : são simples demonstrativos ainda nos casos acima, pois, *este, aquelle, esse*, quando sujeitos, demonstrão sempre uma relação de logar de individuo, de que já se tractou, ou o mesmo individuo pelo logar.

*Elle, ella, (ello, antiquado)*, que alguns grammaticos incluem no numero dos demonstrativos, passou a ser exclusivamente pronome pessoal, como o está indicando a sua terminação antiquada, *ello*, que não tem equivalente na lingua, porque o nosso, *aquelle*, é que corresponde exactamente ao demonstrativo latino, *ille*.

## Pag. 26

*Isto, aquillo, isso, antigamente, esto, aquello, esso*, como em castelhano, são terminações neutras, que passarão para a lingua de, *istud, illud ipsum*, ou de iguaes terminações dos demonstrativos latinos, e equivalem a nomes substantivos.

Eis os partitivos, ou distributivos :

Outro, outra (al, antiquado).

Algum, alguma (algo, antiquado).

Tal.

Qual.

Todo, toda, tudo (quando anteposto ao appellativo).

Nenhum, nenhuma (negativo).

*Outro*, oppõe-se a, *um*, como, um e *outro* ; e neste caso, *um*, converte-se de artigo em partitivo. Exemplo :

« *Umas* tocavão, *outras* dançavão ; isto é, *umas dellas, outras dellas* ».

*Tal* e *qual*, só são partitivos quando se não oppõem um ao outro, como se vê nestes exemplos :

« *Tal* jogava, *tal* dançava ; isto é, *tal dellas* ou *d'entre elles*. »

« *Qual* as plumas vermelhas faz de brancas, *qual* c'os penachos do elmo açouta as ancas ; isto é, *qual d'elles* ou *d'entre elles* ».

Quando porem se oppõem um ao outro, são adjectivos

## Pag. 27

comparativos, como se observa neste exemplo :

« *Tal* se mostrou hoje em bravura, *qual* sempre se havia mostrado » ; isto é, *tal heroe, qual heroe*.

*Todo*, só é partitivo quando se antepõe ao nome appellativo como aqui :

« *Todo homem é mortal ; isto é, todo e qualquer homem, ou todo d'entre os homens.* »

Quando porem se pospõe ao nome appellativo, *todo* converte-se em colectivo universal, porque exprime idea de totalidade, como se vê neste exemplo :

« O homem *todo* não perece ; isto é, o *homem em seu ser todo, ou em corpo e alma* ».

Aqui, o *homem todo*, é justamente o opposto de, *todo homem*, no precedente exemplo.

*Nenhum*, oppõe-se a qualquer dos outros partitivos, quando intervem a conjuncção, *mas*, como aqui se observa :

« *Um ou um d'entre elles* fallou pouco ; *outro ou outro d'entre elles*, muito ; *algum ou algum d'entre elles*, entre pouco e muito ; *mas nenhum ou nenhum d'entre elles*, satisfactoriamente ».

Alguns determinativos não partitivos tornão-se taes, juntando-se-lhes o complemento, *d'elles*, ou *d'entre elles*, como, *um, uma, uns, umas*, já notado

**Pag. 28**

e, *muitos e poucos*, só no plural : – *Muitos d'entre elles, poucos d'entre elles*.

Algumas vezes se põe só na oração o complemento, *d'elles*, ou *d'entre elles*, servindo de sujeito apparente, porque elle supõe sempre a existencia do partitivo, de que é termo de relação. Exemplo :

« *D'elles* fallarão ; *d'elles* obrarão ; *d'elles* conservarão-se inactivos ; isto é, *uns d'elles ; outros d'elles ; alguns d'elles* ».

De, *outro, algum, nenhum, e homem*, formão-se, *outrem, alguem, ninguém*, os quaes valem tanto como, *outro, algum, nenhum homem d'entre os homens*, e podem considerar-se simples partitivos derivados.

Oppõem-se, *outrem, alguem, ninguém*, aos pronomes pessoaes, *eu, tu, elle*, com preferencia aos primitivos seus analogos, porque envolvem já em si a idea de pessoa.

« *Eu* trabalhei, e *outrem* ou *alguem* lucrou ».

« *Tu* lembraste, e *outrem* ou *alguem* fez ».

« *Elle* recitou, mas *outrem* ou *alguem* compoz o discurso ».

« *Ninguem* obedecerá, ainda que, *eu, tu* e *elle* mandemos ».

Eis os distributivos proprios :

**Pag. 29**

Simples e invariavel, *cada*, – *cada homem, cada mulher*.

Composto, variavel na terminação, *cada um, cada uma*, sem plural.

Composto, variavel só no numero, *qual quer, quaes quer*.

Compostos invariaveis, *cada qual, quem quer*.

*Adjectivo conjunctivo*, é, como sôa a palavra, o que tem a virtude de conjunctar proposições, fazendo as vezes de conjuncção : liga proposições incidentes a outras por ellas modificadas, isto por meio de dois termos de relação, um na proposição modificada, outro na modificante, dos quaes o primeiro se chama o seu antecedente, o segundo o seu consequente. Exemplo :

« O homem, que ama a Deus, vive isento do temor da morte ».

Neste exemplo, onde, o *homem que*, vale o mesmo que, o *homem o qual homem*, o termo de relação expresso, ou o *homem*, sujeito da proposição principal, é o antecedente do *adjectivo conjunctivo*, e o termo de relação occulto o seu consequente : assim, é identificando-se com o primeiro termo, cuja reproducção é o segundo, que este adjectivo liga uma proposição á outra.

Fórmulas variáveis do adjectivo conjunctivo :

Pag. 30

N. S. e P.

O *qual* m, a *qual* f, os *quaes* m, as *quaes* f.

N. S. e P.

*Cujo* m, *cuja* f, *cujos* m, *cujas* f (Vale o mesmo que, *do qual*, *da qual* &, *de quem*, *de que*).

Fórmulas invariáveis do mesmo adjectivo :

*Que*, para ambos os generos e numeros.

*Quem*, para ambos os generos e numeros.

O *qual*, *cujo*, *que*, referem-se a pessoas e cousas.

Ha porem uma excepção quanto a, *que*, o qual nunca se emprega para exprimir a relação do possuidor da cousa, quando este é pessoa.

*Quem*, refere-se unicamente a pessoas, porque já envolve em si a idéa de pessoa ; pois vale tanto como, o *qual homem*.

Exemplos disto :

« O viajante, *que*, ou o *qual*, ou a *quem*, procura, não existe nesta cidade, a *que*, ou á *qual*, ainda não chegou ».

Neste exemplo, *que*, o *qual*, exprimem uma relação de pessoa ; a *que*, á *qual*, de cousa ; mas, a *quem*, uma relação só de pessoa..

« O proprietario, *cuja*, ou *do qual*, ou *de quem*, e esta casa, fez um prédio, *cuja*, ou *do qual*, ou *de que* a capacidade pode bem accomodar duas familias ».

Pag. 31

Nest'outro exemplo, o primeiro, *cuja*, o primeiro, *do qual*, *de quem*, exprimem uma relação de pessoa ; o segundo, *do qual*, *de que*, uma relação de cousa. Ha alem disso duas observações a fazer : 1.<sup>a</sup> *que*, quando a relação da pessoa é a do possuidor da cousa, não se emprega, *de que* porque o uso o não admite : 2.<sup>a</sup> *que*, *cuja*, não concorda no primeiro caso com o seu termo antecedente, o *proprietario*, nem no segundo, com o seu termo antecedente, *predio*, mas em ambos com a cousa possuida, isto é, *casa* e *capacidade*.

Os adverbios, *onde*, *d'onde*, *por onde*, *para onde*, põem-se frequentemente pelo adjectivo conjunctivo, e ligão tambem proposições incidentes : d'ahi o nome que tem de, *adverbios conjunctivos*. Exemplo disto :

« O logar, *onde* descansamos, é dos mais apraziveis ; isto é, o logar, *no qual* logar ».

« A terra, *d'onde* vieste, é bem longinqua ; isto é, a terra, *da qual* terra ».



« A cidade, *para onde* vamos, é bem populosa ; isto é, a cidade, *para a qual cidade* » :

« O caminho, *por onde* andamos, é bem escabroso ; isto é, o caminho, *pelo qual caminho* ».

*Adjectivo interrogativo*, é, como o indica o termo, o que serve para interrogar, quando queremos saber

**Pag. 32**

alguma cousa : liga também proposições, mas só completivas. Exemplo :

« Não dirás *quem* és » ?

Neste caso e outros identicos, a ligação das proposições faz-se tambem por meio de dois termos de relação, dos quaes o primeiro é sempre mental, e o segundo pode estar claro : porquanto, « Não dirás *quem* és ? », é o mesmo, que, « Não dirás *o homem, qual, ou que* és ; isto é, que qualidade de homem és ? ». Podia estar claro o segundo termo d'este modo : « Não dirás *qual homem* és » ?

Formas variaveis do adjectivo interrogativo :

N. S. e P.

*Cujo* ? m, *cuja* ? f, *cujos* ? m, *cujas* ? f. (Vale o mesmo que, *de quem ? do qual ? de que ; ?*)

N. S. e. P.

*Qual* ? m. e f, *quaes* ? m. e f.

Formas invariaveis do mesmo adjectivo :

*Que* ? para ambos os generos e numeros.

*Quem* ? para ambos os generos e numeros. (*Quem*, é o mesmo que, *qual* ou *que homem* ?)

Como o primeiro termo de relação do adjectivo interrogativo está sempre occulto, ou é puramente mental, a proposição, a que se liga a completiva, de que elle é liame, pode estar tambem occulta, e as mais das vezes o está : Exemplos :

**Pag. 33**

« *Quem* bate » ?

« *Quem* é que bate á porta » ?

« *Que* queres » ?

« *Que* é o que queres » ?

Nestes exemplos, dos quaes o primeiro vale tanto como, « *Qual* ou *que* pessoa bate ? » ; o segundo, tanto como, « *Qual* ou *que* pessoa é a pessoa que bate á porta ? » ; o terceiro, tanto como, « *Que* ou *qual* cousa queres » ? ; o quarto, tanto como, « *Que*, ou *qual* cousa é o, isto é, a cousa que queres » ? ; a proposição principal, *Pergunto*, ou *Quero saber*, ou outra, a que se liga a do adjectivo interrogativo, está, como se vê, occulta, assim como quasi sempre o está em casos idênticos. Cumpre ainda observar que o, *que* do segundo exemplo é o adjectivo conjunctivo, e bem assim o segundo, *que*, do quarto.

Às vezes o primeiro termo de relação do adjectivo interrogativo acha-se expresso, o que é apenas urna excepção á regra geral. Exemplo :

« O que queres » ?

Neste exemplo, em que subentenderemos logo a proposição principal para mais clareza, « O que queres ? », vale tanto como se dissessemos, « .Desejo saber *o*, ou a coisa *que* coisa, ou *qual* coisa queres ? ».

Os advérbios, *onde*, *d'onde*, para *onde*, *por onde*, também se põem frequentemente pelo adjectivo interrogativo,

**Pag. 34**

e ligão, como elle, proposições completivas : d'ahi o nome que igualmente teem de, *advérbios interrogativos*.

Exemplo disto :

« *Onde* estamos ? ; isto é, *em que* ou *em qual* logar, ou parte , estamos » ?

« *D'onde* vens ?, isto é, *de que*, *onde qual* logar, ou parte, vens » ? .

« *Para onde* vás ? ; isto é, *para que*, ou *para qual* logar, ou parte, vás » ?

« *Por onde* andas ? ; isto é, *por que*, ou *por quaes* logares, sitios, paragens, andas » ?

*Adjectivo numeral*, é o que determina o objecto significado pelo substantivo, acrescentando-lhe a idea de numero de um modo positivo. Exemplo :

« *Um* livro ; *dois* navios ».

« *Primeiro* tomo ; *segundo* dia ».

Divide-se em cardinal e ordinal.

*Numeral cardinal*, é o que exprime simplesmente o numero, como, *um*, *dois*, *tres*, *quatro* &.

*Numeral ordinal*, é o que exprime o numero por ordem, como, *primeiro*, *segundo*, *terceiro*, *quarto* &.

*Adjectivo quantitativo*, que também se chama numeral indefinido, é o que determina o objecto significado pelo substantivo, juntando-lhe a idea de quantidade numerica indeterminada. Exemplo :

**Pag. 35**

« *Muitos* homens ; *mais* soldados ; *tantas* casas » !

*Pouco*, é o opposto de, *muito* ; *menos*, o de, *mais* ; *quanto*, o de, *tanto*.

*Tanto* torna-se partitivo, quando se lhe junta, *um*, *outro*, *algum*, *cada*, formando com elle uma especie de nome composto, como, *um tanto*, *outro tanto*, *algum tanto*, *cada tanto*.

*Tanto* e *quanto*, tornão-se adjectivos comparativos, quando se achão oppostos um ao outro, como se vê neste exemplo :

« *Tantas* forão as sentenças, *quantas*, as cabeças ».

*Adjectivo possessivo*, é o que determina o objecto significado pelo substantivo, trazendo á lembrança a idea de seu possuidor. Exemplo :

« *Meu* livro ; isto é, o livro que *me* pertence ».

« *Teu* chapeo ; isto é, o chapeo que *te* pertence ».

« *Seu* filho ; isto é, o filho *d'elle*. »

Eis aqui este adjectivo em todas as suas formas com relação ás pessoas grammaticaes :

N. S. e P.

Meu, minha, meus, minhas.

N. S. e P.

Nosso, nossa, nossos, nossas.

N. S. e P.

Teu, tua, teus, tuas.

N. S. e P.

**Pag. 36**

Vosso, vossa, vossos, vossas.

N. S. e P.

Seu, sua, seus, suas.

Ha tambem o adjectivo possessivo derivado de nome proprio de pessoa, como de *Juno*, *junonio*, *junonia* ; de *Manoel*, *manuelino*, *manuelina* de *José*, *josephino*, *josephina* &c. Exemplos :

« Agasalhos *junonios* ; isto é, agasalhos de *Juno* ».

« Leis *manuelinas* ; isto é, leis del-rei D. *Manoel* ».

Pode igualmente considerar-se possessivo em relação ao pae ou avoengos o adjectivo *patronimico*, como, *Anchisiades*, ou filho de *Anchises* ; *Lopes*, ou filho de Lopo ; *Rodrigues*, ou filho de *Rodrigo*.

*Adjectivo pronominal*, ou *adjectivo pronome*, como lhe chamão os Francezes, ha só um que é, *o m.*, *a f.*, *o n.*, que vem de, *is*, *ea*, *id*, latino. Chama-se pronominal este adjectivo, porque tem a virtude de representar o nome que indica, ou porque está sempre só na oração como qualquer verdadeiro pronome.

Exemplos :

« Copiaste a carta ? Copiei-*a* ».

« *O*, que escreve, deve pensar antes ».

No primeiro exemplo, o adjectivo pronominal na sua terminação femenina, *a*, é complemento directo do verbo, *copiei*, e representa, *carta*, que está indicando :

**Pag. 37**

no segundo, o mesmo adjectivo na sua terminação masculina, *o*, é sujeito do verbo, *deve*, e representa, *homem*, que está indicando.

Em ambos os casos, este adjectivo se distingue por seu emprego do artigo definido, a que só se assemelha na fórmula, ou na apparencia. No primeiro, o artigo determina o appellativo, *carta*, complemento directo do verbo, *copiaste* ; e este adjectivo é regimen de verbo, emprego que o artigo nunca exerce : no segundo, o artigo não apparece ; mas este adjectivo é sujeito de verbo, emprego que o artigo também nunca exerce.

N.B. Adoptei para este adjectivo, que nas minhas Postillas chamo, *demonstrativo*, a denominação de, *pronominal*, tomada dos grammaticos francezes, porque melhor o distingue em seu officio particular no discurso.

## Verbo

*Verbo*, é a palavra que serve para affirmar a existencia da qualidade na substancia, pessoa ou cousa, e por conseguinte, o *nexo* ou *copula*, que une o attributo

**Pag. 38**

ao sujeito da proposição, phrase, sentença, ou enunciado de juizo.

Diz-se tambem que é a palavra por excellencia, porque dá vida ao discurso, que sem ella não pode existir.

A fórma primitiva do verbo é uma e unica em todas as linguas : na portugueza, *Ser*, que quer dizer, *ser ente*, indeterminadamente ; nas outras, o equivalente de, *Ser*. Divide-se porem o verbo em substantivo e attributivo ou adjectivo, segundo se acha em sua fórma primitiva, ou unido ao attributo, como, *Viver*, que quer dizer, *ser vivente*.

É pois propriedade essencial ao verbo, ou propriedade pela qual ésta se distingue de todas as outras palavras, o exprimir a affirmação : isto, quer a proposição seja affirmativa, quer negativa, como se vê nos seguintes exemplos :

« Deus é eterno ».

« Deus não é injusto ».

No primeiro caso, o verbo, *É*, affirma que a qualidade de, *ser eterno*, existe no sujeito, *Deus*, ou lhe convem : no segundo, o verbo, *É*, affirma igualmente que a qualidade de, *não ser injusto*, existe no sujeito, *Deus*, ou lhe convem.

Alem d' esta propriedade essencial que o caracteriza

**Pag. 39**

palavra por excellencia, tem o verbo a de tomar inflexões diversas : primó, para accommodar-se á pessoa e numero do sujeito a quem respeita a affirmação ; secundó, para exprimir o tempo a que ella se refere ; terció, para significar o modo por que a mesma se faz.

E' sta propriedade, que tem o verbo de mudar de terminação para preencher qualquer dos tres indicados fins, chama-se conjugação, de duas palavras latinas, *cum* e *jugum*, com e jugo, que querem dizer com o jugo das mesmas leis ; isto em relação ás inflexões semelhantes do verbo em uma e a mesma conjugação.

N.B. Os accidentes da conjugação do verbo correspondem em certa maneira aos accidentes da declinação do nome nas linguas que teem casos, ou da simples variação dos numeros nas que não teem, e não constituem a essencia do verbo, que é, *exprimir a affirmação*, assim como os do nome não constituem a d' este, que é, *designar a substancia*. Não devem pois elles entrar na definição do verbo, como querem alguns grammaticos ; porque a definição não conviria n' esse caso ao definido, visto que o

verbo unipessoal tem só a terceira pessoa do singular, e o verbo no infinito não só está em modo indeterminado, mas não tem pessoas e numeros, não por

**Pag. 40**

excepção, e em casos especiaes, na nossa lingua. Taes accidentes são em ultima analyse meros accidentes da affirmação do verbo, que pode existir independente d'elles, como se observa na proposição, « Deus é omnipotente », a qual é verdadeira em todo o tempo e modo, e cujo attributo convem a um sujeito unico.

## PESSOAS E NUMEROS DO VERBO.

Chamão-se pessoas e numeros do verbo as diversas inflexões que elle toma para accomodar-se á pessoa e ao numero do sujeito a quem respeita a affirmação. Assim tem o verbo primeira, segunda, terceira pessoa do singular e plural, ou concorda sempre em numero e pessoa com esse sujeito, como se nota em, eu *sou* mortal, tu *és* bravo, elle *é* honrado, nós *somos* viventes, vós *sois* ricos, elles *são* pobres.

Em virtude d'esta modificação do verbo pode-se, quando elle está em sua fórmula primitiva, formar proposição com duas palavras, ou ainda com uma só, si elle se acha unido ao attributo, como se vê nos seguintes exemplos :

« Sou homem ».

« Viveis ».

**Pag. 41**

No primeiro caso, *sou homem*, é o mesmo que, *eu sou homem*, porque a inflexão do verbo substantivo, *sou*, indica um sujeito da primeira pessoa do singular : no segundo, *viveis*, é o mesmo que, *vós sois viventes*, porque a inflexão do verbo attributivo, *viveis*, indica um sujeito da segunda pessoa do plural.

N.B. Que cousa, e quantas sejam as pessoas grammaticaes, já ficou convenientemente explicado, quando tractei do pronome pessoal ; por isso para ahi remetto o alumno.

## TEMPOS DO VERBO.

Chamão-se tempos do verbo as inflexões que elle toma para exprimir a affirmação em relação ao presente, ao passado ou preterito, ao futuro, ou ás tres épocas da duração do tempo ; por quanto pode-se asseverar que a cousa de que se tracta, *existe, existio, existirá*, como se vê neste exemplo :

« O sol, que *brilhou* hontem, *brilha* hoje, e *brilhará* amanhã ».

Os tres tempos indicados, a que alguns grammaticos chamão primitivos, são os unicos simples, como,

**Pag. 42**

*amo*, presente ; *amei*, passado ou preterito ; *amarei*, futuro.

O presente, ou tempo em que a cousa *existe*, é indivisivel ; mas o preterito ou tempo em que *existio*, e o futuro, ou tempo em que *existirá*, admittem grãos de perfeição em anterioridade e posterioridade : d'ahi a necessidade de novas inflexões

para exprimir esses diversos grãos de anterioridade e posterioridade, que constituem os tempos compostos do verbo, quer na fôrma, quer simplesmente no sentido.

Sendo mui conhecidos os tempos compostos na fôrma, só tractarei de explicar aqui o seja tempo composto no sentido. A lingua portugueza só tem dois nas linguagens do preterito, — o imperfeito, e o mais que perfeito — , que nos seguintes exemplos pômos em relação com o preterito perfeito :

« Eu *ceava*, quando elle entrou ».

« Eu *ceára*, quando elle entrou ».

No primeiro caso, o preterito imperfeito, *ceava*, vale tanto como, *estava ceando*, ou *no acto da cêa* ; pois o exemplo citado corresponde exactamente a est'outro : « *Eu estava ceando*, quando elle entrou ». No segundo, o mais que perfeito, *ceára*, vale igualmente tanto como, *tinha ceado* ou *acabado de cear*, pois o exemplo citado corresponde também exactamente

**Pag. 43**

a estoutro : « *Eu tinha acabado de cear*, quando elle entrou ». Assim esses dois tempos, simples na apparencia, são compostos no sentido, porque são justamente equivalentes á dois tempos compostos que em tudo lhes correspondem.

E' estas fôrmas do preterito compostas no sentido passarão para o Portuguez das fôrmas latinas, *coenabam*, *coenaveram*, sem que passasse igualmente a do futuro, *coenavero*, a que corresponde a nossa composta, *terei ceado*, que se põe em relação com a simples do futuro do conjunctivo, como se vê n'este exemplo : « *Terei ceado*, quando elle entrar ».

## MODOS DO VERBO.

Chamão-se modos do verbo as inflexões que elle toma para significar os diversos modos ou maneiras por que se faz a affirmação, que pode ser simples, positiva, ou não.

A lingua portugueza tem inflexões verbaes para significar unicamente cinco modos ou maneiras de affirmação, a saber :

O *modo indicativo*, em que ella se faz simplesmente, como, « *amo, amei, amarei* ».

**Pag. 44**

O *modo condicional*, em que ella se faz condicionalmente, como « *Fariamos*, si pudessemos, ou ainda, si pudéramos fazer ».

O *modo imperativo*, em que ella se faz imperiosamente, como, « *.Faze tu, fazei vós.* »

O *modo conjunctivo* ou *subjunctivo*, em que ella se faz modificadamente, ou com dependencia de outra, como, « *Convem que estudes* ».

O *modo infinito* ou *infinitivo*, em que ella se faz indeterminadamente, como, « *Morrer o homem*, ou *morrermos* é inevitável ».

Tinha ainda o Portuguez outra fôrma de condicional, como se vê neste exemplo : « *Concluîramos*, si tivéssemos podido, ou pudéramos concluir ».

Ésta fôrma porem antiquou-se, porque se confundia com a do preterito mais que perfeito, — *Concluïra concluïras, concluïra, concluïramos, concluïreis, concluïrão*.

## VERBO SUBSTANTIVO. [SER]

*Verbo substantivo*, é o verbo em sua fôrma primitiva, ou o verbo, *Ser*, na lingua portugueza, como fica dito. Chama-se, *substantivo*, o verbo, quando se

**Pag. 45**

apresenta debaixo d'esta fôrma, ou separado do attributo, com o qual se combina para formar o chamado, *verbo attributivo* ou *adjectivo*, porque só elle é o verbo subsistente por si mesmo, ou o unico verbo que exprime a affirmação, e pelo qual se podem resolver todas as proposições de qualquer lingua. *Verbo substantivo*, pois, é, por opposição ao *verbo adjectivo*, o verbo não combinado com attributo algum, como se vê nestes exemplos : « *Tu és estudioso* » ; « *Pedro era sabio* » ; « *Elle foi prudente* » ; Nós *seremos amigos* ».

Alguns grammaticos pretendem fazer tambem, *estar*, verbo substantivo, o qual, si assim fosse, deixaria de ser o unico verbo : mas ésta doutrina é insustentavel e erronea, porque, *estar*, que se resolve por, *ser estante*, e vem do simples latino, *stare*, (*estar firme*) ou ainda do composto, *exstare*, (*estar eminente*) já envolve em sua significação a idéa de *estada*, *estado*, *attitude* em certa maneira, ou a idéa de, *existencta modal*, e já é por conseguinte o verbo substantivo combinado com um attributo.

Quando digo, por exemplo, « *Pedro está doente* », acrescento já alguma cousa á simples affirmação expressa pelo verbo substantivo, porque junto a ella a idéa de, *estada*, *estado actual*, ou *modo*, por que Pedro existe na actualidade, que é no estado de

**Pag. 46**

doente. « *Pedro está doente* », vale pois tanto como, *Pedro existe, permanece, fica*, actualmente doente ; e o verbo *estar* é um verbo attributivo como qualquer dos tres por que elle se explica no presente caso, ainda supprimido o adverbio, *actualmente*.

A distincção que fazem os mesmos de que, *ser*, exprime uma qualidade permanente, e, *estar*, uma qualidade accidental, serve para demonstrar que o primeiro é o verbo substantivo, e o segundo, um verbo attributivo. Si quizessemos, por exemplo, dizer que, « *Pedro se fez homem* », diriamos com, *ser*, « *Pedro é já homem* », acrescentando ao attributo o adverbio de tempo *já*, porque o verbo substantivo não exprime senão a simples affirmação ; com o verbo, *estar*, porem, que envolve em sua significação a idéa de, *estada*, *estado*, *posição actual*, ou a idéa de qualidade em referencia ao tempo, diriamos bem com o adverbio ou sem elle, « *Pedro já está homem*, ou simplesmente, *está homem* ».

Fôrmas simples do verbo substantivo, ou do verbo, *Ser*.

### Modo indicativo.

*Presente*.

N. S. | *Sou, és, é.*

N. P. | *Somos, sois, são.*

*Preterito imperfeito.*

N. S. | *Era, eras, era.*

N. P. | *Éramos, ereis, erão.*

*Preterito perfeito.*

N. S. | *Fui, foste, foi.*

N. P. | *Fomos, fostes, fôrão.*

*Preterito mais que perfeito.*

N. S. | *Fôra, fôras, fôra.*

N. P. | *Fôramos, fôreis, fôrão.*

*Futuro absoluto.*

N. S. | *Serei, serás, será.*

N. P. | *Seremos, sereis, serão.*

**Modo condicional.**

*Futuro.*

N. S. | *Seria, serias, seria.*

N. P. | *Seríamos, serieis, serião.*

**Modo imperativo.**

*Futuro.*

N. S. | *Sê tu.*

N. P. | *Sêde vós.*

**Modo conjunctivo.**

*Presente.*

N. S. | *Seja, sejas, seja.*

N. P. | *Sejamos, sejais, sejam.*



### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Fosse, fosses, fosse.*

N. P. | *Fossemos, fosseis, fossem.*

### *Futuro.*

N. S. | *Fôr, fôres, fôr.*

N. P. | *Fôrmos, fôrdes, fôrem.*

**Pag. 49**

## Modo infinito impessoal.

### *Presente.*

*Ser.*

### *Participio presente.*

*Sendo.*

### *Gerundio.*

*Em sendo.*

### *Participio preterito.*

*Não tem.*

### *Supino.*

*Sido.*

## Modo infinito pessoal.

### *Presente.*

N. S. | *Ser eu, seres tu, ser elle.*

N. P. | *Sermos nós, serdes vós, serem elles.*

**Pag. 50**

N.B. Fôrma antiquada do condicional preterito :

N. S. | *Fôra, foras, fôra.*

N. P. | *Fôramos, fôreis, fôrão.*

Os tempos compostos do verbo substantivo, ou antes do verbo, formão-se com o mesmo verbo debaixo da fôrma, e pelo modo que passo a descrever.

## VERBO AUXILIAR. [HAVER]

Chama-se, *auxiliar*, o verbo, que auxilia o verbo substantivo em sua conjugação, quer este esteja em sua forma primitiva, quer unido ao attributo. Isto faz-se por tres maneiras, porque ou o auxiliar proprio combinado com o supino forma os tempos compostos do preterito e futuro, e com o infinito unicamente os do futuro, ou combinado com o gerundio forma o verbo frequentativo e suas especies, ou combinado com o participio preterito forma o que se chama voz passiva do verbo.

Tractarei agora dos auxiliares com que se formão

**Pag. 51**

os tempos compostos, reservando-me para tractar dos outros em logar competente. São estes, dois, — *Haver* e *Ter*, — que perdem neste caso o character de attributivos ou adjectivos, e cujas formas simples são as seguintes :

### Modo indicativo.

#### *Presente.*

N. S. | *Hei, has, ha.*

N. P. | *Havemos, haveis, hão.*

#### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Havia, havias, havia.*

N. P. | *Havíamos, havieis, havião.*

#### *Preterito perfeito.*

N. S. | *Houve, houveste, houve.*

N. P. | *Houvemos, houvestes, houverão.*

#### *Preterito mais que perfeito.*

N. S. | *Houvera, houveras, houvera.*

N. P. *Houveramos, houvereis, houverão.*

#### *Futuro absoluto.*

N. S. | *Haverei, haverás, haverá.*

N. P. | *Haveremos, haveréis, haverão.*

**Pag. 52**

## Modo condicional.

### *Futuro.*

N. S. | *Haveria, haverias, haveria.*

N. P. | *Haveríamos, haveríeis, haverião.*

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

N. S. | *Ha tu.*

N. P. | *Havei vós.*

## Modo conjunctivo.

### *Presente.*

N. S. | *Haja, hajas, haja.*

N. P. | *Hajamos, hajais, hajão.*

### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Houvesse, houvesse, houvesse.*

N. P. | *Houvessemos, houvesseis, houvessem.*

### *Futuro.*

N. S. | *Houver, houveres, houver.*

N. P. | *Houvermos, houverdes, houverem.*

## Modo infinito impessoal.

### *Presente.*

*Haver.*

### *Participio presente.*

*Havendo.*

### *Gerundio.*

*Em havendo.*

**Pag. 53**

**Pag. 54**

*Participio preterito.*

*Havido, havida.*

*Supino.*

*Havido.*

Modo infinito pessoal.

*Presente.*

*N. S. | Haver eu, haveres tu, haver elle.*

*N. P. | Havermos nós, haverdes vós, haverem elles.*

[VERBO AUXILIAR. TER]

Modo indicativo.

*Presente.*

*N. S. | Tenho, tens, tem.*

*N. P. | Temos, tendes, teem.*

*Preterito imperfeito.*

*N. S. | Tinha, tinhas, tinha.*

*N. P. | Tinhamos, tinheis, tinhamo.*

*Preterito perfeito.*

*N. S. | Tive, tiveste, teve.*

*N. P. | Tivemos, tivestes, tiverão.*

*Preterito mais que perfeito.*

*N. S. | Tivera, tiveras, tivera.*

*N. P. | Tiveramos, tivereis tiverão.*

*Futuro absoluto.*

*N. S. | Terei, terás terá.*

*N. P. | Teremos, tereis, terão.*

**Pag. 55**

## Modo condicional.

### *Futuro.*

N. S. | *Teria, terias, teria.*

N. P. | *Teríamos, terieis, terião.*

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

N. S. | *Tem tu.*

N. P. | *Tende vós.*

**Pag. 56**

## Modo conjunctivo.

### *Presente.*

N. S. | *Tenha, tenhas, tenha.*

N. P. | *Tenhamos, tenhaes, tenhamão.*

### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Tivesse, tivesses, tivesse.*

N. P. | *Tivéssemos, tivésseis, tivessem.*

### *Futuro.*

N. S. | *Tiver, tiveres, tiver.*

N. P. | *Tivermos, tiverdes, tiverem.*

## Modo infinito impessoal.

### *Presente.*

*Ter.*

### *Participio presente.*

*Tendo.*

**Pag. 57**

### *Gerundio.*

*Em tendo.*

*Participio preterito.*

*Tido, tida.*

*Supino.*

*Tido.*

Modo infinito pessoal.

*Presente.*

*N. S. | Ter eu, teres tu, ter elle.*

*N. P. | Termos nós, terdes vós, terem elles.*

[TEMPOS COMPOSTOS: HAVER + SER]

Tempos compostos do verbo, *Ser*, formados com os seus dois auxiliares :

Modo indicativo.

*Preterito perfeito composto.*

*N. S. | Hei, has, há sido*

*N. P. | Havemos, haveis, hão sido.*

*Preterito anterior.*

*N. S. | Houve, houveste, houve sido.*

*N. P. | Houvemos, houvestes, houverão sido.*

*Preterito mais que perfeito composto.*

*N. S. | Havia, havias, havia sido.*

*N. P. | Havíamos, havieis, havião sido.*

*Futuro imperfeito composto*

*N. S. | Hei, has, ha de ser.*

*N. P. | Havemos, haveis, hão de ser.*

*Futuro perfeito composto.*

Primeira Fôrma.

*N. S. | Haverá, haverás, haverá sido.*

Pag. 58

*N. P. | Haveremos, havereis, haverão* sido.

### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haverei, haverás, haverá de* ser.

**Pag. 59**

*N. P. | Haveremos, havereis, haverão de* ser.

## Modo condicional.

### *Futuro perfeito composto.*

#### Primeira Fôrma.

*N. S. | Haveria, haverias, haveria* sido.

*N. P. | Haveríamos, haverieis, haverião* sido.

#### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haveria, haverias, haveria de* ser.

*N. P. | Haveríamos, haverieis, haverião de* ser.

## Modo infinito impessoal

### *Preterito.*

*Haver* sido.

### *Participio preterito composto.*

*Havendo* sido.

**Pag. 60**

### *Futuro.*

*Haver de* ser.

### *Participio futuro composto.*

*Havendo de* ser.

## Modo infinito pessoal.

### *Preterito.*

*N. S. | Haver eu, haveres tu, haver elle* sido.

*N. P. | Havermos nós, haverdes vós, haverem elles* sido.

### *Futuro.*

N. S. | *Haver eu, haveres tu, haver elle de ser.*

N. P. | *Havermos nós, haverdes vós, haverem elles de ser.*

N.B. Fôrma antiquada do condicional preterito composto

N. S. | *Houvera, houveras, houvera sido.*

N. P. | *Houveramos, houvereis, houverão sido.*

Pag. 61

## [TEMPOS COMPOSTOS: TER + SER]

### Modo Indicativo.

#### *Preterito perfeito composto.*

N. S. | *Tenho, tens, tem sido.*

N. P. | *Temos, tendes, teem sido.*

#### *Preterito anterior.*

N. S. | *Tive, tiveste, teve sido.*

N. P. | *Tivemos, tivestes, ' tiverão sido.*

#### *Preterito mais que perfeito composto.*

N. S. | *Tinha, tinhas, tinha sido.*

N. P. | *Tinhamos, tinheis, tinham sido.*

#### *Futuro imperfeito composto.*

N. S. | *Tenho, tens, tem de ser.*

N. P. | *Temos, tendes, teem de ser.*

#### *Futuro perfeito composto.*

##### Primeira Fôrma.

N. S. | *Terei, terás, terá sido.*

N. P. | *Teremos, tereis, terão sido.*

##### Segunda Fôrma.

N. S. | *Terei, terás, terá de ser.*

N. P. | *Teremos, tereis, terão de ser.*

Pag. 62



## Modo condicional.

### *Futuro perfeito composto.*

#### Primeira Fôrma.

N. S. | *Teria, terias, teria* sido.

N. P. | *Teríamos, terieis, terião* sido.

#### Segunda Fôrma.

N. S. | *Teria, terias, teria de* ser.

N. P. | *Teríamos, terieis ; terião de* ser.

## Modo infinito impessoal.

### *Preterito.*

*Ter* sido.

Pag. 63

## Participio preterito composto.

*Tendo* sido.

### *Futuro.*

*Ter de* ser.

## Participio futuro composto.

*Tendo de* ser.

## Modo infinito pessoal.

### *Preterito.*

N. S. | *Ter eu, teres tu, ter elle* sido.

N. P. | *Termos nós, terdes vós, terem* sido.

### *Futuro.*

N. S. | *Ter eu, teres tu, ter ele de* ser.

N. P. | *Termos nós, terdes vós, terem elles de* ser.

N.B. Fôrma antiquada do condicional preterito composto :

N. S. | *Tivera, tiveras, tivera* sido.

Pag. 64

N. P. | *Tivermos, tivereis, tiverão* sido.

Com estes dois verbos auxiliares e o infinito do verbo, *Ser*, formão-se ainda diversas linguagens do futuro, que os grammaticos não teem classificado, e a que chamaremos – Futuros do Presente ou do Preterito – , segundo a relação que teem com cada um destes tempos, como se passa a ver nos seguintes exemplos :

Futuro do Preterito do Indicativo :– « Foi, quando, ou como, ou porque *havia* ou *tinha de ser*. »

Futuro do Presente do Conjunctivo :– « Seja, quando, ou como, ou porque *haja* ou *tenha de ser*. »

Futuro do Preterito do Conjunctivo :– « Fosse, quando, ou como, ou porque *houvesse* ou *tivesse de ser* ».

## *Verbo attributivo.*

Chama-se, *attributivo* ou *adjectivo*, o verbo quando se acha unido ao attributo, isto, por opposição

**Pag. 65**

ao verbo *substantivo*, ou quando está d'elle separado, como si se dissesse verbo combinado com um attributo ou um adjectivo.

A necessidade de abreviar o discurso, para de algum modo acompanhar o pensamento na rapidez, levou o homem a unir o verbo ao attributo assim, em vez de dizer com duas palavras, *Ser creante, Ser vivente*, disse com uma só, *Crear, Viver*, o que é muito mais conciso .

Tres são as terminações infinitivas do verbo attributivo na lingua portugueza, e por conseguinte tres as conjugações a que dão origem : a primeira em, *ar* , como, *Amar* ; a segunda em, *êr*, como, *Mover* ; a terceira : em, *ir*, como *Unir*.

Todas estas tres terminações comprehendem o attributo grammatical e o verbo, *Ser*, que se torna patente na terminação em, *er*, da segunda conjugação. A terminação em, *ar*, é evidentemente uma terminação contracta de, *aer*, e a terminação em, *ir*, é tambem outra terminação contracta de, *ier*. Assim, *Amar*, quer dizer, amante *ser*, ou *ser* o que ama ; *Mover*, movente *ser*, ou *ser* o que move ; *Unir*, uninte *ser*, ou *ser* o que une.

A terminação infinitiva em *ôr*, que só se nota no verbo, *Pôr*, e seus compostos, não dá origem a uma

**Pag. 66**

conjugação especial, porque, *Pôr*, é contracção de, *Pôer*, como se dizia antigamente.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.  
FORMAS SIMPLES DO VERBO EM ar.

Modo indicativo.

*Presente.*

N. S. | *Amo (sou amante), amas, ama.*

N. P. | *Amamos, amais, amão.*

*Preterito imperfeito.*

N. S. | *Amava, amavas, amava.*

N. P. | *Amávamos, amáveis amavão.*

*Preterito perfeito.*

N. S. | *Amei, amaste, amou.*

N. P. | *Amámos, amastes, amárão.*

*Preterito mais que perfeito.*

N. S. | *Amára, amáras, amára.*

N. P. | *Amáramos, amáreis, amárão.*

*Futuro absoluto.*

N. S. | *Amarei, amarás, amará.*

N. P. | *Amaremos, amareis, amarão.*

Modo condicional.

*Futuro.*

N. S. | *Amaria, amarias, amaria.*

N. P. | *Amariamos, amarieis, amarão.*

Modo imperativo.

*Futuro.*

N. S. | *Ama tu.*

N. P. | *Amai vós.*

Pag. 67

## Modo conjuntivo.

### *Presente.*

*N. S. | Ame, ames, ame.*

*N. P. | Amemos, ameis, amem.*

### *Preterito imperfeito.*

*N. S. | Amasse, amasses, amasse.*

*N. P. | Amassemos, amasseis, amassem.*

### *Futuro.*

*N. S. | Amar, amares, amar.*

*N. P. | Amarmos, amardes, amarem.*

## Modo infinitivo impessoal

### *Presente.*

*Amar.*

### *Participio presente.*

*Amando.*

### *Gerundio.*

*Em amando.*

### *Participio preterito.*

*Amado, amada.*

### *Supino.*

*Amado.*

## Modo infinito pessoal.

### *Presente.*

*N. S. | Amar eu, amares tu, amar elle.*

*N. P. | Amarmos nós, amardes vós, amárem elles.*

**Pag. 68**

**Pag. 69**

N.B. Fôrma antiquada do condicional preterito :

N. S. | *Amára, amáras, amára.*

N. P. | *Amáramos, amáreis, amárão.*

## SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

### FÓRMAS SIMPLES DO VERBO EM er

#### Modo indicativo.

##### *Presente.*

N. S. | *Movo (sou movente), moves, move.*

N. P. | *Movemos, moveis, movem.*

##### *Preterito imperfeito.*

N. S. *Movia, movias, movia.*

N. P. | *Movíamos, movíeis, movião.*

##### *Preterito perfeito.*

N. S. | *Movi, moveste, moveo.*

N. P. | *Movémos, movestes, movérão.*

##### *Preterito mais que perfeito.*

N. S. | *Movêra, movêras, movêra.*

N. P. | *Movêramos, movêreis, movêrão'.*

##### *Futuro absoluto.*

N. S. | *Moverei, moverás, moverá.*

N. P. | *Moveremos, movereis, moveráõ.*

#### Modo condicional.

##### *Futuro.*

N. S. | *Moveria, moverias, moveria.*

N. P. | *Moveríamos, moveríeis, moverião.*

Pag. 70

Pag. 71

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

N. S. | *Moue tu.*

N. P. | *Mouvei vós.*

## Modo conjunctivo.

### *Presente.*

N. S. | *Mova, movas, mova.*

N. P. | *Movamos, movais ; movão.*

### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Movesse ; movesse, movesse.*

N. P. | *Movessemos, movesseis, movessem.*

### *Futuro.*

N. S. | *Mover, moveres, mover.*

N. P. | *Movermos, moverdes, moverem.*

## Modo infinito impessoal.

### *Presente.*

*Mover.*

### *Participio presente.*

*Movendo.*

### *Gerundio.*

*Em movendo.*

### *Participio passado.*

*Movido, movida.*

### *Supino.*

*Movido.*

**Pag. 72**

## Modo infinito pessoal.

### *Presente.*

N. S. | *Mover eu, moveres tu, mover elle.*

N. P. | *Movermos nós, moverdes vós, moverem elles.*

N.B. Fôrma do condicional preterito antiquado :

N. S. | *Movêra, movêras, movêra.*

N. P. | *Movêramos ; movêreis, movêrão.*

**Pag. 73**

## TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

### FÓRMAS SIMPLES DO VERBO EM *ir*.

#### Modo indicativo.

##### *Presente.*

N. S. | *Uno (sou uninte), unes, une.*

N. P. | *Unimos, unis, unem.*

##### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Unia, unias, unia.*

N. P. | *Uniamos, unieis, união*

##### *Preterito perfeito.*

N. S. | *Uni, uniste, unio.*

N. P. | *Unimos, unistes união.*

##### *Preterito mais que perfeito.*

N. S. | *Unira, uniras, unira.*

N. P. | *Uniramos, unireis, unirão.*

**Pag. 74**

##### *Futuro absoluto.*

N. S. | *Unirei, unirás, unirá.*

N. P. | *Uniremos, unireis, unirãõ,*

## Modo condicional.

### *Futuro.*

N. S. | *Uniria, unirias, uniria.*

N. P. | *Uniríamos, uniríeis, uniríamos.*

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

N. S. | *Une tu.*

N. P. | *Uní vós.*

## Modo conjuntivo.

### *Presente.*

N. S. | *Una, unas, una.*

N. P. | *Unamos, unais, unão.*

Pag. 75

### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Unisse, unisses, unisse.*

N. P. | *Unissemos, unisseis, unissem.*

### *Futuro.*

N. S. | *Unir, unires, unir.*

N. P. | *Unirmos, unirdes, unirem.*

## Modo infinito impessoal.

### *Presente.*

*Unir.*

### *Participio presente.*

*Unindo.*

### *Gerundio*

*Em unindo.*



## *Participio preterito*

*Unido, unida.*

Pag. 76

## *Supino.*

*Unido.*

## Modo infinito pessoal.

### *Presente.*

*N. S. | Unir eu, unires tu, unir elle.*

*N. P. | Unirmos nós, unirdes vós, unirem elles.*

N.B. Fôrma do condicional preterito antiquado :

*N. S. | Unîra, unîras, unîra.*

*N. P. | Unîramos, unîreis, unîrão.*

Os tempos compostos do verbo attributivo formão-se com os auxiliares, *Haver* e *Ter*, como os do verbo substantivo e pela maneira que fica descripta quando delle tracto.

Porei aqui para exemplo unicamente as primeiras pessôas do singular e plural, porque as outras, facil é formal-as, conhecidas as fórmas simples dos auxiliares.

Pag. 77

## TEMPOS COMPOSTOS DO VERBO EM ar.

### Modo indicativo.

#### *Preterito perfeito composto.*

*N. S. | Hei ou tenho amado.*

*N. P. | Havemos ou temos amado.*

#### *Preterito anterior.*

*N. S. | Houve ou tive amado.*

*N. P. | Houvemos ou tivemos amado.*

#### *Preterito mais que perfeito composto.*

*N. S. | Havia ou tinha amado.*

*N. P. | Haviamos ou tinhamos amado.*

### *Futuro imperfeito composto*

*N. S. | Hei ou tenho de amar.*

*N. P. | Havemos ou temos de amar.*

**Pag. 78**

### *Futuro perfeito composto.*

#### Primeira Fôrma.

*N. S. | Haverrei ou terei amado.*

*N. P. | Haveremos ou teremos amado.*

#### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haverrei ou terei de amar.*

*N. P. | Haveremos ou teremos de amar.*

### Modo condicional.

#### *Futuro perfeito composto.*

#### Primeira Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria amado.*

*N. P. | Haveríamos ou teríamos amado.*

#### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria de amar.*

*N. P. | Haveríamos ou teríamos de amar.*

**Pag. 79**

### Modo infinito impessoal

#### *Preterito.*

*Haver ou ter amado,*

#### *Participio preterito composto.*

*Havendo ou tendo amado.*

#### *Futuro.*

*Haver ou ter de amar.*

*Participio futuro composto.*

*Havendo ou tendo de amar.*

Modo infinito pessoal.

*Preterito.*

*N. S. | Haver eu ou ter eu amado.*

*N. P. | Havermos nós ou termos nós amado.*

*Futuro.*

*N. S. | Haver eu ou ter eu de amar.*

**Pag. 80**

*N. P. | Havermos nós ou termos nós de amar.*

N.B. Fórmula antiquada do condicional preterito. composto :

*N. S. | Houvera ou tivera amado.*

*N. P. | Houveramos ou tiveramos amado.*

TEMPOS COMPOSTOS DOS VERBOS EM er.

Modo indicativo.

*Preterito perfeito composto.*

*N. S. | Hei ou tenho movido.*

*N. P. | Havemos ou temos movido.*

*Preterito anterior.*

*N. S. | Houve ou tive movido.*

*N. P. | Houvemos ou tivemos movido.*

*Preterito mais que perfeito composto.*

*N. S. | Havia ou tinha movido.*

*N. P. Havíamos ou tínhamos movido.*

**Pag. 81**

*Futuro imperfeito composto.*

*N. S. | Hei ou tenho de mover.*

*N. P. | Havemos ou temos de mover.*

*Futuro perfeito composto.*

Primeira Fôrma.

*N. S. | Haverêi ou terei* movido.

*N. P. | Haveremos ou teremos* movido.

Segunda Fôrma.

*N. S. | Haverêi ou terei de* mover.

*N. P. | Haveremos ou teremos de* mover.

Modo condicional.

*Futuro perfeito composto.*

Primeira Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria* movido.

*N. P. | Haveríamos ou teríamos* movido.

Segunda Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria de* mover.

*N. P. | Haveríamos ou teríamos de* mover.

Modo infinito impessoal

*Preterito.*

*Haver ou ter* movido.

*Participio preterito composto.*

*Havendo ou tendo* movido.

*Futuro.*

*Haver ou ter de* mover.

*Participio futuro composto.*

*Havendo ou tendo de* mover.

**Pag. 82**

## Modo infinito pessoal.

### *Preterito.*

N. S. | *Haver eu ou ter eu* movido.

N. P. | *Havermos nós ou termos nós* movido.

### *Futuro.*

N. S. *Haver eu ou ter eu de* mover.

N. P. | *Havermos nós ou termos nós de* mover.

N.B. Fôrma antiquada do condicional preterito composto :

N. S. | *Houvera ou tivera* movido.

N. P. | *Houveramos ou tiveramos* movido.

## TEMPOS COMPOSTOS DO VERBO EM *ir*.

### Modo indicativo.

#### *Preterito perfeito composto.*

N. S. | *Hei ou tenho* unido.

N. P. | *Havemos ou temos* unido.

#### *Preterito anterior.*

N. S. | *Houve ou tive* unido.

N. P. | *Houvemos ou tivemos* unido.

#### *Preterito mais que perfeito composto.*

N. S. | *Havia ou tinha* unido.

N. P. | *Haviam os ou tinhamos* unido.

#### *Futuro imperfeito composto.*

N. S. | *Hei ou tenho de* unir.

N. P. | *Havemos ou temos de* unir.

Pag. 83

Pag. 84

*Futuro perfeito composto.*

Primeira Fôrma.

N. S. | *Haverei ou terei* unido.

N. P. | *Haveremos ou teremos* unido.

Segunda Fôrma.

N. S. | *Haverei ou terei de* unir.

N. P. | *Haveremos ou teremos de* unir.

Modo condicional.

*Futuro perfeito composto.*

Primeira Fôrma.

N. S. | *Haveria ou, teria* unido.

N. P. | *Haveríamos ou teríamos* unido.

Segunda Fôrma.

N. S. | *Haveria ou teria de* unir.

N. P. | *Haveríamos ou teríamos de* unir.

Modo infinito impessoal

*Preterito.*

*Haver ou ter* unido.

*Participio preterito composto.*

*Havendo ou tendo* unido.

*Futuro.*

*Haver ou ter de* unir.

*Participio futuro composto.*

*Havendo ou tendo de* unir.

**Pag. 85**

**Pag. 86**

## Modo infinito pessoal.

### *Preterito.*

N. S. | *Haver eu ou ter eu* unido.

N. P. | *Havermos nós ou termos nós* unido.

### *Futuro.*

N. S. | *Haver eu ou ter eu de* unir.

N. P. | *Havermos, nós ou termos nos de* unir.

N.B. Fôrma antiquada do condicional preterito composto :

N. S. | *Houvera ou tivera* unido.

N. P. | *Houveramos ou tiveramos* unido.

N.B. Os tempos compostos do modo conjunctivo, tanto do verbo, *ser*, como dos verbos, *amar, mover, unir*, cuja exemplificação omittimos para não avolumar muito este livro, formão-se como os do indicativo: o preterito propriamente dito, o preterito mais que perfeito, e a primeira fôrma do futuro composto, com os auxiliares, *haver* e *ter*, e os supinos, *sido, amado, movido, unido*, como se vê nas primeiras pessoas do singular de cada um dos referidos tempos em ordem successiva, « haja ou tenha *sido, amado, movido, unido* » ;

**Pag. 87**

« houvesse ou tivesse *sido, amado, movido, unido* » ; « houver ou tiver *sido, amado, movido, unido* » ; a segunda fôrma do futuro composto, com os mesmos auxiliares e o infinito dos verbos, *ser, amar, mover, unir*, como se vê na primeira pessoa do singular, « houver ou tiver de *ser, amar, mover, unir* ».

Para melhor se conhecer que o verbo attributivo consta de um adjectivo, que é o attributo, e do verbo substantivo, que affirma a existencia d'elle no sujeito, passarei agora a conjugal-o em seus tempos simples, pondo claras as fôrmas mutiladas que representam o attributo e o verbo, das quaes a primeira se chama a radical ou raiz, e a segunda ou a terminação é o mesmo verbo. Tomarei o verbo em, *er*, em que mais facilmente se pode verificar isto, que no verbo em, *ar*, ou em, *ir*, cujas terminações são contractas. Sirva de exemplo o verbo, *temer*.

## [TEMPOS COMPOSTOS DO VERBO TEMER]

### Modo indicativo.

#### *Presente.*

N. S. | *Tem-o, temente* sou.

**Pag. 88**

*Tem-es, temente és.*

*Tem-e, temente é.*

*N. P. | Tem-emos, tementes somos.*

*Tem-eis tementes sois.*

*Tem-em, tementes são.*

### *Preterito imperfeito.*

*N. S. | Tem-ia, temente era.*

*Tem-ias, temente eras.*

*Tem-ia, temente era.*

*N. S. | Tem-íamos, tementes éramos.*

*Tem-ieis, tementes ereis.*

*Tem-ião, tementes erão.*

### *Preterito perfeito.*

*N. S. | Tem-i, temente fui.*

*Tem-este, temente foste.*

*Tem-êo, temente foi.*

*N. P. | Tem-êmos, tementes fomos,*

*Tem-estes, tementes fostes.*

*Tem-êrão, tementes fôrão.*

### *Preterito mais que perfeito.*

*N. S. | Tem-êra, temente fôra.*

*Tem-êras, temente fôras.*

*Tem-êra, temente fôra.*

*N. P. | Tem-êramos, tementes fôramos.*

*Tem-êreis, tementes fôreis.*

*Tem-êrão, tementes fôrão.*

### *Futuro absoluto.*

*N. S. | Tem-erei, temente serei.*

*Tem-erás, temente serás.*

*Tem-erá, temente será.*

*N. S. | Tem-eremos, tementes seremos.*

*Tem-ereis, tementes sereis.*

*Tem-erão, tementes serão.*



## Modo condicional.

### *Futuro.*

N. S. | *Tem -eria, temente* seria.

*Tem-erias, temente* serias.

*Tem-eria, temente* seria.

N. S. | *Tem-eríamos, tementes* seríamos.

*Tem-erieis, tementes* serieis.

*Tem -erião, tementes* serião.

Pag. 90

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

N. S. | *Tem-e tu, temente* sê, *tu*.

N. S. | *Tem-ei vós, tementes* sêde *vós*.

## Modo conjunctivo.

### *Presente.*

N. S. | *Tem-a, temente* seja.

*Tem-as, temente* sejam.

*Tem-a, temente* seja.

N. S. | *Tem-amos tementes* sejamos.

*Tem-ais, tementes* sejais.

*Tem-ão, tementes* sejam.

### *Preterito imperfeito.*

N. S. | *Tem-esse, temente* fosse.

*Tem-esses, temente* fosses.

*Tem-esse, temente* fosse

N. S. | *Tem-essemos, tementes* fossemos.

*Tem-esseis, tementes* fosseis.

*Tem-esseis, tementes* fossem.

Pag. 91

### *Futuro.*

N. S. | *Tem-êr, temente* fôr.

*Tem-êres, temente* fôres.

*Tem-êr, temente* fôr.

N. S. | *Tem-êrmos, tementes fôrmos.*  
*Tem-êrdes, tementes fôrdes.*  
*Tem-êrem, tementes fôrem.*

## Modo infinito impessoal.

*Presente.*

*Tem-er, temente ser.*

*Participio presente.*

*Tem-endo, temente sendo.*

*Gerundio.*

*Em Tem-endo, em temente sendo.*

**Pag. 92**

*Participio preterito.*

*Temido, temida : 39*

*Supino.*

*Tem-ido, temente sido.*

## Modo infinito pessoal.

*Presente.*

N. S. | *Tem-er eu, temente ser eu.*

*Tem-eres tu, temente seres tu.*

*Tem-er elle, temente ser elle.*

N. S. | *Tem -êrmos nós, tementes sermos nós.*

*Tem-erdes vós, tementes serdes vós.*

*Tem-erem elles, tementes serem elles.*

O verbo attributivo divide-se em, *transitivo, intransitivo, relativo, reflexo e pronominal.*

**Pag. 93**

---

<sup>39</sup> Esta fórma do verbo attributivo no participio preterito repelle, por sua significação passiva, a conversão, que as demais fórmulas admittem ; pois de tal conversão resultaria tornar-se de paciente em agente a pessoa ou cousa significada pelo substantivo com que concordasse o participio Os revisores.

## Verbo transitivo

Chama-se, *transitivo*, o verbo attributivo, quando passa a acção do sujeito a outro sujeito diverso em que ella se emprega, e que se denomina, *complemento directo ou objectivo* do verbo. Exemplo :

« Pedro estuda a *grammatica* ».

Neste exemplo, a acção exercida pelo sujeito, *Pedro*, recae sobre, *a grammatica*, que é um sujeito diverso de, *Pedro*, como é facil verificar, mudando-se a oração para a passiva : « *A grammatica* é estudada por *Pedro* ».

Na lingua portugueza o complemento directo ou objectivo do verbo transitivo é sempre precedido da preposição, *a*, quando é nome de pessoa. Exemplo :

« Pedro estima *a João* ».

A preposição porem que o precede, pode algumas vezes estar occulta, como se vê n'este outro exemplo :

« Criou *Antonio* como filho ; isto é, *a Antonio* ».

O *verbo transitivo*, pode ser ao mesmo tempo, *relativo*, quando, alem do complemento directo ou objectivo, pede um termo de relação, que se denomina, *complemento indirecto ou terminativo*. Exemplo :

« Dei um livro *a Pedro* ».

**Pag. 94**

N'este exemplo, *a Pedro*, complemento indirecto ou terminativo, é o termo de relação da acção do sujeito occulto, *Eu*, expressa pelo verbo, e recebida pelo Sujeito diverso, ou complemento directo ou objectivo, *um livro*, como é ainda facil verificar, mudando-se a oração para a passiva :

« *Um livro* foi dado por mim *a Pedro* ».

O *verbo transitivo*, pode tambem converter-se em, *intransitivo*, quando, tomado absolutamente, não passa a acção do sujeito para outro sujeito diverso, como se vê n'este exemplo :

« Pedro *ama* ; isto é, tem ou experimenta *amor* ».

A razão d'isto é que o attributo grammatical, *amante*, que exprime a acção que o verbo substantivo affirma do sujeito, é tomado n'este caso como simples adjectivo verbal ; ao passo que, quando o verbo é transitivo, como, « *Amo a Deos* », o attributo, *amante*, conserva a sua fôrça de participio latino no verbo portuguez, ou é um verdadeiro participio alatinado. O mesmo se observa em Latim, onde, *amans*, *amantis*, ora é simples adjectivo verbal, ora participio.

N.B. Quando o Portuguez começou a formar-se tinha participios presentes em, *ante*, *ente*, *inte*, que depois se forão convertendo em, *ando*, *endo*, *indo*. Ainda hoje dizemos, por exemplo : « Isto não obstante »,

**Pag. 95**

que vale tanto como, « Não *obstando* isto ».

D'ahi sem duvida a fôrça de participio que ainda conserva no, *verbo transitivo*, o adjectivo attributivo, ou o attributo com que se combina o verbo, *Ser*.

## *Verbo intransitivo*

Chama-se, *intransitivo*, o verbo attributivo, quando não passa a acção do sujeito para outro sujeito diverso. Exemplo :

« José *fallou* admiravelmente ».

N'este exemplo, a acção exercida pelo sujeito, *José*, não passa para outro sujeito diverso ; fica no mesmo que a exerce.

O *verbo intransitivo*, converte-se em, *transitivo*, quando se lhe dá por complemento directo ou objectivo o substantivo cognato do verbo acompanhado de um adjectivo qualificativo, como se vê no seguinte exemplo :

« Antonio vive *vida feliz* ».

N'este exemplo, a acção exercida pelo sujeito, *Antonio*, passa para um sujeito diverso, *vida feliz*, mas representado por substantivo cognato do verbo, e com qualificação especial. A oração pode mudar-se

**Pag. 96**

para a passiva d'esta fôrma : « *Vida feliz* se vive por *Antonio* ».

O *verbo intransitivo*, pode tambem tornar-se, *relativo*, quando se dá um termo de relação á acção exercida pelo sujeito da proposição, como se vê nos seguintes exemplos :

« Tu morreste *para o mundo* ».

« Ficou-lhe a gloria da acção ».

## *Verbo relativo.*

Chama-se, *relativo*, o verbo attributivo, quando pede complemento indirecto ou terminativo, ou um termo de relação da acção exercida pelo sujeito. Exemplos :

« O mundo obedece *a Deus* ».

« O sacerdote usa *de vestes talaras* ».

N'estes exemplos, os complementos indirectos ou terminativos dos verbos, *obedece* e *usa*, são termos de relação, o primeiro, da acção exercida pelo sujeito, *o mundo*, o segundo, da exercida pelo sujeito, *o sacerdote*.

N.B. Querem alguns que o verbo simplesmente relativo seja tambem transitivo, mas sem fundamento plausivel, porque o complemento indirecto ou terminativo, que se lhe junta, não recebe a acção

**Pag. 97**

exercida pelo sujeito ; é apenas d'ella mero termo de relação. Por isso o commum dos grammaticos faz d'elle uma especie á parte.

## *Verbo reflexo pronominal.*

Chama-se, *verbo reflexo*, o verbo attributivo, quando se lhe dá por complemento directo ou objectivo o mesmo pronome pessoal que representa o sujeito ; e, *pronominal reflexo*, quando habitualmente se conjuga com o referido pronome por aquelle complemento ; porque então a acção exercida pelo sujeito não passa para outro sujeito diverso, mas reflecte sobre elle proprio. Exemplo do, verbo *puramente reflexo* :

« Tu *te* feriste ».

Exemplo do, *verbo pronominal reflexo*.

« Eu não *me* queixo ».

Tanto n'um como n'outro exemplo, a acção exercida pelo sujeito não se emprega em sujeito diverso ; pois no primeiro reflecte sobre o sujeito, *Tu*, porque recae no mesmo pronome da segunda pessôa, *te*, e no segundo, sobre o sujeito, *Eu*, porque recae no mesmo pronome da primeira pessôa, *me*.

**Pag. 98**

O *verbo pronominal*, é muitas vezes, *relativo*, como se vê nestes exemplos :

« Condôo-me *de ti* ».

« Compunge-te *de meus males* ».

N.B. O *verbo pronominal*, que tanto concorre. para dar expressão e harmonia ao discurso, era antigamente muito mais frequente na lingua, do que é hoje. Muitos verbos pronominaes portuguezes se tem antiquado : entre outros, *vir-se*, e, *partir-se*, seguramente pelo equivoco a que se prestavão em sua significação.

## *Verbo attributivo composto.*

Ha na lingua portugueza uma especie de, *verbo attributivo composto*, formado ordinariamente com os verbos, *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, e o gerundio dos outros verbos, como, *estar orando*, *ficar esperando* *andar viajando*, *ir subindo*, *vir descendo*, ou ainda com o gerundio proprio, quando o verbo que com elle se combina exprime movimento, como os tres ultimos, *andar andando*, *ir indo*, *vir vindo*.

Esta especie de verbo composto pode ser, *tansitivo*, *intransitivo*, *relativo*, *reflexo* e *pronominal*, segundo a natureza da significação do gerundio com que se compõe, como se vê nos seguintes exemplos :

**Pag. 99**

(*Transitivo*) « Estou escrevendo *cartas* ».

(*Intransitivo*) « Ficou *expirando* ».

(*Relativo*) « Andou usando *de banhos* ».

(*Reflexo*) « Vou-*me exercitando* ».

(*Pronominal*) « Veio *se queixando* ».

Querem alguns grammaticos que, *estar, ficar, andar, ir, vir*, sejam verbos auxiliares quando se combinão com os gerundios de outros verbos ; mas em realidade o não são, já porque contribuindo, por meio de tal combinação, para exprimir a acção em movimento, não perdem toda a sua fôrça de verbos attributivos, como, *haver e ter*, quando fazem o officio de verbos auxiliares ; já porque, a sêl-o, o numero de taes auxiliares seria muito maior, como se observa dos seguintes exemplos, e de outros analogos, que podião ser adduzidos :

« *Vivo estudando* ».

« *Morreo fallando* ».

« *Falla gritando* ».

« *Canta trabalhando* ».

« *Trabalha cantando* ».

« *Pinta escrevendo* ».

« *Escreve pintando* ».

« *Corre passeiando* ».

« *Passeia correndo* ».

« *Dorme roncando* ».

**Pag. 100**

« *Ronca dormindo* ».

Com esta especie de verbo attributivo composto pode formar-se toda a sorte de verbo frequentativo porque a expressão do movimento ou está ao mesmo tempo no verbo e no gerundio que com elle se combina, como em, *andou dizendo, foi começando*, ou unicamente no ultimo, como em, *ficou esperando, permaneceu trabalhando*.

N.B. Ésta fórma de verbo é, como a do infinito pessoal, uma riqueza especial á lingua portugueza, que leva por uma e outra grande vantagem ás linguas suas analogas e a muitas outras.

O *verbo attributivo composto*, conjuga-se tambem com os auxiliares, *Haver e Ter*, como se passa a ver.

Fórmas do, *verbo attributivo composto*, sem os dois auxiliares.

[VERBO ATTRIBUTIVO COMPOSTO SEM OS AUXILIARES — ANDAR  
PROCURANDO]

Modo indicativo.

*Presente.*

*(Sou andante sendo procurante.)*

*N. S. | Ando procurando.*

*Andas procurando.*

*Anda procurando.*

**Pag. 101**

*N. P. | Andamos procurando.*

*Andais procurando.*

*Andão procurando.*

*Preterito imperfeito.*

*N. S. | Andava procurando.*

*Andavas procurando.*

*Andava procurando.*

*N. P. | Andávamos procurando.*

*Andáveis procurando.*

*Andavão procurando.*

*Preterito perfeito.*

*N. S. | Andei procurando.*

*Andaste procurando.*

*Andou procurando.*

*N. P. | Andámos procurando.*

*Andastes procurando.*

*Andarão procurando.*

*Preterito mais que perfeito.*

*N. S. | Andára procurando.*

*Andáras procurando.*

**Pag. 102**

*Andára procurando.*

*N. P. | Andáramos procurando.*

*Andáreis procurando.*

*Andarão procurando.*

### *Futuro absoluto.*

*N. S. | Andarei procurando.*

*Andarás procurando.*

*Andará procurando.*

*N. P. | Andaremos procurando.*

*Andareis procurando.*

*Andarão procurando.*

### Modo condicional.

#### *Futuro.*

*N. S. | Andaria procurando.*

*Andarias procurando.*

*Andaria procurando.*

*N. P. | Andariamos procurando.*

*Andarieis procurando.*

*Andarião procurando.*

**Pag. 103**

### Modo imperativo.

#### *Futuro.*

*N. S. | Anda tu procurando.*

*N. P. | Andai vós procurando.*

### Modo conjuntivo.

#### *Presente.*

*N. S. | Ande procurando.*

*Andes procurando.*

*Ande procurando.*

*N. P. | Andemos procurando.*

*Andeis procurando.*

*Andem procurando.*

#### *Preterito imperfeito.*

*N. S. | Andasse procurando.*

*Andasses procurando.*

*Andasse procurando.*



*N. P. | Andassemos procurando.  
Andasseis procurando.  
Andassem procurando.*

**Pag. 104**

### *Futuro.*

*N. S. | Andar procurando.  
Andares procurando.  
Andar procurando.*

*N. P. | Andarmos procurando.  
Andardes procurando.  
Andarem procurando.*

## Modo infinito impessoal

### *Presente.*

*Andar procurando.*

### *Participio presente.*

*Andando procurando.*

### *Gerundio.*

*Em andando procurando.*

### *Participio preterito.*

*Não tem.*

**Pag. 105**

### *Supino.*

*Andado procurando.*

## Modo infinito pessoal.

### *Presente.*

*N. S. | Andar eu procurando.  
Andares tu procurando.  
Andar elle procurando.*

*N. P. | Andarmos nós procurando.  
Andardes vós procurando.  
Andarem elles procurando.*

Fórmulas duplamente compostas do, *verbo atributivo composto*, em que entram os auxiliares, *Haver e Ter*.

## [VERBO ATTRIBUTIVO COMPOSTO COM OS AUXILIARES — HAVER E TER]

Modo indicativo.

*Preterito perfeito.*

*N. S. | Hei ou tenho andado procurando.*

**Pag. 106**

*N. P. | Havemos ou temos andado procurando.*

*Preterito anterior.*

*N. S. | Houve ou tive andado procurando.*

*N. P. | Houvemos ou tivemos andado procurando.*

*Preterito mais que perfeito.*

Primeira Forma.

*N. S. | Havia ou tinha andado procurando.*

*N. P. | Havíamos ou tínhamos andado procurando*

Segunda Forma.

*N. S. | Houvera ou tivera andado procurando.*

*N. P. | Houveramos ou tiveramos andado procurando.*

*Futuro imperfeito.*

*N. S. | Hei ou tenho de andar procurando.*

*N. P. | Havemos ou temos de andar procurando.*

*Futuro perfeito.*

Primeira Forma.

*N. S. | Haverrei ou terei andado procurando.*

**Pag. 107**

*N. P. | Haveremos ou teremos andado procurando.*

Segunda Forma.

*N. S. | Haverrei ou terei de andar procurando.*

*N. P. | Haveremos ou teremos de andar procurando.*

## Modo condicional.

### *Futuro perfeito.*

#### Primeira Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria andado procurando.*

*N. P. | Haveríamos ou teríamos andado procurando.*

#### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria de andar procurando.*

*N. P. | Haveríamos ou teríamos de andar procurando.*

## Modo conjunctivo.

### *Preterito.*

*N. S. | Haja ou tenha andado procurando.*

*N. P. | Hajamos ou tenhamos andado procurando.*

### *Mais que perfeito.*

*N. S. | Houvesse ou tivesse andado procurando.*

*N. P. | Houvessemos ou tivéssemos andado procurando.*

### *Futuro imperfeito.*

*N. S. | Haja ou tenha de andar procurando.*

*N. P. | Hajamos ou tenhamos de andar procurando.*

### *Futuro perfeito.*

#### Primeira Fôrma.

*N. S. | Houver ou tiver andado procurando.*

*N. P. | Houvermos ou tivermos andado procurando.*

#### Segunda Fôrma.

*N. S. | Houver ou tiver de andar procurando.*

*N. P. | Houvermos ou tivermos de andar procurando.*

**Pag. 108**

**Pag. 109**

N.B. Damos em sua integra as fórmãs compostas do modo conjunctivo deste verbo com os auxiliares, *Haver, e, ter*, nas primeiras pessôas do singular e plural, contra o que praticámos com os outros, por ser elle duplamente composto e apresentar mais difficuldade.

## *Voz passiva do verbo transitivo.*

O *verbo attributivo*, está sempre na fórmula de verbo activo, porque a lingua portugueza não tem fórmula de, *verbo passivo*; mas fórmula-se a voz passiva do, *verbo transitivo*, juntando-se, como nas linguas suas analogas, ao verbo substantivo o participio preterito do, *verbo attributivo*, ou o *attributo* sob ésta fórmula, como se vê em, *Amar* (voz activa), *Ser amado* (voz passiva).

## *Conjugação do verbo transitivo apassivado.*

[SER AMADO]

Modo indicativo.

*Presente*

*N. S. | Sou amado, ou amada.*

*És Amado, ou amada.*

*É amado, ou amada.*

*N. P. | Somos amados, ou amadas.*

*Sois amados, ou amadas.*

*São amados, ou amadas.*

*Preterito imperfeito.*

*N. S. | Era amado, ou amada.*

*Eras amado, ou amada.*

*Era amado, ou amada.*

*N. P. | Eramos amados, ou amadas.*

*Ereis amados, ou amadas.*

*Erão amados, ou amadas.*

Pag. 110

### *Preterito perfeito.*

*N. S. | Fui* amado, *ou* amada.  
*Foste* amado, *ou* amada.  
*Foi* amado, *ou* amada.

*N. P. | Fomos* amados, *ou* amadas.  
*Fostes* amados, *ou* amadas.  
*Forão* amados, *ou* amadas.

### *Preterito mais que perfeito.*

*N. S. | Fôra* amado, *ou* amada.

*Fôras* amado, *ou* amada.  
*Fôra* amado, *ou* amada.

*N. P. | Fôramos* amados, *ou* amadas.  
*Fôreis* amados, *ou* amadas.  
*Fôrão* amados, *ou* amadas.

### *Futuro absoluto.*

*N. S. | Serei* amado, *ou* amada.  
*Serás* amado, *ou* amada.  
*Será* amado, *ou* amada.

*N. P. | Seremos* amados, *ou* amadas.  
*Sereis* amados, *ou* amadas.  
*Serão* amados, *ou* amadas.

## Modo condicional.

### *Futuro.*

*N. S. | Seria* amado, *ou* amada.  
*Serias* amado, *ou* amada.  
*Seria* amado, *ou* amada.

*N. P. | Seríamos* amados, *ou* amadas.  
*Serieis* amados, *ou* amadas.  
*Serião* amados, *ou* amadas.

**Pag. 111**

**Pag. 112**

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

*N. S. | Sê tu amado, ou amada.*

*N. P. | Sêde vós amados, ou amadas.*

## Modo conjunctivo.

### *Presente.*

*N. S. | Seja amado, ou amada.*

*Sejas amado, ou amada.*

*Seja amado, ou amada.*

*N. P. | Sejamos amados, ou amadas.*

*Sejais amados, ou amadas.*

*Sejão amados, ou amadas.*

### *Preterito imperfeito.*

*N. S. | Fosse amado, ou amada.*

*Fosses amado, ou amada.*

*Fosse amado, ou amada.*

*N. P. | Fossemos amados, ou amadas.*

*Fosseis amados, ou amadas.*

*Fossem amados, ou amadas.*

**Pag. 113**

### *Futuro*

*N. S. | Fôr amado, ou amada.*

*Fôres amado, ou amada.*

*Fôr amado, ou amada.*

*N. P. | Fôrmos amados, ou amadas.*

*Fôrdes amados, ou amadas.*

*Fôrem amados, ou amadas.*

## Modo infinito impessoal

### *Presente.*

*Ser amado, ou amada.*

*Participio presente.*

*Sendo* amado, *ou* amada.

Modo infinito pessoal.

*Presente.*

*N. S. | Ser eu* amado, *ou* amada.

*Seres tu* amado, *ou* amada.

*Ser elle* amado, *ou* amada.

**Pag. 114**

*N. P. | Sermos nós* amados, *ou* amadas.

*Serdes vós* amados, *ou* amadas.

*Serem elles* amados, *ou* amadas.

N.B. O participio preterito é o mesmo do, *verbo attributivo*, que se apassiva, e, neste caso, *amado, amada*; porque na lingua portugueza e suas analogas o participio preterito do, *verbo attributivo*, que em Latim pertencia ao mesmo verbo com fôrma especial passiva, tem fôrça de participio passivo.

[HAVER OU TER SIDO AMADO]

Fôrmas compostas do, *verbo transitivo*, apassivado, em que entrão os auxiliares, *Haver, e, Ter*.

Modo indicativo.

*Preterito perfeito.*

*N. S. | Hei ou tenho sido* amado, *ou* amada.

*N. P. | Havemos ou temos sido* amados, *ou* amadas.

*Preterito anterior.*

*N. S. | Houve ou tive sido* amado *ou* amada.

**Pag. 115**

*N. P. | Houvemos ou tivemos sido* amados, *ou* amadas.

*Preterito mais que perfeito.*

Primeira Fôrma.

*N. S. | Havia ou tinha sido* amado, *ou* amada.

*N. P. | Havíamos ou tínhamos sido* amados, *ou* amadas.

## Segunda Fôrma.

*N. S. | Houvera ou tivera sido* amado, *ou* amada.

*N. P. | Houveramos ou tiveramos sido* amados, *ou* amadas.

## *Futuro imperfeito.*

*N. S. | Hei ou tenho de ser* amado, *ou* amada.

*N. P. | Havemos ou temos de ser* amados, *ou* amadas.

## *Futuro perfeito.*

### Primeira Fôrma.

*N. S. | Haverêi ou terei sido* amado *ou* amada.

*N. P. | Haveremos ou teremos sido* amados *ou* amadas.

### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haverêi ou terei de ser* amado *ou* amada.

*N. S. | Haveremos ou teremos de ser* amados *ou* amadas.

## Modo condicional.

### *Futuro perfeito.*

#### Primeira Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria sido* amado *ou* amada.

*N. P. | Haveríamos ou teríamos sido* amados *ou* amadas.

#### Segunda Fôrma.

*N. S. | Haveria ou teria de ser* amado *ou* amada.

*N. P. | Haveríamos ou teríamos de ser* amados *ou* amadas.

## Modo infinito impessoal

### *Presente.*

*Haver ou ter sido* amado *ou* amada.

### *Participio preterito composto.*

*Havendo ou tendo sido* amado *ou* amada.

**Pag. 116**

**Pag. 117**



*Futuro.*

*Haver ou ter de ser amado ou amada.*

*Participio futuro composto.*

*Havendo ou tendo de ser amado ou amada.*

Modo infinito pessoal.

*Preterito.*

*N. S. | Haver ou ter eu sido amado ou amada.*

*N. P. | Havermos ou termos nós sido amados ou amadas.*

*Futuro.*

*N. S. | Haver ou ter eu de ser amado ou amada.*

*N. P. | Havermos ou termos nós de ser amados, ou amadas.*

N.B. Os tempos compostos do conjunctivo formão-se como os do indicativo : o preterito perfeito,

**Pag. 118**

o preterito mais que perfeito, e a primeira fôrma do futuro, combinando-se os auxiliares, *Haver*, e, *Ter*, e o supino do, *verbo Ser*, « *sido* », com o participio do, *amar*, « *amado, amada* », como se vê nas primeiras pessôas dos referidos tempos em ordem successiva, « Haja ou tenha sido *amado* ou *amada* » ; « Houvesse ou tivesse sido *amado* ou *amada* » ; « Houver ou tiver sido *amado* ou *amada* » : a segunda fôrma do futuro, combinando-se os auxiliares e o infinito do verbo, *Ser*, com o sobredito participio do verbo, *Amar*, como se vê na primeira pessôa do mesmo tempo, « Houver ou tiver de ser *amado*, ou *amada* ».

O *verbo substantivo*, que os grammaticos chamão n'este caso, *verbo auxiliar*, ainda o é menos que, *estar, ficar, andar, ir, vir*, quando se combinão com o gerundio de outros verbos, porque está como em qualquer outro caso exprimindo a affirmação, e nada perde de sua fôrça, como acontece com, *Haver*, e, *Ter*, quando se convertem em auxiliares. « Sou amado », é uma proposição, na qual o o verbo, sou, é o nexos ou cópula que une o attributo, *amado*, ao sujeito occulto, *eu*.

Assim a passividade está unicamente no participio, *amado*, quando digo, sou *amado* ; como a actividade unicamente no participio alatinado, *amante*, quando digo, *amo*, que é o mesmo que, *sou amante*.

**Pag. 119**

N.B. Ésta maneira de apassivar o, *verbo attributivo*, menos no que se refere aos tempos compostos com os auxiliares, *Haver*, e, *Ter*, adoptou-a o *Portuguez*, bem como os idiomas seus analogos, da segunda maneira por que os Latinos apassivavão o mesmo verbo, os quaes tanto dizião, com fôrma especial passiva, « *Amor* », Sou *amado*, ou *amada*, como, á maneira portugueza, italiana, hespanhola e franceza, « Sum

*amatus, amata* », Sou *amado* ou *amada*, com a simples adição da forma neutra, *amatum*, que não temos.

Ha ainda na lingua portugueza outra forma de apassivar o, *verbo transitivo*, nas terceiras pessoas do singular e plural, dando-lhe por complemento directo aparente o pronome, *se*, quando o sujeito da proposição é cousa, e não pessoa propriamente dita, como se vê em, « A obra fez-se », « Celebrou-se a festa ».

## [FAZER-SE]

Fórmias simples do, *verbo transitivo*, apassivado unicamente nas terceiras pessoas :

### Modo indicativo.

Presente.

N. S. | *Faz-se* (*é* feito *ou* feita).

Pag. 120

N. P. | *Fazem se*.

*Preterito imperfeito.*

N. S. | *Fazia-se*.

N. P. | *Fazião-se*.

*Preterito perfeito.*

N. S. | *Fez-se*.

N. P. | *Fizerão-se*.

*Preterito mais que perfeito.*

N. S. | *Fizera-se*.

N. P. | *Fizerão-se*.

*Futuro absoluto.*

N. S. Se *fará, ou far-se-ha*.

N. P. Se *farão, ou far-se-hão*.

### Modo Condicional.

*Futuro.*

N. S. | Se *faria, ou far-se-hia*.

Pag. 121

N. P. | *Se farião, ou far-se-hião.*

## Modo conjunctivo.

*Presente.*

N. S. | *Faça-se.*

N. P. | *Fação-se.*

*Preterito imperfeito.*

N. S. | *Fizesse-se, ou se fizesse.*

N. P. | *Fizessem-se, ou se fizessem.*

*Futuro.*

N. S. | *Fizer-se, ou se fizer.*

N. P. *Fizerem-se, ou se fizerem.*

## Modo infinito impessoal.

*Fazer-se.*

*Participio presente.*

*Fazendo-se.*

**Pag. 122**

*Gerundio.*

*Em fazendo-se.*

## Modo infinito pessoal.

*Presente.*

N. S. | *Fazer-se.*

N. P. | *Fazerem-se.*

N.B. Na segunda fórma do futuro do indicativo e do condicional intercala-se o pronome, *se*, no verbo ; pois, « Far-se-ha, far-se-hia », é o mesmo que, « Ha de se fazer ou fazer-se, Havia de *se* fazer ou fazer-se », e, em última anályse, « *Se* fará, *Se* faria ». Nos mais tempos do indicativo, ou conjunctivo, ou infinito, tanto se pode collocar o pronome *se*, antes como depois : *faz-se*, ou *se faz* ; *faça-se*, ou *se faça* ; *fazer-se*, ou *se fazer*.

Fórmias compostas do, *verbo transitivo*, apassivado unicamente nas terceiras pessôas.

**Pag. 123**

## [HAVER-SE OU TER-SE FEITO]

### Modo indicativo.

#### *Preterito perfeito.*

N. S. | *Ha-se ou tem-se feito.*

N. P. | *Hão-se ou teem-se feito.*

#### *Preterito anterior.*

N. S. | *Houve-se ou teve-se feito.*

N. P. | *Houverão-se ou tiverão-se feito.*

#### *Preterito mais que perfeito.*

##### Primeira Fórma.

N. S. | *Havia-se ou tinha-se feito.*

N. P. | *Havião-se ou tinhão-se feito.*

##### Segunda Fórma.

N. S. | *Houvera-se ou tivera-se feito.*

N. P. | *Houverão-se ou tiverão-se feito.*

#### *Futuro imperfeito*

N. S. | *Ha-se ou tem-se de fazer.*

N. P. | *Hão-se ou teem-se de fazer.*

#### *Futuro perfeito.*

##### Primeira Fórma.

N. S. | *Se haverá ou se terá, haver-se-ha ou ter-se-ha feito.*

N. P. | *Se haverão ou se terão, haver-se-hão ou ter-se-hão feito.*

##### Segunda Fórma.

N. S. | *Se haverá ou se terá, haver-se-ha ou ter-se-ha de fazer.*

N. P. | *Se haverão ou se terão, haver-se-hão ou ter-se-hão de fazer.*

## Modo condicional.

*Futuro perfeito.*

Primeira Fôrma.

N. S. | Se *haveria* ou se *teria, haver-se-hia* ou *ter-se-hia* feito.

Pag. 125

N. P. | Se *haverião* ou se *terião, haver-se-hião* ou *ter-se-hião* feito.

Segunda Fôrma.

N. S. | Se *haveria* ou se *teria, haver-se-hia* ou *ter-se-hia* de fazer.

N. P. | Se *haverião* ou se *terião, haver-se-hião* ou *ter-se-hião* de fazer.

## Modo infinitivo impessoal

*Preterito.*

*Haverá* ou *ter-se* feito.

*Participio preterito composto.*

*Havendo-se* ou *tendo-se* feito.

## Modo infinito pessoal.

N. S. | *Haver-se* ou *ter-se* feito.

N. P. | *Haverem-se* ou *terem-se* feito.

N.B. Os tempos compostos do modo conjunctivo formão-se como os do indicativo : o preterito

Pag. 126

propriamente dito, o preterito mais que perfeito, e a primeira fôrma do futuro, com os auxiliares, *Haver*, e, *Ter*, o pronome, *se*, e o supino do verbo, *Fazer*, « *feito* », como se vê nas terceiras pessôas do singular dos referidos tempos em ordem successiva, « *Haja-se* ou *tenha-se* feito » ; *Houvesse-se* ou *tivesse-se* feito ; *Houver-se* ou *tiver-se* feito : a segunda fôrma do futuro, com os referidos auxiliares e pronome, e o infinito do verbo, *Fazer*, como se vê na terceira pessoa do singular do mesmo tempo, « *Houver-se* ou *tiver-se* de *fazer* ».

Ha ainda na lingua portugueza outra maneira de apassivar o, *verbo transitivo*, formando uma especie de verbo composto com o verbo, *Estar*, o gerundio do verbo, *Ser*, e o participio do verbo que se apassiva.

Exemplos :

« *Estou sendo felicitado* ».

« *Estás sendo accommettido* ».

- « Está *sendo illudido* ».  
 « Estamos *sendo enganados* ».  
 « Estais *sendo defendidos* ».  
 « Estão *sendo punidos* ».

Com o verbo composto por esta fôrma na voz passiva se exprime a paixão em movimento, assim como com o verbo composto com o gerundio na voz activa se representa a acção em movimento.

**Pag. 127**

N.B. A lingua portugueza, que é de todas as modernas a mais rica em fôrmas verbaes, tem tambem outra maneira de apassivar o verbo attributivo unicamente na terceira pessôa do singular, de que logo me occuparei.

## *Voz media ou reflexa*

A voz media ou reflexa é uma especie de voz entre a voz activa e a passiva. Diz-se que o, *verbo attributivo*, está na voz media ou reflexa, quando é ou simplesmente, *reflexo*, ou, *reflexo pronominal*. Na primeiro caso, o verbo não dá logar á conjugação alguma especial, porque é accidentalmente, *reflexo*; no segundo, sim, porque o é sempre, ou se conjuga habitualmente com o mesmo pronome que representa o sujeito.

### FÓRMAS SIMPLES DO, VERBO REFLEXO PRONOMINAL.

**Pag. 128**

#### Modo indicativo.

##### *Presente.*

*N. S.* | Eu me *condôo* – Eu *sou condoente a* mim.

Tu te *condóes* – Tu *és condoente a* ti.

Elle se *condóe* – Elle *é condoente a* si.

*N. P.* | Nós nos *condoemos* – Nós *somos condoentes a* nós.

Vós vos *condoeis* – Vós *sois condoentes a* vós.

Elles se *condõem* – Elles *são condoentes a* si.

##### *Preterito imperfeito.*

*N. S.* | Eu me *condoía*.

Tu te *condoías*.

Elle se *condoía*.

*N. P.* | Nós *nos condoíamos.*  
Vós vos *condoíeis.*  
Elles se *condoíão.*

### *Preterito perfeito.*

*N. S.* | Eu me *condoí.*

**Pag. 129**

Tu te *condoeste.*  
Elle se *condoêo.*

*N. P.* | Nós nos *condoêmos.*  
Vós vos *condoestes.*  
Elles se *condoêrão.*

### *Preterito mais que perfeito.*

*N. S.* Eu me *condoêra.*  
Tu te *condoêras.*  
Elle se *condoêra.*

*N. P.* | Nós nos *condoêramos.*  
Vós vos *condoêreis.*  
Elles se *condoêrão.*

### *Futuro absoluto.*

*N. S.* | Eu me *condoerei.*  
Tu te *condoerás.*  
Elle se *condoerá.*

*N. P.* Nós nos *condoeremos.*  
Vós vos *condoereis.*  
Elles se *condoerão.*

**Pag. 130**

## Modo condicional.

### *Futuro.*

*N. S.* | Eu me *condoeria.*  
Tu te *condoerias.*  
Elle se *condoeria.*

*N. P.* Nós nos *condoeríamos.*  
Vós vos *condoeríeis.*  
Elles se *condoerião.*

## Modo imperativo.

### *Futuro.*

*N. S. | Condóe-te tu.*

*N. P. | Condoei-vos vós.*

## Modo conjunctivo.

### *Presente.*

*N. S. Eu me condôa.*

*Tu te condôas.*

*Elle se condôa.*

*N. P. | Nós nos condoâmos.*

*Vós vos condoais.*

*Elle se condôão.*

### *Preterito imperfeito.*

*N. S. | Eu me condoesse.*

*Tu te condoesses.*

*Elle se condoesse.*

*N. P. Nós nos condoessemos.*

*Vós vos condoesseis.*

*Elles se condoessem.*

### *Futuro.*

*N. S. Eu me condoer.*

*Tu te condoeres.*

*Elle se condoer.*

*N. P. | Nós nos condoermos.*

*Vós vos condoerdes.*

*Elles se condoerem.*

## Modo infinito impessoal

### *Presente.*

*Condoer-se.*

**Pag. 131**

**Pag. 132**



*Participio presente.*

*Condoendo-se.*

*Gerundio.*

*Em condoendo-se.*

Modo infinito pessoal.

*Presente.*

*N. S. | Condoer-me eu.*

*Condoeres-te tu.*

*Condoer-se elle.*

*N. P. | Condoermos-nos nós.*

*Condoerdes-vos vós.*

*Condoerem-se elles.*

N.B. Os tempos compostos d'este verbo formão-se, como os do verbo apassivado, nas terceiras pessôas, com o pronome, *se*, quando tem por sujeito cousa, com a unica differença de se lhe dar por complemento directo ou objecto apparente os pronomes, *me*, e, *te*, na primeira e segunda pessôa do singular, e os pronomes, *nos*, e, *vos*, na primeira e segunda

**Pag. 133**

do plural, como se vê no preterito perfeito composto do modo indicativo, « *Eu me hei ou tenho condoído, tu te has ou tens condoído, elle se ha ou tem condoído, nós nos havemos ou temos condoído, vós vos haveis ou tendes condoído, elles se hão ou teem condoído* ».

O verbo *attributivo*, divide-se ainda em, *regular, irregular, defectivo, e unipessoal*.

*Verbo regular.*

Chama-se, *regular*, o verbo que em todos os seus modos, tempos e pessoas se conforma com o paradigma das tres conjugações, representado por, *Amar, Mover, Unir*, ou outros verbos que d'elles não discrepão em cousa alguma, como, por exemplo, *Cantar, Ceder, Illudir, &*.

*Verbo irregular.*

Chama se, *irregular*, o verbo que em todos os seus modos, tempos e pessoas se aparta do paradigma

sobredito, como, *Pôr*, e seus compostos, ou somente em alguns dos seus tempos e pessoas, como, *Pedir*, *Fazer*, *Dizer*, &. N'este ultimo caso consiste apenas a irregularidade em apartar-se o verbo da radical ou raiz.

Sirva de exemplo, *Pedir*, cuja radical ou raiz é, *Ped* :

« *Presente do indicativo*.

*N. S.* | *Peço*, *pedes*, *pede*.

*N. P.* | *Pedimos*, *pedis*, *pedem* ».

« *Presente do conjuntivo*.

*N. S.* | *Peça*, *peças*, *peça*.

*N. P.* | *Peçamos*, *peçais*, *peção* ».

A irregularidade n'este verbo está, como se vê, unicamente na primeira pessoa do presente do indicativo e no presente do conjuntivo, que apartão da raiz, *Ped* ; pois, em todos os tempos e pessoas que seguem a raiz, é elle regular.

N.B. Este verbo fazia antigamente na primeira pessoa do presente do indicativo, « *Pido* ;no presente

do conjuntivo, « *Pida*, *pidas*, *pidá*, *pidamos*, *pidais*, . *pidão* » ; e era regular, assim como outros que depois se converterão em irregulares, porque com leve differença orthographica se escrevia, *Pidir*.

## *Verbo defectivo.*

Chama-se, *defectivo*, o verbo a que faltão alguns tempos e pessoas, como, por exemplo, *Feder* ; pois não se diz na primeira pessoa do presente do indicativo, *fedo*, nem no presente do conjuntivo, *fedá*, *fedas*, *fedá*, &, mas ou, *cheiro mal*, ou, *estou fedendo* &. Todo verbo ou propriamente, *unipessoal*, ou tomado como tal em casos especiaes, é por sua natureza, *defectivo*.

N.B. Na lingua portugueza, a mais rica em fórmulas verbaes das que fallão hoje os povos cultos, é rarissimo o verbo, *defectivo*, pois além do caso acima não nos occorre outro ; ao passo que no Latim, e até no Francez, é frequentissimo este verbo. Ainda assim o povo baixo supprime as pessoas que faltão ao verbo, *feder*, dizendo, *feço*, *feça*, *feças*, *feça*, *feçamos* &, o que não é usado pela gente culta.

## Verbo unipessoal.

Chama-se, *unipessoal*, o verbo que só tem a terceira pessoa do singular. O verbo attributivo pode ser, *unipessoal*, de duas maneiras : ou em forma activa, como, *chove, venta, troveja, gea* ; ou em forma apassivada, como, *vive-se, falla-se, canta-se, come-se*. O primeiro é o, *verbo unipessoal*, propriamente dito : o segundo, o verbo pessoal convertido em, *unipessoal*.

É propriedade do, *verbo unipessoal*, conter em si o sujeito e o attributo, de modo que com uma só palavra se forma proposição quando o verbo está na voz activa, ou com duas, quando está na passiva : por quanto, *chove*, é o mesmo que, « ha ou cahe *chuva* » ; *venta*, o mesmo que, « ha ou sibila *vento* » ; *troveja*, o mesmo que, « ha ou rebôa *trovão* » ; *gea*, o mesmo que, « existe ou cahe *geada* » ; *vive-se*, vale tanto como, « existe ou dá-se o *viver* ou a *vida* » ; *falla-se*, tanto como, « existe ou ouve-se o *fallar* ou a *falla* » ; *canta-se*, tanto como, « existe ou sôa o *cantar* ou o *canto* » ; *come-se*, tanto como, « dá-se ou tem cabimento o *comer* ou a *comida* » ; ou resolvendo-se a proposição por est'outra maneira mais simples, « o *viver-se*, o *fallar-se*, o *cantar-se*, o *comer-se*, existe, ou tem cabimento ».

Pag. 137

Este segundo modo de converter em, *unipessoal*, o verbo pessoal, é ainda uma maneira que possúe a a lingua portugueza de apassivar o, verbo *attributivo* unicamente na terceira pessoa do singular ; pois *vive-se, corre-se, escreve-se*, é justamente o equivalente dos verbos unipessoaes latinos com forma passiva, *vivitur, curritur, scribitur*.

O verbo, *pêza-me*, que se conjuga só na terceira pessoa do singular, e sempre com o pronome pessoal, é igualmente um verdadeiro *verbo unipessoal*, porque tem o sujeito e o attributo incluídos em si, como se vê n'este exemplo :

« *Pêza-me* de haver peccado », que vale tanto como, « o *pezar* de haver peccado *me* possúe, ou se apodera de *mim* ».

N.B. Aqui o verbo conjugado com o pronome está na voz média ou reflexa, como já em outro logar expliquei.

O mesmo verbo pessoal na forma activa se unipersonalisa algumas vezes, como se vê em, *convem, cumpre, importa, releva*. N'este caso porém toma simplesmente a forma, e não o character de verbo unipessoal, porque não traz o sujeito incluído em si, como, *chove, relampêa*, mas tem ordinariamente por sujeito alguma proposição.

Exemplo :

Pag. 138

« *Convem que estudes* ».

« *Cumpre que sejas virtuoso* ».

« *Importa partir cedo* ».

« *Releva seguires o caminho mais curto* ».

O *verbo unipessoal*, converte-se também em pessoal, quando se toma em sentido figurado, como se observa nos seguintes exemplos :

« *Chovião-lhe as desgraças uma sobre outra* ».

« *Trovejas na voz* ».

Ha na lingua portugueza um, *verbo unipessoal*, que se emprega quasi sempre com sujeito occulto, o verbo, *Haver*, com a significação de, *existir*. Este sujeito é de ordinario, *numero, classe, especie, quantidade, espaço, periodo*, como se vê nos seguintes exemplos :

« *Ha homens extraordinarios ; isto é , numero, classe, especie de homens* ».

« *Ha dias que não te tenho visto ; isto é, numero, quantidade de dias* ».

« *Ha tempos bem calamitosos ; isto é, espaço, periodo de tempos* ».

N.B. O emprego d'este verbo com sujeito occulto é um dos idiotismos da lingua, assim como o é também o do infinito pessoal, e o do verbo composto com o gerundio.

Fórmulas simples do *verbo unipessoal, Haver*.

Pag. 139

## [VERBO UNIPESSOAL, HAVER]

### Modo indicativo.

*Presente.*

*Ha* (é havente, ou existente).

*Preterito imperfeito.*

*Havia.*

*Preterito perfeito.*

*Houve.*

*Preterito mais que perfeito.*

*Houvera.*

*Futuro absoluto.*

*Haverá.*

### Modo condicional.

*Futuro.*

*Haveria.*

## Modo conjuntivo.

*Presente.*

*Haja.*

*Preterito imperfeito.*

*Houvesse.*

*Futuro.*

*Houver.*

## Modo infinito.

*Presente.*

*Haver.*

*Participio presente.*

*Havendo.*

*Supino.*

*Havido.*

## FÓRMAS COMPOSTAS DO MESMO VERBO.

### Modo indicativo.

*Preterito perfeito.*

*Ha ou tem* havido.

*Preterito anterior.*

*Houve ou teve* havido.

*Preterito mais que perfeito.*

Primeira Fórma

*Havia ou tinha* havido.

## Segunda Fôrma

*Houvera ou tivera* havido.

### *Futuro imperfeito.*

*Ha ou tem* de haver.

**Pag. 142**

### *Futuro perfeito.*

#### Primeira Fôrma.

*Haverá ou terá* havido.

#### Segunda forma.

*Haverá ou terá de* haver.

## Modo condicional.

### *Futuro.*

#### Primeira Fôrma.

*Haveria ou teria* havido.

#### Segunda Fôrma.

*Haveria ou teria de* haver.

## Modo conjunctivo.

### *Preterito.*

*Haja ou tenha* havido.

**Pag. 143**

### *Preterito mais que perfeito.*

*Houvesse ou tivesse* havido.

### *Futuro.*

#### Primeira Fôrma.

*Houver ou tiver* havido.

#### Segunda Fôrma.

*Houver ou tiver de* haver.

## Modo infinito.

### *Preterito.*

*Haver ou ter* havido.

### *Participio preterito.*

*Havendo ou tendo* havido.

### *Participio futuro.*

*Havendo ou, tendo de* haver.

**Pag. 144**

N.B. Este verbo não vem, como sonhão alguns grammaticos, de, *Habeo*, latino, que nunca foi tomado em tal accepção, mas do verbo francez, *y havoir*, que tem a mesma significação e emprego, que o verbo portuguez, com a unica differença de vir acompanhado do pronome indefinido, *il* que indica o verdadeiro sujeito occulto, *nombre, espèce, quantité &c.*

Os nossos clássicos costumão ás vezes juntar tambem a este verbo a particula, ou adverbio, *hi, ahi* ; o que acontece ordinariamente quando elle vem com sujeito expresso, por exemplo :

« Não ha *hi* homem ».

« Não ha *ahi* cousa ».

## *Acessorios do verbo.*

### PARTICIPIO PRESENTE.

O *participio presente*, ou, *activo*, do verbo attributivo exprime a acção na actualidade. Na lingua portugueza é este participio um adjectivo invariavelmente singular e plural com a terminação em, *ando, endo, indo*, no verbo regular da 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação ;

**Pag. 145**

e em, *ondo*, no verbo irregular, *pôr*, e seus compostos, como, *amando*, de amar ; *movendo*, de mover ; *unindo*, de unir ; *pondo*, de pôr. É, *transitivo*, ou, *intransitivo*, segundo a natureza da significação do verbo d'onde nasce, e forma-se com elle a proposição chamada, *participio*.

Exemplos :

« *Reinando* Priamo, foi destruida Troia ; isto é, *sendo* Priamo reinante ».

« *Administrando* os reis justiça por si e pelos que governão em seu nome, são os povos felizes ; isto é, *sendo* os reis *administrantes* justiça, &c ».

No primeiro exemplo, o participio, *reinando*, é intransitivo, porque a acção exercida pelo sujeito, *Priamo*, fica n'elle proprio: no segundo, o participio, *administrando*, é transitivo, porque a acção exercida pelo sujeito, *reis*, passa ao sujeito diverso, *justiça*, em que se emprega

N.B. O *participio presente*, do verbo substantivo em que se resolve o do verbo attributivo, exprime unicamente a affirmação na actualidade. É um simples accessorio verbal sem character de adjectivo, porque vem sempre, como o verbo d'onde nasce, separado do attributo, que communica tal character ao participio do verbo attributivo. Exemplo :

Pag. 146

« Sendo *Consul* Cicero, foi debellada a conjuração de Catilina ».

N'este exemplo, *Consul*, substantivo tomado adjectivamente, é o attributo da proposição participio, cujo sujeito é, *Cicero*.

*Reinando Priamo*, vale tanto como, « Quando reinava, Priamo, ou em quanto reinava Priamo, e como *reinasse Priamo* »; proposições do modo indicativo e conjunctivo, em que se resolve a do participio.

Assim a differença que existe entre o *participio presente* ou *activo* e o attributo incluído no verbo, é a expressão da circumstancia de tempo em relação á acção que se pratica, ou transmite, residindo a affirmação no participio do verbo substantivo, que se combina com o attributo para formar o do attributivo.

A differença de fórma entre este participio e aquelle attributo, quando destacado do verbo, contra o que se observa no Latim, ou lingua mãe, provem de haver sido substituído no Portuguez, como já expliquei, o primitivo participio em, *ante, ente, inte*, pelo em, *ando, endo, indo*, sendo *que, ondo*, é uma contracção de, *oendo*.

N.B. Ésta nova fórma que nos veio provavelmente do Francez, assim como o verbo unipessoal

Pag. 147

*Haver*, tem sido occasião de alguns grammaticos modernos confundirem o mencionado participio activo com o gerundio, que, não obstante assemelhar-se-lhe, se distingue todavia d'elle por sua natureza e emprego.

## PARTICÍPIO PRETERITO

O *participio preterito*, ou, *passivo*, do verbo attributivo exprime a acção recebida ; o que já leva em si a idéa de anterioridade. É um adjectivo com duas terminações para o singular e duas para o plural, feminina e masculina : como, *amado, amada, amados, amadas*, de amar ; *movido, movida, movidos, movidas*, de mover ; *unido, unida, unidos, unidas*, de unir ; *posto, posta, postos, postas*, de pôr irregular. Tambem se fórma com elle *proposição participio*, subetendendo-se o participio preterito composto do verbo substantivo, *tendo sido*. Exemplo :

« *Acabada* a prática, mandou tocar a investir ; isto é, tendo sido *acabada* a prática ».

*Tendo sido acabada a prática*, é o mesmo que, « Depois que a prática *foi* ou *teve sido acabada*, e como quer que a prática fosse ou *tivesse sido acabada* » ;



proposições do modo indicativo e conjunctivo, em que se resolve a do participio.

Assim a differença que existe entre o *participio preterito passivo*, e o *adjectivo attributivo* ou *qualificativo*, é a expressão da circumstancia de tempo em relação á acção recebida, transmittida &, residindo a affirmacão no participio preterito do verbo substantivo que com elle primordialmente se confundio, e hoje se não distingue.

## COMPOSTO

Com o participio presente dos auxiliares, *Haver*, e, *Ter*, e o supino do verbo attributivo, *fróma-se* o participio preterito composto, *havendo* ou *tendo* amado, movido, unido, posto.

Este participio, *que é, intransitivo*, ou, *transitivo*, segundo a natureza da significacão do verbo d'onde nasce, é um verdadeiro participio preterito *activo*, porque exprime simplesmente a acção na anterioridade, sem envolver idéa de passividade.

N.B. É muito para notar que os grammaticos não costumem a fazer esta distincção, que aliás salta aos olhos.

## PARTICÍPIO FUTURO.

Com o participio presente dos mencionados auxiliares, e o infinito do verbo attributivo, *fórma-se* o participio futuro, *havendo* ou *tendo* de amar, mover, unir, pôr.

Este participio, que exprime simplesmente a acção por fazer, é tambem um participio activo.

N.B. Alguns verbos portuguezes conservarão o equivalente do participio futuro simples dos latinos na fórma activa. Taes são por exemplo : *Vir*, que faz, *vindouro*, *vindoura*, de *venturus*, a, um ; *Morrer*, que faz, *morredouro*, *morredoura*, de *moriturus*, a, um ; *Perecer*, que faz, *perecedouro*, *perecedoura*, de *periturus*, a, um.

## GERUNDIO

O *gerundio*, nome-verbo invariavel, com o character de substantivo, exprime a acção actual de *uma certa maneira*, como : *em amanhecendo*, *em fallando*. Vem do ablativo do gerundio latino, cuja fôrça conserva, e liga-se a um termo antecedente pela preposição, *em*, quasi sempre occulta. É, *intransitivo*,

ou, *transitivo*, segundo a natureza da significacão do verbo, d'onde nasce.

Exemplos das principaes circumstancias expressas pelo gerundio :

(Tempo) « *Em amanhecendo*, poz-se logo a caminho ; isto é, *ao amanhecer*, na occasião *de amanhecer* ».

(Modo) « Entrou na praça, *caracolando* ou *em caracolando* : isto é, a *caracolar* ».

(Causa) « Alcançou a paz de espirito, *orando* ou *em orando* a Deus ; isto é, *com orar* ou *por orar* ».

N.B. Os nossos clássicos também ligão ás vezes o gerundio ao termo antecedente com a preposição, *entre*, como, *entre fallando*, isto é, *entre fallar*. Azurára, escriptor dos mais antigos, disse, *sem fazendo*, isto é, *sem fazer*.

Confundir o gerundio com o participio presente com que se fórma proposição, como fazem alguns modernos grammaticos, é desconhecer-lhe a origem, natureza, e serventia.

No primeiro exemplo citado, si, em vez de dizermos, « *Em amanhecendo*, poz-se logo a caminho », dissessemos, « *Em amanhecendo o dia* », teríamos, não um gerundio, mas uma proposição participio, cujo sujeito seria, *o dia*, verbo, *sendo*, attributo, *amanhecendo*, ligada á de que é dependencia, não só pelo

**Pag. 151**

participio, como acontece com ésta especie de proposição, mas ainda por uma preposição, como se verifica na mór parte das proposições infinitivas.

N.B. Em Latim o gerundio é o infinito do verbo declinado, um verdadeiro nome-verbo, que exprime, como entre nós, a acção actual, e a mesma acção por fazer, como se vê em, « *Pugnandum est* », que vale tanto, como, « Ha-se ou tem-se de pelear ». O que nós fazemos com o infinitivo e as preposições, fazião os Latinos com o gerundio.

## SUPINO.

O supino, especie de nome substantivo invariavel, exprime a acção anterior na voz activa. Assume também ésta parte da oração fôrça de verbo, como no Latim ; mas em Portuguez só tem emprêgo nos tempos compostos do verbo, formados com os auxiliares, *Haver*, e, *Ter*, como se vê em, *hei* ou *tenho fallado*, *has* ou *tens escripto*, *ha* ou *tem polido*, *havendo* ou *tendo* dito.

**Pag. 152**

## Conjuncção

*Conjuncção*, é uma parte invariavel da oração que liga uma palavra á outra, uma proposição á outra, um sentido a outro, ou um termo *antecedente* a outro *consequente*, como se vê em, « Eu ditarei e tu escreverás ». Vem ésta palavra *liame* do verbo latino, *conjungere*, que quer dizer, unir com, ou propriamente, *conjunctar*.

A *conjuncção*, ou liga, aproximando simplesmente os termos, como, « *Desejo, mas temo* » ; ou liga, subordinando um termo a outro, e influindo no modo do verbo do segundo, como, « *Desejo, bem que temo* ». D'ahi a sua divisão em, *conjuncção de primeira classe* ou de *aproximação*, e *conjuncção de segunda classe* ou de *subordinação*.

## CONJUNÇÃO DE PRIMEIRA CLASSE.

Chama-se, *conjunção de primeira classe* ou de *aproximação*, a que liga simplesmente os termos, sem fazel-os dependentes um do outro, nem exercer n'elles influencia alguma.

A *conjunção de primeira classe*, subdivide-se

**Pag. 153**

ainda em, *conjunção*, que liga palavras, proposições e sentidos, e, *conjunção*, que liga unicamente proposições e sentidos.

Eis as principaes conjunções de aproximação da primeira especie : *E, nem, mas, porém, ou, tambem, agora* ou *ora* (repetido), *já* (repetido).

Exemplos desta especie de conjunção ligando palavras :

« Pedro e João ».

« Rico ou pobre ».

« Formosa, mas altiva ».

« Ora um, ora outro ».

Exemplos da mesma especie de conjunção, ligando proposições :

« Chegou hontem, e partio hoje ».

« Não veio, nem virá ».

« Fallou muito, mas nada concluiu ».

Exemplos da mesma especie de conjunção, ligando sentidos :

« Chovêo quasi tres dias continuos, de modo que os caminhos se tornarão intransitaveis. Tivemos *porem* no terceiro uma bôa noite de luar ».

« O medo faz mais tyrannos que a ambição, diz um sabio moralista. E a licção da história o confirma ».

N.B. D'esta especie de conjunções chamão os

**Pag. 154**

*grammaticos, copulativas : e, nem, tambem ; adversativas : mas, porem ; disjunctivas : ou, nem* (repetido), *ora, já* (repetidos). *Ora*, contracção de *agora* quando vem só, é *conjunção* de aproximação da segunda especie, e em muitos casos adverbio ; *agora*, e *já*, não repetidos, são adverbios. Ha ainda outras partes da oração que servem de conjunções d'esta ordem, como, *quer*, (repetido), *seja* (repetido).

Formão-se tambem locuções conjunctivas da mesma natureza, como : *não só, mas tambem*, ou *mas ainda*, ou *como tambem &*.

Eis as principaes conjunções de aproximação da segunda especie : *Depois, d'ahi, assim, pois, logo, ora, demais, em fim, finalmente, por isso, por consequinte, consequintemente, portanto, entretanto, no emtanto, n' este interim, n' este comenos, n' estes entrementes, comtudo, todavia, não obstante, bem assim, outro sim*.

Exemplo desta especie de conjunção, ligando proposições :

« A virtude é adorável ; ora a charidade é virtude, logo a charidade é adoravel ».

Exemplo da mesma especie de conjunção, ligando sentidos :

« Todos sabemos que a morte é consequencia inevitável da natureza humana. Entretanto não nos

**Pag. 155**

preparamos para a morte, que quasi sempre nos apanha desapercibidos ».

N.B. D'esta especie de conjuncções chamão os *grammaticos, continuativas* : *Depois, d'ahi, demais, no entanto*, e suas analogas ; *conclusivas* : *assim, logo, portanto, por isso, consequentemente*, e suas analogas.

Em nenhum dos exemplos acima citados a *conjuncção* faz um termo dependente do outro, ou exerce n'elles influencia alguma ; pois em, « *Pedro e João* », aproxima somente uma palavra á outra ; em « *Fallou muito, mas nada concluiu* », uma proposição á outra ; em « *Todos sabemos que a morte é consequencia inevitável da natureza humana* ». Entretanto « *não nos preparamos para a morte, que quasi sempre nos apanha desapercibidos* », um sentido a outro ; e assim nos mais.

## CONJUNCCÃO DE SEGUNDA CLASSE.

Chama-se, *conjuncção de segunda classe* ou de *subordinação*, a que liga os termos, subordinando um ao outro, e influindo no modo do verbo do segundo, ou ainda sem influir.

**Pag. 156**

Eis as principaes conjuncções d'esta especie : *Como, quando, si, como si, sinão, em quanto, com quanto, porquanto, ainda quando, que, porque, como quer que, ainda que, posto que, bem que, para que, antes que, depois que, logo que, de que, a que*, e todas as mais que se compõem com, *que*.

Exemplos d'esta especie de conjuncção subordinando um termo a outro, e influindo no modo do verbo do segundo :

« Em quanto *fôres* feliz, contarás muitos amigos ».

« Como *seja* esclarecido este ponto, passarei a tractar dos mais ».

« Quando *fôres* homem provento, terás aprendido a conhecer o mundo á tua custa ».

« Desejo que *sejas* feliz ».

« Por mais que *faças* na elevada posição em que te achas, não conseguirás escapar ao dente venenoso da inveja ».

Exemplos da mesma especie de conjuncção, subordinando um termo a outro, sem influir no modo do verbo do segundo :

« Partio logo, *como* foi dia ».

« Quando chegou, já tudo *estava* concluido ».

« Sahio a tomar ares no campo, *logo que* as fôrças lhe permittirão ».

**Pag. 157**

« *Sinão* é um sabio profundo, é pelo menos um homem erudito ».

N.B. D'esta especie de conjuncções chamão os *grammaticos, circumstanciaes* : *como, como quer que, quando, ainda quando, em quanto, antes que, depois que, posto que*,

*ainda que ; condicionaes : si, sinão, como si ; causaes : porque, pois que, por quanto, com quanto ; subjunctivas : que, e as suas compostas, de que, a que, quando ligão proposições completivas.*

Nos cinco primeiros exemplos dos efeitos da *conjuncção de segunda classe*, as conjuncções, *em quanto, como, quando, que, por mais que*, não só subordinão o segundo termo ao primeiro, mas ainda influem-lhe no modo do verbo, levando-o ao conjunctivo, como se vê em, *fôres, seja, fôres, sejam, façás* : nos quatro últimos, porem, as conjuncções, *como, quando, logo que, sinão*, subordinão unicamente o segundo termo ao primeiro, sem influir-lhe no modo do verbo.

N.B. Quando a conjuncção é composta, como, *com quanto, posto que &*, chama-se, *locução conjunctiva*.

## Preposição.

*Preposição*, é uma parte invariavel da oração

**Pag. 158**

que exprime uma relação entre duas palavras, ou entre um termo *antecedente* e outro *consequente*, ligando o segundo ao primeiro, como se vê em, « *Morrer pela patria* ». Vem esta palavra, que se põe antes de outra, chamada seu complemento, do verbo latino, *præponere*, que quer dizer, *antepôr, ou, pôr antes*.

Eis as principaes preposições simples e compostas : *A, em, de, com, por, per, sem, para, sob, sobre, entre, contra, após, dês, desde, ante, até, té, perante, durante, segundo, a segundo (antiquada), conforme, excepto, afóra (antiquada), acerca de, antes de, atrás de, trás (antiquada), dentro de, fóra de, aquem de, alem de, junto de, perto de, por entre, em cima de, acima de, por cima de, em baixo de, abaixo de, por baixo de, atrás de, por detrás de, diante de, adiante de, por diante de, por junto de, por dentro de, por fóra de*.

A *preposição* exprime em geral diversas relações, das quaes se podem reputar como principaes as seguintes :

1.<sup>a</sup> A relação de logar, como, *em junto de, de, para, a, por, por entre, alem de, a quem de, &*.

2.<sup>a</sup> A relação de tempo, como, *em, por, de, durante, antes de, depois de, &*.

**Pag. 159**

3.<sup>a</sup> A relação de ordem ou posição, como, *antes de, depois de, apoz, a, &*.

4.<sup>a</sup> A relação de causa, como, *por, com, a, de, &*.

5.<sup>a</sup> A relação de modo, como, *a, segundo, &*.

6.<sup>a</sup> A relação de conformidade, como, *com, conforme segundo, &*.

Exemplos da preposição, exprimindo uma relação de logar :

« *Nascêo em Lisboa, junto ao Tejo* ».

« *Sahio de casa, pela porta principal* ».

« *Embarcou para a India n'um vapor* ».

Exemplos da preposição, exprimindo uma relação de tempo :

« Arrendou a quinta *por* um anno ».

« Morrêo o anno passado *de* noite ; isto é, durante ou *em* o anno passado ».

Exemplos da preposição, exprimindo uma relação de ordem :

« Estava antes de mim, seguia-se *depois de* mim ».

Exemplos da preposição, exprimindo uma relação de causa :

« Morrêo *á* fome, ou *de* fome ».

« *Com* a grande magoa se finou ».

Exemplos da preposição, exprimindo uma relação de modo :

**Pag. 160**

« Escreve *com* elegancia, e *em* regra ».

« Fez-se a cerimonia *segundo* o rito ».

Exemplos da preposição, exprimindo uma relação de conformidade :

« Conformou-se *com* o meu parecer ».

« Obrou *segundo*, ou *conforme* a lei ».

A preposição exprime apenas uma relação geral, a qual só fica definida e determinada pelos dons termos a que serve de liame, como se vê em cada um dos exemplos acima citados, E porque ésta parte da oração pode ser também tomada em sentido proprio ou translato, a relação de logar, de tempo, &, pode em muitos casos ser meramente virtual.

Exemplo da preposição exprimindo uma relação virtual de logar :

« Sahio *do* assumpto, fazendo uma digressão ». Exemplo da preposição, exprimindo uma relação virtual de tempo :

« *Nas* conjuncturas arriscadas é que se conhece o grande politico ».

N.B. Quando a preposição é composta, como, *por entre*, *alem de*, chama se, locução prepositiva.

**Pag. 161**

## *Adverbio*

*Adverbio*, é uma parte invariavel da oração, que modifica o verbo ou o nome adjectivo a que se junta, acrescentando-lhe alguma circumstancia, como se vê em, « Fallou *eloquentemente* ». <sup>40</sup> É o equivalente da preposição com o seu complemento ;

---

<sup>40</sup> O adverbio também modifica outros adverbios a que se junta, acrescentando-lhes uma circumstancia de quantidade ou encarecimento, para mais, ou para menos, como se vê nos seguintes exemplos : “Comprou tudo *assaz* barato” ; “Ganhou no negocio *muito* mais do que pensava” ; “Perdêo *mui* pouco ao jogo” ; “Foi *muito* menos feliz que o seu competidor” ; “Fallou *perfeitamente* bem ;” Sahio-se da empresa *terriovelmente* mal”.

Só por omissão foi que o Auctor deixou de incluir ésta idéa na definição do adverbio, pois, havendo sido elle o nosso mestre de grammatica, assim nos ensinou : e, em verdade, os adverbios que nos exemplos acima se acham em grifho, modificam em primeiro logar os

pois, *eloquentemente*, vale o mesmo que, *com eloquencia*. Vem ésta palavra, ou complemento abreviado, de dous termos latinos, *ad*, e, *verbum*, que querem dizer, *junto ao verbo*, porque o verbo é a parte da oração a que mais frequentemente se junta.

O adverbio, pois, exprime todas as circumstancias expressas pelos complementos das preposições, nos quaes se pode resolver.

**Pag. 162**

Eis os principaes adverbios :

De modo — *assim, como, quasi, bem, mal, ás escondidas, ás tontas, &, alto, baixo* (em referencia á voz), *sabiamente, bellamente, graciosamente* (e todos os adverbios formados d'um adjectivo e do substantivo, *mente*, excepto os que exprimem ordem, tempo, e lugar).

De tempo — *hoje, hontem, ante-hontem, amanhã, depois de amanhã, cedo, tarde, logo, immediatamente, agora, outr'ora, então, antigamente, já, nunca, jamais, sempre, incontinentemente, ás pressas.*

De ordem — *primeiramente, secundariamente, primó, tertió, quartó, &.*

De quantidade — *muito, pouco, assás, mais, menos, tão, quão, tanto, quanto.*

De afirmar — *sim, em verdade, devéras, certamente, de certo, por ventura* (dubitativo), *talvez*, (dubitativo), *quiçá* (dubitativo antiquado), e os adverbios demonstrativos, *eis, eis-aqui, eis-ahi, eis alli.*

De negar — *não, nunca, nunca jamais, nada.*

De interrogar — *como ? porque ? quando ? onde ? d'onde ? para onde ? por ventura ? por caso ?*

De lugar — *aqui, ahi, alli, cá, lá, acolá, de lá, de cá, d'aqui, d'ahi, d'alli, onde, d'onde, por onde, para onde, aliás, algures* (antiquado),  *nenhures* (antiquado),

**Pag. 163**

*alhures* (antiquado), *por cima, por baixo, dentro, por dentro, fóra, por fóra, internamente, externamente, interiormente, exteriormente.*

O adverbio em cuja composição entra o adjectivo qualificativo, ou que d'elle se fórma, admite também grãos de significação, como o adjectivo que o compõe, ou d'onde vem, segundo se vê, em *elegantemente pos., mais elegantemente comp., elegantissimamente*, ou *muito elegantemente superl.* ; e em, *ás escondidas pos, mais ás escondidas comp., muito ás escondidas superl.* O que se fórma do adjectivo quantitativo, *muito*, bem como o que vem do seu opposto, *pouco*, tem o comparativo e o superlativo como os adjectivos d'onde nascem, segundo se vê em, *muito pos., mais comp., muitissimo superl.* ; e em, *pouco pos., menos comp., pouquissimo* ou *muito pouco superl.*

Exemplos do adverbio, modificando o verbo por alguma circumstancia que lhe acrescenta. (Circumstancia de modo) :

---

outros adverbios a que estão juntos, concorrendo então uns e outros já reunidos para modificarem os verbos attributivos das proposições, e o attributo da que é formada com o verbo substantivo.

Os revisores.

« Discorrêo *acertadamente* ; isto é, com acerto ». (Circumstancia de tempo) :

« Virá *hoje* ; isto é, neste dia ».

(Circumstancia de ordem) :

« Fallou *primeiramente* ; isto é, em primeiro logar ».

**Pag. 164**

(Circumstancia de quantidade) :

« Chovêo *muito* ; isto é, em muita quantidade ». (Circumstancia de logar) :  
« Esteve *aqui* ; isto é, n'este logar ».

Exemplos do adverbio, modificando o adjectivo por alguma circumstancia que lhe acrescenta : (Circumstancia de modo) :

« *Incontestavelmente* real ; isto é, sem contestação real ».

(Circumstancia de tempo) :

« *Presentemente* enfermo ; isto é, no tempo presente enfermo ».

(Circumstancia de ordem) :

« *Secundariamente* collocado ; isto é, em segundo logar collocado ».

(Circumstancia de quantidade) :

« *Pouco* abundante ; isto é, em pouca quantidade abundante ».

(Circumstancia de logar) :

« *Aqui* postado ; isto é, n'este logar postado ».

Em todos os exemplos citados, quer modifique o verbo, quer o adjectivo, o adverbio se resolve na preposição com o seu complemento, porque é justamente o equivalente de um complemento circumstancial.

Tambem se pode admittir para o adverbio a divisão

**Pag. 165**

por classes, segundo a natureza da circumstancia por elle expressa.

Pertence á primeira classe, que é a mais numerosa de todas, o *adverbio* que exprime qualidade, modo ou maneira, quantidade, como, *doutamente, prudentemente, fortemente, de balde, em vão, quasi, muito, pouco, demasiadamente, nimiamente*.

Pertence á segunda classe o *adverbio* que exprime alguma circumstancia particular da acção, como — *aproximação, assim, igualmente, aliás, juntamente*; — frequencia ou ordem, *uma vez, duas vezes, cem vezes, primeiramente, secundariamente* ; — tempo, *sempre, até, hoje, amanhã, ainda* ; — logar, *aqui, alli, acolá* ; — distancia, *longe, perto*.

Pertence á terceira classe o *adverbio* que acrescenta algum juizo accessorio á proposição, como — *affirmação, sim, certamente, devéras* ; — *dúvida, talvez, quiçá* (antiquado) ; — *interrogação, por ventura ? quando ? como ? porque ? onde ?*

Quando o *adverbio* é composto, como, *ás pressas, por ventura, chama-se, locução adverbial*.



## Interjeição.

*Interjeição*, é uma parte invariável da oração,

**Pag. 166**

curta e viva, com que se exprimem os sentimentos d'alma, e que equivale a uma proposição implícita. Vem do verbo latino, *interjicere*, que quer dizer, *metter de permeio*, e se entremette na phrase, como se vê em, « *Quanto, ah ! quanto é bella* » !

Principaes interjeições :

(De dor) : *Ai, ai de mim, ai Jesus.*

(De prazer) : *Ah, oh, viva, bello.*

(De admiração) : *Oh ! ah ! ui ! irra !*

(De susto) : *Jesus, ai.*

(De animação) : *Eia, ora, sus, animo, bravo, avante, vamos.*

(De indignação) : *Apré, fôra, fôra d'aqui, - arre* (termo baixo).

(De chamar) : *Ó, olá, ptsio.*

(De impor silencio) : *Chiton, ta, silencio.*

(De exprimir desejo) : *Oxalá, oh.*

A *interjeição*, pois, que é como um reflexo de nossas impressões momentaneas, transmittido pela voz, é uma especie de embryão de proposição, ou de enunciado de juizo não desenvolvido. Assim nenhuma ha que se não possa resolver em proposição, como se vê nos seguintes exemplos :

« *Olá, é o mesmo que, vem cá, ou estou te chamando* ».

« *Ai, o mesmo que, quanta, ou que dor sinto* ».

**Pag. 167**

« *Animo, o mesmo que, tem animo* ».

« *Oh ! o mesmo que, como estou admirado* » !

« *Jesus, o mesmo que, valha-me Jesus* ».

« *Triste de mim, o mesmo que, como sou triste ou infeliz* ».

Como éstas, se podem resolver todas as outras, prestando-se attenção á intenção com que são proferidas quando isoladas, ou ao sentido antecedente e consequente quando vêm intercaladas no discurso.

Quando a interjeição é composta, como, *ai de mim, ora sus*, chama-se, *locução interjectiva*.

**Pag. 168**

# Syntaxe.

## *Noções preliminares*

### I. [PROPOSIÇÃO]

O discurso consta de proposições : a proposição, de palavras. *Proposição*, que também se chama, *oração, phrase, sentença*, é o enunciado do juízo, ou acto do entendimento, pelo qual affirmamos uma coisa de outra.

Toda a reunião de palavras, a qual fórma sentido, é uma *proposição*, em que se contem tres termos, denominados, *sujeito, verbo, attributo*.

*Sujeito*, é a pessoa ou coisa a que se attribue alguma qualidade : é a idéa principal, o objecto do juízo.

*Attributo*, é a qualidade que se attribue ao sujeito : é a idéa accessoria.

*Verbo*, que já ficou definido em logar competente, é o nexó entre os outros dous termos.

Exemplo de uma proposição com seus tres termos :

**Pag. 169**

« Deus é eterno ».

*Deus*, sujeito ; *é*, verbo ; *eterno*, attributo.

### II. [SUJEITO E ATTRIBUTO]

O sujeito e o attributo dividem-se em grammaticaes e totaes.

O *sujeito grammatical*, é representado por nome substantivo, pronome, oração.

O *attributo grammatical*, é representado por nome adjectivo ou coisa equivalente.

O sujeito e o attributo totaes são o sujeito e attributo com complementos.

*Complemento*, é toda palavra ou oração que completa o sujeito ou o attributo.

### III. [CLASSIFICAÇÃO DE SUJEITO E ATTRIBUTO]

O sujeito e attributo podem ser simples, compostos ; incomplexos, complexos.

*Sujeito simples*, é o que representa um só objecto, ou objectos da mesma natureza.

*Attributo simples* é o que exprime uma só maneira de existir do sujeito.

Exemplo do sujeito e attributo simples :

« *O homem é mortal* ».

**Pag. 170**

*Sujeito composto*, é o que representa objectos differentes, ou de natureza diversa.

Exemplo :

« *Pedro e João são irmãos* ».

*Attributo composto*, é o que exprime diversas maneiras de existir do sujeito.

Exemplo :

« *Cicero foi orador e philosopho* ».

*Sujeito incompleto*, é o que não tem complementos.

*Attributo incompleto*, é o que também não tem complementos.

Exemplo do sujeito e attributo incompletos :

« *Deus é misericordioso* ».

*Sujeito complexo*, é o que tem complementos.

Exemplo :

« *O homem que sabe regular sua vida, é prudente* ».

*Attributo complexo*, é o que também tem complementos.

Exemplo :

« *O mundo foi creado por Deus* ».

#### IV. [ORDEM DIRECTA A INVERSA]

A *proposição* pode estar na ordem directa ou inversa : está *na ordem directa*, quando os seus termos

**Pag. 171**

se achão naturalmente collocados, tendo o primeiro logar o sujeito ou idéa principal, o segundo, o verbo ou idéa de nexos, o terceiro, o attributo ou idéa accessoria : está *na ordem inversa*, quando os seus termos se achão invertidos, transposta a ordem natural da precedencia.

Exemplo da proposição na ordem directa, ou com os seus termos naturalmente collocados : —

« *Nenhum governo é bom para os homens máos* ».

Exemplo da proposição na ordem inversa, ou com os seus termos invertidos : —

« *Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger* ».

N.B. A ordem inversa domina ordinariamente na phrase portugueza, e com especialidade na dos escriptores denominados clássicos ; por isso cumpre saber bem distinguir uma de outra ordem, para conhecer os termos da proposição.

#### V. [SUBORDINAÇÃO]

O discurso resulta, não só da ligação e da subordinação das palavras de uma mesma proposição, mas ainda da ligação e da subordinação das proposições entre si.

As regras a que dão origem esta ligação e esta

subordinação, constituem o que se chama, *Syntaxe*, palavra que vem do Grego, e quer dizer, *arranjo*. E como tal ligação e tal subordinação são duplas, porque são ao mesmo tempo de palavras e proposições, d'ahi também duas espécies de *Syntaxe*, *syntaxe de palavras*, *syntaxe de proposições*.

## *Syntaxe das palavras*

### LIGAÇÃO DAS PALAVRAS PELA CONJUNÇÃO.

A ligação das palavras feita pela conjunção de aproximação é de todas a mais simples. As palavras porém ligadas por esta conjunção são sempre da mesma espécie.

Exemplos :

« Honra e gloria ».

« Forte, mas prudente ».

« Nem bem, nem mal ».

« Ou eu, ou tu ».

« Cantou e dansou ».

No primeiro exemplo, a conjunção liga dous nomes ; no segundo, dous adjectivos ; no terceiro, dous adverbios ; no quarto, dous pronomes ; no quinto, dous verbos.

### LIGAÇÃO DAS PALAVRAS PELA PREPOSIÇÃO.

A ligação das palavras feita pela preposição pode ser entre palavras da mesma ou de diversa espécie.

Exemplos :

« Amor á patria ».

« Cheio de vida ».

« Fallou com ardor ».

No primeiro exemplo, a preposição liga dous nomes ; no segundo, um adjectivo e um nome ; no terceiro, um verbo e um nome ».

### LIGAÇÃO DOS TERMOS DA PROPOSIÇÃO.

A ligação dos termos da proposição faz-se unicamente pela conveniencia de fórma e concordancia entre elles, sem intervenção dos liames da conjunção e preposição.

Exemplo :

« Deus é omnipotente : *Deus*, sujeito ; *é*, verbo ; *omnipotente*, attributo ».

## *Concordancia do verbo com o sujeito.*

O verbo, concorda com o sujeito em pessoa e numero, accommodando-se pela forma á pessoa e numero do sujeito.

**Pag. 174**

Exemplos :

« Eu *delibero* ».

« O homem *pensa* »,

« Vós *estudais* ».

No primeiro exemplo, o sujeito, *eu*, é da primeira pessoa do singular, e o verbo, *delibero*, accommoda-se pela forma á primeira pessoa e ao numero singular : no segundo, o sujeito, *o homem*, é da terceira pessoa do singular, e o verbo, *pensa*, accommoda-se. pela forma á terceira pessoa e ao numero singular : no terceiro, o sujeito, *vós*, é da segunda pessoa do plural, e o verbo, *estudais*, accommoda-se pela forma á segunda pessoa e ao numero plural.

## *Concordancia do verbo com muitos sujeitos.*

Com mais de um sujeito, ainda que seja cada um do singular, o verbo se põe regularmente no plural, concordando com todos, quer elles estejam ligados por conjunções, quer não. Por isso dizem os grammaticos que muitos sujeitos do singular fazem um do plural

Exemplos :

« Camões e Tasso compuzerão epopéas ».

« Pompêo, Lentulo, Scipião, precêrão miseravelmente ».

**Pag. 175**

« O amor e a amisade são cousas muito distinctas ».

Quando concorre um sujeito da primeira pessoa do singular com outro da segunda ou terceira, põe-se o verbo no plural, mas na primeira pessoa.

Exemplo :

« Eu e tu estamos bons ».

Quando concorre um sujeito da segunda pessoa do singular com outro da terceira, põe-se o verbo no plural, mas na segunda pessoa.

Exemplo :

« Tu e Antonio estais bons ».

N'estes dous casos, porem, os verdadeiros sujeitos subentendidos são os pronomes, *nós*, e, *vós*.

Quando dous ou mais sujeitos do singular, e da terceira pessoa, se achão separados pela conjuncção disjunctiva, *ou*, o verbo se põe no singular, concordando com o mais visinho.

« Pedro ou João fallará ».

Mas si os sujeitos são da primeira e segunda pessoa do singular, o verbo se põe no plural, e na primeira pessoa.

Exemplo :

« Eu ou tu faltaremos ».

N'este caso, o verdadeiro sujeito subentendido é o pronome, *nós*.

**Pag. 176**

Quando o sujeito é um infinito tomado como nome, ou uma oração inteira, o verbo põe-se no singular.

Exemplos :

« É vergonhoso *mentir* ou *o mentir* ».

« A *ninguém* se deve *fazer mal* ».

« É licito *partires* ». É mui conveniente *que partas hoje* ».

Quando o sujeito é uma conjuncção, ou uma preposição, convertidas em nomes pelo artigo, o verbo toma o numero d'essa parte da oração substantivada.

Exemplos :

« *O quando* só de Deus é sabido ».

« *Os porquês*, com que sustentou a causa, forão mui valiosos ».

« *Alli* se discutio o *pro* e o *contra* ».

O verbo, *dizem*, concorda muitas vezes com o sujeito indefinido occulto, *homens*, o que não é uma ellipse, porque o sujeito não se subentende, mas uma especie de idiotismo da lingua ;

Exemplo :

« *Dizem* muito bem de ti ».

« N.B. Esta expressão equivale á latina, *ferunt*, *aiunt*, *dicunt*, e á franceza, *on dit*.

**Pag. 177**

## *Concordancia do adjectivo e do nome.*

O *adjectivo*, concorda em genero e numero, como já ficou dito em logar competente, com o nome que qualifica, ou determina, accommodando se a elle pela fórma.

Exemplo do adjectivo, qualificando o nome :

« As orações *fervorosas* agradão a Deus ».

Exemplo do adjectivo, determinando o nome.

« *Este* homem é sabio ».

No primeiro caso, o adjectivo, *fervorosas*, accomoda-se pela fórma ao genero feminino e numero plural do nome, *orações*, com que concorda : no segundo, o adjectivo, *este*, accomoda-se tambem pela fórma ao genero masculino e numero singular do nome, *homem*, com quem concorda.

A concordancia do *attributo* com o sujeito, ou do *qualificativo* com o nome, opera-se quando os dous termos estão unidos pelo verbo substantivo.

Exemplos :

« A terra é *redonda* ».

« O homem é *racional* ».

A concordancia do *qualificativo* com o nome opera-se ainda quando elles estão unidos por um ou mais verbos intransitivos.

« Exemplos : Ninguém nasce *máo* ».

Pag. 178

« Aristides vivêo e morrêo *pobre* ».

N.B. N'estes últimos casos, o adjectivo completa o sentido do participio antiquado incluído no verbo, e o attributo se acha composto de duas palavras : « Ninguém é *nascente máo* ; Aristides foi *vivente e morrente pobre* ». Innumeraveis são os exemplos d'esta natureza que podião ser adduzidos, como : « Elle permaneceu *inabalavel* » ; « *ella* cahio *desmaiada* » ; « *eu* estou *admirado* » ; « *tu* ficaste *ferido* » ; « nós brincamos *alegres* etc ».

O qualificativo, concorda com uma oração tomada como nome, pondo-se sempre na fórma masculina, ou antes n'uma especie de fórma neutra invariavel.

Exemplos :

« É *glorioso* morrer pela patria ».

« É *preciso* que sáias d'esta terra ».

N.B. Ésta especie de fórma neutra, que ainda se distingue nos determinativos, *este, aquella, esse, todo*, vêm-nos em taes casos do Latim, como se vê no primeiro exemplo, que é traducção do seguinte : « *Decorum* est pro patria mori ».

Pag. 179

## *Concordancia do adjectivo com muitos nomes.*

Quando o *adjectivo* qualifica muitos nomes põe-se no plural.

Exemplos :

« A terra e a lua são *redondas* ».

« O sol e os mais astros são *redondos* ».

Quando o *adjectivo* qualifica nomes de genero diverso põe-se no plural e fórma masculina, si entre esses nomes ha algum masculino.

Exemplos :

« Homens, mulheres e crianças forão *aprisionados* na guerra ».

« Pedro e Maria são *robustos* ».

## *Nome attributo.*

O *nome*, que se adjectiva pela supressão do artigo, pode servir de attributo, sem que seja necessario ser do mesmo genero e numero do sujeito.

Exemplos : —

« A ira é *furor* ».

« Os captivos forão *presa* dos soldados ».

N.B. N'estes casos, considera-se o *nome attributo*, ou *adjectivado*, como uma simples qualidade que

**Pag. 180**

se affirma do sujeito, sem attenção ás fórmulas genericas e numericas.

## *Concordancia do adjectivo conjunctivo.*

O *adjectivo conjunctivo*, de que já tractei em logar competente, concorda em genero e numero com um termo antecedente claro, e outro consequente quasi sempre occulto.

Exemplos : —

« A guerra, *que* se preparava, não chegou a realisar-se ; isto é, a *guerra*, a qual *guerra* ».

« O navio, *cuja* vinda se esperava, não chegou ; isto é, o *navio*, do qual *navio* se esperava a vinda ».

« O homem, a *quem* procuras, já partio ; isto é, o *homem*, o qual *homem* ».

No primeiro exemplo, o termo antecedente é, *guerra*, e o consequente subentendido, *guerra* : no segundo, o antecedente, *navio*, e o consequente subentendido, *navio* : no terceiro, o antecedente, *homem*, o consequente subentendido, *homem*.

N.B. O *adjectivo conjunctivo*, vai sempre para o principio da oração, quer represente o sujeito, quer um simples complemento.

**Pag. 181**



## Concordancia do adjectivo interrogativo

O *adjectivo interrogativo*, de que já igualmente tractei em logar competente, concorda em genero e numero com um termo antecedente quasi sempre occulto, ou puramente mental, e outro consequente claro.

Exemplos :

« *Que* dizes ? isto é, quero saber a *cousa*, que, ou qual *cousa* dizes » ?

« Por *quem* esperas ? isto é, desejo conhecer o *homem*, o *individuo*, por que, ou por qual *homem*, ou *individuo* esperas » ?

*Cujo* é o gado ? isto é, pretendo certificar-me do do *dono*, de que, ou de qual *dono* é o gado » ?

Éstas proposições tambem se podem explicar pela seguinte maneira :

« Pergunto pela *cousa*, que, ou qual *cousa* dizes » ?

« Pergunto pelo *individuo*, por que, ou por qual *individuo* esperas » ?

« Pergunto pelo *dono*, de que, ou de qual *dono* é o gado » ?

N.B. O *adjectivo interrogativo*, se põe sempre no principio da oração, quer represente o attributo, quer um simples complemento.

A ésta ligação das palavras entre si chamão os

Pag. 182

grammaticos, *syntaxe de concordancia*, por opposição ao que denominação, *syntaxe de regencia*, ou á subordinação das palavras entre si, de que vou tractar.

## *Dependencia das palavras. Sua collocação na proposição.*

Nas linguas que teem casos, como o Latim e o Grego, as relações de subordinação das palavras entre si são expressas pelos casos, isto independentemente das preposições claras ou subentendidas que os possuem ligar, o que no Latim só tem cabimento a respeito do accusativo, quando não é complemento directo ou objectivo, e do ablativo ; pois a preposição, *tenus*, que se pospõe algumas vezes ao genitivo, é uma excepção, ou faz antes suppor algum ablativo occulto.

Nas linguas que não teem casos ; como o Portuguez e suas analogas derivadas do Latim, essas relações são expressas pelos complementos das preposições, que se ligão por ellas ás palavras de que são dependencia, com excepções unicas do complemento

Pag. 183

directo ou objectivo, que ainda assim é no Portuguez ligado ao verbo pela preposição, *a*, quando é nome de pessoa, como já fiz ver, e do complemento indirecto ou terminativo, quando é algum pronome.

Assim, nas primeiras das sobreditas linguas a collocação das palavras na proposição depende unicamente do effeito harmonico que ellas produzem ; porque as relações de subordinação das mesmas entre si se achão determinadas pelos casos, e nunca deixão de ser conhecidas por mais distantes que estejam umas de outras ; ao passo que nas segundas, em que taes relações são expressas pelos complementos das preposições, sem outro algum indicador que as determine, se deve observar a lei da posição, a que fica por conseguinte subordinado o effeito harmonico.

Pode-se, por exemplo, dizer em Latim indifferentemente para o sentido, ou como melhor o exigir a harmonia, tanto, *amor virtutis*, como, *virtutis amor* tanto, *sol mundum illustrat*, como, *sol illustrat mundum*, ou, *mundum illustrat sol*. Em Portuguez, porem, não ; porque deve-se dizer, observando a lei da posição, *amor da virtude*, o *sol allumia o mundo*, pois do contrario o sentido se tornaria muitas vezes amphibologico. No verso, com tudo, ha mais liberdade a este respeito, porque pode-se dizer, *da virtude*

**Pag. 184**

*amor*, e em certos casos pôr o complemento directo antes do verbo.

Sirvão de exemplo do primeiro caso estes versos de Francisco Manoel :

“ *De Jesus Christo a Igreja vezes nove.* ” ... “ *Gerêna, de Machuton sepultura* ” ...

E do segundo est’outros de Camões :

“ *As armas e os barões assignalados.* ... Cantando espalharei por toda a parte ”.

Quando, porem, o complemento directo é algum pronome, antepõe-se frequentemente ao verbo mesmo na prosa ; pois tanto se pode dizer, *me salvo*, como *salvo-me* ; *te brindou*, como, *brindou-te*, *se ferio*, como, *ferio-se*. A razão d’isto é que o pronome tem casos que determinão as suas relações de subordinação com as outras palavras.

Os outros complementos do verbo podem em muitos casos antepôr-se a este, principalmente quando são pronomes, isto quer na prosa, quer no verso ; pois tanto se diz, *com pressa te escrevo*, e, *com razão fallo*, como, *escrevo-te com pressa*, e *fallo com razão*.

**Pag. 185**

Os complementos do adjectivo podem tambem em muitos casos antepor-se a este, quer na prosa, quer no verso ; porque tanto se diz, *em tudo magnifico*, e, *de comêr repleto*, como, *magnifico em tudo*, e, *repleto de comêr*. Em taes casos o melhor regulador da collocação dos complementos é sempre o ouvido.

N.B. Ésta liberdade illimitada, a que se prestavão o Latim e o Grego, para fazer transposições de palavras, é a maior difficuldade com que, nos nossos modernos idiomas sempre embaraçados com um sem numero de particulas *liames*, e sujeitos á lei da posição, luctão os que teem de fazer a versão das obras primas compostas n’aquellas duas linguas verdadeiramente musicaes, para reproduzir-lhes a harmonia, fôrça e graça de estylo.

## Complemento.

O *complemento*, que já ficou definido que cousa seja, toma diversas denominações segundo a maneira por que modifica a palavra a que se liga : por isso, ora é restrictivo, ora objectivo, ora terminativo, ora circumstantial. O *complemento*, pode ser complemento

Pag. 186

do nome appellativo, do nome adjectivo, do verbo attributivo.

### COMPLEMENTO DO APPELLATIVO.

O *complemento do appellativo*, é ordinariamente restrictivo, mas pode ser tambem terminativo quando o *appellativo* requer um termo de relação.

#### I. [Complemento restrictivo]

Chama-se, *restrictivo*, o complemento que restringe a significação vaga do appellativo, determinando-a. Por exemplo, *amor*, é um nome de significação vaga, porque significa qualquer amor ; mas, si lhe juntarmos o complemento, *da virtude*, fica a significação da palavra restringida á de, *amor da virtude*, e, por conseguinte, determinada.

O *complemento restrictivo*, exprime principalmente :

1.º A propriedade, a possessão.

2.º O fim, o objecto.

Exemplos do *complemento restrictivo*, exprimindo a propriedade e a possessão :

« Este livro é *de Pedro* ; isto é, é *livro de Pedro* »

Pag. 187

« *As leis de Lycurgo* fizeram dos Espartanos um povo guerreiro ».

« *O dono da casa* nos recebêo mui bem ».

« *A herdade, da qual és possuidor, ou cujo possuidor és, é mui bella* ».

Em muitos casos a possessão tanto pode ser expressa por um complemento restrictivo, como por um adjectivo possessivo. Exemplos :

« *As leis d'el rei D. José, ou as leis Josephinas, forão pela mór parte boas* ».

« *Os soldados de Pompeio, ou os soldados Pompeianos, forão vencidos na Hespanha* ».

Exemplos do complemento restrictivo, exprimindo-, do o fim, o objecto :

« *O amor da virtude, eleva nosso espirito a Deus* ».

« *A ambição de honras e dignidades nos obriga a commetter baixezas* ».

« *A cultura da intelligencia melhora o homem, que é um ente perfectivel* ».

Muitas vezes o appellativo é determinado, ou restringido, não por um nome, mas por um verbo, ou por uma oração, que é o equivalente do complemento restrictivo. Exemplos :

A sabedoria é a *arte de viver* ; isto é, *de bem viver* ».

Pag. 188

« A economia é a *sciencia de evitar despesas inuteis* ».

A *paixão de que estás possuido*, isto é, *da qual estás possuido*, pode vir a ser-te funesta ».

O apposto ao appellativo, quando é nome proprio, pode ser o equivalente do complemento restrictivo, porque n'elle ordinariamente se converte. Exemplos :

« No *baluarte S. João*, isto é, *de S. João*, se resistia á violência do ferro sem temer a do fogo ».

A *cidade, Roma antiga*, isto é, *de Roma*, era mui vasta ».

O adjectivo e qualquer outra parte da oração, substantivados pelo artigo, admittem complementos restrictivos como o simples appellativo. Exemplos :

« O *bem formado desta cabeça* é digno do pincel de um grande artista ».

« O *bello das artes* é certamente o mais admiravel depois do da natureza ».

« Os *porquês da recusa* só elle os pode saber ».

« O *até quando da minha ausencia* não se pode bem fixar ».

« O *viver d'este homem* é diverso do dos outros ».

Pag. 189

## II. [Complemento terminativo]

O *complemento terminativo*, que já em outro logar defini, modifica tambem o appellativo quando é relativo, determinando-lhe a relação. Por exemplo, *inclinação*, é um nome relativo de relação indeterminada, porque pode ser *inclinação* a qualquer cousa ; mas si lhe juntarmos o complemento, *ás armas*, fica a relação do nome, *inclinação*, determinada pelo complemento *terminativo*, *ás armas*.

O appellativo relativo, pois, pode ter dois complementos ao mesmo tempo, um, *restrictivo*, outro, *terminativo*.

Exemplos do complemento terminativo, modificando o appellativo *relativo* :

« A *inclinação ás armas* é evidente em Pedro ».

« O *amor ao estudo* é feliz *disposição para aprender* ».

« A *vocação para a vida monastica* era mui frequente n'aquelles tempos de fé viva ».

Exemplos de um complemento restrictivo e outro terminativo, modificando o mesmo appellativo.

« A *inclinação de Pedro ás armas* é evidente ».

« O *amor de João ao estudo* é feliz *disposição para aprender* ».

« A *vocação do christão para a vida monastica*

Pag. 190

era mui frequente n'aquelles tempos de fé viva.

N.B. O *complemento restrictivo*, liga-se ao *appellativo* pela preposição, *de*, e o *terminativo* ordinariamente pelas preposições, *a*, *para*, *para com*, *em*.

## COMPLEMENTO DO ADJECTIVO.

O *adjectivo*, pode ser modificado por *complemento terminativo*, quando é relativo, e por *complemento circumstancial*, quer o seja, quer não.

*Amante*, por exemplo, é um *adjectivo relativo*, de relação indeterminada, por que significa amante de qualquer cousa ; mas si lhe juntarmos o *complemento*, *da glória*, e dissermos, *amante da glória*, fica a relação do *adjectivo* determinada pelo *complemento terminativo*, *da glória : bella*, é um *adjectivo qualificativo*, que exprime pura e simplesmente a qualidade, *de ser bella* ; mas si lhe juntarmos o *complemento*, *sem senão*, e dissermos, *bella sem senão*, fica a qualidade expressa pelo *adjectivo* definida pelo *complemento circumstancial*, *sem senão*, ou por uma *circumstancia* que exclue todo e qualquer defeito.

Pag. 191

### I. [Complemento terminativo relativo]

Exemplos do *complemento terminativo* do *adjectivo relativo* : —

« Este homem é *temente á Deus* ».

« Esta menina *me é chara* ou *é-me chara* ».

« Alexandre, Cezar, e Napoleão I forão *amantes da glória* das armas ».

« O grande Albuquerque era *propenso á ira* ».

Muitas vezes o *adjectivo relativo* é determinado não por um nome ou pronome, mas por um verbo, ou por uma oração, que é o equivalente do *complemento terminativo*. Exemplos : —

« Tudo quanto existe no mundo é *sujeito a perecer* ».

« O navio estava *prestes a partir* para a India ».

« Todos os capitães do exercito estavam *prevenidos de que serião atacados pelo inimigo durante a noite* ».

N.B. O *complemento terminativo*, liga-se ao *adjectivo* ordinariamente pelas preposições, *a*, *por*, *para*, *para com*, *de*, *em*, *com*, excepto quando é algum pronome, porque então pode deixar de levar preposição, como se vê no segundo exemplo.

Pag. 192

### II. [Complemento circumstancial]

Chama-se, *circumstancial*, o *complemento* que acrescenta alguma *circumstancia* ao *adjectivo*, ou ao verbo, e que especificarei em cada uma d'elas quando tractar dos *complementos* do último.

Pode pois o *adjectivo*, quando é relativo, ter ao mesmo tempo dois *complementos*, um, *circumstancial*, e outro, *terminativo*.

Exemplos do complemento *circumstancial*, modificando o adjectivo puramente qualificativo : —

« Este edificio é *construido com muita solidez* ».

« Este sitio *escabroso em extremo* parece *que em tempo nenhum* foi habitado ».

« A nova povoação está *distante cêrca de duas leguas* ».

A cerimonia foi *celebrada segundo o rito* ».

« O templo é *feito de cantaria* ».

Exemplos do complemento, *terminativo* e *circumstancial*, modificando o adjectivo relativo : —

« Este sitio *escabroso em extremo* parece *que em tempo nenhum* foi habitado *pelos homens* ».

« A nova povoação está *distante da antiga cerca de duas léguas* ».

« A cerimonia foi *celebrada segundo o rito* pelo *parcho* da freguezia ».

**Pag. 193**

« O templo é *feito de cantaria* por um *architecto célebre* ».

N.B. O *complemento circumstancial*, liga-se ao adjectivo por qualquer preposição *accommodada*, como, *de, em, com, cêrca, até, para, durante, segundo, por, &*.

## COMPLEMENTO DO VERBO.

O complemento do, *verbo attributivo*, pode ser, *directo* ou *objectivo*, quando o verbo é transitivo ; *terminativo*, quando o verbo é relativo, e, *circumstancial*, tanto nos dois casos, como quando o verbo é intransitivo.

### I. [Complemento directo ou objectivo]

O *complemento directo* ou *objectivo* do verbo transitivo, que já ficou definido que cousa seja quando tractei d'este verbo, pode ser nome, pronome, qualquer parte da oração substantivada, oração.

Exemplos do complemento *directo*, nome : —

« O homem fertilisa com a cultura a *terra ainda a mais ingrata*. ».

**Pag. 194**

« Ninguém conhece bem *todas as difficuldades de uma lingua*, *sinão quem d'ella* faz *profundo estudo* ».

« Estimo a *Pedro* *que é um homem de bem* ».

« Amas a *esta menina*, ou simplesmente, *esta menina*, como si fosse tua filha ».

N.B. N'estes exemplos ponho em italico os complementos directos, *a terra, todas as difficuldades, a Pedro, a esta menina*, com todos os seus accessorios, porque este complemento, que é um sujeito diverso, vem como o sujeito da proposição ordinariamente acompanhado d'elles no discurso.

Exemplos do complemento *directo*, pronome : —

« Preso-*te* por tuas excellentes qualidades, e porque tambem *me* estimas ».

« *Visita-me* sempre, porque muito aproveito com a tua conversação ».

*Venera-me* como a pae ».

« *Apartar-te*-has de nós mui breve ».

Exemplos do complemento *directo*, adjectivo substantivado : —

« *Amo o bello* das artes, bem como o da natureza ».

« *Convem dar o seu* a seu dono ».

Exemplos do complemento *directo*, conjuncção e adverbio substantivados :

**Pag. 195**

Não direi o *como* e o *quando* por não ser necessario ».

« Ainda tenho em lembrança *aquelle seu até breve que nunca se realisou* ».

Exemplos do complemento *directo*, verbo no infinito e oração.

« *Quero partir* ».

« Não posso *duvidar* ».

*Desejo aprender as artes e sciencias para ser instruido* ».

Não digas *d'esta agua não beberei e deste pão não comerei* ».

« *Sabes que o que pedes é mui difficil de alcançar ?* »

N.B. Os verbos, *querer*, e, *poder*, tem ordinariamente por complementos directos verbos no infinito e orações.

O *complemento directo*, é sempre um sujeito diverso do da proposição, como fica dito, menos quando é representado pelo mesmo pronome que serve de sujeito, porque então converte-se em simples intermediario para fazer reflectir a acção d'este sobre elle proprio, o que só tem cabimento com o verbo *reflexo pronominal*, ou accidentalmente *reflexo*.

Exemplos do primeiro caso :

**Pag. 196**

« *Nós nos* compadecemos dos males dos outros homens, porque elles são nossos semelhantes ».

« *Elle se* esmera em todo genero de pintura que emprenhe, como perfeito artista que é ».

Exemplos do segundo caso :

« *Eu feri-me* na mão brincando com um canivete ».

« *Tu te* revês na tua imagem como um Narcizo ».

N.B. Este complemento *directo* do verbo *reflexo* é, como se vê, uma excepção á regra geral.

## II. [Complemento indirecto ou terminativo]

O *complemento indirecto* ou *terminativo*, do verbo *relativo*, que ja ficou igualmente difinido quando tractei d'este verbo, pode ser da mesma fórma, nome, pronome, qualquer parte da oração substantivada, oração.

Exemplos do complemento *indirecto*, nome : —

« O mundo obedece a Deus ».

« Usa de armas defezas ».

Exemplos do complemento *indirecto*, pronome : — « Fallou-me arrebatadamente ».

« Valêo-te quando menos esperavas ».

Exemplos do complemento *indirecto*, adjectivo e adverbio substantivados : —

« Acodio ao seu chamado ».

**Pag. 197**

« Annuio áquelle seu até amanhã ».

Exemplos do complemento *indirecto*, verbo e oração : —

« Acodio a orar ».

« Accorrêo a defender o posto atacado ».

N.B. O complemento *indirecto* liga-se ao verbo por preposição *accommodada*, como, *a, de, por, para, em, para com &*, menos quando é pronome, porque então pode deixar de levar preposição, como se vê nos dois exemplos acima.

Pode o complemento *indirecto* concorrer conjunctamente com o *directo* para modificar um só e o mesmo verbo, quando este é, *transitivo relativo*; e diz-se então que o verbo pede dous complementos, um, *objectivo*, e outro, *terminativo*.

Exemplos dos dous complementos, *directo* e *indirecto*, juntos a um só e o mesmo verbo : —

« Escrevi-te uma carta, da qual ainda me não déste resposta ».

« Aquelle que primeiramente ensinou aos homens a arte de escrever, fez um grande bem á humanidade ».

« Investio-se no cargo, para o qual fôra nomeado ».

« Jesus Christo mostrou o seu grande amor para com os homens, morrendo por elles ».

Quando o complemento *directo* é o adjectivo pronominal,

**Pag. 198**

e o *indirecto* um pronome, reúnem-se ambos, como se formassem uma só palavra, indicando-se por meio do apóstropho a elisão da vogal do pronome que se junta ao mencionado adjectivo. Exemplos : —

« Recebi boas noticias acêrca da minha pretensão. E quem foi que t'as deo » ?

« Explicou-te elle o negocio, como convinha ? Não m'o explicou ».

Disseste a N. o que lhe mandei dizer ? Disse-lh'o.

N.B. Nos escriptores clássicos achão-se ordinariamente reunidos os dous complementos sem apóstropho indicativo da elisão da vogal do pronome.

### III. [Complemento circumstantial]

O complemento *circumstantial*, que se junta ao verbo attributivo, modifica-o, acrescentando alguma circumstancia ao attributo n'elle incluído, e pode ser, como o *directo* e o *indirecto*, nome, pronome, parte de oração substantivada, oração.



São principaes circumstancias expressas por este complemento : — O *modo* ; o *meio* ; o *instrumento* ; a *causa* ; a *origem* ; o *fim* ; a *companhia* ; a *ordem* ; a

**Pag. 199**

*oposição* ; a *exclusão* ; a *materia* ; o *preço* ; a *medida* ; o *espaço* ; a *distancia* ; o *tempo*, que se divide em, *tempo anterior, actual, posterior*, o *logar*, que se divide em, *logar onde, d'onde, para onde, por onde*.

Exemplos do mesmo complemento, exprimindo cada uma das circumstancias especificadas :

(Circumstancia de modo, que se liga ordinariamente pelas preposições, *com, em, a, de, conforme* ou *segundo*) :

« Leio *com cuidado* ».

« O mar rebentava *em flôr* na costa ».

« Veste-se *á moda antiga*, ou simplesmente *á antiga* ».

« Cobrio-se toda *de dó* ».

« Procedêo *conforme* ou *segundo á lei* ».

(Circumstancia de meio, que se liga quasi sempre pelas preposições, *por, e per*) :

« *Por elle* conseguiu quanto desejava ».

« *Pelo teu intermedio* se fará tudo ».

(Circumstancia de instrumento, que se liga pelas preposições, *com, a, em, &*) :

« Ferio-se *com a espada* ».

« O inimigo poz tudo *a ferro e fogo* ».

« Cahio tropeçando *n'uma* pedra ».

(Circumstancia de causa, que se liga as mais das vezes pelas preposições, *de, com, a, por, per*) :

**Pag. 200**

« Parecia querer estalar *de dôr* ».

« Nunca mais logrou saude *com a grande perda de sangue que soffrêo* ».

« Estava morrendo *á pura sede* ».

« Não pode o homem conceber longa esperança, *por ser mortal* ».

« Combatia *pelo rei e pela patria* ».

(Circumstancia de origem, que se liga quasi sempre pela preposição, *de*) :

« Isto nos vem *de Deus* ».

« Nascêo *de ventre livre* ».

(Circumstancia de fim, que se liga pelas preposições, *a, para, com, em*) :

« Sahio *a passear* ».

« Levantou-se *para orar* ».

« Fallou *no intuito de convencer-nos*, mas não o conseguiu ».

« Partio *com proposito de nunca mais voltar* ».

(Circumstancia de companhia, que se liga pela preposição, *com*) :

« Veio *com nosco* ». Sahio *com elle de casa* ».

(Circumstancia de ordem, que se liga ordinariamente pelas preposições, *diante de, antes de, atrás de, depois de, após*) :

« *Ia diante de mim no cortejo* ».

**Pag. 201**

« *Estava antes de ti na ordem hierarchica* ».

« *Vinha atrás de mim no cortejo* ».

« *Após o bispo, ou atrás do bispo, seguia-se o deão* ».

(Circumstancia de opposição, que se liga pela preposição, *contra* :

« *Alarico marchou contra Roma* ».

(Circumstancia de exclusão, que se liga de ordinario pelas preposições, *á excepção de, menos*) :

« *A' excepção do commandante, todos os officiaes assistirão ao cortejo* ».

« *Concluí o meu trabalho sem o auxilio de pessoa estranha* ».

(Circumstancia de materia, que se liga de ordinario pelas preposições, *com, e, de*) :

« *Construio o muro com pedra ensossa* ».

« *Fez a casa de madeira* ».

N.B. Quando porem a materia é materia virtual, a preposição que se emprega é, *sobre, acerca de, em, de*, como se vê n'este exemplo :

« *Discorrêo sobre moral, mas não fallou nos deveres do homem para comsigo mesmo, de que não teve tempo de tractar* ».

(Circumstancia de preço, que se liga pelas preposições, *por, per, a*) :

« *Isocrates vendeo uma oração por vinte talentos* ».

**Pag. 202**

« *Cedêo-me as fazendas pelo custo* ».

« Couprou tudo a peso de ouro ».

(Circumstancia de medida, que se liga pelas preposições, *até, cêrca de, a, em*, claras ou occultas) :

« *Profundou o poço sete braças ; isto é, até sete braças* ».

« *Subio com o edificio uns vinte palmos ; isto é, cêrca de uns vinte palmos* ».

« *Elevou o muro a duas toezas* ».

« *Poz a parede da frente em vinte pés de alto* ».

(Circumstancia de espaço, que se liga pelas preposições, *por, a, de, com*, claras ou occultas) :

« *Andou longo tracto de caminho sem deparar habitação alguma : isto é, por longo tracto de caminho* ».

« *Ia tão debilitado de forças, que descansava de espaço a espaço no passeio* ».

« *Collocou as balisas com intervallos razoaveis* ».

(Circumstancia de distancia, que se liga pelas preposições, *até, cêrca de*, claras ou occultas) :

« Este sitio dista de Roma *sete léguas* ; isto é, *até sete léguas, ou cêrca de sete léguas* ».

(Circumstancia de tempo, que se liga pelas preposições, *em, durante, por, per,* claras ou occultas, *e, de, a, depois de,* claras) :

(Tempo anterior) :

**Pag. 203**

« Meu pai *morrêo o anno passado durante o inverno* ; isto é, *em o anno passado ou pelo anno passado* ».

« Chegou *hontem de noite á hora marcada* ».

« *Vivêo longo tempo depois da epoca em que começou a escrever* ; isto é, *por longo tempo ou durante longo tempo* ».

(Tempo actual) :

« Estou escrevendo *n'este momento* ».

« Só agora *ás dez horas da manhã* posso sahir de casa ».

« Vivo *recluso de dia* todo entregue ao trabalho da escripta ».

(Tempo posterior) :

« *Virá para o anno pela paschoa,* como promettêo ».

« Não sahirei *amanhã por tarde,* como costume ».

« Irei ver-te *no anno seguinte lá para o verão* ».

(Circumstancia de logar, que se liga pelas preposições, *em, junto, a, ao pé de, entre, de, até, para, por, per*) :

(Logar *onde*) :

« Nascêo *em Athenas* ».

« Fica *junto ao mar* ».

« Jaz *entre Roma e Frascheti* ».

(Logar *d'onde*) :

**Pag. 204**

« Venho *de França* ».

« Sahio *d'aopé de Coimbra* ».

(Logar *para onde*) :

« Partio *para a Bahia* ».

« Irá *á China* ».

« Seguio *até Pernambuco* ».

(Logar *por onde*) :

« Andou *pelo Perú* ».

« Sahio *por esta porta* ».

#### IV. Conversão grammatical

Quando se muda a oração da voz activa para a passiva, o complemento directo do verbo transitivo passa a ser sujeito da oração pela passiva, e o sujeito da oração na

voz activa a ser complemento indirecto do participio passivo ; mas o complemento circumstantial fica sempre invariavel, assim como o indirecto do verbo transitivo relativo. Verifique-se isto por meio de alguns dos exemplos já citados.

Exemplo da oração na voz activa :

« O homem fertilisa com a cultura *a terra ainda, a mais ingrata* ».

Pag. 205

« Estimo *a Pedro, que é um homem de bem* ».

« Preso-*te* por tuas excellentes qualidades, e porque tambem *me* estimas ».

« Escrevi-*te uma carta*, da qual ainda *me* não deste resposta ».

Exemplos das mesmas orações na voz passiva com a conversão sobredita :

« *A terra ainda a mais ingrata* é fertilisada *pelo homem* com a cultura ».

« *Pedro, que é um homem de bem*, é por *mim*, ou de *mim* estimado ».

« *Tu és por mim*, ou de *mim* presado por tuas excellentes qualidades, e porque *eu* tambem sou por *ti*, ou de *ti* estimado ».

« *Por mim* te foi escripta uma carta, da qual ainda *por ti* me não foi dada resposta ».

N'este último exemplo os participios passivos, *escripta*, e, *dada*, tem cada um dois complementos terminativos, um da pessoa, *por quem*, ou, *de quem*, outro da pessoa, *a quem*, ou, *para quem*. Isto verifica-se frequentemente nas orações pela passiva, como se vê nos seguintes exemplos :

« Um discurso foi *por mim* recitado ao auditorio ».

« Aviso de que partiria hoje, foi *por elle* dirigido a Pedro ».

O verbo transitivo apassivado pelo pronome indefinido

Pag. 206

*se*, admite tambem um complemento indirecto conversivel em sujeito da oração na voz activa.

Exemplo :

(Oração pela passiva) :

« *Pelos paes e parentes das roubadas* emigrou-se frequentemente para Roma ».

(A mesma oração na activa) :

« *Os paes e parentes das roubadas* emigrarão frequentemente para Roma ».

N.B. O complemento indirecto do participio passivo que representa o agente, como dizem os grammaticos, liga-se ao participio pela preposição, *por*, e ás vezes, *de*, como se vê nos exemplos acima.

## EQUIVALENTE DOS COMPLEMENTOS.

O adjectivo qualificativo, a proposição circumstantial incidente em que elle se resolve, o nome apposto a outro, a proposição completiva, e a proposição puramente circumstantial, são outros tantos equivalentes dos complementos acima especificados, porque completão com elles o sujeito e o attributo a que se juntão.

O adjectivo qualificativo que se refere á comprehensão

das idéas, exprimindo uma qualidade da substancia, pessoa ou cousa, designada pelo nome, é o equivalente do complemento *restrictivo*, em que se converte, substituindo-se pelo substantivo abstracto que significa essa qualidade, precedido da preposição, *de* : pois, homem *probo*, mulher *virtuosa*, magistrado *integro*, terra *fertil*, praia *arenosa*, pedra *calcareá*, valem o mesmo que, homem *de probidade*, mulher *de virtude*, magistrado *de integridade* ou *inteireza*, terra *de fertilidade*, praia *de areia*, pedra *de cal*.

Exemplos desenvolvidos :

« O homem *honrado*, isto é, *de honra*, cumpre fielmente os seus tractos ».

« A mulher *virtuosa*, isto é, *de virtude*, é o ornamento da familia a que pertence ».

« A vida *militar*, isto é, *do militar*, é arriscada, mas util á patria ».

« Os mares *polares*, isto é, *do polo*, só são navegaveis em certa estação do anno ».

Este mesmo adjectivo, quando junto ao substantivo que qualifica, pôde por meio do adjectivo conjunctivo resolver-se em proposição incidente, que é pelo seu turno o equivalente do complemento restrictivo.

Exemplos :

« O homem *justo*, isto é, *que é justo*, vive com a consciencia tranquilla ».

« A pobreza *honrada*, isto é, *que é honrada*, é preferivel á riqueza *mal adquirida*, isto é, *que é mal adquirida* ».

N. B O adjectivo *determinativo* que se refere á extensão das idéas, determinando por qualquer modo essa extensão em relação á substancia, pessoa ou cousa, designada pelo nome a que se junta, não constitue complemento, excepto quando na determinação vem ao mesmo tempo envolvida a idéa de qualidade, como a ordem, a propriedade.

Exemplos d'estes dois casos excepçoes :

« El-rei D. João, *o terceiro* de Portugal, introduzio no reino a inquisição, e depois d'ella os Jesuitas ; isto é, el-rei D. João, *que foi o terceiro de nome na ordem dos reis de Portugal*, introduzio, etc ».

« Manda-me o *meu* album com o teu retrato ; isto é, manda-me o album *que me pertence*, com o retrato *que te pertence* ».

O nome apposto a outro, seja proprio, seja appellativo, é tambem o equivalente do complemento restrictivo ; porque no primeiro caso, de que já dei exemplo, converte-se nelle antepondo-se-lhe a preposição, *de*, e no segundo resolve-se em proposição incidente que representa esse complemento.

Exemplos d'este segundo caso :

« Tito, *amor e delicias* do genero humano, julgava perdido o dia em que não fazia bem a alguém ».

« O Brazil, *imperio mui vasto e rico*, é a todos os respeitos a segunda nação da America ».

N'estes dois exemplos, *amor e delicias do genero humano*, são qualidades que se attribuem a *Tito*, e, *imperio mui vasto e rico*, qualidades que se attribuem ao *Brazil*, por isso resolvem-se em proposições incidentes, como se vê nos mesmos exemplos, que aqui ponho com todos os appostos e qualificativos dos sujeitos resolvidos nas mencionadas proposições :

« *Tito, que era amor, e era delicias do genero que é humano*, julgava perdido o dia em que não fazia bem a alguém ».

« *O Brazil, que é imperio que é mui vasto, e é mui rico*, é a todos os respeitos a segunda nação da America ».

A proposição completiva ora é o equivalente do complemento *restrictivo*, ora do *terminativo*, ora do *objectivo*, do que não produz exemplos, porque já o fiz, quando tractei dos complementos do nome *appellativo*, do *adjectivo relativo*, do *verbo transitivo*, e do *relativo*.

A proposição circumstancial, não ligada pelo *adjectivo*

**Pag. 210**

*conjunctivo*, mas pela conjuncção, ou pela preposição, é o equivalente do *complemento circumstancial* em suas diferentes especies.

Tendo eu dado quando tractei dos complementos do nome *adjectivo*, e do *verbo attributivo*, exemplos da proposição circumstancial ligada pela preposição, só produzirei os seguintes da mesma proposição ligada pela conjuncção :

« *Não partirei hoje, porque já é tarde para seguir viagem* ».

« *Para que sejas bem succedido no exame é necessario estudar* ».

« *Como recommendas, assim se fará* ».

« *Depois que d'aqui partiste, só me escreveste uma vez* ».

« *Quando vieres, de tudo te darei conta* ».

Nestes exemplos a proposição ligada pela conjuncção, *porque*, exprime uma circumstancia de causa; a proposição ligada pela conjuncção, *como*, uma circumstancia de modo; as proposições ligadas pelas conjuncções, *depois que*, e, *quando*, exprimem, a primeira, uma circumstancia de tempo anterior, a segunda, uma circumstancia de tempo posterior.

Como éstas se podem pelas proposições exprimir outras circumstancias.

**Pag. 211**

## Modelos de analyse.

### I. [PRIMEIRO EXEMPLO]

« **A inclinação de Pedro ás armas é evidente** ».

#### Sujeito.

*A inclinação* (sujeito grammatical).

*De Pedro* (complemento restrictivo do appellativo, *inclinação*, ligado a elle pela preposição, *de*, da qual, a *inclinação*, é o termo antecedente, e, *Pedro*, o consequente) : *ás armas*, complemento terminativo do mesmo appellativo, ligado a elle pela preposição, *a*, combinada com o artigo, *as*, e da qual, a *inclinação*, é o termo antecedente, e, *as armas*, o consequente).

*A inclinação de Pedro ás armas* (sujeito total ; complexo, porque tem os complementos, *de Pedro*, e, *ás armas*).

#### Verbo.

*E'* (Verbo substantivo ; está na terceira pessoa do presente do indicativo ; concorda com o sujeito grammatical, *a inclinação*, porque se accomoda pela fórmula á terceira pessoa e numero singular do sujeito).

#### Attributo.

*Evidente* (attributo grammatical e total : simples, porque exprime uma só maneira de existir do sujeito ; incompleto, porque não tem complementos ; é um adjectivo

**Pag. 212**

que concorda em genero e numero com o sujeito grammatical, *a inclinação*).

N.B. Não entro em mais promenores, porque o alumno já conhece todas as partes da oração.

### II. [SEGUNDO EXEMPLO]

« **Alexandre, Cezar, e Napoleão o primeiro forão amantes da glória das armas** »

#### Sujeito.

*Alexandre, Cezar, e, Napoleão o primeiro* (sujeito grammatical e total) ; composto, porque representa objectos, isto é, pessoas, differentes ; complexo, porque, *Napoleão*, tem o complemento, o *primeiro*, que se resolve na proposição incidente, *que foi o*

*primeiro de nome na ordem dos reis de França*, e é o equivalente do complemento restrictivo).

## Verbo.

*Forão* (verbo substantivo ; está na terceira pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo ; concorda com o sujeito accomodando-se á sua pessoa e numero, porque os tres sujeitos da terceira pessoa do singular fazem um só da mesma pessoa do plural.

## Attributo.

*Amantes* (attributo grammatical ; concorda com os tres

**Pag. 213**

sujeitos do singular representando um só no plural, e por isso está no plural) : *da glória* (complemento terminativo do adjectivo relativo, *amantes*, ligado a elle pela preposição, *de*, combinada com o artigo, *a*, e da qual, *amantes*, é o termo antecedente, e, *a glória*, o consequente) : *das armas* (complemento restrictivo do apellativo, *glória*, ligado a elle pela preposição, *de*, combinada com o artigo, *as*, e da qual, *a glória*, é o termo antecedente, e, *as armas*, o consequente).

*Amantes da glória das armas* (attributo total ; complexo, porque tem os complementos, *da glória*, e, *das armas*).

N.B. Verifica-se que o sujeito é composto, dividindo-se a proposição em tantas, quantos são os sujeitos ; o que se faz, accomodando-se o verbo e o attributo a cada um dos sujeitos tomado separadamente. A proposição analysada, por exemplo, pode-se dividir em tres pela seguinte maneira :

« Alexandre foi amante da glória das armas ».

« Cezar foi amante da glória das armas ».

« Napoleão o primeiro foi amante da glória das armas ».

Quando o attributo é composto tambem se verifica que o é, dividindo-se a proposição em tantas, quantos são os attributos. Mas n'este último caso o verbo e o attributo que se repetem, ficão sempre subordinados ao sujeito que tambem se repete. Sirva de exemplo a proposição, « *Cicero foi orador e philosopho* », a qual se divide em duas pela seguinte maneira :

« Cicero foi orador ».

« Cicero foi philosopho ».

**Pag. 214**



### III. [TERCEIRO EXEMPLO]

« O homem fertilisa com a cultura a terra ainda a mais ingrata ».

#### Sujeito.

*O homem* (sujeito grammatical e total ; simples, porque representa um só objecto, isto é, uma só pessoa ; incompleto, porque não tem complementos).

#### Verbo.

*Fertilisa* (verbo attributivo da primeira conjugação, que, decomposto, é o mesmo que, é *fertilizante* ; está na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ; concorda em pessoa e numero com o sujeito, *o homem*, a cuja pessoa e numero se accomoda ; é transitivo, porque passa a acção do sujeito, *o homem*, ao sujeito diverso, *a terra ainda a mais ingrata*).

#### Attributo.

*Fertilizante* (attributo grammatical incluído no verbo) : *com a cultura* (complemento circumstantial de causa do attributo *fertilizante*, ligado a elle pela preposição, *com*, da qual, *fertilizante*, ou o verbo, *fertilisa*, em que se incluye este attributo, é o termo antecedente, e, *a cultura*, o consequente) : *a terra* (complemento objectivo do attributo, *fertilizante*, ou do verbo, *fertilisa*, em que se incluye este attributo) : *a mais ingrata* (complemento do

Pag. 215

appellativo, *a terra*, como qual este adjectivo superlativo concorda em genero e numero) : *ainda* (adverbio de quantidade, complemento do superlativo, o *mais ingrata*, cuja significação encarece).

*Fertilizante com a cultura a terra ainda a mais ingrata* (attributo total ; complexo, porque tem os complementos, *com a cultura*, *a terra*, *a mais ingrata*, e, *ainda*).

## IV. [QUARTO EXEMPLO]

« **Amo o bello das artes, bem como o da natureza** ».

### Sujeito.

*Eu* (sujeito grammatical e total subentendido ; simples, porque representa um só objecto, isto é, uma só pessoa ; incompleto, porque não tem complementos).

### Verbo.

*Amo* (verbo attributivo da primeira conjugação, que, decomposto, é o mesmo que, *sou amante* ; está na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ; concorda em pessoa e numero com o sujeito *eu*, a cuja pessoa e numero se accomoda ; é transitivo, porque passa a acção do sujeito, *eu*, ao sujeito diverso, *o bello das artes*).

### Attributo.

*Amante* (attributo grammatical incluído no verbo ; concorda

**Pag. 216**

com o sujeito, *eu*, em genero e numero) : *o bello* (complemento objectivo do attributo, *amante*, ou do verbo, *amo*, em que se incluye este attributo) : *das artes* (complemento restrictivo do adjectivo substantivado, *o bello*, ligado a elle pela preposição, *de*, combinada com o artigo, *as*, e da qual, *o bello*, é o termo antecedente, e, *as artes*, o consequente) : *bem como o da natureza* (outro complemento total do attributo, *amante*, que se subentende, representando o adjectivo pronominal, *o*, o complemento objectivo, *o bello*, adjectivo substantivado, do qual, *da natureza*, é complemento restrictivo, ligado a elle pela preposição, *de*, combinada com o artigo, *a* ; é uma idéa equivalente a uma proposição ligada á primeira pela locução conjunctiva, *bem como*).

*Amante o bello das artes, bem como o da natureza* (attributo total ; composto, porque exprime diversas maneiras de existir do sujeito ; complexo, porque tem os complementos totaes, *o bello das artes*, e, *o bello da natureza*).

N.B. Facil é verificar que o attributo da proposição analysada é composto, dividindo-se a proposição em tantas, quantos são os attributos pela seguinte maneira :

« *Amo o bello das artes, bem como amo o da natureza ; isto é, o bello da natureza* ».

## V. [QUINTO EXEMPLO]

« **Convem dar o seu a seu dono** ».

### Sujeito.

*Dar o seu a seu dono* (sujeito grammacal e total ; simples,

**Pag. 217**

porque representa um só objecto, isto é, uma só cousa ; complexo, porque é uma proposição infinitiva com o sujeito, verbo, e attributo, como se vai vêr da análise que se segue) :

– *Dar* (verbo attributivo transitivo da primeira conjugação ; está no presente do infinito ; tem incluído em si o sujeito, que é, *o mesmo acto de dar*. decompõe-se em, *ser dante* : *dante*, attributo grammatical incluído no verbo, tem os complementos, objectivo *o seu*, e terminativo *a seu dono*, que se explicitão também por complementos do verbo que comprehende o attributo que elles completão).

### Verbo.

*Convem* (verbo attributivo da terceira conjugação que, decomposto, é o mesmo que, *ser convinte*, ou *conveniente* ; está na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ; concorda em pessoa e numero com o sujeito, *dar o seu a seu dono*, a cuja pessoa e numero se accomoda ; é intransitivo, porque não passa a acção do sujeito a outro diverso).

### Attributo.

*Convinte* ou *conveniente* (attributo grammatical e total incluído no verbo ; simples, porque exprime uma só maneira de existir do sujeito ; incompleto, porque não tem complemento ; concorda com o sujeito em género e numero.

**Pag. 218**

## *Sintaxe das proposições.*

### NOÇÕES PRELIMINARES.

#### I. [Conceito de proposição]

A *proposição*, que é, como fica dito, o enunciado do juízo e sem a qual não pode haver discurso, ou fôrma por si só, ou concorre com outras para formar uma phrase, ou sentido completo e absoluto.

Ésta phrase ou sentido que se liga a outros para formar o discurso, é o que se chama periodo grammatical, o qual é simples si consta de uma só proposição, composto si de mais de uma.

A proposição, por exemplo, « Deus creou o mundo em seis dias », é uma proposição absoluta, porque fôrma um sentido completo e absoluto ; e, posta por si só no discurso, constitue um periodo grammatical simples.

Si eu porem disser, em vez disso, « Deus creou o mundo em seis dias, e descansou no setimo », fôrmo um periodo grammatical composto ; porque por meio da conjuncção, *e*, estabeleço um laço, uma relação entre as duas proposições. É com tudo de notar n'este caso, que a segunda proposição, bem que ligada á primeira pelo sentido, não fica menos

**Pag. 219**

independente d'ella em sua construcção, ou que são apenas duas proposições absolutas aproximadas por virtude de uma conjuncção de primeira classe, ou de *aproximação* ; por isso taes proposições não dão logar á regra alguma particular de syntaxe.

O verbo da proposição absoluta, ora está no indicativo, ora no imperativo, ora no condicional.

#### II. [O periodo grammatical]

O periodo grammatical pois pode, quando composto, constar de proposições absolutas aproximadas, ou, o que é muito mais frequente, de uma proposição absoluta, e de outras proposições subordinadas que d'ella dependão.

Quando digo, por exemplo, « O homem pensa, porque é um ente dotado de intelligencia », estas duas proposições unidas pela conjuncção, *porque*, concorrem ambas para formar uma phrase ou periodo grammatical, mas de tal maneira, que a segunda não só modifica e determina a primeira, mas é d'ella dependente. Ésta subordinação opera-se por virtude da conjuncção de segunda classe, ou de *subordinação*, que as liga. A primeira chama-se *proposição*

**Pag. 220**

*principal* ; a segunda, *proposição subordinada*.

O verbo nesta especie de proposição subordinada circumstantial ora vai para o indicativo, ora para o conjunctivo.

### III. [Proposição subordinada]

As vezes a proposição subordinada não está ligada á principal por uma conjuncção, mas pelo adjectivo conjunctivo, ou por um adverbio conjunctivo, como se observa nos dois seguintes periodos grammaticaes :

« Enéas fugia de Troia, *que* tinha sido tomada ».

« Enéas veio á Italia, *onde* fundou um reino ».

No primeiro periodo, a proposição subordinada, *que tinha sido tomada*, acha-se ligada á principal, *Enéas fugia de Troia*, pelo adjectivo conjunctivo, *que*. No segundo, a proposição subordinada, *onde fundou um reino*, acha-se ligada á principal, *Enéas veio á Italia*, pelo adverbio conjunctivo, *onde*, que se resolve no mesmo adjectivo.

O verbo n'esta especie de proposição subordinada, vulgarmente chamada incidente, vai tambem, ora para o indicativo, ora para o conjunctivo.

Pag. 221

### IV. [Proposição subordinada infinitiva]

Outras vezes a proposição subordinada, debaixo da fórma de proposição infinitiva, liga-se á principal por uma simples preposição, como se nota n'esta phrase ou periodo grammatical :

« *Sem* a cultivares, a terra não te produz bons fructos ».

N'este periodo, a proposição subordinada, *sem a cultivares*, acha-se ligada á principal, *a terra não te produz bons fructos*, pela preposição, *sem*, como si fosse um mero complemento circumstantial.

### V. [Proposição participio]

Casos ha em que a proposição subordinada toma uma fórma particular, porque não tem conjuncção, nem outro equivalente, que a ligue, e o seu verbo vai para o participio, como se vê nest'outro periodo grammatical :

« *Tendo sido tomada* Troia, Enéas veio á Italia ».

N'este periodo, a proposição subordinada, *Tendo sido tomada Troia*, acha-se ligada á principal, *Enéas veio á Italia*, unicamente pelo participio, *tendo sido tomada*, ou, em última análise, *tendo sido*.

Ésta especie de proposição, em que o verbo toma

Pag. 222

uma fórma especial, chama-se, *proposição participio*.

Taes são as quatro fórmas de proposições subordinadas, chamadas, *circumstanciaes*, porque exprimem uma circumstancia, seja relativa ao sentido geral da proposição principal, seja a qualquer de seus termos.

## VI. [Proposição completiva do infinito]

Mas n'esta phrase ou periodo grammatical, « Quero *que* sejas feliz », a proposição subordinada, *sejas feliz*, ligada á proposição principal, *Quero*, pela conjuncção, *que*, não exprime uma simples circumstancia d'ella, mas completa-lhe o sentido : por isso chama-se, *completiva*.

Não ha sinão um limitado numero de conjuncções que sirvão para unir a proposição *completiva* á principal, por exemplo, *que, a que, de que* ; mas o adjectivo interrogativo, ou os adverbios interrogativos desempenhão o mesmo officio, como se nota nos seguintes periodos grammaticaes :

« Dize-me *quem* sejas, ou és » ?

« Quero saber *d'onde* vieste » ?

No primeiro periodo, a proposição completiva, *quem sejas, ou és*, acha-se ligada á principal, *Dize-me*,

**Pag. 223**

pelo adjectivo interrogativo, *quem*. No segundo, a proposição completiva, *d'onde vieste*, acha-se ligada á principal, *Quero saber*, pelo adverbio interrogativo, *d'onde*.

N'esta especie de proposição subordinada, quando ligada pela conjuncção, o verbo vai ordinariamente para o conjunctivo ; e, quando ligada pelo adjectivo e adverbios interrogativos, ora para o indicativo, ora para conjunctivo.

## VII. [Proposição completiva do infinito]

Algumas vezes a proposição completiva não tem conjuncção que a ligue á principal, e o seu verbo vai para o infinito, como se vê nas duas seguintes phrases ou periodos grammaticaes :

« Creio *ser* feliz ».

« Bom é *estudares* ».

No primeiro periodo, a proposição subordinada, *ser feliz*, acha-se ligada á principal, *Creio*, pela identidade do sujeito, que é o mesmo em ambas : pois, *Creio ser feliz*, é a mesma cousa que, *Eu creio ser eu feliz*. No segundo, a proposição subordinada, *estudares*, serve ella mesma de sujeito á principal, *Bom é*, e sendo os sujeitos diversos, a ligação entre as duas proposições opera-se pelo mesmo verbo no

**Pag. 224**

infinito ; o que acontece com todas as proposições do infinito pessoal sem outro liame.

Ésta especie de proposição subordinada chama-se, *proposição completiva do infinito*.

## Resumo.

Dividem-se, pois, as proposições. 1.º em, *absolutas*; 2.º em, *subordinadas circumstanciaes*; 3.º em, *subordinadas completivas*.

As proposições *absolutas* podem estar sós no discurso, ou aproximadas entre si, sem que n'um ou n'outro caso constituão regra alguma especial de syntaxe. Quando aproximadas entre si, éstas proposições ligão-se, ou por conjuncções de *aproximação*, ou pela identidade de sujeito, ou simplesmente pelo sentido na falta das duas primeiras ligações.

As proposições *subordinadas* não podem estar sós no discurso, mas unem-se sempre á uma proposição *absoluta*, de que dependem, e que se chama, *principal*.

As proposições *subordinadas circumstanciaes*, ligão-se á *principal*, ou por conjuncções de *subordinação*, ou pelos adjectivo e adverbios conjunctivos,

Pag. 225

ou por preposições quando tomão a fórmula de proposição *infinitiva*, ou pelo verbo do participio quando tomão a fórmula de proposição *participio*.

As proposições *completivas*, ligão-se á *principal* ou por certas conjuncções de *subordinação*, ou pelos adjectivo e adverbios interrogativos, ou pelo verbo no infinito quando tomão a fórmula de proposição *infinitiva*.

As regras de construcção, a que estão sujeitas as proposições *subordinadas circumstanciaes e completivas*, constituem o que se chama, *syntaxe das proposições*.

## PROPOSIÇÕES SUBORDINADAS CIRCUMSTANCIAIS.

### Proposição circumstancial ligada por uma conjuncção.

A proposição *circumstancial*, ligada por uma conjuncção, pode ter o seu verbo, no indicativo, ou no conjunctivo.

O verbo *no indicativo* enuncia um facto como positivo e sem dependencia de outro. O verbo *no conjunctivo* enuncia um facto como incerto, condicional, hypothetico e subordinado a outro.

Pag. 226

Este principio geral determina o emprêgo de um ou de outro d'estes modos na proposição *circumstancial*.

Assim, si a circumstancia, que a proposição acrescenta, é um facto positivo, e só convencionalmente subordinado a outro por fôrça da conjuncção, o verbo vai para o indicativo, mas si é um facto hypothetico, e por sua natureza subordinado a outro, vai para o conjunctivo.

Exemplo da proposição *circumstancial*, ligada por uma conjuncção com o verbo no indicativo. —

« O caso não acontecêo, *como* geralmente se diz, mas de modo bem diverso ».

« *Tanto que* foi avisado da ordem de prisão passada contra elle, occultou-se em casa de um amigo ».

« *Em quanto* te demoras, passa o tempo de partir ».

« *Pois que* me encarreguei do negocio, hei de leval-o ao cabo, *como* convem á minha dignidade ».

« *Quando* se dêo este memorável successo, era eu bem menino, mas tenho d'elle perfeita lembrança ».

N'estas cinco phrases ou periodos grammaticaes, os verbos das proposições *circumstanciaes* ligadas pelas conjuncções de subordinação, *como, tanto que, em quanto, pois que, quando*, enunciação factos' positivos, e só convencionalmente subordinados a

**Pag. 227**

outros por fôrça das referidas conjuncções. Assim, todas essas proposições subordinadas — a primeira á principal, *O facto não acontecêo* ; a segunda á principal, *occultou se em casa de um amigo* ; a terceira á principal, *passa o tempo de partir* ; a quarta e quinta á principal, *hei de leval-o ao cabo* ; a sexta á principal, *era eu bem menino* ; são conversiveis em proposições absolutas simplesmente aproximadas ás principaes, si supprimirmos as conjuncções de *subordinação* que as ligão, ou as substituírmos por conjuncções de *aproximação*.

Exemplos, dos mesmos periodos grammaticaes com a conversão sobredita : —

« É isso opinião geral, mas o caso não acontecêo assim e de modo bem diverso ».

« Foi avisado da ordem de prisão passada contra elle, e occultou-se em casa de um amigo ».

« Tu te demoras, e passa o tempo de partir ».

« Encarreguei-me do negocio ; hei de leval-o ao cabo ; assim convem á minha dignidade ».

« Dêo-se este memorável successo ; era eu bem menino ; mas tenho d'elle perfeita lembrança ».

Com a supressão das conjuncções de subordinação ficão todos esses periodos grammaticaes compostos de proposições absolutas aproximadas. No primeiro até a proposição transformada é a primeira

**Pag. 228**

na ordem das outras, o que é o equivalente da proposição principal nos periodos grammaticaes que comprehendem proposições absolutas aproximadas.

Exemplos da proposição *circumstancial*, ligada por uma conjuncção, com o seu verbo no conjunctivo : —

« Proferes ameaças, *para que* nos infundas terror ».

« Themistocles procurava as paragens estreitas, *afim que* não fosse envolvido na peleja pela grande multidão dos navios inimigos ».

« Podes demorar a execução do negocio, *com tanto que* o concluas bem ».

« Até *que* sejas homem feito, devem passar-se ainda não poucos annos ».



« Toda a cidade, *como* si fosse um só homem, corrêo ás armas para defender-se do ataque ».

N'estes exemplos, os verbos das proposições *circumstanciaes*, ligadas ás principaes pelas conjuncções, *para que, afim que, comtanto que, até que, como si*, estão todos no conjunctivo, não só por fôrça d'essas conjuncções de *subordinação*, *como* e mui principalmente porque enunciação factos *hypotheticos*, *condicionaes*, e de sua natureza subordinados a outros. Assim, não são taes proposições *conversiveis*

**Pag. 229**

em *absolutas* pela simples *suppressão* das conjuncções de *subordinação*, como as que teem o seu verbo no *indicativo*.

Com certas conjuncções de *subordinação*, como, *postoque, ainda que, si, como, em quanto, quando &c.*, a proposição *circumstancial*, ora tem o seu verbo no *indicativo*, ora no *conjunctivo*, segundo o facto por elle enunciado é *positivo* e só *convencionalmente* subordinado, ou *hypothetico*, e por sua natureza subordinado a outro.

Exemplos da proposição *circumstancial*, ligada por uma mesma conjuncção, com o seu verbo, ora no *indicativo*, ora no *conjunctivo* : —

« *Posto que* já sobresaie na pintura, ainda não é *com tudo* para equiparar-se ao mestre ».

« *Posto que* já sobresaía na pintura, ainda não é *com tudo* para equiparar-se ao mestre ».

« *Ainda que* és erudito, não podes *todavia* passar por sabio ».

« *Ainda que* sejas erudito, não podes, ou não poderás *todavia* passar por sabio ».

« *Si* fico n'esta terra, não lógro mais saude ».

« *Si* eu ficar nesta terra, não lograrei mais saude ».

N'estes exemplos, as proposições *cicumstanciaes*, que teem o verbo no *indicativo*, podem pela simples *suppressão* das conjuncções, *posto que, ainda que,*

**Pag. 230**

*si*, que as ligão ás principaes, converter-se em outras tantas proposições *absolutas aproximadas*, por ésta fórma :

« Já sobresaie na pintura, mas ainda não é para equiparar-se ao mestre ».

« És erudito, mas não podes passar por sabio ».

« Fico n'esta terra ; e não lógro mais saude ».

N.B. Note-se em uns e outros exemplos a especie de opposição que se estabelece entre as conjuncções de *subordinação*, *posto que, ainda que*, e as conjuncções de *aproximação*, *com tudo, todavia*. A mesma especie de opposição se verifica com, *bem que, com quanto, e, com tudo, todavia, nada ou não obstante*.

Tendo dado acima exemplos da proposição *circumstancial* com o verbo no *indicativo*, ligada pelas conjuncções de *subordinação*, *como, em quanto, quando*, só os produzirei agora da mesma proposição com o verbo no *conjunctivo* : —

« *Como* não houvesse vento, não desferrou do porto aquelle dia ».

« *Em quanto* fôres feliz, contarás muitos amigos ».

« Quando começar a romper o dia, sahirei a dar um passeio pelo campo ».

Pag. 231

## Proposição circumstancial ligada pelos adjectivo e adverbios conjunctivos.

A *proposição circumstancial*, ligada pelo adjectivo conjunctivo, ou pelos adverbios que se põem por *elle*, *tem*, como a circumstancial ligada por uma conjuncção, o seu verbo no indicativo, quando o facto por este enunciado é um facto positivo, e no conjunctivo, quando é um facto condicional, ou hypothetico.

## Proposição circumstancial ligada pelo adjectivo conjunctivo.

Exemplos d' esta especie de proposição com o verbo no indicativo :

« Deus, *que* é justo, premeia os *que* se não desvião do caminho da virtude ».

« O homem, *que* é prudente, regula suas despesas pelos rendimentos de seu trabalho ».

« Ha na Grã Bretanha um rio, *que* se chama Tamisa, ou o Tamisa. »

Em todos estes casos, o adjectivo conjunctivo, *que*, liga á principal uma proposição que enuncia uma circumstancia explicativa ou determinativa de um

Pag. 232

dos termos da primeira, e resumivel no adjectivo qualificativo, como se vê nest'outros exemplos :

« Deus *justo* premeia os *não viciosos*, ou os virtuosos ».

« O homem *prudente* regula suas despesas pelos rendimentos de seu trabalho ».

« Ha na Grã Bretanha um rio *chamado* Tamisa, ou o Tamisa ».

Casos ha notaveis em que o adjectivo conjunctivo, *que* liga a proposição circumstancial á principal, está por uma conjuncção, seja de aproximação, seja de subordinação.

Exemplos da proposição ligada por este adjectivo, fazendo as vezes de uma conjuncção de aproximação :

« Alcibiades passou á Asia a ter com Pharnabaso, *a quem* captivou por suas maneiras insinuantes ».

« Tentarão resistir a Agesiláo os Athenienses, os Beocios, e seus alliados, *aos quaes* todos vencêo em batalha ».

No primeiro caso, o adjectivo conjunctivo é o equivalente da conjuncção, *e*, e do adjectivo pronominal, *o*; no segundo, o equivalente da conjuncção, *mas*, e do adjectivo pronominal, *os*, como se vê nest'outros exemplos :

Pag. 233

« Alcibiades passou á Asia a ter com Parnabaso, *e* o captivou por suas maneiras insinuantes ».

« Tentarão resistir a Agesiláo os Athenienses, os Beocios e seus alliados, *mas* a todos os vencêo em batalha ».

Em taes casos, a proposição ligada pelo adjectivo conjunctivo é conversivel em absoluta aproximada, sendo este adjectivo substituido pela conjuncção de aproximação, por que está, e pelo adjectivo pronominal.

Outras vezes, a proposição circumstancial está ligada pelo adjectivo conjunctivo, fazendo este as vezes de conjuncção de subordinação, como se vê nos seguintes exemplos :

« Somos levados a adquirir certos conhecimentos, em *que* reputamos bello sobresahir, isto é, *porque n'elles* reputamos bello sobresahir ».

« Fui á capital do orbe christão, *que* ha muito desejava visitar ; isto é, *porque* ha muito *a* desejava visitar ».

No primeiro caso, o adjectivo conjunctivo está pela conjuncção de subordinação, *porque*, e o pronome pessoal, *elles* : no segundo, pela referida conjuncção, e o adjectivo pronominal, *a*. Em nenhum dos dois casos, porem, a proposição circumstancial muda de natureza com a conversão do liame.

**Pag. 234**

Exemplos da proposição circumstancial ligada pelo adjectivo conjunctivo, tendo o verbo no conjunctivo :

« Não ha no mundo vivente algum *que* não seja sujeito á morte ».

« Ainda está por nascer o homem *que* saiba dar direcção á navegação aerea ; aquelle *que* o fizesse, seria reputado um prodigio de genio ».

Exemplos da mesma proposição, fazendo o adjectivo conjunctivo as vezes de conjuncção de subordinação :

« Artaxerxes pedio aos Athenienses um chefe *que* prepuzesse ao seu exercito ».

« Creou Deus a mulher *que* fosse a companheira do homem em todos os trabalhos da vida ».

No primeiro caso, o adjectivo conjunctivo, *que*, está pela conjuncção de subordinação, *para que*, ou, *afim que*, e o adjectivo pronominal, *o* : no segundo, pela referida conjuncção, e o pronome pessoal, *ella*. Mas as duas proposições circumstanciaes não mudão de natureza com a conversão, como se vê nest'outros exemplos :

« Artaxerxes pedio aos Athenienses um chefe, *para que*, ou, *afim que* o prepuzesse ao seu exercito ».

« Creou Deusa mulher, *para que ella* fosse a companheira do homem em todos os trabalhos da vida ».

**Pag. 235**

N.B. O adjectivo conjunctivo é um liame especial que faz as vezes de uma conjuncção e de um pronome, como, alem dos exemplos acima, se póde verificar em toda outra proposição por elle ligada :

« O homem, *que* é mortal, isto é, *porque é mortal*, vive sobre a terra vida transitoria ».

« O homem, *que* é prudente, isto é, *quando elle é prudente*, sabe regular a sua vida ».

## Proposição circumstancial ligada pelos adverbios conjunctivos.

A *proposição circumstancial*, ligada pelos adverbios que se poem pelo adjectivo conjunctivo, tem tambem o seu verbo no indicativo ou no conjunctivo, segundo o facto enunciado pelo verbo é positivo, ou condicional e hypothetico.

Exemplos d' esta especie de proposição com o verbo no indicativo :

« A teria, *onde* nos vai bem, é para nós a patria, ou uma segunda patria ».

« Camões andou grande parte da sua vida pela India, *para onde* foi muito moço, e *d'onde* trouxe por toda e unica riqueza os seus Luziadas ».

**Pag. 236**

Exemplos da mesma especie de proposição com o verbo no conjunctivo :

« A terra, *onde* te fôr bem, será para ti a patria, ou uma segunda patria ».

« Procura exercer alguma profissão honesta, *d'onde*, ou, *por onde* possas subsistir, sem ser pesado aos outros ».

Todas as proposições, ligadas por adverbios que se põem pelo adjectivo conjunctivo, são da natureza das que teem por liame este adjectivo ; pois nos exemplos acima, *a terra onde*, vale tanto como, *a terra em que*, ou, *na qual* ; *a India para onde*, e, *d'onde*, tanto como, *a India para a qual*, e, *da qual*, *alguma profissão honesta d'onde*, ou, *por onde*, tanto como, *alguma profissão honesta de que*, ou, *da qual*, ou, *por que*, ou, *pela qual*. Assim, taes proposições dão exactamente logar ás mesmas regras de syntaxe a que estão sujeitas as proposições ligadas pelo mencionado adjectivo.

## Proposição circumstancial infinitiva ligada por uma preposição.

A *proposição circumstancial infinitiva*, liga-se por úma preposição á principal, ou áquella de que

**Pag. 237**

depende ; vai para o infinito pessoal, quando tem sujeito diverso do da proposição por ella modificada ; e conserva-se por via de regra no infinito impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo.

Exemplos d' esta especie de proposição :

« *Depois de andarem os vasos da armada de conserva á não capitânea durante uns quinze dias*, sobreveio tamanho temporal que os separou uns dos outros, e fez soçobrar um d'elles ».

« *Por serem os ventos contrarios*, não poude o navio adiantar muito aquelle dia ».

« *Antes de emprehenderes uma tão longa viagem*, bom é que te provejas do necessario para ella ».

« *Sem fazermos os preparativos necessarios*, não será possivel partir d'aqui ».

« *Sem estudar* ninguém aprende ».

Nos exemplos acima, as proposições do infinito pessoal ligadas pelas preposições, *depois de*, *por antes de*, *sem*, bem como a do infinito impessoal ligada pela

última d'estas preposições, e postas todas em itálico, são como outros tantos complementos circumstanciaes das proposições de que dependem, e nelles em última análise se resumem, porque as preposições não deixão n'este caso de fazer o seu officio. A modificação verbal do

Pag. 238

nosso infinito é que exige ésta distincção entre as proposições infinitivas.

Não obstante a regra geral estabelecida para o emprêgo do infinito pessoal, encontram-se nos auctores clássicos muitos exemplos da proposição infinitiva do modo pessoal com sujeito identico ao da proposição por ella modificada, isto quando os verbos das duas proposições estão alguma cousa distantes um do outro, ou quando a contravenção á regra não offende o ouvido. Já d'aqui se deixa ver que uma tal excepção não assenta em base alguma solida, porque o que exige o emprêgo do infinito pessoal é a clareza, ou o evitarem-se com elle os equivocos que por sua falta se dão nas outras linguas.

N.B. A proposição do infinito pessoal, peculiar á nossa lingua, colloca-se ordinariamente na ordem inversa, como se vê nos exemplos acima, isto quer seja ella circumstancial, quer completiva. Ha com tudo nos bons auctores não poucos exemplos do contrario. Dá-se tambem de ordinario n'esta proposição ellipse do sujeito, quando este é algum dos pronomes pessoaes, como ainda se vê nos exemplos acima.

Pag. 239

### Proposição circumstancial participio.

A *proposição circumstancial participio*, liga-se á principal ou aquella de que depende, pelo mesmo *participio*, que n'ella está pelo verbo; e forma-se com o participio presente ou preterito composto, quando tem sujeito diverso do da proposição por ella modificada, pois sem ésta circumstancia o participio é apenas complemento de algum sujeito.

Exemplos d'esta especie de proposição formada com participio presente :

« *Sendo o vento favoravel*, o navio desferrou do porto, e seguiu viagem ».

« *Escasseando as munições para resistir mais tempo*, rendêo-se a fortaleza por capitulação ».

« *Sabendo-se bem a lingua latina*, facil é aprender as linguas suas derivadas ».

« *Terminada a cerimonia*, sae do templo ».

As proposições postas em itálico nos exemplos acima, das quaes a primeira tem por sujeito, *o vento*, e liga-se pelo participio, *sendo*, á principal, *o navio desferrou do porto*; a segunda tem por sujeito, *as munições*, e liga-se pelo participio, *escasseando*, á principal, *rendêo-se a fortaleza por capitulação*; a terceira tem por sujeito, *a lingua latina*, e liga-se pelo participio, *sabendo*, á principal, *facil é aprender*

Pag. 240

*as linguas suas derivadas*; a quarta elliptica tem por sujeito, *a cerimonia*, e se liga pelo participio subentendido, *estando*, á principal, *sae do templo*; todas tem sujeito proprio ou diverso do das proposições por ellas modificadas; e constituem o que se

chama, *proposição participio*, porque contem os tres termos, fazendo n'ellas o participio, com ou sem o attributo, as vezes do verbo, cuja affirmação exprime. Éstas proposições, como já fiz ver, resolvem-se, quando formadas com o participio presente, em proposições do modo indicativo, com a conjuncção, *em quanto*, e em proposições do modo conjunctivo, com a conjuncção, *como*.

Quando, porém, o participio não tem sujeito proprio, é apenas complemento do sujeito da proposição em que se encontra, como se vê n'est' outros exemplos :

« *Recebendo* aviso de haver o inimigo torcido a marcha, manda Cesar levantar o campo ».

« *Conhecendo* o mal que causara com sua leviandade, José se arrependêo de ter fallado indiscretamente ».

N'estes dois exemplos, os participios, *recebendo*, *conhecendo*, são meros complementos ; o primeiro, do sujeito, *Cesar*, o segundo, do sujeito, *José* ; e ambos se resolvem em proposições circumstanciaes,

**Pag. 241**

como os simples qualificativos, por ésta maneira :

« *Cesar, que recebe* aviso de haver o inimigo torcido a marcha, manda levantar o campo ».

« *José, que conhecia* o mal que causára com sua leviandade, arrependêo-se de ter faltado indiscretamente ».

Taes complementos tambem se podião explicar pelos gerundios, *em recebendo*, *em conhecendo*, como accessorios dos attributos, *mandante*, *arrependente* e então as duas proposições citadas equivalerão a est' outras :

« *Ao receber* aviso de haver o inimigo torcido a marcha, manda Cesar levantar o campo ».

« *Por conhecer* o mal que causára com sua leviandade, José arrependêo-se de ter fallado indiscretamente ».

Exemplos da mesma especie de proposição formada com participio preterito composto :

« *Tendo cahido* o cabeça ferido na refrega, os amotinados começarão a dispersar-se sem apresentar mais resistencia ».

« *Tendo sido tomada* Troia, Enéas veio á Italia ».

« *Partido de Africa* o conde, os Mouros mostrarão-se logo mais ousados que d'antes, chegando em suas correrias até ás portas de Arzila ».

**Pag. 242**

« *Feita a paz*, entrou a florescer o commercio e a agricultura ».

Em todos quatro exemplos acima citados, a proposição participio, que vai em itálico, fórma-se com o participio preterito composto, e por elle se liga á principal. As duas primeiras são proposições completas ; as duas últimas, ellipticas.

Na primeira das duas proposições completas, o participio, *tendo cahido*, que está pelo verbo, é o participio composto de um verbo attributivo ; na segunda, que se

acha na fôrma passiva, o participio, *tendo sido*, que está pelo verbo, é o participio composto do verbo substantivo.

Na primeira das duas proposições ellipticas, *partido*, é apenas um supino, a que se deve addicionar *tendo*, e, *se*, para fôrmar o participio composto, que está pelo verbo, porque, *partir-se*, era antigamente verbo pronominal : na segunda, que se acha na fôrma passiva, o participio que se subentende para fazer as vezes do verbo, é o participio composto do verbo substantivo, *tendo sido*. Assim, as duas proposições ellipticas equivalem a est'outras completas, *Tendo-se partido de Africa o conde*, ou, *tendo-se o conde partido de Africa*, e, *Tendo sido feita a paz*.

Na primeira proposição elliptica, *partido*, tambem se podia explicar pelo participio preterito passivo,

**Pag. 243**

porque os antigos tambem costumavão a conjugar, *partir*, *chegar*, *ir*, *vir*, com, *ser*, como auxiliar. N'este caso, o participio que se devia subentender para fazer as vezes do verbo, seria o participio presente do verbo substantivo ; e a proposição elliptica equivaleria a est'outra completa, *Sendo partido de Africa o conde*.

A proposição participio elliptica, em que ora se subentende o participio presente, ora o participio preterito composto, segundo o verbo da proposição principal está no presente ou no preterito, reduz-se a um simples complemento, juntando-se-lhe a preposição, depois, como se vê nos mesmos exemplos adduzidos, que aqui ponho com ella :

« *Depois de terminada a cerimonia, sae do templo* ».

« *Depois de partido de Africa o conde*, os Mouros mostrarão-se mais ousados que d'antes, chegando em suas correrias até ás portas de Arzila ».

« *Depois de feita a paz*, entrou a florecer o commércio e a agricultura ».

As proposições formadas com participio preterito composto, resolvem-se, como tambem já fiz vêr, em proposições do modo indicativo, com a conjuncção, *depois que*, e era proposições do modo conjunctivo, com a conjuncção, *como*.

**Pag. 244**

N.B. Pede o genio da lingua que a proposição participio se colloque sempre na ordem inversa, isto com mais rigor ainda que a proposição do infinito pessoal. Em prosa rarissimas são as excepções que se encontrão a esta regra, e essas de ordinario nas fôrmas especiaes, *Isto não obstante*, *isto posto*, *isto dito*, das quaes as duas últimas se reduzem aos complementos circumstanciaes, *Depois d'isto posto*, *depois d'isto dito*. No verso, porém, ha muito mais liberdade a tal respeito. Camões, por exemplo, disse : « *Prosperamente os ventos assoprando* ».

## PROPOSIÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS.

### Proposição completiva ligada por uma conjunção.

A *proposição completiva*, ligada pela conjunção de subordinação, *que*, tem, excepto em casos especiaes, o seu verbo no conjunctivo, o qual enuncia sempre n'este caso um facto condicional, hypothetico, e subordinado ao facto positivo enunciado pelo verbo da proposição principal, a que ella se prende.

« Convem *que* sejas prudente nos teus negocios ».

Pag. 245

« Desejo *que* te appliques ao estudo das bellas artes ».

« Ordeno-te *que* partas sem demora ».

Nos tres exemplos citados, e em outros analogos, os verbos das proposições subordinadas vão para o conjunctivo, porque a conjunção de subordinação, *que*, liga ordinariamente proposições completivas, cujo enunciado é condicional e hypothetico.

O mesmo se verifica com a proposição completiva ligada pelas compostas da conjunção, *que*, que se põem pela simples, ou que suppõem a ellipse de alguma palavra, a que se deva seguir tal conjunção.

Exemplos : —

« Inclino-me *a que* venha a acontecer assim ; isto é, inclino-me *a crer*, ou, *a suppôr que &c* ».

« Applica-te *a que* se faça o serviço com cuidado ; isto é, applica-te *a vigiar que &c* ».

« Faze *com que* saías bem de tal empreza ; isto é, *faze contigo mesmo que &c* ».

« Farei *com que* melhores de posição ; isto é, *farei comigo que &c* ».

« Attenta *em que* o campo se lavre no menor espaço de tempo possivel ; isto é, *attenta em vigiar*, ou, *em entender que &c* ».

Em todos estes exemplos, e outros analogos, as

Pag. 246

conjunções, *a que*, *com que*, *em que*, estão pelas simples, *que*, do que nos convencemos, dando um complemento accommodado á preposição que a precede.

Casos ha, porém, em que a proposição completiva ligada pela conjunção, *que*, tem o verbo no indicativo : primeiro, quando o facto enunciado pelo seu verbo só é convencionalmente subordinado a outro : segundo, quando ella é comparativa.

Exemplos do primeiro caso : —

« Creio *que* sabes *do que* se passa ».

« Julgo *que* serás feliz na empreza ».



N'estes exemplos, pode até a proposição subordinada passar a ser principal com a supressão da conjuncção, *que*, e a principal a ser subordinada com a junção de um liame accommodado, claro, ou occulto, como abaixo se vê : —

« Sabes do que se passa, *como* creio, ou simplesmente, creio ».

« Serás feliz na empresa, *segundo* julgo, ou simplesmente, julgo ».

Exemplos do segundo caso :

Serás, como espero, *mais bem succedido* nesta empresa, *que* nas outras ; isto é, *que* foste bem succedido nas outras ».

« Poucos estudantes se entregarão *menos* ao estudo,

**Pag. 247**

*que* tu ; isto é, *que* tu te entregas a elle, ou o fazes ».

« Arremettêrão *tão impetuosamente* ao sahir dos arraiaes, *que* levárão os assaltantes de vencida logo no primeiro recontro ».

N'estes exemplos, as proposições completivas, ligadas ás principaes pela conjuncção, *que*, são tambem comparativas, porque cada uma d'ellas representa o segundo termo de uma comparação, cujo primeiro termo está na principal, ou porque cada uma d'ellas completa uma comparação. As duas primeiras são ellipticas, e suprem-se, como se vê nos mesmos exemplos.

Muitas vezes a proposição comparativa liga-se á principal pela locução conjunctiva, *do que*, que se põe em lugar de, *que*, e suppõe uma ellipse.

Exemplos :

« Custou-te *mais* a comprehender o Latim *do que* a mim ; isto é, *em comparação do*, ou, *d'aquillo, que* me custou a mim ».

« É *mais* espirituosa, *do que* formosa ; isto é, *em comparação do*, ou, *d'aquillo, que* é formosa ».

N'estes exemplos, e outros analogos, ha, como se vê, uma dupla ellipse, que se suppre, como nos mesmos fica indicado.

Raros são os casos em que a proposição completiva

**Pag. 248**

se liga á principal por outra conjuncção que não seja, *que*, ou alguma de suas compostas preditas, excepto quando ella é o segundo termo de uma comparação de igualdade. Mas n'esses raros casos o verbo da completiva pode estar no conjunctivo ou no indicativo, segundo a natureza do facto por elle enunciado.

Exemplos d'esta especie de proposição ligada pelas conjuncções, *si*, e, *como* : —

(Com o verbo no conjunctivo) :

« Ninguém pode saber melhor *si* seja ou não verdade o que estou dizendo ».

« N'esta história conhecerás a fundo *como* as cousas se tenham passado n'aquelle tempo ».

(Com o verbo no indicativo) :

« Ninguém pode saber melhor *si* é ou não verdade o que estou dizendo ».

« N'esta história conhecerás a fundo *como* as cousas se passarão n'aquelle tempo ».

Quando a proposição completiva se acha ligada á principal por alguma das compostas da conjuncção, *como*, que se põem pela simples, ha ellipse de uma palavra accommodada que requeira tal conjuncção, como se vê nos seguintes exemplos : —

« Fico inteirado, ou ao facto *de como* a cousa se

**Pag. 249**

tenha, ou tem passado ; isto é, fico inteirado, ou ao facto *de saber*, ou, *conhecer como* & ». ».

« Estou crente *em como* tal desgraça se não dê ; isto é, estou crente *em esperar*, ou, *em conseguir como* & ».

N.B. *Como*, n'estes casos, vale o mesmo que, o *modo por que* ; por isso significa mais que o simples, *que*, por que podia ser substituido, e só exprimiria a subordinação de um facto a outro.

A proposição completiva porém, quando é o segundo termo de uma comparação de igualdade, liga-se á principal pelas conjuncções, *como*, *quão*, ou pelo adverbio, *quanto*, posto por ellas, e tem o seu verbo no indicativo, como se vê nos seguintes exemplos : —

« O caminho pela serra era *tão* extenso, *com* ingreme, isto é, *como* era ingreme ; podia ser tambem, *quão*, ou, *quanto* ingreme ».

« Nero mostrou-se sobre o throno *tão* feroz, *como* imbecil e covarde, isto é, *como* se mostrou imbecil e covarde ; podia ser tambem, *quão*, ou, *quanto* imbecil e covarde ».

N.B. Cumpre notar que com *quanto* seja, *quão*, a verdadeira correspondente de, *tão*, é todavia n'estes casos de um uso muito menos geral que, *como*, sem dúvida pelo desagradavel da pronúncia.

**Pag. 250**

## Proposição completiva ligada pelo adjectivo e adverbios interrogativos.

A *proposição completiva*, ligada pelo adjectivo interrogativo e adverbios que se põem por elle, chama-se tambem interrogativa, e pode ter o seu verbo no indicativo ou no conjunctivo, segundo o facto por este enunciado é positivo, ou condicional e hypothetico.

### Proposição completiva ligada pelo adjectivo interrogativo.

Esta especie de proposição, quando tem o verbo no indicativo, põe-se de ordinario só no discurso com a proposição principal occulta, como se vê nos seguintes exemplos : —

« *Quem* és » ?

« *Quem* é que está ahi » ?

« *Que* dizes, ou, *que* é o que dizes » ?

« Qual será o teu destino » ?

Em todos estes exemplos, e outros analogos, ha ellipse da proposição principal, *Pergunto*, ou, *Desejo saber*, ou outra accomodada requerida pelo sentido. É este o modo habitual de nos exprimirmos, quando a proposição é interrogativa.

**Pag. 251**

Muitos casos ha, porém, em que a mesma especie de proposição, quando tem o verbo no indicativo, se põe no discurso com a proposição principal expressa, como se vê n'estes outros exemplos : —

« Tenha vossa mercê a bondade de dizer *quem é* ».

« Não sei *qual* será o teu destino ».

« Queira vossa mercê dizer *que* opinião tem sobre este ponto, ou, *qual* é a sua opinião sobre este ponto ».

« Não me atrevo a dizer *que* cousa é mais para admirar entre tantas dignas de apreço ».

N.B. Isto ainda assim verifica-se de ordinario na conversação polida, ou n'um discurso seguido.

Quando ésta especie de proposição tem o verbo no conjunctivo, põe-se no discurso com a proposição principal clara, como se vê nos seguintes exemplos :

« Dize *quem* sejas, e *que* cousa pretendas ».

« Vejo-me perplexo sobre *qual* dos dois caminhos deva escolher ».

« Ignora-se *quem* tenha sido o inventor do alphabeto ».

« Não é possivel encontrar hoje *quem* saiba decifrar os hyeroplighos ».

N'estes casos, a proposição principal acha-se sempre expressa, porque o verbo da completiva enuncia

**Pag. 252**

um facto condicional, hypothetico, e absolutamente dependente do(enunciado pelo verbo da principal.

Quando, porém, a proposição ligada pelo sobredito adjectivo é, em vez de interrogativa, simplesmente exclamativa, dá logar a grande numero de ellipses, quer tenha o verbo no indicativo, quer no conjunctivo, como se vê n'estes exemplos :

« *Que* bravo » !

« *Que* pena » !

No primeiro dos dois exemplos, *Que bravo*, pode supprir-se por esta fórma, *Admiro que bravo se mostrou*, ou, *se tenha mostrado* ; no segundo, *Que pena*, por est'outra, *Que pena se apossa*, ou, *se apossa de mim*, só *Deus sabe*. Ésta especie de proposição que só apresenta de ordinario um dos termos, e esse incompleto, participa em certo modo da natureza da interjeição, que é apenas um echo dos affectos d'alma.

Ás vezes com tudo tem ella os seus termos expressos, apresentando unicamente a ellipse da proposição principal, como se nota no seguinte exemplo :

*Que* glória não será para ti o prestar um tal serviço á patria ! isto é, *Vê*, ou, *Considera que glória &* ».

## Proposição completiva ligada pelos adverbios interrogativos.

A *proposição completiva*, ligada pelos adverbios que se põem pelo adjectivo interrogativo, está igualmente sujeita ás mesmas regras sobre o emprêgo do verbo e a construcção elliptica ou não.

Exemplos d'esta especie de proposição com o verbo no indicativo e a proposição principal occulta :

« *Aonde váis* » ?

« *D'onde vens* » ?

N'estes exemplos, tanto a proposição, *Aonde váis*, que é o mesmo que, *a que parte váis*, como a outra, *D'onde vens*, o mesmo que, *de que parte vens*, se põem só no discurso com a ellipse da proposição principal, *Pergunto*, ou, *Quero saber*, ou, *Dize*, ou outra accommodada que se subentende.

Exemplos da mesma especie de proposição com o verbo no conjunctivo e a proposição principal clara :

« *Por onde se dirija*, não está certo ».

« *D'onde lhe venha o mal*, não póde suspeitar ».

N'estes exemplos, a primeira completiva, *Por onde se dirija*, vale tanto como, *por que*, ou, *por qual parte se dirija* : a segunda, *D'onde lhe venha o mal*, tanto como, *de que*, ou, *de qual causa lhe venha o mal*. Ambas ellas teem as proposições principaes

Pag. 254

claras, porque os seus verbos no conjunctivo enunciação factos condicionaes, hypotheticos, e subordinados aos enunciados pelos verbos d'estes.

## Proposição completiva do infinito.

Ésta especie de *proposição completiva* vai na nossa lingua para o infinito pessoal, todas as vezes que tem sujeito proprio ou diverso do da proposição por ella modificada ; e conserva-se invariavelmente no impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo.

## Infinito pessoal.

A *completiva* do infinito pessoal liga-se á proposição principal, ou áquella de que depende, pela mesma fórma infinitiva do verbo, que é peculiar á lingua.

Exemplos :

« *Nota-se em certa estação do anno andarem as aves em bandos pelo campo*.

« *Nascermos, crescermos, e morrermos*, é proprio da nossa natureza ».

Pag. 255

« *Fazeres de tua parte a diligencia para conseguir as cousas*, é ponto essencial em tudo ».

« Vi em tanta multidão *succederem-se uns aos outros no serviço sem a menor confusão* ».

Nos tres primeiros exemplos, as proposições completivas do infinito pessoal, *Andarem as aves em bandos pelo campo – Nascermos, crescermos e morreremos, – Fazeres de tua parte a diligencia para conseguir as cousas*, constituem os sujeitos das principaes ; no ultimo, a proposição completiva do mesmo modo, *succederem-se uns aos outros no serviço sem a menor confusão*, apenas um complemento do attributo da principal. Tanto umas, como outra, teem sujeito proprio, e ligão-se ás principaes unicamente pela fórma verbal infinitiva.

N.B. Já tive occasião de observar que, na proposição do infinito pessoal, ha quasi sempre ellipse do sujeito, quando este é algum dos pronomes pessoais. Isto mesmo ainda se verifica em dois exemplos acima. Dá-se tambem ellipse do sujeito n'esta especie de proposição, quando elle é algum pronome indefinido, como se vê no seguinte exemplo :

« É loucura *dar conselhos a outrem e não tomal-os para si* ».

N'este exemplo, e outros analogos, subentende-se,

**Pag. 256**

*alguem*, ou, *qualquer*, e as proposições infinitivas completão-se por este modo :

É loucura *dar a alguem conselhos a outrem e não tomal-os para si*.

## Infinito impessoal.

A *completiva* do infinito impessoal liga-se á proposição principal, ou aquella de que depende, pela identidade do sujeito, o qual é sempre o mesmo em ambas as proposições.

Exemplos :

« Quero *instruir-te na grammatica* ».

« Sabes *fallar com prudencia e a proposito* ».

« Não contamos *vencer hoje o que resta de caminho* ».

« Os fatuos presumem *ser sabios com dois dedos de sciencia* ».

N'estes exemplos, as proposições completivas do infinito impessoal, *Instruir-te na grammatica, – Fallar com prudencia e a proposito, – Vencer hoje o que resta de caminho, – Ser sabios com dois dedos de sciencia*, são todas meros complementos dos attributos das principaes, e ligão-se a ellas pela identidade do sujeito.

**Pag. 257**

Ésta regra geral para a personalisação ou não personalisação do infinito não tem excepção, quanto á proposição completiva.

N.B. Ha com tudo casos em que a proposição completiva do infinito não tem outro liame, sinão o que se dá entre os termos da proposição. Isto verifica-se quando ésta especie de proposição tem o sujeito incluído no verbo, como se vê nos seguintes exemplos :

« *Sentir é pensar ; isto é, o acto de sentir* ».

« *Respirar é viver ; isto é, o acto de respirar* ».

N'estes casos, porém, a proposição infinitiva que serve de sujeito, está evidentemente pelo nome ; pois, *sentir*, é o mesmo que, *o sentir*, ou, *o sentimento* ; *respirar*, o mesmo que, *o respirar*, ou, *a respiração*. O mesmo se deve entender dos infinitivos, attributos ; pois, *pensar*, e, *viver*, equivalem aqui a substantivos abstractos, ou a simples designativos de qualidades. Assim, taes proposições são os equivalentes d'est'outras :

« O sentimento é pensamento ».

« A respiração é vida ».

Reduzi o infinitivo á sua expressão mais simples para tornar a cousa evidente, mas o mesmo se observa nas seguintes proposições infinitivas quanto ao liame e sujeito : —

**Pag. 258**

« *Fazer o seu movimento de rotação em vinte e quatro horas é proprio da terra ; isto é, o acto de fazer &c* ».

« *Chover no alto Egypto é raro ; isto é, o acto de chover &c* ».

## CONCORDANCIA DOS VERBOS DAS PROPOSIÇÕES DO PERIODO GRAMMATICAL.

### Relação de simultaneidade.

Quando o *periodo grammatical*, ou *phrase*, consta unicamente de proposições absolutas aproximadas, os verbos d'estas, excepto em alguns casos especiaes que apontarei, estão sempre em relação de simultaneidade, e põem-se todos no mesmo tempo, como se vê nos seguintes exemplos :

« O homem *pensa* primeiramente, depois *obra* ; o bruto, porem, só *se dirige* pelo instincto ».

« Tudo *era* mar, e ao mar *faltavão* praias ».

« *Ceguei, vi, venci* ».

« *Levanta-te, encaminha-te* ao templo, e *ora* a Deus ».

Em todos estes exemplos, os verbos das proposições

**Pag. 259**

aproximadas estão em relação de simultaneidade com os das principaes, porque se achão postos no mesmo tempo, que os d'estas ; e grave erro seria pôl-os em outro, dizendo v. g., *O homem pensa primeiramente, depois obrou*, — *Ceguei, vi, venço, &*, porque ficaria destruida toda a concordancia que deve reinar entre elles em casos taes, visto como devem enunciar factos que todos se refirão á mesma época, para a aproximação das proposições poder ser completa.

Pode-se considerar como excepção a ésta regra o caso em que se distingue intencionalmente o tempo, para se tirar d'ahi alguma conclusão moral, ou outra, porque então o verbo da proposição aproximada se põe em relação de anterioridade, ou de posterioridade, com o da principal, como se vê nos seguintes exemplos :

« Já *fomos* jovens, e hoje *somos* velhos ».

« Filho és, e pai serás ».

Isto verifica-se ordinariamente nos proverbios, ou no estylo sentencioso, porque em tal caso o espirito só attende á conclusão que se tira da opposição das épocas.

Quando o *periodo grammatical*, ou *phrase*, consta de uma ou mais proposições subordinadas e uma absoluta principal, si o verbo da subordinada, *circumstantial*,

**Pag. 260**

ou, *completiva*, enuncia um facto que se suppõe occorrido ao mesmo tempo que o facto enunciado pelo da principal, está tambem em relação de simultaneidade com elle, e põe-se no mesmo tempo, com a unica differença de modo si a subordinada é do conjunctivo, sem ella si do indicativo.

Exemplos :

« Em quanto *escrevo*, não me *distráio* com outra cousa ».

« Quando eu *ia*, tu *vinhas* ».

« *Espero* que *faças* ».

« Eu *esparava* que *fizesse* ».

« Eu *quizera* que o *tivesses feito* ».

Ésta relação de simultaneidade ou concordancia dos verbos não se suppõe interrompida, quando se põe em correspondencia : 1.º , o imperfeito do indicativo com o presente ou preterito do mesmo modo : 2.º , o presente do conjunctivo com o futuro do indicativo ou do imperativo.

Exemplo do primeiro caso :

« Em quanto *caminhavão*, *fez-se* ou *faz-se* noite ».

Exemplo do segundo caso :

« *Pedirás* a Deus que te *conceda* a paz de espirito ».

« *Pede* a Deus que te *conceda* a paz de espirito ».

**Pag. 261**

Eis a razão d'esta especie de anomalia que se nota na relação de simultaneidade.

O imperfeito do indicativo é um tempo por fazer que tanto participa do presente, como do preterito, por isso pode corresponder não só a outro imperfeito, mas ainda ao presente e ao preterito, sem quebra da concordancia, como se vê nos exemplos dados.

O presente do conjunctivo é um presente, não positivo e realisado, mas hypothetico e realisavel, ou um presente com fôrça de futuro por fazer, por isso pode tambem corresponder não só a outro presente, mas ainda ao futuro do indicativo e do imperativo ; pois, *Espero que faças*, é o mesmo que, *Espero que farás* ; — *Pede a Deus que te conceda a paz de espirito*, o mesmo que, *pede a Deus que elle te concederá a paz de espirito*, ou simplesmente, *pede que Deus te concederá* &.

## Relação de anterioridade.

Si o facto enunciado pelo verbo da proposição subordinada é anterior ao enunciado pelo verbo da principal, põe-se o verbo da subordinada no *preterito*

**Pag. 262**

*perfeito*, ou no *mais que perfeito* do indicativo si o mesmo facto é positivo, do conjunctivo si condicional e hypothetico.

Exemplos com o verbo no preterito perfeito do indicativo :

« *Vê quanto aproveitámos ou temos aproveitado* ».

« *Porque estudei ou tenho estudado a minha licção, quero dal-a* ».

Exemplos com o verbo no mais que perfeito do mesmo modo :

« *Vê quanto aproveitáramos ou tínhamos aproveitado* ».

« *Porque estudára ou tinha estudado a minha licção queria dal-a* ».

Exemplos do verbo no preterito do conjunctivo :

« *Vê quanto tenhamos aproveitado* ».

« *Temo que se tenha realisado* ».

Exemplos do verbo no mais que perfeito do mesmo modo :

« *Temia que se tivesse realisado* ».

« *Quanto desejaria que tivesse permanecido em Roma* ».

Ésta relação de anterioridade tambem se exprime no infinito pessoal e impessoal.

Exemplos do verbo no preterito do infinito pessoal :

**Pag. 263**

« *Não approvo teres praticado tal* ».

« *Não era conveniente terem-se as tropas retirado d'aquelle ponto* ».

No primeiro exemplo, *teres praticado tal*, equivale ao preterito do conjunctivo, *que tenhas praticado tal* ; no segundo, *terem-se as tropas retirado d'aquelle ponto*, ao mais que perfeito, *que se tivessem as tropas retirado d'aquelle ponto*.

Exemplos do verbo no preterito do infinito impessoal :

« *Julga elle ter aproveitado* ».

« *Julgava elle ter aproveitado* ».

No primeiro exemplo, *ter aproveitado*, equivale tanto ao preterito perfeito do indicativo, *que aproveitou*, ou, *tem aproveitado*, como ao preterito do conjunctivo, *que tenha aproveitado* ; no segundo, *ter aproveitado*, tanto ao mais que perfeito do indicativo, *que linha aproveitado*, como ao do conjunctivo, *que tivesse aproveitado*.

Em todos os exemplos citados, os verbos das proposições subordinadas concordão com os das principaes na correlação dos tempos do preterito com os do presente, imperfeito, e futuro.



N.B. Não puz exemplos do preterito anterior por ser raro entre nós o emprêgo d'este tempo, mas pode se dar com elle a mesma correlação sobredita

Pag. 264

como se vê em, *Que teve aproveitado não é duvidoso*, ou em, *Que teve aproveitado não será duvidoso*.

## Relação de posterioridade

Quando o factio enunciado pelo verbo da propoposição subordinada é um factio posterior ao enunciado pelo verbo da principal, o verbo da subordinada põe-se, ou no *futuro proprio* do conjunctivo e modificações do *futuro do presente* e *preterito* do mesmo modo, si o factio é incerto e hypothetico ; ou no *futuro imperfeito absoluto*, e *perfeito* do indicativo, si é positivo ; ou no *futuro* do condicional, si é puramente condicional.

Exemplos do verbo no futuro proprio do conjunctivo :

« *Si partires, faze-m' o saber* ».

« *Quando tiveres chegado ao lugar do teu destino, escreve-me* ».

Exemplos do verbo nas modificações do futuro do mesmo modo :

« *Quando tenhas, ou, hajas de partir, faze-m' o saber* ».

Pag. 265

« *Devias-me fazer saber, quando tivesses, ou, houvesse de partir* ».

Exemplo do verbo no futuro imperfeito do indicativo :

« *Desejo saber quando tens, ou, has de partir* ».

Exemplo do verbo no futuro absoluto do mesmo modo :

« *Desejo saber quando partirás* ».

Exemplo do verbo no futuro perfeito do mesmo modo :

« *Qual dos dois terá aproveitado mais, não sei dizer* ».

Exemplos do verbo no futuro do condicional :

« *Eu julgava que começaria a cerimonia* ».

« *Julguei que teria começado a cerimonia* ».

Ésta relação de posterioridade tambem se pode exprimir pelo infinito pessoal ou impessoal.

Exemplo do verbo no futuro do infinito pessoal :

« *Creio terem, ou, haverem elles de partir* ».

Exemplo do verbo no futuro do infinito impessoal :

« *Receio ter, ou, haver de partir* ».

Nos dois últimos exemplos, a primeira proposição infinitiva equivale a ésta do modo indicativo, *que teem*, ou, *hão de elles partir*, ou ainda a ésta, *que*

Pag. 266

*partirão elles* ; a segunda, a est'outra do modo conjunctivo, *que tenha*, ou, *haja de partir*.

Em todos os outros exemplos citados, os tempos do futuro do conjunctivo, do indicativo, e do condicional, estão em relação com o presente, e imperfeito, do indicativo, e com o futuro do imperativo, que outros denominão também presente.

Esta correlação chama-se, como as anteriores já designadas, concordancia dos verbos.

## *Modelos de análise*

### SENTIDOS APROXIMADOS.

#### Unico.

« Deus creou o mundo em seis dias, e descansou no setimo ».

É um periodo grammatical, ou phrase, que se compõe de duas proposições aproximadas. *Deus creou o mundo em seis dias*, absoluta (principal, ou antes primeira em ordem, porque a ella se refere a segunda absoluta) : *E descansou no septimo*, absoluta aproximada. As duas proposições achão-se aproximadas uma da outra ; 1º, pela conjuncção de aproximação, *E* ; 2º, pela identidade do sujeito, que em ambas é, *Deus*, claro na primeira, e subentendido

Pag. 267

na segunda ; 3º, pela relação de simultaneidade dos verbos, *Creou*, *Descançou*, que estão ambos no preterito perfeito.

Cumpre observar que as duas últimas relações não concorrem menos, que a primeira de nexos, para aproximar os sentidos absolutos formados pelas duas proposições, e tornar o segundo relativo ao primeiro. Ás vezes falta a relação de nexos, e a da identidade do sujeito, mas subsiste sempre a da simultaneidade dos tempos dos verbos, excepto ó caso unico que aponteí.

### SENTIDOS SUBORDINADOS.

#### I. [Primeiro exemplo]

« **Tanto que foi avisado da ordem de prisão passada contra elle, occultou-se em casa de um amigo** ».

É um periodo grammatical ou phrase, que se compõe de duas proposições, das quaes uma é subordinada á outra. *Occultou-se em casa de um amigo*, absoluta (principal, porque d'ella depende a outra) ; *Tanto que foi avisado da ordem de prisão passada contra elle*, subordinada (circumstantial, porque exprime uma circumstancia da principal).

A relação de dependencia em que está a subordinada da principal é determinada pela conjuncção de subordinação, *Tanto que*, que as liga. Além d'esta relação de subordinação, achão-se as duas proposições ligadas por outras duas, a de

identidade do sujeito subentendido, que é o mesmo em ambas, e a da simultaneidade dos

Pag. 268

tempos dos verbos, os quaes ambos estão no preterito perfeito.

Assim, o segundo sentido subordinado fica completamente adherente ao primeiro.

## II. [Segundo exemplo]

« **O homem, que ama a deus, vive isento do temor da morte, porque tem a consciencia tranquilla** ».

É um periodo grammatical, ou phrase, que se compõe de tres proposições, uma principal, e duas subordinadas. *O homem* (que ama a Deus) *vive isento do temor da morte*, absoluta (principal, porque d'ella dependem as outras); *Que ama a Deus*, 1.<sup>a</sup> subordinada (incidente restrictiva, porque exprime uma circumstancia accidental ao sujeito da principal); *Porque tem a consciencia tranquilla*, 2.<sup>a</sup> subordinada (circumstancial, porque exprime uma circumstancia do attributo da principal).

A relação de dependencia da 1.<sup>a</sup> subordinada acha-se determinada pelo adjectivo conjunctivo, *Que*, que a liga á principal; a da 2.<sup>a</sup> subordinada, pela conjuncção de subordinação, *Porque*, que a liga igualmente á principal. Cumpre notar que, além das relações de subordinação, que ligão as subordinadas á principal, estão ellas ligadas á mesma pelas de identidade do sujeito, que é em última anályse o mesmo em todas, ou, *O Homem*, e de simultaneidade dos tempos dos verbos, os quaes todos estão no presente do indicativo.

Pag. 269

## III. [Terceiro exemplo]

« **Soprando vento favoravel, largou o navio do porto para seguir a derrota que lhe estava designada** ».

É um periodo grammatical, ou phrase, que se compõe de tres proposições, uma principal, e duas subordinadas. *Largou o navio do porto para seguir a derrota*, absoluta (principal, porque d'ella dependem as mais); *Soprando vento favoravel*, proposição participio equivalente a est'outra do modo conjunctivo, *como soprasse vento favoravel*, subordinada (circumstancial, porque exprime uma circumstancia da principal). *Que lhe estava designada*, subordinada (incidente explicativa, porque exprime uma circumstancia inherente a um dos complementos do attributo da principal).

A relação de dependencia da 1.<sup>a</sup> subordinada é determinada pelo participio, *Soprando*, que a liga á principal; a da 2.<sup>a</sup> subordinada, pelo adjectivo conjunctivo, *Que*, que a liga igualmente á principal. Cumpre notar que, além d'esta relação de subordinação, achão-se as tres proposições ligadas pela da simultaneidade dos tempos dos verbos, correspondendo o imperfeito do conjunctivo, *Soprasse*, por que está o participio, *Soprando*, como fica dito, e o imperfeito do indicativo, *Estava*, nas duas subordinadas, ao preterito perfeito do indicativo, *Largou*, na principal.

#### IV. [Quarto exemplo]

« **Desejo que saibas bem o latim, sem que com tudo abandones o estudo das outras materias a que te tens dedicado** ».

Pag. 270

É um periodo grammatical que se compõe de quatro proposições, uma principal, e tres subordinadas. *Desejo*, absoluta (principal, porque d'ella dependem as mais); *Que saibas bem o Latim*, 1.<sup>a</sup> subordinada (completiva, porque completa a principal, de cujo attributo faz parte); *Sem que com tudo abandones o estudo das outras materias*, 2.<sup>a</sup> subordinada (circumstancial, porque exprime uma circumstancia do attributo da principal); *A que te tens dedicado*, 3.<sup>a</sup> subordinada (incidente restrictiva, porque exprime uma circumstancia accidental do attributo da 2.<sup>a</sup> subordinada, e em última anályse do da principal, de que ambas fazem parte como a completiva).

As relações de dependenciada 1.<sup>a</sup> subordinada achão-se determinadas pela conjuncção de subordinação, *Que*, que a liga á principal, e pelo verbo no conjunctivo; as da 2.<sup>a</sup> subordinada, pela conjuncção de subordinação, *Sem que*, que a liga tambem á principal, e pelo verbo igualmente no conjunctivo; a da 3.<sup>a</sup> subordinada, pelo adjectivo conjunctivo, *Que*, que a liga á 2.<sup>a</sup> subordinada.

É de notar que, além d'essas relações de subordinação, estão as proposições ligadas, as tres primeiras pela relação de simultaneidade dos tempos dos verbos, achando-se, *Desejo* (verbo da principal) no presente do indicativo, *Estudes*, e, *Abandones* verbos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> subordinadas) no presente do conjunctivo; a quarta pela relação de anterioridade de tempo do seu verbo, *Tens dedicado*, no preterito perfeito do indicativo, posto em correspondencia com o presente do conjunctivo do verbo, *Abandones*, da 3.<sup>a</sup> subordinada.

Pag. 271

#### V. [Quinto exemplo]

« **Quero saber quando partirás da Bahia para a Côrte, como tencionavas, afim de poder remetter-te directamente ao logar, onde te achares, as cartas que tiver de escrever-te** ».

É um periodo grammatical, ou phrase, que se compõe de cinco proposições, uma principal, e quatro subordinadas, *Quero saber* (quando partirás &) *afim de poder remetter-te directamente ao logar* (onde &) *as cartas*, absoluta (principal, porque d'ella dependem todas as mais;) *Quando partirás da Bahia para a Côrte*, 1.<sup>a</sup> subordinada (completiva, porque concorre para completar o attributo da principal de que faz parte); *Como tencionavas*, 2.<sup>a</sup> subordinada (circumstancial, porque exprime uma circumstancia da 1.<sup>a</sup> subordinada); *Onde te achares*, 3.<sup>a</sup> subordinada (circumstancial incidente restrictiva, porque exprime uma circumstancia accidental da principal); *Que tiver de escrever-te*, 4.<sup>a</sup> subordinada (circumstancial incidente restrictiva, porque exprime tambem uma circumstancia accidental do attributo da principal).

As relações de dependencia das subordinadas achão-se determinadas, a saber; — da 1.<sup>a</sup>, pela conjuncção de subordinação, *Quando*, que a liga á principal; — da 2.<sup>a</sup>, pela conjuncção de subordinação, *Como*, que a liga á 1.<sup>a</sup> — da 3.<sup>a</sup>, pelo adverbio

conjunctivo, *Onde*, que a liga á principal, e pelo verbo no conjunctivo : — da 4.<sup>a</sup>, pelo adjectivo conjunctivo, *Que*, que tambem a liga á principal, e pelo verbo igualmente no conjunctivo. É de notar que, além de todas essas relações de subordinação, as proposições subordinadas ligão-se ainda á principal, a

**Pag. 272**

saber ; — a 1.<sup>a</sup>, pela relação de posterioridade do seu verbo, *Partirás*, no futuro do indicativo, posto em correspondencia com o verbo da principal, *Quero*, no presente do indicativo, e modificado pelo infinitivo, *Saber* ; a 2.<sup>a</sup>, pela relação de anterioridade do seu verbo, *Tencionavas*, no preterito imperfeito do indicativo, posto em correspondencia com o verbo sobredito da 1.<sup>a</sup> no futuro do mesmo modo ; — a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup>, pelas relações de posterioridade de seus verbos, *Achares*, e, *Tiver* de escrever, no futuro simples (o 1.<sup>o</sup>), no composto (o 2.<sup>o</sup>) do conjunctivo, postos em correspondencia com o mencionado verbo da principal no presente do indicativo.

Dividem ainda os grammaticos a Syntaxe em syntaxe natural e syntaxe figurada, o que tanto se pode applicar á syntaxe das palavras, como á das proposições ; mas ésta divisão não tem verdadeira importancia grammatical, visto como o discurso é sempre mais ou menos figurado em toda e qualquer lingua ; por isso deixo de lhe dar aqui seguimento. Basta que o alumno saiba que pela syntaxe natural se deve dizer : — *Deus creou o mundo em seis dias*, e *Deus descançou no setimo dia* ; — *Eu pergunto d'onde vens tu ?* — e que pela figurada se pode dizer : — *Deus creou o mundo em seis dias*, e *descançou no setimo* ; — *D'onde vens ?*

Quanto ás principaes figuras de syntaxe, *Ellipse*, ou supressão, *hyperbato*, ou transposição e deslocação, *Syllepse*, ou discordancia apparente, &

**Pag. 273**

remetto o alumno ás minhas Postillas Grammaticaes, onde tracto largamente da materia.

**Pag. 274**

# Orthographia.

A melhor maneira de aprender a orthographia é a prática adquirida pela leitura dos bons auctores contemporaneos, e pela consulta dos dictionarios mais correctos que devem ser manuseados ; por isso limitar-me-hei a poucos preceitos a tal respeito, convencido de que o professor deve obrigar o alumno a fazer exercicios orthographicos sobre os modelos a seguir, para escrever correctamente.

Os systemas exclusivos de orthographia somente segundo a pronúncia, ou de orthographia puramente etymologica, são irrealisaveis ;o primeiro, porque a pronúncia varia, para bem dizer, em cada provincia, e em cada seculo ; o segundo, porque seria mister escrever as palavras como se achão na lingua d'onde são derivadas, ao que se oppõe a fórma e a pronúncia dos termos derivados. Assim, o unico systema racional, e o unico seguido pelos bons auctores, é o da orthographia mixta, que participa de um e de outro, e melhor se accomoda

**Pag. 275**

às modificações, por que vai passando a lingua de tempos a tempos.

Si observarmos o que vai pelas outras linguas, em que as palavras se escrevam de uma maneira, e pronúncia de outra, como na franceza e na ingleza, cuja orthographia merece o nome de verdadeiro capricho orthographico, veremos que a portugueza é uma d'aquellas em que a escriptura varia menos da pronúncia, si bem mais que na italiana ; e que não ha razão para se clamar tanto contra a falta de regularidade de nossa orthographia, uma das mais adaptadas á pronúncia. Sem dúvida a invariabilidade das regras orthographicas, a qual se não accomoda ás modificações por que passa a pronúncia de qualquer lingua em certo periodo de tempo, foi a origem da singular disparidade que se nota na pronúncia e na escriptura do Francez e do Inglez.

*Orthographia*, é uma palavra de origem grega, que sôa tanto como escriptura correcta ou exacta ; e d'ahi o seu objecto, que vem a ser a — correcção na escripta.

O melhor preceito que se póde dar acêrca da orthographia portugueza, que é um systema mixto de

**Pag. 276**

orthographia etymologica e phonetica, e por tanto complicado, é seguir a orthographia dos escriptores contemporaneos de melhor nota, rectificada pelos bons dictionarios.

Duas são as especies de signaes que emprega a orthographia para chegar ao seu fim : 1.º os caracteres alphabeticos, ou letras, com que se escrevem as palavras : 2.º, os signaes orthographicos, ou de pontuação, que marcão as pausas do discurso, e as inflexões da voz em cada uma.

## I. [Regras orthographicas]

Como os caracteres alphabeticos já são bem conhecidos do alumno, dispenso-me de reproduzil-os aqui, e limito-me a indicar em geral o seu conveniente emprêgo na escriptura.

Escrevem-se com lettras maiusculas ou grandes :

1.º A inicial de todos os principios de periodos, como se vê no seguinte exemplo :

« A terra é redonda, e gira em torno do sol ».

2.º A inicial de todos os nomes proprios, como se vê em, *Pedro, Brazil, Maranhão, Amazonas, Ibiapaba, Charaies, &*.

3.º As iniciaes do tractamento que se dá aos rês e principes, ás auctoridades, aos titulares e, por civilidade,

**Pag. 277**

aos simples cidadãos, e que se exprime ordinariamente por ellas, como se vê em, *V. M., V. A., V. Exc., V. S., V. Mc.*

4.º A inicial de todos os versos, como se vê n'este exemplo :

« E julgareis qual é a mais excellente. Si ser do mundo rei, si de tal gente ».

5.º A inicial de todo o discurso que se cita, e se põe ordinariamente depois de dois pontos, como se vê n'est'outro exemplo :

« Deus disse : Faça-se a luz, e a luz foi feita ».

6.º A inicial de alguma palavra que se queira distinguir no discurso, como se vê em muitos logares d'esta grammatica.

Á excepção d'estes casos, todas as mais lettras que se em pregão na escriptura são minusculas ou pequenas.

Quanto á maneira de escrever as palavras deve-se principalmente observar o seguinte :

1.º Fazer a distincção das homógraphas, escrevendo-as, para evitar a confusão, com o respectivo accento, como se vê nos exemplos aqui adduzidos :

« *Rôgo* (nome), *rógo* (verbo) ».

« *Vívido* (simples adj.), *vivido* (adj. part.) ».

**Pag. 278**

« *Para* (prepos.), *pára* (verbo), *Pará* (nome) ».

« *Sé* (nome), *sê* (verbo), *se* (pronome) ».

2.º Guardar a uniformidade no modo de escrever o diphtongo nasal, *ão*, tanto nos nomes, como nos verbos, escrevendo, *pão, mão, louvário, louvarão*, o que é seguramente muito mais logico, que escrever em uns casos, *ão*, e n'outros, *am*.

N.B. Muitos escriptores modernos, a maior parte sem dúvida, escrevem, *amaram, amarão*, ao passo que escrevem ao mesmo tempo, *quinhão, questão, oração, funcção, frangão, golphão &* ; mas não vejo fundamento plausivel para ésta alteração, quando a natureza do diphtongo é a mesma, quer nos nomes, quer nos verbos. Uma

tal novidade só serve para dificultar a pronúncia do portuguez aos estrangeiros, visto como a terminação, *am*, não representa effectivamente o diphtongo, *ão*, peculiar á lingua, e corrupção de, *on*.

3.º Não dobrar consoantes, sinão entre duas vogaes, e quando a etymologia ou a pronúncia o requer, como se vê em, *bello, syllaba, succede, commettimento, communicar, vosso, grosso, arruido, arrombar &*.

4.º Guardar a analogia nas palavras derivadas de outras, escrevendo, por exemplo, com dois, *cc, peccadosinho, peccador, peccar, de peccado ; successivo,*

**Pag. 279**

*succeder, succedido, de successo ; com dois, bb abbadessa, abbadia, abbacial, de abbade.*

5.º Conservar nas palavras que veem do grego o *ch*, o *ph*, e o *y* escrevendo, por exemplo, *chimera, chimica, philosophia e hydrographia.*

6.º Guardar, apenas com as modificações requeridas pela pronúncia, a orthographia etymologica nas palavras derivadas do Latim, que constituem a immensa maioria das da lingua que d'elle se formou, escrevendo, por exemplo : *Acção, de actionem (accusat. latino) ; licção, de lectionem (idem) ; condição, de conditionem (idem) ; extensão, de extensionem (idem) ; facto, de facto (ablat. latino) ; imperio, de imperio (idem) ; imperar, de imperare (infin. latino) ; corromper ; de corrumpere (idem) ; inquirir, de inquirere (idem)*

São estes os poucos preceitos geraes que julgo conveniente dar sobre o modo de escrever as palavras, deixando tudo o mais á capacidade do professor ; porque n'um estudo que deve ser eminentemente prático, e feito sobre modelos quasi como a pintura, fôra improficuo, sobre fatigante, para o alumno, estar a amontoar regras que todas teem de ordinario numerosas excepções.

**Pag. 280**

## II. [Regras de pontuação]

São signaes orthographicos, ou de pontuação, a *virgula* (,), o *ponto e virgula* (;), os *dois pontos* (:), o *ponto final* (.), o *ponto de interrogação* (?), o *ponto de admiração* (!), os *pontos de reticencia* (...), a *linha ou risca de união* (-), o *traço de divisão* (—), o *parenthesis* (), as *virgulas dobradas* (” ).

A *virgula*, serve para fazer a distincção das orações, ou ainda dos membros d'estas quando é isso conveniente, e marca uma pequena pausa com inflexão de voz.

Exemplos :

« Converta-se em trevas aquelle dia, não olhe Deus para elle do alto, e não seja esclarecido pela luz. (Job) ».

« A intelligencia, a palavra, a belleza da fórmula, são as qualidades essenciaes que distinguem o homem do bruto ».



O *ponto e virgula*, serve para fazer a distincção de sentidos que se incluem, ou põem em opposição no mesmo periodo, e marca uma pausa com inflexão de voz, maior que a virgula.

Exemplos :

« Encarreguei-me de um negocio que é bem difficil ; hei-de leval-o ao cabo, custe o que custar ; assim

**Pag. 281**

convem á minha dignidade n'elle compromettida ».

« Sabia o poder com que o governador vinha em pessoa, ainda estimado maior na fama, que na apparencia ; mas nem assim dobrou da resolução de proseguir o cêrco, esperando a última fortuna. (Jacinto Freire) ».

Os *dois pontos*, servem para fazer a distincção, ou de pensamentos cuja enumeração se faz, ou de um discurso, ou pensamento, que se cita ; e marcão uma pausa com inflexão de voz, ainda maior que o ponto e virgula.

Exemplos :

« Julgava o arcebispo que quem se valia de regadores para negocios dependentes de sufficiencia, julgava mal da sua : ou era querer ensinar os subditos a trabalharem e merecerem por si, estando desenganados que não haviam de ter com elle melhor valedor, que merecimento proprio. (Frei Luiz de Souza) ».

« E disse : « Esses Turcos e Janizaros que d'este logar estamos vendo, veem a restaurar comnosco a honra que no primeiro cêrco perdêrão ; porém nem elles valem mais que os que então forão vencidos, nem nós valem menos que os vencedores. (Jacinto Freire) ».

**Pag. 282**

O *ponto final*, serve para fazer a distincção dos sentidos absolutos, ou periodos, de que se compõe o discurso, e marca uma pausa, tambem absoluta, com inflexão de voz que a denota.

Exemplos :

« O governador andava sobremaneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Gôa a capitânea em que fôra D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegrias salvas, querendo indicar de longe as novas que trazia. Accorrêo á praia grande parte do povo, solicito a perguntar pelos filhos, parentes e amigos, e os menos empenhados, pelo commum do Estado. o capitão foi levado aos paços do governardor, satisfazendo pelo caminho a duplicadas e molestas perguntas. (Jacinto Freire) ».

N.B. N'estas pausas, a voz alça-se menos ou mais, segundo a pausa é menor, ou maior.

O *ponto de interrogação*, marca uma pausa com inflexão de voz especial, propria de quem pergunta, e espera pela resposta, ou a dá a si mesmo.

Exemplos :

« De Dio não queremos, nem podemos ter mais, que a fortaleza ; pois com que furia cega tornamos a comprar com o nosso sangue o mesmo de que somos senhores ? Que novos povoadores temos para

habitar a ilha ? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros, ou Gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes que agora nos offendem ? (Jacinto Freire) ».

O *ponto de admiração*, marca uma pausa com inflexão de voz também especial, própria de quem se admira, ou mostra surprehendido e estupefacto.

Exemplos :

« No mar tanta tormenta, e tanto damno,  
Tantas vezes a morte apercebida !  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida ! (Camões) ».

Os *pontos de reticencia*, marcam uma pausa com inflexão de voz, que denota suspensão intencional do que se ia dizer.

Exemplos :

« Mas moura enfim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fui....E n'isto, de mimosa,  
O rosto banha em lágrimas ardentes  
Como co'orvalho fica a fresca rosa. (Camões) ».

A *linha ou risca de união*, posta no fim da regra da escripta mostra que o fragmento de palavra que

a leva, liga-se ao fragmento que está no principio da regra seguinte ; posta entre o verbo e o pronome que se lhe junta immediatamente por complemento, mostra que as duas palavras se ligão na pronúncia, como se vê em, *Dizer-vos, quero-te, façamol-o, quizeão-n'o* ; posta no meio de uma palavra composta, mostra que a palavra fórma uma só com a sua componente, ligando-se na pronúncia, como se vê em, *Boqui-aberto, equi-distante, grandiloquo*.

O *traço de divisão*, serve para fazer a distincção de pensamentos ou palavras que se queirão discriminar, chamando sobre elles a attenção do leitor.

Exemplo :

« De tudo isto o que era para concluir-se, que n'aquelle tempo erão rarissimos os mappas-mundi ; e tanto que, tractando d'elles Antonio Ribeiro dos Santos, citado pelo auctor da memoria, aponta apenas dois, — um do infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e outro do cartorio de Alcobaça, que veio ás mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manoel. (Gonçalves Dias) ».

O *parenthesis*, serve para fazer a distincção de um sentido que se intercala no periodo sem que d'elle faça parte, e marca uma pausa com inflexão de voz, que denota interrupção.

Exemplo :

« Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro com cincoenta navios (assim chamão quaesquer baixeis na India, ainda que sejam caravelas latinas, ou

embarcações de remo) ; e como vinhão empachados com munições e mantimentos, não podendo soffrer mares tão grossos, tornarão a arribar em pôpa destroçados, e abertos, tomando diversas angras e enseadas, onde o temporal os lançava.(Jacinto Freire) ».

N.B. Os classicos fazião grande uso, antes abuso, do parenthesis ; mas cumpre evitar o mais possivel o seu emprêgo, quando a phrase que se intercala é extensa, porque isso torna o estylo empeçado, e prejudica á clareza, que deve ser a primeira qualidade do discurso.

As *virgulas dobradas*, servem para fazer a distincção dos discursos de terceiro, ou d'aquillo que se cita, ou põe por exemplo.

Exemplo :

« No seculo XIV escrevêo o célebre Boccaccio a proposito do Oceano Atlântico :

Além do Oceano Atlântico, existem certas ilhas separadas por canaes, e um pouco afastadas da terra, nas quaes, segundo se diz, habitão as gorgonas : outros affirmão que ellas estão muito pelo mar dentro. (Gonçalves Dias) ».

**Pag. 286**

N.B. E' de summa importancia conhecer bem o emprêgo que se deve fazer destes signaes orthographicos, porque sem uma bôa pontuação o discurso não produz o seu effeito ; por isso dei mais desenvolvimento a ésta parte.

**Pag. 287**

**Pag. 288**

# Prosodia.

Suppondo o alumno bem conhecedor do que é syllaba, e de que as palavras se compõem de syllabas, assim como estas de sons vogaes e consoantes, ou de vozes e consonancias, dispenso-me de instruil-o no que já sabe, e limito-me a dar-lhe alguns preceitos geraes sobre a prosodia portugueza, a qual pode simplificar-se muito, visto como o valor da quantidade especial das syllabas subordinadas é quasi nullo na lingua em relação ao da quantidade da syllaba predominante de cada palavra, em cuja composição entrão umas e outras.

A prosodia das linguas vivas aprende-se, como a orthographia, mais com a prática, que com as regras que, sem ésta, serião de fraco soccorro, e nos illudirião muitas vezes, por mais minuciosas que fossem; porque só ouvindo fallar bem qualquer lingua, é que se adquire a bôa pronúncia d'ella. Assim, o alumno deve aprender a bôa pronúncia da sua lingua, não só sob a direcção dos professores que a ensinão, mas ainda na conversação das pessoas instruidas e bem fallantes.

**Pag. 289**

*Prosodia*, que tomada em sentido geral vale tanto como, *orthoepia*, correcta pronúncia, é uma palavra que quer dizer em Grêgo — accento conforme o canto; e d'ahi o seu objecto que vem a ser — a bôa e correcta pronúncia.

Em toda a palavra ha uma syllaba predominante, chamada accento prosodico, ou tonico, á qual ficão subordinadas todas as outras syllabas antecedentes e subseqüentes, como se vê em, *Amisáde*, cuja penultima syllaba é a predominante. Este accento prosodico ou tonico é o principio regulador da correcta pronúncia, que se não pode dar sem elle.

## I. [Regras de prosodia]

As palavras portuguezas só admittem accento prosodico: 1.º, na *última* syllaba, como, *Rubôr*, *coraçãõ*, *feroz*, *azúl*, *talvêz*, *farãõ*; 2.º, na penultima, como, *Purêza*, *virtúde*, *piedôso*, *sincêro*, *mansamênte*, *amárão*; 3.º, na antepenultima, como, *Espirito*, *púrpura*, *fêrvido*, *líquido*, *misericordiosissimo*, *cândido*.

As palavras, cujo accento prosodico recae na antepenultima syllaba, chamão-se exdruxulas ou dactylicas.

**Pag. 290**

Na syllaba sobre que recae o accento prosodico da palavra carrega-se fortemente, alçando-se a voz; as outras pronúncião-se com rapidez, mas as subseqüentes mais surdamente que as antecedentes. Ha comtudo casos, em que a

quantidade da syllaba subordinada pode ser reconhecida, não obstante a rapidez da pronúncia.

Chama-se quantidade da syllaba a sua qualidade de ser longa, breve, ou commum.

Em, *Prócuradôr*, por exemplo, a primeira e a última syllabas são ambas longas, porque cada uma d'ellas gasta dois tempos na pronunciação, ainda que a prolação da primeira seja apenas sensível em comparação da da última, em que recae o accento prosodico : a segunda e a terceira são ambas breves, porque cada uma dellas gasta um só tempo na pronunciação.

Em, *Amárão* a primeira syllaba é breve, porque gasta um só tempo na pronunciação ; a segunda e a última ambas são longas, porque cada uma d'ellas gasta dois ; sendo a segunda a syllaba predominante, sobre contracta ; a última, um diphthongo.

N.B. Chama-se tempo o maior ou menor espaço que gasta a voz em pronunciar a syllaba.

Nestes dois exemplos, observa-se que a prolação da primeira de, *Prócurador*, torna-se sensível, porque

**Pag. 291**

a syllaba subordinada precede ao accento prosodico da palavra, e que a prolação da última de, *Amárão*, não, porque a syllaba subordinada segue-se ao accento prosodico da palavra.

No Grêgo e no Latim, linguas evidentemente musicaes, cuja verdadeira e exacta pronúncia hoje se ignora, era de summa importancia o perfeito conhecimento da quantidade de cada syllaba ; mas nas linguas modernas, cuja pronúncia é rapida, e passa como a correr pelas syllabas subordinadas para accentuar fortemente a predominante, segundo se verifica no Portuguez, e nos outros idiomas derivados do Latim, é isso cousa de pouco momento.

O que importa saber é que as syllabas que precedem o accento prosodico tornão-se breves em relação a elle, embora em certas palavras se possa sentir a prolação de alguma d'ellas, como em, *Prégar*, de *prédica*, a de, *pré*, em *sácrastia*, a de, *sá* ; e que as que se seguem ao referido accento, tornão-se não só breves, mas quasi surdas, como em, *âma*, *fére*, *fúro*, as syllabas finaes, que são brevissimas.

Os vocabulos que constão de uma só syllaba, como, *dó*, *pó*, *já*, *tu*, *cru*, *sé*, chamão-se monosyllabos : os que constão de duas, como, *pede*, *lasso*, *posse*, *casa*, *ouro*, *pinha*, dissyllabos : os que constão de tres, como, *amáva*, *centelha*, *virtude*, *miserio*,

**Pag. 292**

*menino*, trissyllabos : os que constão de mais de tres, como, *amplitude*, *misericordia*, *riquissimo*, *implorar*, *curiosidade*, polysyllabos.

Escusado é dizer que nos monosyllabos o accento prosodico recae na syllaba unica, que é sempre longa, quando não é alguma das preposições, *de*, *em*, ou só, ou combinada com o artigo, como em, *do*, *no*, ou algum dos pronomes, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, porque então torna-se grave.

Nos dissyllabos que terminão por consoante, como, *Setim, cochim, afan, pudor, rubor, retroz, talvez, revez, cruel, feral, feliz, feroz, atroz, dispoz, desfez*, recae o accento prosodico na última syllaba, menos nas terceiras pessôas. do plural dos verbos, *pedem, medem, movem, fazem, &*, nas quaes recae na penultima.

Nos dissyllabos que terminão por vogal, como, *Dama, pella, fama, fome, sêde, cofre, pomo, gomo, lombo, doce, molle, grave, justo, puro, sancto*, recae o accento prosodico na penúltima, menos em, *cipó, timbó*, ou quando a vogal é, *u*, como em, *parú, Itú*, e outros nomes brasilicos, porque então recae na última.

Nos dissyllabos que terminão por diphtongo nasal em, *ão*, recae o accento prosodico na penultima,

**Pag. 293**

se são-terceiras pessôas do plural do presente dos verbos, como, *amão, louvão, fação, digão, sejão, &*, e na última, si são terceiras pessôas do futuro, *Farão; dirão, teráõ &*: recae na última, si são nomes, como, *Torrão, menção, porção, purão, ração, &*, menos em *Orgão, golphão, frangão*, nos quaes recae na penultima.

Nos trissyllabos que terminão por consoante, como, *Estendal, arraial, arganaz; sassafraz, arrebol, rosicler, Espichel*, recae o accento prosodico na última syllaba, menos nas terceiras pessôas do plural, dos verbos, como, *Impedem, succedem, pedirem, ouvisem, quizessem, &*, nas quaes recae na penultima, bem como nos nomes, *Setúbal e Tentúgal*.

Nos Trissyllabos que terminão por vogal, como, *Virtude, bondade, justiça, direito, espelho, formoso, formado, eivada, sumido; amava, pedia*, recae o accento prosodico na penultima, menos nas palavras exdruxulas, como, *cúpula, crápula, févido; vívido, límpido, &*, nas quaes recae na antepenultima.

Nos trissyllabos que terminão por diphtongo nasal em, *ão*, recae o accento prosodico na penultima, si são terceiras pessôas do plural do preterito dos verbos, como, *Amarão, fizerão, disserão, fazião*,

**Pag. 294**

*vestião*, ou do ; condicional ; como, *farião, ririão*, e na última, si são terceiras pessôas. do plural do futuro, do indicativo, como., *Quererão, louvarão, sentirão, &*: recae na última, si são nomes ;. como, *Condição, extensão, confusão, trapalhão, &*.

Quanto aos polysyllabos, como, *Tempestade, uniformidade, misericordia, gloriosissimo, misericordiosamente, conservarão, conservarião, conservarãõ, admiração, estupefacção*, seguem a mesma regra dos vocabulos de mais de uma syllaba, visto como os nomes portuguezes não admitem accento prosodico, sinão na última, penultima, e antepenultima.

## II. [Regra de accentuação]

São accentos orthographicos, o *agudo* (´), o *grave* (`), o *circumflexo* (^), o *til* (~), o *apóstropho* (´), o *trema* (¨).

O *accento agudo*, que recae sobre a vogal aberta, representa o *accento prosodico* em que se alça fortemente a voz sobre a *syllaba accentuada*, como se vê em, *Amáramos, sé, vertí, cipó, condurú* :

O *accento grave*, que recae sobre a vogal grave, ou levemente fechada, representa o *accento prosodico* em que se abaixa a voz sobre a vogal *accentuada*,

**Pag. 295**

como se vê em, *Do, no*, (prep. e art.), quando os queremos distinguir de, *Dó, nó* ;(nomes).

N.B. Este *accento* é pouco usado, porque o *agudo* posto sobre a vogal aberta indica sufficientemente que a vogal proxima é grave.

O *accento circumflexo*, que recae sobre a vogal fortemente fechada, representa o *accento prosodico* em que se alça e abaixa a voz, como se vê em, *Amámos, viramos, sômos*.

O *accento nasal*, ou, *til*, que recae sobre a vogal nasal, só representa a nasalidade da *syllaba*, e não o *accento prosodico* propriamente dito ; por isso não dispensa os outros *accentos orthographicos*.

O *apóstropho*, indica *suppressão* de vogal, como se vê em, *D'isso, d'ahi, d'ora avante &*.

O *trema*, indica *divisão* de *syllaba* ou de diphthongo, como se vê em, *Saüidade*, em vez de, *saudade*.

Enumeramos o *apóstropho* e o *trema* entre os *accentos orthographicos*, porque ou mais ou menos influem sobre a pronúncia.

São estes os preceitos geraes que julgo conveniente dar sobre a *prosodia*, deixando o mais á capacidade do professor, que deve aperfeiçoar a pronúncia do alumno.

**Pag. 296**





## Obras em português no CTLF

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano [41]</b>	<b>CTLF</b>
Oliveira, Fernão de	<i>Grammatica da lingoagem portuguesa</i>	1536 [id.]	3301
Barros, João de	<i>Grammatica da lingua portuguesa</i>	1540 [id.]	3302
Roboredo, Amaro de	<i>Methodo grammatical</i>	1619 [id.]	3303
Argote, Jerónimo	<i>Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina</i>	1721 [id.]	3304
Lobato, António	<i>Arte da grammatica da lingua portugueza</i>	1770 [id.]	3305
Bacelar, Bernardo	<i>Grammatica philosophica, e orthographia racional</i>	1783 [id.]	3306
Casimiro, João	<i>Methodo grammatical resumido</i>	1792 [id.]	3308
Figueiredo, Pedro	<i>Arte da grammatica portugueza</i>	1799 [1837]	3309
Fonseca, Pedro	<i>Rudimentos da grammatica portugueza</i>	1799 [id.]	3310
Sousa, Manuel	<i>Gramatica portugueza</i>	1804 [id.]	3311
Silva, António	<i>Epitome</i>	1806 [id.]	3313
Melo, João	<i>Grammatica filosofica</i>	1818 [id.]	3315
Ferreira, Francisco	<i>Elementos de grammatica portugueza</i>	1819 [id.]	3316
Barbosa, Jerónimo	<i>Grammatica philosophica</i>	1822 [id.]	3317
Oliveira, Bento	<i>Nova grammatica portugueza</i>	1862 [1864]	3319
Aulete, Francisco	<i>Gramática Nacional</i>	1864 [1874]	3320
Azevedo, Domingos	<i>Grammatica nacional</i>	1880 [id.]	3322
Coelho, Francisco	<i>Noções elementares da grammatica portugueza</i>	1891 [id.]	3324
Andrade, Jerónimo	<i>Primeiros elementos de grammatica portugueza</i>	1843 [1865]	3328

<sup>41</sup> Indica-se entre colchetes o ano da primeira edição da gramática e a sua direita o número da obra no site CTLF.

Duarte, Antonio	<i>Compendio da grammatica da lingua portuguesa</i>	1829 [1877]	3373
Condurú, Filippe	<i>Grammatica elementar da língua portugueza</i>	1850 [1888]	3375
Villeroy, Frederico	<i>Compendio da grammatica portugueza</i>	1870 [id.]	3376
Reis, Francisco	<i>Grammatica portugueza</i>	1866 [1871]	3377
Rabello, Laurindo	<i>Compêndio de grammatica da língua portugueza</i>	1867 [1872]	3378
Bandeira, Adélia	<i>Grammatica portugueza practica</i>	1897 [1929]	3379
Caneca, Frei	<i>Breve Compendio de Grammatica Portugueza</i>	1876 [id.]	3380
Caetano, Baptista	<i>Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza</i>	1881 [id.]	3381
Grivet, Charles	<i>Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza</i>	1881 [id.]	3382
Ribeiro, Júlio	<i>Grammatica portugueza</i>	1881 [1885]	3383
Silva Jr., M. Pacheco	<i>Grammatica da lingua portugueza</i>	1887 [1894]	3384
Silva Jr., M. Pacheco	<i>Noções de grammatica portugueza</i>	1887 [id.]	3386
Pereira, Eduardo	<i>Gramática expositiva</i>	1907 [1945]	3387
Ali, Manuel Said	<i>Grammatica secundaria da lingua portugueza</i>	1923 [1927]	3390
Ali, Manuel Said	<i>Grammatica elementar da lingua portugueza</i>	1924 [1966]	3391
Ali, Manuel Said	<i>Grammatica histórica da lingua portugueza</i>	1923 [1931]	3392
Maciel, Maximino	<i>Grammatica Descriptiva</i>	1887 [1914]	3393
Lima, Carlos	<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>	1957 [id.]	3394
Carneiro, Ernesto	<i>Serões grammaticaes</i>	1890 [1915]	3395